



Matriz de afetividades em Bangu

Memórias e narrativas identitárias sobre a paisagem do bairro

Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PROARQ/UFRJ

Lígia Castanheira Magalhães

Orientação Ethel Pinheiro Santana

Rio de Janeiro
Maio de 2025



**MATRIZ DE AFETIVIDADES EM BANGU:
MEMÓRIAS E NARRATIVAS IDENTITÁRIAS SOBRE A PAISAGEM DO BAIRRO**

Ligia Castanheira Magalhães

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura, Linha de pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Orientadora: Ethel Pinheiro Santana.

Rio de Janeiro

Maio de 2025



**MATRIZ DE AFETIVIDADES EM BANGU:
MEMÓRIAS E NARRATIVAS IDENTITÁRIAS SOBRE A PAISAGEM DO BAIRRO**

Lígia Castanheira Magalhães

Orientadora: Dra. Ethel Pinheiro Santana.

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura, Linha de pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dra. Ethel Pinheiro Santana

Prof. Dra. Niuxa Dias Drago, PROARQ/UFRJ

Prof. Dr. Julia O'Donnel, IFCS/UFRJ

Rio de Janeiro
Maio de 2025

CIP - Catalogação na Publicação

C188m Castanheira Magalhães, Lúgia
Matriz de afetividades em Bangu: Memórias e
narrativas identitárias sobre a paisagem do bairro
/ Lúgia Castanheira Magalhães. -- Rio de Janeiro,
2025.
176 f.

Orientadora: Ethel Pinheiro Santana.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura,
2025.

1. Bangu. 2. Ambiências urbanas. 3. Memória e
identidade. 4. Paisagem e afetos. I. Pinheiro
Santana, Ethel, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.



No teu ponto máximo
Ofertas uma visão mágica.
No teu ponto central,
ofereces energia mística,
o verde que te cerca,
os pássaros que te sobrevoam,
as pessoas que te amam,
o calor emanado por ti
e os ritmos que te balançam
me fazem repetir:
Gosto de ti, **BANGU!**

Class Regis - poesia & arte
2019

*Aos meus pais, que sempre me
ensinaram a ganhar o mundo, sem
nunca esquecer de onde eu vim.*

Agradecimentos

Nenhuma travessia é solitária, e esta pesquisa se fez a muitas mãos, vozes e afetos. Agradeço em primeiro lugar à minha família, meu porto seguro, pelo amor que me formou e pelos amparos nos momentos mais difíceis, que sempre me impulsionaram a seguir em frente. Aos meus pais, os maiores amores da minha vida, agradeço por todo apoio e dedicação inigualável. Todas as minhas conquistas sempre serão nossas conquistas, porque foram vocês que me deram a base que tenho, sempre acreditando nos meus sonhos e principalmente em mim. Cada linha desta pesquisa carrega um pouco da história que construímos juntos, e é com vocês que celebro essa vitória, com o coração cheio de gratidão.

Aos amigos da vida que são tantos que seria injusto esquecer o nome de alguém, minha gratidão por todo carinho e suporte diário. Em especial aos que a caminhada do mestrado me presenteou, agradeço por cada partilha. Suas companhias iluminaram esse processo, nada dessa experiência teria sido igual sem a presença de vocês. Cada um dos “cafés com lágrimas” que organizávamos era uma maneira de me lembrar que eu não estava sozinha. Vocês são parte deste trabalho também.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ), por abrirem as portas para o pensamento crítico e sensível, e por me acolherem como parte de uma construção coletiva de saberes. Ao Laboratório “Arquitetura, Subjetividade e Cultura” (LASC-UFRJ), onde encontrei abrigo para crescer intelectualmente e liberdade para imaginar novos caminhos, deixo minha profunda gratidão pelas trocas generosas e pelas inquietações compartilhadas que tanto enriqueceram este percurso. Estendo também meu reconhecimento aos docentes do PROARQ, cujos conhecimentos e reflexões contribuíram para a construção desta pesquisa e desta pesquisadora.

À professora Ethel Pinheiro, minha orientadora, deixo um agradecimento especial pela generosidade com que acolheu a mim e ao meu trabalho. Obrigada pelas contribuições valiosas oferecidas durante toda essa trajetória. Suas leituras sensíveis e sugestões cuidadosas ampliaram os horizontes desta pesquisa e me fizeram enxergar novos caminhos possíveis. Foi uma honra poder contar com seu olhar atento e com a escuta afetuosa, que enriqueceram não apenas este trabalho, mas também minha formação acadêmica e pessoal. Agradeço também à banca avaliadora, Niuxa Drago e Julia O'Donnel, pela contribuição científica e suas visões plurais que auxiliaram na construção desta pesquisa.

Sempre agradecerei a oportunidade de ser o produto do intercâmbio cultural e intelectual de duas universidades de excelência e de todos que contribuíram para a minha formação. Desta maneira, agradeço também todo o corpo docente do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuralRJ) que me acompanhou durante a graduação, auxiliando na construção da profissional que sou hoje. À professora Denise de Alcantara e toda equipe do Grupo de Pesquisa em Planejamento Urbano e Desenvolvimento Territorial (GEDUR-UFRuralRJ), grupo o qual me introduziu à ciência, agradeço por me ajudar a trilhar esse caminho, pavimentando o início de uma jornada que continuarei seguindo graças às sementes que foram plantadas.

À CAPES, pelo apoio que viabilizou financeiramente para que este trabalho florescesse, possibilitando tempo, condições e estrutura para aprofundar reflexões e construir este percurso com rigor e sensibilidade. Sem esse suporte, muitos dos caminhos trilhados aqui talvez não tivessem sido possíveis.

Ao Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos, também conhecido como Museu de Bangu, não apenas por possibilitar acesso ao acervo fotográfico e bibliográfico, sempre dispostos à auxiliar em todas as etapas desse trabalho, mas principalmente pelo trabalho incessável em manter viva a memória de Bangu. À cada banguense que, com suas histórias, gestos e lembranças, ajudaram a construir esta narrativa. Aos que, mesmo não estejam mais presentes, deixaram rastros e legados que ainda moldam a paisagem e os vínculos identitários de Bangu, minha mais profunda gratidão. Este trabalho é também um canto de escuta e reverência à memória coletiva que resiste e ressoa.

A todos e todas que passaram, cruzaram, esbarraram ou seguiram este caminho comigo, meu muito obrigada.

MATRIZ DE AFETIVIDADES EM BANGU: MEMÓRIAS E NARRATIVAS IDENTITÁRIAS SOBRE A PAISAGEM DO BAIRRO

Resumo

A pesquisa apresentada tem como meta investigar as relações identitárias que reverberam em cenários de apropriação de espaços livres em Bangu, localizado no subúrbio fabril da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Sua importância histórica e patrimonial foi consolidada pela antiga Companhia Progresso Industrial do Brasil - a Fábrica de Tecidos Bangu. O crescimento do bairro em torno desse elemento arquitetônico ditou as formas de ocupação e uso dos espaços por seus habitantes, de acordo com relações identitárias promovidas por uma dinâmica cultural afastada do centro da capital do estado, garantindo condições de análise que se tornam ricas por suas características singulares. As mudanças econômicas, morfológicas e culturais nos últimos 40 anos transformaram os modos de vida no bairro, embora seu passado ainda evoque sentimentos saudosistas por muitos habitantes. Reconhecendo a importância que o ambiente construído desempenha na formação da identidade dos lugares, influenciando o trabalho da memória local, que atribui significados aos espaços, o objetivo geral desta pesquisa é investigar como a paisagem urbana cotidiana é revelada na construção dessa identidade suburbana, no contexto de uma memória banguense. Baseado em uma metodologia etnodinâmica, o trabalho se propõe a utilizar ferramentas próprias ao estudo de arquitetura e urbanismo, aliado às abordagens de viés etnográfico, desenvolvida pelo LASC/UFRJ. Observações participantes mediadas pelo enfoque da fotogambirafia, imersão in situ, entrevistas semiestruturadas e mapeamento de manifestações são as ferramentas eleitas para fundamentar o método de viés etnográfico utilizado. Diante do contexto apresentado, espera-se não apenas mapear algumas dessas paisagens, próprias da identidade banguense, ou revelar a importância delas para a manutenção de uma identidade local, mas, principalmente, agenciar um olhar sensível para o que se entende delas e qual a potência que elas têm para publicizar uma imagem sociocultural sobre Bangu.

Palavras-chave: Bangu; ambiências urbanas; memória e identidade; paisagem e afetos.

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-graduação em Arquitetura
Rio de Janeiro, 2025

MATRIX OF AFFECTIVITIES IN BANGU: MEMORIES AND IDENTITARY NARRATIVES ABOUT THE NEIGHBORHOOD'S LANDSCAPE

Abstract

The research presented aims to investigate the identity relations that reverberate in spaces of appropriation of public spaces in Bangu, located in the industrial suburb of the West Zone of Rio de Janeiro. Its historical and heritage significance was consolidated by the former Companhia Progresso Industrial do Brasil - the Bangu Textile Factory. The growth of the neighborhood around this architectural element dictated the forms of occupation and use of spaces by its inhabitants, in accordance with identity relations promoted by a cultural dynamic distant from the city center, providing conditions for analysis that are enriched by its unique characteristics. Economic, morphological, and cultural changes in the last 40 years have transformed life in the neighborhood, although its past still evokes nostalgic feelings for many residents. Recognizing the importance of the built environment in shaping the identity of places, influencing the work of local memory that attributes meanings to spaces, the general aim of this research is to investigate how the everyday urban landscape is revealed in the construction of this suburban identity, in the context of a "banguense" memory. Based on an ethnodynamic methodology, the study proposes the use of tools specific to architecture and urbanism, combined with ethnographic approaches developed by LASC/UFRJ. Participant observations mediated by photography, immersion in situ, semi-structured interviews, and mapping of manifestations are the tools chosen to support the ethnographic method used. In the context presented, the aim is not only to map some of these landscapes, specific to the "banguense" identity, or reveal their importance for the maintenance of local identity but, most importantly, to generate a sensitive perspective on how they are understood and the potential they have to publicize a sociocultural image of Bangu.

Keywords: Bangu; urban ambiances; memory and identity; landscape and affections.

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-graduação em Arquitetura
Rio de Janeiro, 2025

Lista de imagens

Figura 1: A chaminé e a caixa d'água resistentes na paisagem. Fonte: Autoral, 2023	26
Figura 2: Antiga Fábrica Bangu vista de cima. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1940.	31
Figura 3: Açude primitivo da Fábrica Bangu. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1908.....	32
Figura 4: Estação ferroviária Guilherme da Silveira. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1967	32
Figura 5: A arquitetura britânica da Fábrica Bangu. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1906	33
Figura 6: Saída dos funcionários. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1960s	34
Figura 7: Saída dos funcionários. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1980s	34
Figura 8: A Fábrica vista da R. Prof. Clemente Ferreira. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1908.....	35
Figura 9: Antiga creche na CPIB. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1958	36
Figura 10: Placa da Rua da Fábrica. Fonte: Autoral, 2022.....	36
Figura 11: Placa da CPIB no acesso de serviço. Fonte: autoral, 2025.....	37
Figura 12: Desfile do dia do trabalhador no estádio local. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1958.....	37
Figura 13: Desfile do dia do trabalhador no estádio local. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1958.....	38
Figura 14: Miss Elegante Bangu. Fonte: Acervo Eu Moro em Bangu, 1952.....	38
Figura 15: A Fábrica virando shopping. Fonte: Julia Rovere, 2007	40
Figura 16: O Bangu Shopping. Fonte: ALLOS, s.d.....	40
Figura 17: Planta do núcleo primário de Bangu. Fonte: Acervo CPIB, s.d.	41
Figura 18: A vila operária da Av. Cônego de Vasconcelos. Fonte: Rio Secreto, 1958.	41
Figura 19: Primeiro calçadão em obra. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1991.	43
Figura 20: O primeiro calçadão de Bangu. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1992.	43
Figura 21: Playground do Calçadão de Bangu. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1992.	44
Figura 22: Áreas de descanso arborizadas. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1992.	44
Figura 23: O camelô embaixo da estrutura metálica. Fonte: autoral, 2025	45

Figura 24: O cotidiano no Calçadão de Bangu. Fonte: autoral, 2025	45
Figura 25: Pintura no muro do estádio Moça Bonita. Fonte: autoral, 2025	46
Figura 26: Primeiro campo de futebol de Bangu, dentro da Fábrica. Fonte: Bangu A.C., s.d.	47
Figura 27: Sede Bangu Atlético Clube. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1938	47
Figura 28: O time do Bangu Athletic Club com Francisco Carregal segurando a bola. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1905	48
Figura 29: Torcida do Bangu na decisão de 1966. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1966	49
Figura 30: Torcida do Bangu em marcha para o jogo. Fonte: autoral, 2025	50
Figura 31: Castor segurando a bandeira da Mocidade (esq.) e a do Bangu Atlético (dir.). Fonte: Medium, s.d.	51
Figura 32: Castor de Andrade nas paredes de Bangu. Fonte: Reprodução Globoplay, 2021	51
Figura 33: Mestre sala e porta-bandeira no ensaio da Unidos de Bangu. Fonte: autoral, 2025	52
Figura 34: Bateria da Unidos de Bangu. Fonte: autoral, 2025	53
Figura 35: A Praça da Fé decorada festivamente em alvirrubro. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 2002	54
Figura 36: A arquitetura da matriz de Bangu. Fonte: Acervo Subúrbios, 2022	56
Figura 37: Procissão de São Sebastião. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1968	57
Figura 38: Procissão de São Sebastião. Fonte: Acervo Museu de Bangu, s.d.	57
Figura 39: Sede do Casino Bangu, na Rua Fonseca. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1977	58
Figura 40: Baile de carnaval no Bangu Atlético Clube. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1942	58
Figura 41: A coroa da Rainha Vitória na torre do Bangu Shopping. Fonte: autoral, 2022	60
Figura 42: As ambiências na Praça da Guilherme, em Bangu. Fonte: autoral, 2025	70
Figura 43: A chaminé no cotidiano do bairro. Fonte: autoral, 2022	71
Figura 44: Registro do registro de campo. Fonte: João Gama, 2025	76
Figura 45: Análise taxonômica do texto. Fonte: Autoral, 2025	86
Figura 46: Análise taxonômica do texto. Fonte: Autoral, 2025	87
Figura 47: A história nas paredes do Estádio Moça Bonita. Fonte: Autoral, 2025	88

Figura 48: De dentro do shopping para o lado de fora. Fonte: Autoral, 2023.....	91
Figura 49: Vista de fora para o muro de acesso ao shopping, pela Rua Prof. Clemente Ferreira. Fonte: Autoral, 2025	92
Figura 50: Debaixo da estrutura metálica do Calçadão – Av. Cônego de Vasconcelos. Fonte: Autoral, 2025.....	92
Figura 51: Corte de cabelo “ao vivo”, próximo à estação de trem. Fonte: Autoral, 2025.....	93
Figura 52: Jogo de dominó. Fonte: Autoral, 2025.....	93
Figura 53: Vista de fora para o muro de acesso ao shopping, pela Rua Prof. Clemente Ferreira. Fonte: Autoral, 2025	94
Figura 54: O caminhar no Calçadão – Av. Cônego de Vasconcelos. Fonte: Autoral, 2025.....	94
Figura 55: Busto do jogador Domingos da Guia. Fonte: Acervo Monumentos do Rio, s.d.	95
Figura 56: Exposição de memórias dentro do Bangu Shopping. Fonte: Autoral, 2024	95
Figura 57: A estátua Miss Elegante Bangu no Bangu Shopping. Fonte: Zé Ronaldo, 2024.....	96
Figura 58: A estátua de Thomas Donohoe no Bangu Shopping. Fonte: Rogério Melo, 2014	96
Figura 59: A Rio das Tintas. Fonte: autoral, 2025	97
Figura 60: A estampa do time presente no ensaio. Fonte: autoral, 2025	99
Figura 61: Aglomeração dos foliões. Fonte: autoral, 2025	99
Figura 62: Velha guarda da Unidos de Bangu. Fonte: autoral, 2025.....	100
Figura 63: Foliões em alvirrubro esperando o ensaio começar. Fonte: autoral, 2025	100
Figura 64: Torcedor banguense e sua filha. Fonte: autoral, 2025	102
Figura 65: Os sinalizadores da torcida. Fonte: autoral, 2025	102
Figura 66: O percursionista banguense e seu legado. Fonte: autoral, 2025	103
Figura 67: A torcida na caminhada rumo ao Estádio. Fonte: autoral, 2025.....	103
Figura 68: Vendedores de camisas não-oficiais do time. Fonte: autoral, 2025	104

Lista de tabelas

Tabela 1: Relação de interlocutores em ordem de conversa. Fonte: autoral, 2025.....	85
---	----

Lista de mapas

Mapa 1: Contextualização de Bangu na RMRJ. Fonte: Autoral, 2023.....	27
Mapa 2: Situando a considerada Grande Bangu. Fonte: autoral, 2025.....	28
Mapa 3: A evolução urbana de Bangu. Fonte: Acervo Medium, 2017.....	29
Mapa 4: Tecido urbano promovido pela CPIB. Fonte: Acervo Mapas Antigos do Rio, 1922.....	33
Mapa 5: Mapa de localização – Bangu Shopping e Calçadão. Fonte: autoral, 2024	42
Mapa 6: Contextualizando geograficamente a Praça da Fé, autoral 2025	55
Mapa 7: Derivas 01. Fonte: autoral, 2025	90
Mapa 8: Derivas 02. Fonte: autoral, 2025	98
Mapa 9: Derivas 03. Fonte: autoral, 2025	101
Mapa 10: Matriz de Afetividades em Bangu. Fonte: autoral, 2025	128

Sumário

Introdução	20
1. Contextualização histórico-espacial de Bangu	27
1.1 Do apito da Fábrica ao eco do Shopping	31
1.2 Da Vila Operária ao Calçadão de Bangu: a resignificação do espaço e do cotidiano	41
1.3 O futebol, o samba e a contravenção.....	46
1.4 As tradições banguenses inseridas na paisagem do bairro.....	54
2. Memória, Paisagem e Identidade.....	60
2.1 A importância da memória na construção de identidades	61
2.2 Paisagem e Afeto.....	65
2.3 Ambiências e subjetividade	68
3. Os resíduos do passado presentes na paisagem, memória e identidade de Bangu	71
4. Materiais e métodos	76
4.1 Observação participante ou “observando por derivas”	79
4.2 Entrevistas e elenco de narrativas	82
5. Investigações de campo e discussões	88
5.1 Pesquisadora-habitante: a observação participante como lente para a percepção afetiva da paisagem de Bangu.....	89
5.2 Diálogos afetivos: novas perspectivas sobre a paisagem banguense por meio das entrevistas.....	106
5.2.1 Histórias pessoais: o bairro que cabia inteiro nas conversas de fim de tarde	107
5.2.3 Relações de identidade: signos da resistência e resiliência das tradições locais.....	109
5.2.3 Transformação na paisagem/costumes: entre progresso, apagamentos e resignificações afetivas.....	113
5.2.4 Ações comunitárias/comunais: um Bangu composto por diversos banguenses	117
5.2.5 Relações de afetos: o orgulho de ser e viver Bangu.....	120
5.3 Matriz de Afetividades: cartografia sentimental de Bangu	126

Conclusões	129
Referências bibliográficas	134
Apêndices	139
Síntese das entrevistas e análise taxonômica.....	139
Anexos.....	172
Plataforma Brasil.....	172
Roteiro semi-estruturado de entrevista	175



APRESENTAÇÃO

Intuitivamente, esta é a primeira parte que será lida do trabalho. Ironicamente, é a última que escrevo. Para começá-la, afastei-me um pouco da escrita técnica e tirei um momento para o descanso mental. Penso que esta provavelmente é a parte mais sensível do texto e, por sua vez, da pesquisadora que o escreve. Aqui, gostaria de me apresentar e explicar ao leitor a motivação intrínseca desta dissertação, de maneira direta e em um discurso claro. No entanto, encontro dificuldade, tendo em vista que o caminho até aqui foi sinuoso e as camadas que compõem a origem da pesquisa vêm dos aspectos mais íntimos meus.

A minha vida sempre se resumiu a Bangu, mesmo morando em um bairro vizinho. Os espaços banguenses foram, desde muito cedo, o pano de fundo das minhas experiências mais marcantes. Do colégio e o cursinho aos passeios no shopping com a família, dos encontros semanais no karaokê local com os amigos a todos os outros pequenos rituais cotidianos que, juntos, formam a memória mais afetiva que tenho de um lugar que para mim era considerado um mundo inteiro. Na infância e adolescência, a minha relação com Bangu não se dava de forma consciente ou afetivamente intensa como é hoje. Naquele tempo se tratava de um cenário presente, constante, mas ainda sutil para mim. O afeto estava ali, me cercando nos detalhes, mas eu ainda não sabia nomeá-lo.



Caminhei durante muito tempo pelas ruas antigas com um encantamento que, na época, eu não entendia exatamente. Era um amor silencioso, um pertencimento natural, como quem se reconhece no cheiro do ar, nos sons da rua, nas fachadas históricas e no jeito com que as pessoas se cumprimentam. Foi apenas na fase adulta e, principalmente ao me afastar do bairro, que comecei a enxergar Bangu com mais nitidez e, acima de tudo, com mais carinho. Explorar outros lugares e vivências me permitiu olhar para trás com olhos mais curiosos e um coração mais aberto.

Tudo aquilo que antes era só cotidiano, virou saudade. Percebi que as esquinas por onde andei tantas vezes no modo automático carregavam mais do que os meus próprios passos: continham memórias, histórias coletivas e uma força simbólica que atravessa gerações. Descobri que havia muito mais em Bangu do que eu era capaz de compreender na juventude, e que sentir falta do que vivi lá passou a ser um exercício diário.

Hoje, depois de idas e vindas, reconheço Bangu como a minha casa, mesmo sem nunca ter tido residência de fato lá. Não importa por onde eu passe, é ali que minha história repousa com mais ternura. E talvez seja justamente por isso que esse trabalho exista: porque, no fundo, minha vontade é de retornar. Retornar ao bairro, aos afetos e retornar no tempo, de maneira quase literal, revisitando a história que me encanta e que lapidou uma região inteira e seus habitantes.



Dessa maneira, o interesse por Bangu vem de uma vivência pessoal, mas se realinhou com a atividade de pesquisa desenvolvida durante a graduação em Arquitetura e Urbanismo. Quando comecei a adquirir maior repertório técnico e científico, passei a enxergar o bairro com outros olhos — não menos afetivos, mas agora também críticos. Esse novo olhar me fez questionar e refletir sobre dinâmicas que sempre estiveram ali, mas que até então não estivessem claramente formuladas dentro de mim.

Devo destacar o percurso traçado até agora, que modelou e remodelou toda a pesquisa atual. Sua motivação surgiu ainda na graduação, durante o Trabalho Final de Conclusão de Curso. Vinculado à iniciação científica e ao Grupo de Pesquisa “Transformação de Uso, Ocupação e Desenvolvimento Urbano e Regional” (GEDUR-PPGDT-UFRJ), o trabalho previa a reestruturação urbana e a proposição de novos usos para o estacionamento do atual Bangu Shopping, integrando e requalificando os espaços livres públicos às preexistências.

Foi um processo de reencontro com o bairro, agora com ferramentas para compreendê-lo melhor. A cada leitura, a cada visita técnica, eu redescobria nuances e camadas de um lugar que, para mim, sempre foi mais que pura geografia. Assim, o caminho natural de ampliação das indagações sobre o ambiente banguense ganhou força nesta dissertação, a partir de primeiras reflexões sobre a relação das ambiências configuradas no recorte do Bangu Shopping e do Calçadão



de Bangu, analisando as possíveis disputas territoriais presentes nos dois espaços e seus impactos cognitivos nos habitantes.

No desenrolar do primeiro ano de disciplinas do PROARQ, pude ter contato com maior variedade de abordagens que despertaram meu interesse e trouxeram novos aportes para a pesquisa. E, embora o rigor acadêmico seja parte essencial desse processo, nunca perdi de vista que o que me moveu desde o início foi uma espécie de saudade do presente e uma vontade de compreender, preservar e valorizar aquilo que pulsa no cotidiano de Bangu.

O intuito do trabalho sempre foi transcorrer sobre temas como memória, identidade e paisagem, tendo em vista o contexto histórico, geográfico e patrimonial do bairro. No entanto, pensar nesse sentimento de identificação e questionar sua relação com os espaços públicos de Bangu começou a ganhar força quando eu comecei a enfrentar esses temas na prática de pesquisa, vendo no rosto dos moradores, nas suas falas, aquilo que por tanto tempo foi também meu sem que eu soubesse nomear.

Percebi então que entender como o afeto rege Bangu vem de experienciar corporalmente a vivência única que só ele pode me proporcionar. Foi na compreensão das ambiências banguenses que identifiquei os detalhes discretos das singularidades coletivas do habitar. Entender a conexão dos participantes com o espaço e como





ele se reinventa e se reafirma diante de anos de transformação urbana e cultural revelou-se como um processo de escuta atenta aos gestos cotidianos, às memórias compartilhadas e às formas de pertencimento que moldam o viver em comunidade. Foi a partir da percepção de certos padrões nas experimentações do território banguense que a questão central desta dissertação nasceu.

Esta pesquisa foi então conduzida com o coração em Bangu. Porque, no final das contas, escrever sobre o bairro é, também, escrever sobre mim e sobre nós. O valor desse trabalho vem de ser ao mesmo tempo ciência e memória, análise e afeto, reflexão e gratidão. E, acima de tudo, um gesto de retorno ao lugar onde, sem saber, deixei guardado o melhor de mim.

Introdução

Esta pesquisa parte do desejo de entender como se constituem as ambiências banguenses a partir das experiências cotidianas de seus habitantes, tendo o bairro de Bangu, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, como território de investigação. É buscado captar os modos como os banguenses vivenciam, significam e constroem seus espaços, acionando elementos sensíveis da paisagem, como os ritmos, os encontros e as histórias narradas. A noção de ambiência e subjetividade aqui adotada se ancora nos estudos de Duarte (2013, 2023), Thibaud (2004), Pinheiro (2010), Merleau-Ponty (2018) e Augoyard (2007, 2020) que compreendem a ambiência não como um objeto fixo, mas como um fenômeno emergente da relação entre o sujeito e o meio, atravessado por práticas sociais, memórias coletivas e percepções corporais, que constroem o Lugar.

As ambiências, enquanto estruturas de interação material, moral, social e sensorial têm papel predominante na construção da identidade dos lugares, dando margem ao trabalho da memória construída por lembranças coletivizadas pelos sujeitos. Essas memórias, enquanto objeto de uma ação, servem para atribuir significados aos lugares, enriquecendo a relação do sujeito individual e coletivo com o espaço por meio de símbolos de valor que vão além da experiência direta funcional e se instalam pela cultura e pelas relações sociais, usos e apropriações. Pode-se dizer, portanto, que

a construção de uma identidade, além de ser socioespacial, é emocional: constrói-se não somente dos aspectos físicos, mas das nuances sensíveis e dados históricos que são sobrepostos na paisagem.

Mais do que um recorte geográfico, Bangu se apresenta como um campo simbólico denso no qual os traços de um passado fabril, as manifestações culturais, as práticas religiosas, o comércio popular e as histórias de vida se entrelaçam, produzindo uma paisagem complexa e afetiva. O bairro, fundado no entorno da Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB), carrega as marcas de uma urbanização pautada pelo trabalho operário, pelo loteamento planejado e pelas lógicas da produção industrial, que ainda hoje reverberam na configuração urbana e nas memórias de seus moradores.

A existência de um Museu da Memória de Bangu, gerenciado de maneira autônoma pelos moradores, é um símbolo de manutenção de um passado simbólico que difere daquele representado nas ruas dos bairros atualmente, que após consideráveis mudanças morfológicas ainda carregam os nomes que fazem alusão a símbolos e etapas fabris da época. O importante passado industrial e a lembrança da Fábrica transformadora da paisagem urbana e provedora de moradia, infraestrutura e saneamento, agora representam apenas sentimentos saudosistas, principalmente aos mais antigos que fazem questão de destacar a importância que a

Companhia teve em suas vidas, como esta pesquisa demonstrará. Para os mais idosos, esse passado industrial ainda parece ecoar pela trama urbana, habitando o imaginário e o coração de quem lembra com saudosismo e gratidão das benfeitorias da Companhia. Entre os mais novos, a identidade mais forte é a do futebol, ícone importante da história do bairro, que para os mais próximos do esporte desempenha a função de resgatar a memória dos tempos de ouro não só do Bangu Atlético Clube, mas do bairro como um todo.

Baseado no que prega Suzanne Seagert (1981), podemos analisar o meio ambiente (em particular, o ambiente construído), como material, artefato e matriz. Para a autora, o ambiente é material pois o espaço construído define para o sujeito oportunidades e imposições, limitando suas ações para realização dos objetivos. É artefato, visto que é produzido pelo homem e materializa as relações e modelos culturais de uma época e de um tempo determinado no ambiente e nas práticas sociais. Por fim, é matriz, uma vez que pode gerar/desencadear, a partir das suas transformações, novos modelos de vida e de relações.

Nesse contexto, as relações com a memória e com o jogo de identidades em Bangu traz à tona uma teia de significados que pode ser entendida como uma matriz, um padrão de gestos, que indica afetos compartilhados e traduzidos em ações locais. O bairro como espaço de vivência não é apenas moldado pelas estruturas físicas,

mas pelas experiências e emoções de seus habitantes. Os símbolos das manifestações culturais e sociais exercem papel central na formação dessa identidade, ressignificando a paisagem urbana e criando uma ambiência única, carregada de afetos e memórias. Assim, ao se estudar a relação de seus habitantes com seu território, é possível compreender não apenas a geografia do bairro, mas as emoções, a memória e a identidade que o habitam.

A relação entre a memória e a identidade fica clara no contexto do presente trabalho, que busca compreender como a experiência espacial dos sujeitos se entrelaça com seus modos de rememorar e de se identificar com o território. Baseado nos estudos de Jodelet (2001), Candau (2012), Hall (2003), Pollak (1994) e Halbwachs (1990), a pesquisa reconhece que a construção social da memória fundamenta sentimentos de pertencimento e comunidade, sendo elemento central na constituição das identidades individuais e coletivas, se moldando mutuamente por múltiplas temporalidades e narrativas. Essas dinâmicas se expressam na valorização de antigos marcos operários e nas novas formas de apropriação cultural em Bangu, que são consequências das transformações da paisagem ao longo dos anos.

Assim, investigar as ambiências banguenses implica entender como o espaço vivido é tecido por memórias e afetos, dando origem a uma paisagem carregada de sentidos. Nesse processo, o afeto (Anderson, 2005) emerge como uma dimensão fundamental na

relação dos sujeitos com seus territórios, constituindo camadas sensíveis da paisagem que ultrapassam o dado físico e revelam modos de habitar e sentir o lugar.

Debruçada nas ideias de Guattari (1992), Besse (2014) e Tuan (1979;1980), a pesquisa identifica que a paisagem é resultado da interação entre o meio físico e as experiências humanas, sendo percebida não apenas com os olhos, mas através de todo o corpo sensível. Ao compreender a paisagem como mais do que uma disposição visual do espaço, é necessário abordá-la como uma trama viva de relações sensíveis, atravessada por memória, corpo e afetividade. Merleau-Ponty (2018) aprofunda essa compreensão ao destacar que a percepção do espaço é sempre encarnada: somos corpo no mundo antes de sermos consciência sobre o mundo. Para o autor, o espaço não é um palco neutro onde o sujeito se move, mas é tecido pela própria corporeidade que habita, sente e transforma os lugares.

Toda ação de habitar implica um modo de ser no espaço, que é sensorial, afetivo e histórico. A paisagem, nesse sentido, é também um espaço encarnado, onde a memória, o afeto e a subjetividade se sedimentam e conferem espessura ao território. Investigando as ambiências de Bangu, esta pesquisa busca revelar como o espaço vivido é atravessado por afetos e práticas cotidianas, constituindo uma paisagem que não se limita ao visível, mas que pulsa como campo de pertencimento, identidade e transformação.

Por isso, esta pesquisa se desenvolve a partir de uma perspectiva microescalar, ou seja, voltada para o indivíduo habitante do bairro de Bangu, buscando entender as singularidades e as subjetividades do habitar esse território outrora fabril. Não é intencional uma perspectiva romantizada, tendo em vista as diversas dificuldades que envolvem as múltiplas dinâmicas banguenses e suburbanas de maneira geral, mas sim entender as relações identitárias que também surgem a partir delas, a partir de uma perspectiva de hoje.

São inegáveis os desafios acerca do habitar nos arrabaldes da metrópole, onde as distâncias sociais com relação às zonas centrais da cidade são acentuadas pelas grandes distâncias geográficas, agravadas por uma mobilidade urbana ineficiente. As políticas públicas de integração se mostram precárias próximas à lacuna socioespacial que é vivenciada nos cotidianos dos subúrbios como um todo. A ausência de equipamentos de cultura e lazer nesses territórios reforça uma carência latente em comum: a segregação sociocultural e econômica carioca.

Com as mudanças nos cenários econômicos e culturais do bairro, decorrido das alterações referenciais fluminenses de produção e exportação, foram traçados os novos usos e novas maneiras de vivenciar o bairro ao longo dos anos. A desindustrialização, acompanhada da expansão da lógica comercial e do crescimento informal, gerou novas formas de uso e apropriação do espaço,

deslocando antigas referências identitárias e aumentando as distâncias entre passado e presente.

As marcas da segregação urbana e da desigualdade territorial impõem aos bairros periféricos uma condição histórica de marginalidade em relação ao centro da cidade. No cenário banguense especificamente, são variados os estigmas que o território e seus habitantes parecem carregar cotidianamente. A lembrança da cultura banguense associada à contravenção e à malandragem ofuscam um passado de excelência e destaque no cenário econômico carioca e nacional, que constantemente tenta ser resgatada memorialmente de diversas maneiras por seus defensores.

Apesar dos problemas elucidados, o sentimento de pertencimento ao bairro é constantemente reforçado por habitantes e moradores, que utilizam diversas maneiras de expressar seus afetos por meio da identificação que desenvolvem com lugares e fenômenos, tornando-o uma capital descentralizada. O habitar em Bangu ultrapassa a simples vivência territorial, se tornando um devir pessoal e coletivo, uma bandeira levantada e defendida por banguenses que independente de morar no bairro atualmente ou não, se sentem parte do lugar.

Dessa maneira, a história resiste sendo contada diariamente, pelas experiências (de maneira às vezes não tão direta como em uma

simples caminhada pelas ruas que levam o nome de etapas fabris), pelas lembranças materializadas nos resíduos da paisagem originária (como em uma visita ao Museu de Bangu ou ao Shopping, que se localiza nas estruturas tombadas da antiga fábrica) e pela identidade (como o orgulho banguense em vestir uma camisa alvirrubra independente do contexto).

Diante do cenário exposto, estudar Bangu a partir de sua memória e identidade se justifica por sua complexidade histórica, urbana e simbólica que o bairro carrega desde sua origem. Bangu vai além de ser um fragmento do tecido urbano carioca, se configurando como um território atravessado por camadas de significados sociais, culturais e políticos que revelam os processos de constituição do espaço suburbano no Rio de Janeiro. Neste contexto, a memória se configura como dispositivo de resistência e reconfiguração: os moradores acionam narrativas e símbolos do passado para interpretar e dar sentido às mudanças do bairro, mobilizando lembranças que reforçam vínculos e constroem uma continuidade afetiva mesmo diante das rupturas estruturais.

Ao destacar um território historicamente invisibilizado nos estudos urbanos tradicionais, a pesquisa contribui para descentralizar os olhares sobre a cidade e para valorizar as experiências que se constroem à margem do circuito hegemônico. A identidade banguense, entrelaçada por afetos, práticas culturais e formas de uso do espaço, é uma chave para compreender os modos de habitar

o subúrbio contemporâneo e para reconhecer a potência simbólica de seus habitantes na produção do urbano.

O objetivo geral desta dissertação é, portanto, **investigar como a paisagem urbana cotidiana é revelada na construção de uma identidade banguense, no contexto de uma memória afetiva.**

Para isso, a pesquisa tratará de analisar as dinâmicas na paisagem do bairro e seus impactos a partir dos usos e das narrativas de seus habitantes, por meio das relações de memória que compõem as afetividades do lugar. Por isso, a utilização de uma metodologia que permita enquadrar essa realidade foi essencial para a pesquisa. Falamos aqui de ferramentas Etnodinâmicas¹ que permitem registrar e analisar o contexto banguense, visando eludir tais identidades. Com o intuito de responder a estas questões, alguns objetivos específicos foram preestabelecidos, expostos a seguir:

1. Contextualizar o bairro de Bangu, destacando a importância da inserção da Fábrica Bangu para a construção do bairro, além de outros locais e símbolos que foram e continuam sendo importantes para a criação de uma identidade local.

2. Investigar os usos dos espaços urbanos por seus habitantes e como eles são importantes em uma dinâmica social ancorada por

laços memoriais, identificando as diversas representações afetivas e expressões cotidianas de moradores e habitantes como tradução de sentimentos sobre suas paisagens;

3. Refletir sobre as mudanças na paisagem do bairro e como influenciam diretamente na manutenção ou modificação das identidades banguenses e seus símbolos dentro de contextos geracionais;

4. Contribuir para a ampliação de repertórios metodológicos diferenciados no campo da pesquisa qualitativa em Arquitetura e Urbanismo.

Dessa maneira, a pesquisa será desenvolvida a partir de um grupo focal selecionado de forma espontânea durante as derivas locais, abordagens virtuais e por recomendações de conhecidos, porém alinhado a uma relação de proximidade afetiva a Bangu, evidenciando seus traços para a manutenção e exaltação de identidades e, consequentemente, do bairro.

O trabalho de análise se desenvolve numa base qualitativa, que visa promover a compreensão da conexão entre o ambiente construído e as ambiências vivenciadas nos cotidianos do bairro por meio da Etnotopografia, método desenvolvido pelo Laboratório “Arquitetura,

¹ **Ferramentas etnodinâmicas** são os instrumentos ou recursos práticos utilizados dentro de uma **metodologia baseada na etnografia** para acessar, compreender e interagir com as dinâmicas culturais, identitárias e sociais de um grupo específico.

Elas servem para **mediar o processo de escuta, participação e construção coletiva de saberes**, respeitando os modos próprios de expressão e organização do grupo.

Subjetividade e Cultura” (LASC/UFRJ) que une as bases do método etnográfico e ferramentas próprias da pesquisa em arquitetura e urbanismo, como croquis, desenhos e gravações audiovisuais. Baseado nisso, serão utilizados, no presente trabalho:

- Observação participante e registros audiovisuais;
- Entrevistas e taxonomia textual do conteúdo levantado;
- Matriz de Afetividades Banguenses baseado no Mapeamento de Manifestações².

Como estrutura, a dissertação encontra-se dividida em 6 partes: Introdução; contextualização do recorte de estudo – o bairro de Bangu; fundamentação e revisão teórica abordada; Materiais e métodos; análise dos resultados e conclusões. Entre os capítulos 2 e 4 foi inserido um capítulo 3 que funcionará como um “intervalo”, uma forma de relacionar a contextualização do bairro e a revisão teórica levantada para esta dissertação.

Na introdução, são expostos de forma bastante direta o tema principal da pesquisa, o objeto de estudo, as motivações que levaram à investigação, sua justificativa, o objetivo geral, os objetivos específicos e a estrutura do trabalho. É um contexto geral para situar

o leitor a respeito da temática abordada e dos caminhos que serão tomados ao longo do texto da dissertação.

No capítulo 1 será explorada a contextualização do bairro de Bangu, cenário do estudo de caso proposto. Primeiramente, será feita uma apresentação de Bangu e algumas de suas informações geográficas e socioespaciais, propondo o entendimento do enquadramento do bairro no território suburbano. Depois, nos aprofundaremos sobre a construção histórica e simbólica do bairro, bem como suas transformações posteriores, rebatendo com a atualidade e destacando sua importância na construção social e identitárias local.

Na etapa de fundamentação teórica, o capítulo 2, serão colocados em diálogo todos os conceitos e autores que criaram o embasamento teórico para a pesquisa, versando sobre os temas memória e identidade; paisagem e afeto e ambiências e subjetividade.

Conectando a contextualização territorial e a fundamentação teórica, o 3º capítulo surge com a intenção de propor uma breve reflexão inicial a partir dos conceitos que norteiam a pesquisa e seus rebatimentos nos aspectos simbólicos e físicos resistentes do bairro.

² Metodologia desenvolvida pelo LASC/UFRJ e cunhada por Natália Rodrigues, mestre e doutora pelo PROARQ-FAU-UFRJ.

No capítulo 4 será apresentada a metodologia proposta e suas formas de aplicação. Neste capítulo é apresentado de forma mais detalhada o embasamento de cada ferramenta metodológica proposta, assim como o material de apoio usado durante as investigações, seguido das narrativas orais e visuais desenvolvidas a partir da aplicação desses métodos.

Já na última parte, capítulo 5 e 6, são apresentadas respectivamente a síntese dos resultados obtidos na etapa metodológica e o rebatimento dela com a conceituação teórica, cujo intuito é responder às questões iniciais levantadas e explorar novas questões que surgiram ao longo do processo de pesquisa, culminando nos comentários finais, as conclusões da pesquisa.



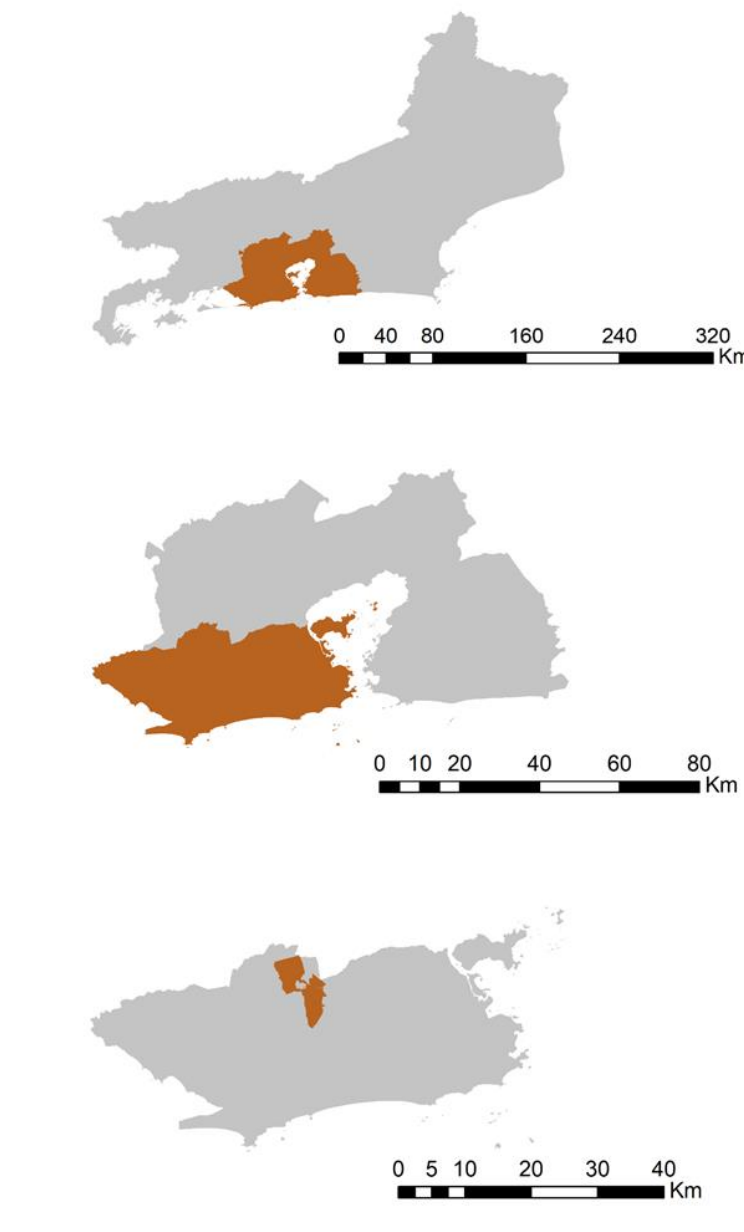
Figura 1: A chaminé e a caixa d'água resistentes na paisagem. Fonte: Autoral, 2023

1. Contextualização histórico-espacial de Bangu

O intuito deste capítulo é situar o leitor sobre o objeto de estudo abordado nesta pesquisa, de maneira a oferecer panorama geral histórico-territorial do mesmo a partir da inserção da Fábrica no espaço. Situado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, Bangu faz fronteira com os bairros de Jacarepaguá, Campo Grande, Santíssimo, Senador Camará, Vila Kennedy, Realengo, Padre Miguel e Gericinó. Com uma área de aproximadamente 36,40 km², o bairro está localizado em uma região de baixada, entre os maciços da Pedra Branca e do Maciço do Mendanha/Gericinó, o que contribui para seu clima caracteristicamente quente, com temperaturas frequentemente ultrapassando os 40 °C durante o verão.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Bangu possuía cerca de 209.302 habitantes no Censo de 2022, sendo o quarto bairro mais populoso do Brasil. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do bairro em 2000 era de 0,794, ocupando a 96ª posição entre os bairros do município.

Bangu se localiza na Área de Planejamento 5, considerada a mais populosa do estado, abrigando 26,6% da população do município (IBGE, 2020). O bairro faz parte da Região Administrativa XVII (RA XVII), que também inclui os bairros de Gericinó, Padre Miguel,

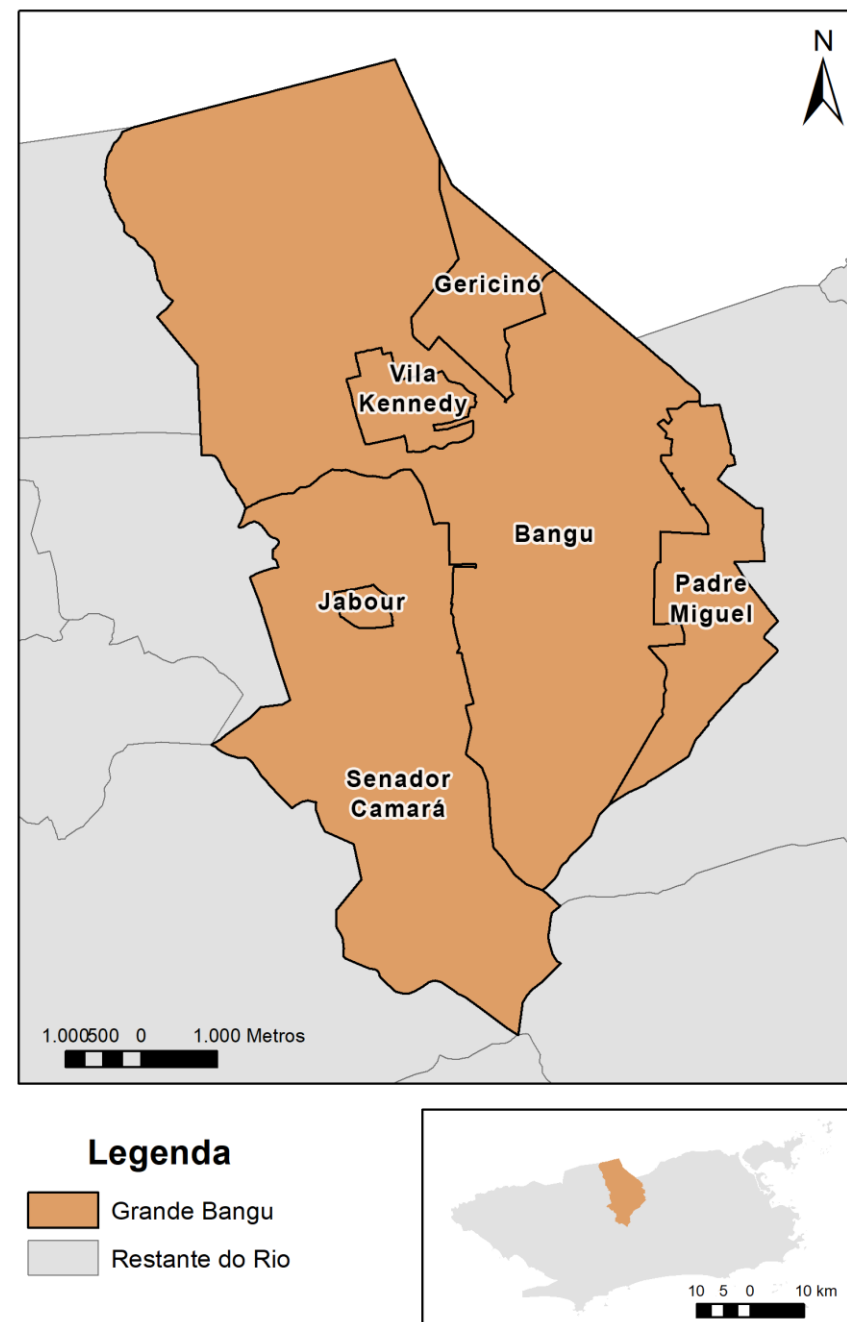


Mapa 1: Contextualização de Bangu na RMRJ. Fonte: Autoral, 2023

Senador Camará, Jabour e Vila Kennedy. Consideramos aqui essa região de “Grande Bangu” (Mapa 2) não apenas por esses bairros dividirem a mesma RA, mas principalmente pela similaridade dos padrões e costumes locais, que muitas vezes se não se limitam territorialmente.

Portanto, as análises presentes neste trabalho referentes ao bairro de Bangu podem representar padrões de vidas cotidianas de toda a Grande Bangu, que constantemente tem seus limites desconsiderados no dia-dia de seus habitantes. Muitos dos moradores de Padre Miguel, por exemplo, visitam Bangu todos os dias, seja à trabalho, lazer ou ao consumo. Os moradores do Gericinó, por sua vez, durante muitos anos eram considerados banguenses, título esse que só foi revogado após a criação recente do bairro. Seja qual for a localização de suas moradias, os palcos de suas vivências e memórias são os mesmos.

Cabe ressaltar que a pesquisa reconhece a inclusão de Bangu no que se considera como subúrbio carioca, mas tendo em vista a complexidade que o termo carrega e a necessidade de uma lapidação muito profunda e estreita entre o objeto de estudo desta dissertação – a memória e identidades banguenses – com a ampla conceituação do termo, foi optado não seguir adiante com a tarefa de desbravar essa relação e admitirá que o espaço social e físico analisado é, simplesmente, o Bairro de Bangu – que, como objeto trabalhado pelo imaginário popular carioca, já é um recorte extenso.



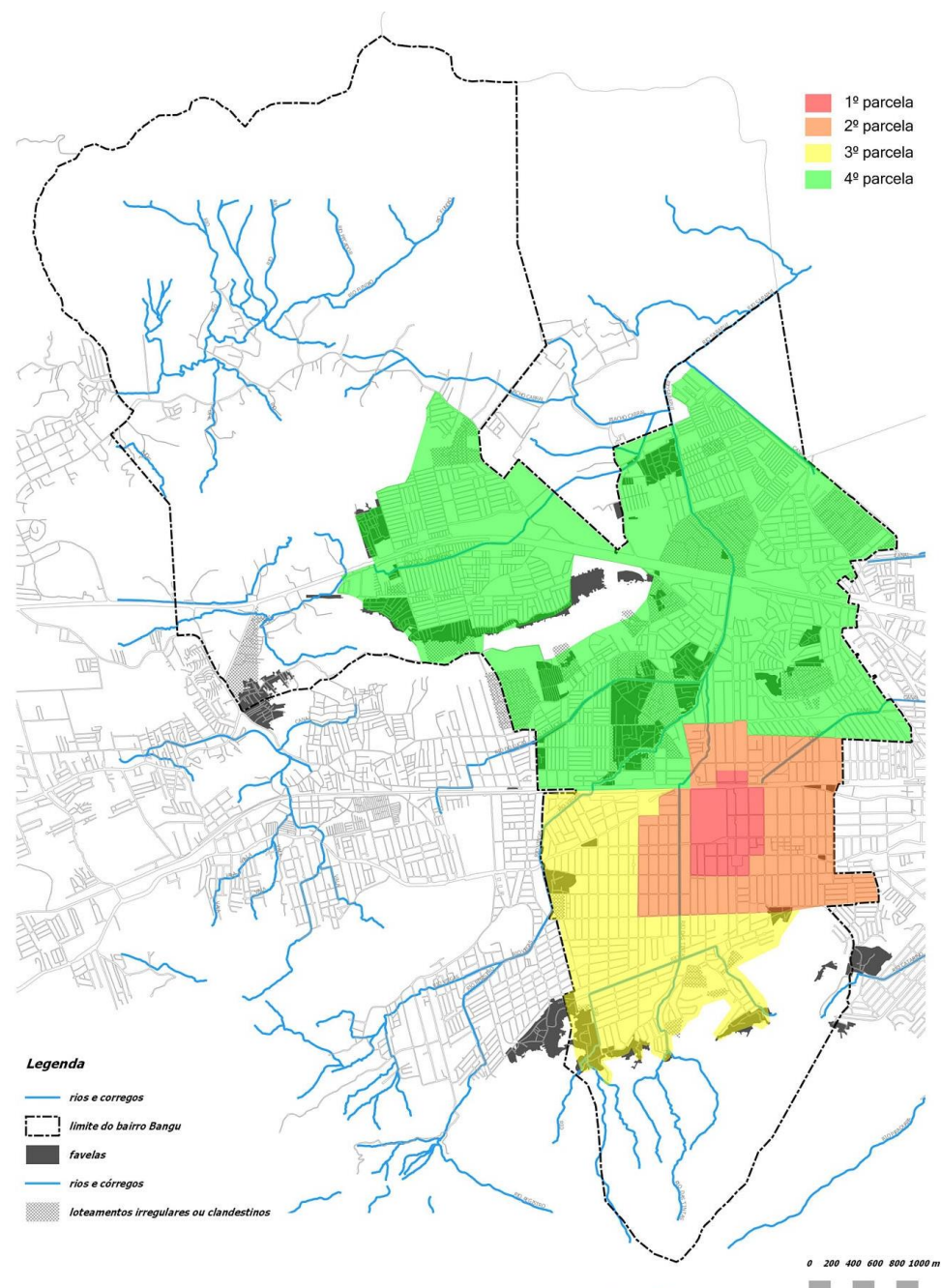
Mapa 2: Situando a considerada Grande Bangu. Fonte: autoral, 2025

A história da região começa a ser registrada em 1673, quando Manuel Barcelos Domingos se instala na região onde hoje se insere o bairro de Bangu, localizado no que se conhecia como “sertão carioca” (Corrêa, 1936). A região da Fazenda Bangu (ou Fazenda do Bangu) era até então conhecida como “Engenho da Serra”, terras desmembradas da paróquia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande.

Não se sabe a origem exata do nome “Bangu”, considerando alguns possíveis significados por seus estudiosos. O primeiro seria uma variação da palavra *útang-u*, de origem Tupi, que significa "anteparo escuro e barreira negra, cheio de sombras ou sombreado" (Silva e Rovere, 2020, p. 72), provavelmente ligado a existência do Maciço do Mendanha. A outra possibilidade seria proveniente do termo africano *banguê*, nome dado pelos escravos a local do engenho onde se guardava o bagaço da cana-de-açúcar.

No entanto, existem poucos relatos desse período da história primitiva de Bangu, que começa a ser expressivo no cenário carioca a partir da inserção da Companhia Progresso Industrial do Brasil. De acordo com Mauro Cesar Ribeiro (2017), o processo de ocupação do bairro pode ser dividido, resumidamente, em quatro momentos distintos (Mapa 3):

- **Primeira fase:** A implantação inicial da Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB) seguiu um desenho



Mapa 3: A evolução urbana de Bangu. Fonte: Acervo Medium, 2017

ortogonal orientado pela linha férrea e pela retificação do Rio das Tintas, expressando os ideais de ordem do pensamento republicano e positivista, com domínio técnico sobre a natureza.

- **Segunda fase (1920–1937):** Ainda com traçado ortogonal, essa etapa marca a consolidação da ocupação inicial do bairro, com organização espacial mais rígida e planejada.
- **Terceira fase (até início dos anos 1960):** O bairro se expande para o sul e oeste, alcançando áreas como Rio da Prata e os limites com Senador Câmara. Surge, então, a primeira grande barreira urbana: um muro ao longo da linha férrea, marcando a separação física entre as partes norte e sul do bairro. A tentativa de resolver essa segregação veio na década de 1940 com a construção do primeiro viaduto.
- **Quarta fase:** A expansão atravessa a Avenida Brasil, mas perde a regularidade dos traçados anteriores. Elementos naturais como o Rio Viegas e a topografia acidentada impõem limites físicos, resultando em ocupações irregulares e informais. A expansão mais organizada nesse período ocorre ao norte, com a criação das Vilas Aliança e Progresso (atual Vila Kennedy).

Com o processo de expansão urbanística e o aumento populacional, são estipulados novos estilos de vida. Dessa maneira, a pesquisa

reconhece que existem diferentes formas de habitar Bangu a depender do recorte geográfico que se esteja inserido, não existindo uma única maneira de enxergar o bairro. Essa lógica plural compõe uma diversidade de perspectivas sob o mesmo objeto, condicionando, assim, diversas características e referenciais identitários distintos.

Aqui, optou-se por recortar geograficamente a partir dos espaços físicos que foram relatados durante as entrevistas, que por sua vez se concentram entre a primeira e a segunda fase da expansão urbana do bairro. Portanto, a contextualização territorial a seguir apresentará maior foco neste núcleo, mas reconhecendo também que enquanto as transformações ocorriam nele, outros eventos e mudanças aconteciam no restante do bairro (e da Grande Bangu como um todo).

1.1 Do apito da Fábrica ao eco do shopping

*Numa fazenda que a fartura abençoou
E o progresso encontrou o seu lugar
O imigrante chegou, trouxe a força do povo
Que não foge da batalha e quer um futuro novo
E no canto do trabalhador, "fabricando" emoção
Pelos trilhos da esperança, segue o meu coração*

*Da máquina à vapor, ferrovia a escoar
Arquitetura inglesa, seu acervo admirar
Bangu, meu amor, minha paixão
É moradia do meu coração.*

("Eternamente Bangu", samba enredo da Unidos de Bangu, 2014)

A Companhia Progresso Industrial do Brasil – CPIB, foi um grande expoente fabril, exportando tecidos de alta qualidade para o Brasil e para o mundo. Fundada em 6 de fevereiro de 1889 e projetada pelo engenheiro brasileiro Henrique de Morgan Snell, destacou-se por ser a primeira fábrica a se localizar além da margem urbana carioca e, desde então, povoa o imaginário sobre o bairro de Bangu.



Figura 2: Antiga Fábrica Bangu vista de cima. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1940

O investimento no sistema fabril de produção pareceu arriscado no final do séc. XIX, mas contou com o apoio dos banqueiros influentes, que após examinarem as plantas da Fábrica, acompanhadas do cálculo de custos e demonstração de lucro provável, resolveram bancar a ideia do projeto. De acordo com Oliveira (1991), já havia profunda ligação entre os banqueiros e Snell, uma vez que já haviam participado do projeto da Companhia Rio de Janeiro Flour Mills & Granaries, produtora de cereais localizada no bairro da Gamboa.

O local, com caráter estritamente rural até então, era favorecido pela proximidade com os mananciais de água, uma vez que seis das oito etapas de produção têxtil dependiam desse importante recurso, disponibilizados pelos mananciais da Serra do Mendanha e do Pico da Pedra Branca.

Outro agente motivador para a instalação da Fábrica e da produção urbana foi a linha ferroviária que cortava a região, que facilitou a chegada de matérias primas e o escoamento da produção (Andrade, 2011). Apesar da ferrovia ligar a estação de Sapopemba (onde atualmente se localiza o bairro de Deodoro) à estação de Santa Cruz, passando pelas terras banguenses, a estação ferroviária de Bangu só foi construída em 1º de maio de 1890, após a venda das terras para a Companhia Industrial do Brasil.

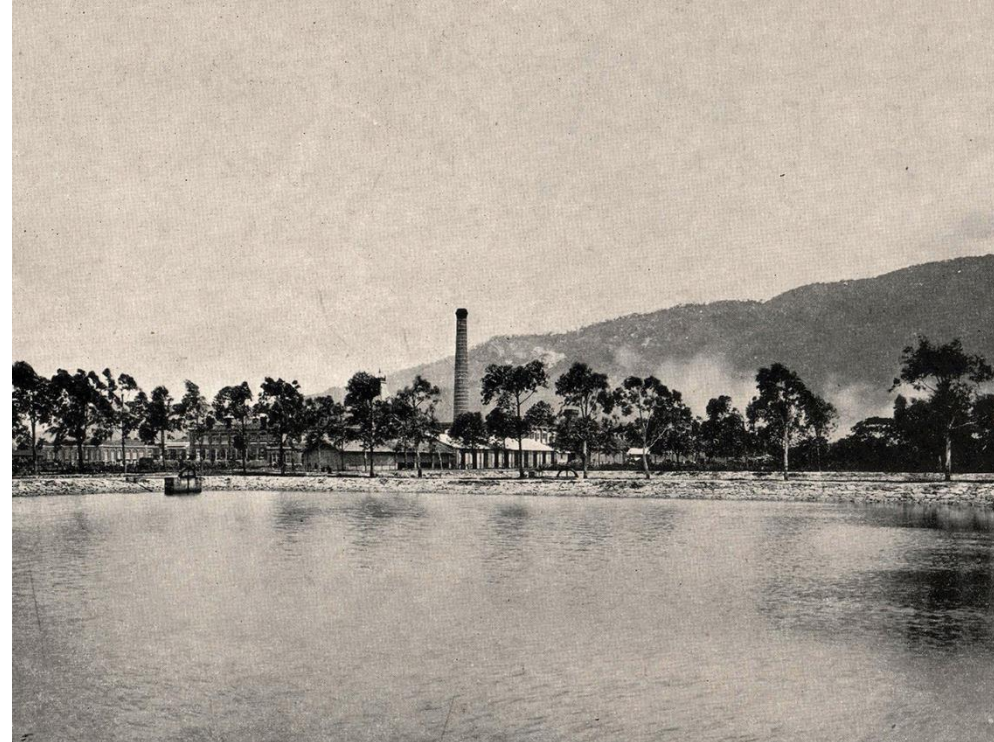


Figura 3: Açude primitivo da Fábrica Bangu. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1908



Figura 4: Estação ferroviária Guilherme da Silveira. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1967

Bangu recebe a Companhia Industrial do Brasil e a estação ferroviária como novos elementos identificadores e estruturadores do lugar, tornando-se símbolos físicos representativos e fundadores do bairro, fomentando o desenvolvimento urbano e atraindo a população local e estrangeira, com a promessa de transformação da vida social, econômica e cultural da região.

A arquitetura da Fábrica se encaixava no padrão da arquitetura industrial inglesa conhecido por britânico manchesteriano, com sua fachada de tijolos vermelhos aparentes e estrutura sóbria e pesada, simetria de planos, paredes elevadas e janelas ao alto. Ao redor, um grande jardim a cercava, com palmeiras imperiais e outras vegetações tropicais. Considerada a maior indústria têxtil do Rio de Janeiro, a proposta era percorrer todas as etapas de produção, desde o fio cru até os tecidos estampados (Severino, 2015).

Acompanhando a instalação da indústria, foram propostos pelo então presidente da Companhia Manuel Guilherme da Silveira Filho e o engenheiro João Ferrer os primeiros desenhos urbanos da região. O padrão regular ortogonal das quadras no loteamento feito pela CPIB ainda se faz presente na paisagem Banguense, que se estrutura até hoje em três elementos principais: a edificação da fábrica, a Avenida Cônego de Vasconcelos e a praça que abriga a igreja de São Sebastião e Santa Cecília.



Figura 5: A arquitetura britânica da Fábrica Bangu. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1906



Mapa 4: Tecido urbano promovido pela CPIB. Fonte: Acervo Mapas Antigos do Rio,

O bairro nasceu, assim, do berço proletariado no entorno da Fábrica, sendo planejado desde o início para funcionar atendendo a companhia têxtil. Era de interesse da administração mostrar ao operário que o trabalhador de Bangu poderia ter mais oportunidades do que em outros bairros do Rio de Janeiro. Havia preocupação quanto à qualidade de vida de seus funcionários e a necessidade de mantê-los próximos ao local de trabalho, o que ocasionou na fundação da Vila Operária, financiando casas para eles com materiais vindos da Europa, na mesma linguagem da arquitetura da Fábrica.

A construção da vila iniciou-se em 1891, dois anos após a abertura da Fábrica e, quando a CPIB foi oficialmente inaugurada, em 8 de março de 1893, já havia mais de 90 casas edificadas passando a compor o sítio inicial do bairro. Essas casas deram origem às duas primeiras ruas do bairro, a Rua Fonseca e a atual Avenida Cônego de Vasconcelos.

Como uma indústria têxtil localizada em área rural, a Fábrica Bangu não pôde contar também com o mercado de força de trabalho da cidade do Rio de Janeiro, e teve de criar o seu próprio mercado de força de trabalho cativa, a nível local, significando, em outras palavras, imobilizar força de trabalho, não apenas através da moradia em vilas operárias, o que já era comum nas áreas urbanas, mas



Figura 6: Saída dos funcionários. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1960s



Figura 7: Saída dos funcionários. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1980s

também através do controle dos meios de produção e reprodução como grandes proprietários que eram de terras, estimulando a fixação de população na terra através da produção agrária em sistema de parcerias e arrendamento. (Oliveira, 2006, p.6)

Como forma de abrigar um contingente maior de força de trabalho ao redor da Fábrica, avaliada, no ano de 1907 em 6.347 habitantes, a Companhia começou a investir em obras de infraestrutura urbana, ampliando o núcleo urbano fabril dando dimensão maior àquela relação que já existia entre a Fábrica e a Vila Operária (Oliveira, 2006).

Prevendo a expansão do casario da vila operária, foram abertas novas ruas paralelas e perpendiculares à vila. O traçado dessas ruas deu origem a quadras cujos terrenos mantêm, por um lado, uma simetria com a fábrica e a vila operária e, por outro, com a estação de Bangu e a estrada de ferro, compondo um padrão ortogonal de “tabuleiro de xadrez” alinhado com a fábrica, a vila, a estação e a ferrovia. (...) O resultado da materialização dessas transformações é o surgimento de um novo arranjo espacial – o de cidade-fábrica. (Oliveira, 2006., p.11)

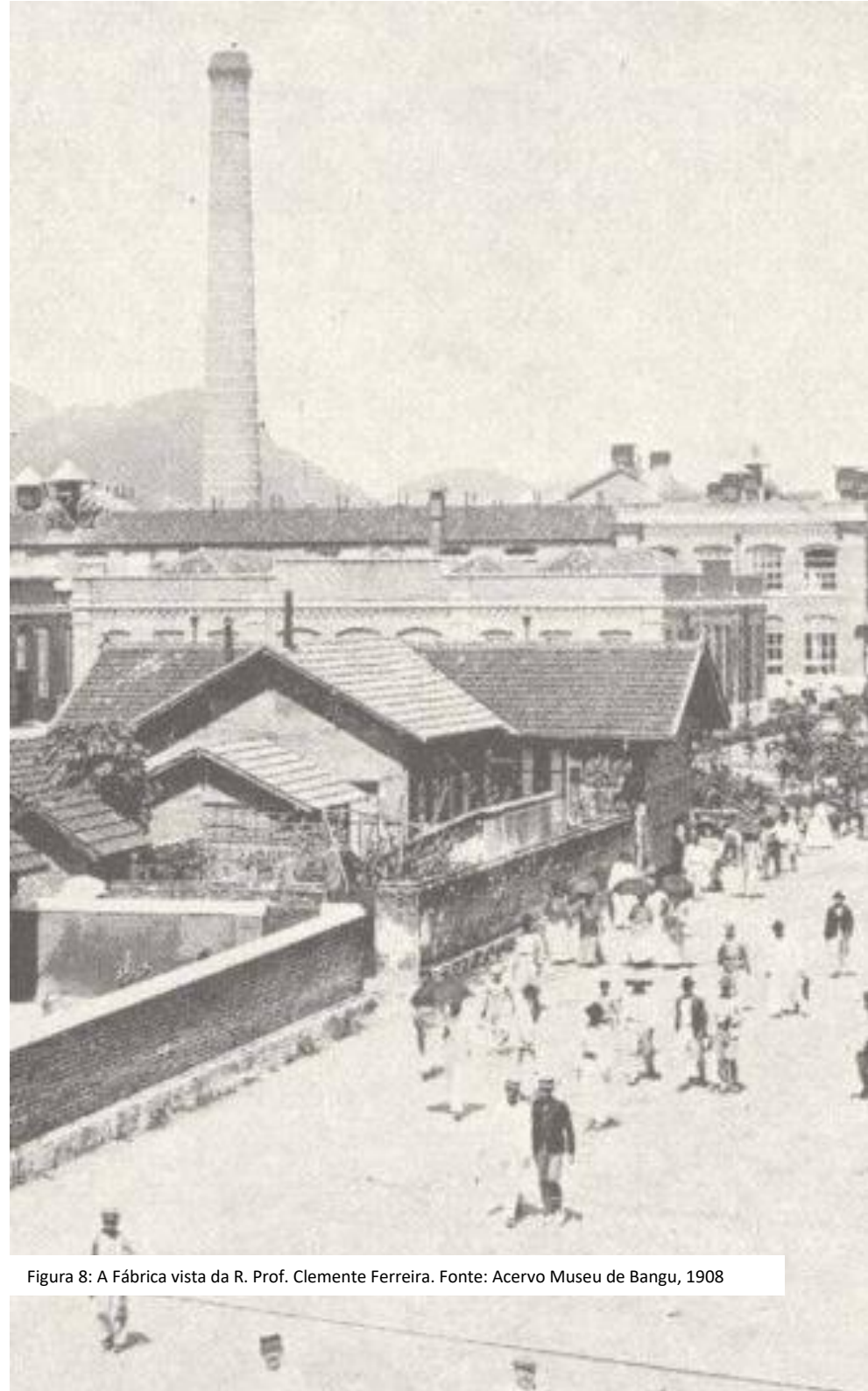


Figura 8: A Fábrica vista da R. Prof. Clemente Ferreira. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1908

A freguesia em que se implantou a Fábrica tem seu território plano, característico de bacia sedimentar, o que facilitou a expansão urbana em um padrão de grelha, com novas vias em traçado ortogonal, respeitando o alinhamento com a Fábrica.

Nos anos seguintes, a Fábrica comportou em seus terrenos alguns equipamentos urbanos que serviam aos seus funcionários e suas famílias como creche (Figura 9), enfermaria, escola, além de um campo de futebol, que falaremos em breve. Além disso, diversos núcleos de lazer foram incentivados financeiramente pela Companhia em seus arrabaldes, como a criação de praças, do teatro, do Bangu Athletic Club e da Sociedade Musical Progresso de Bangu – posteriormente intitulada como Casino Bangu.

Algumas das novas ruas e praças projetadas pela companhia têxtil foram batizadas referenciando diretamente algumas funções, departamentos, matérias primas, datas e figuras importantes para a indústria e a fundação do bairro, sendo mantidas em sua maioria até hoje, como memória e resistência da história que originou sua urbanização (Figura 10). A Fábrica, enquanto agente morfológico, funcionou como ponto central do tecido urbano, de maneira que todos os caminhos levassem a ela.



Figura 9: Antiga creche na CPIB. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1958



Figura 10: Placa da Rua da Fábrica. Fonte: Autoral, 2022

As ações de Ferrer e da instituição como um todo tentavam consolidar a ideia da CPIB como a mais grandiosa companhia industrial da então capital federal. É inegável a projeção da Companhia no imaginário do operário e habitante de Bangu, que por meio de políticas filantrópicas reforçavam um laço de gratidão e serventia em seus funcionários. No entanto, cabe ressaltar que alguns dos benefícios eram concedidos aos que possuísem destaque em suas funções, além da hierarquia que cargos mais elevados apresentavam nessas condições. Todas as “engrenagens” giravam para que a Fábrica continuasse funcionando à pleno vapor, incentivando a produção operária em retribuição aos benefícios que lhes eram ou poderiam ser concedidos.³

Mesmo com os problemas, havia sucesso no esforço da Fábrica em converter o discurso incentivador em força motriz e, até hoje, a presença e o legado da Companhia benfeitora são fortes no imaginário e na memória afetiva de seus ex-operários e suas famílias. Nas mídias era vendida a ideia de progresso, o que ajudava a abafar qualquer cenário negativo a respeito da administração ou das condições de trabalho, o que potencializava inclusive a exportação de uma ideia cativante e quase turística do bairro.

³ Apesar das ações sociais promovidas, é importante reconhecer que exploração e as problemáticas que envolviam todas as fábricas fluminenses também se faziam presentes no caso de Bangu. Trabalho infantil, extensas jornadas e baixa remuneração compunham o cenário da CPIB, que tentava contornar com políticas assistencialistas e cerimônias



Figura 11: Placa da CPIB no acesso de serviço. Fonte: autoral, 2025



Figura 12: Desfile do dia do trabalhador no estádio local. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1958

festivas. O discurso ideológico em prol trabalho era pregado até mesmo em sermões religiosos na matriz de Bangu, onde eram debatidos temas como o respeito e a obediência à hierarquização, a importância do trabalho para a salvação e a necessidade do afastamento de vícios.

(...) Tratados com toda amabilidade pelos diretores da Companhia, os jornalistas escreviam no dia seguinte que Bangu era 'o recanto pitoresco desta Capital' e louvavam o quanto era bom ser operário da fábrica, sem se preocupar com as jornadas realmente longas, com o calor absurdo que fazia dentro das seções, os riscos a que os menores se submetiam no trabalho têxtil. (Molinari, in Bangu 350 anos, 2023, p. 83)

Quando contada a história de Bangu e principalmente da Fábrica, é importante ressaltar a importância que a família Silveira teve no desenvolvimento e na sua transformação, especialmente por meio da figura de Dr. Silveirinha (filho de Manuel Guilherme da Silveira Filho), empresário e responsável por uma era de grande relevância para a indústria têxtil no Brasil. Ele não apenas marcou sua época com a criação do concurso "Miss Elegante Bangu", mas também teve preocupação com o bem-estar de seus funcionários promovendo diversos feitos de caráter filantrópico. Essa visão de responsabilidade social vinha de seu pai, que durante a década de 1940, período de sua presidência da Companhia Progresso Industrial do Brasil, foi consultado sobre as normas de segurança e medicina do trabalho para a elaboração das Leis Trabalhistas nacionais.



Figura 13: Desfile do dia do trabalhador no estádio local. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1958



Figura 14: Miss Elegante Bangu. Fonte: Acervo Eu Moro em Bangu, 1952

Além de seu papel empresarial, Dr. Silveirinha também foi presidente do Bangu Atlético Clube, reforçando seu envolvimento com a comunidade local. Seu discurso durante as celebrações de seu octogésimo aniversário ressaltou a importância da união entre capital, técnica e trabalho para o sucesso de uma empresa, e enfatizou seu desejo de promover o bem-estar de todos os trabalhadores, não apenas da Bangu, mas de todo o Brasil. Com sua visão inovadora e compromisso social, foi essencial para a evolução socioeconômica de Bangu, deixando um legado e gratidão que perduram até hoje na memória da comunidade.

Segundo Oliveira (2014), as flutuações econômicas vividas pelo país no período aliadas à reestruturação da economia e da produção em nível mundial potencializaram o declínio das atividades fabris, não excluindo o caso da Companhia Progresso Industrial do Brasil. Por volta da década de 1980 administração da Fábrica começa o processo de alienação de suas propriedades a fim de conter os custos e tentar afastar o inevitável fechamento, com cada vez menos sucesso com o passar dos anos.

Com o passar das décadas, a atividade têxtil foi desacelerando, outros empreendimentos foram se instalando na região e a influência da Fábrica diminuindo. Em 2000, as edificações da CPIB foram tombadas definitivamente pelo Instituto Rio Patrimônio da

Humanidade (IRPH) – Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro (PMRJ) por sua importância arquitetônica, histórica e cultural. Em 5 de fevereiro de 2004, foram encerradas as atividades fabris e o bairro deixa sua função industrial para assumir-se como comercial e residencial.

O Bangu Shopping foi inaugurado em 2007 no conjunto de edificações da antiga Companhia, e atualmente conta com 200 lojas em seu interior, sendo 10 lojas âncoras, 5 megalojas, 4 restaurantes, 30 operações na praça de alimentação, além de 6 salas de cinema⁴. Com as remodelações ocorridas nas últimas décadas, alguns dos equipamentos urbanos que estavam presentes nos espaços públicos no antigo desenho do bairro, como o cinema e o teatro, sofreram migração para o interior do empreendimento privado em questão.

A instalação modificou a relação comercial com os estabelecimentos do entorno e com os ambulantes, voltados para atender camadas populares (Oliveira, 2014). São criadas relações tanto de competição quanto de complementaridade, sobretudo, com os camelôs que vendem mercadorias complementares às do shopping. Um exemplo desse evento é o consumo de capas e películas protetoras, vendidas

⁴ O website oficial do empreendimento relata que a média de consumidores por mês é de um milhão e oitocentos mil pessoas. fonte: <https://bangushopping.com/>

pelos camelôs do lado de fora, para smartphones que são comprados no interior do empreendimento.

O panorama sobre o passado fabril, seu enfraquecimento e sua transformação, se faz importante tendo em vista que a Companhia Progresso Industrial do Brasil é a razão do desenvolvimento de Bangu e, hoje, são as narrativas deixadas como herança por seus saudosistas ex-operários e é a presença dela na memória que a faz viva na paisagem, para além das preservações estruturais.



Figura 15: A Fábrica virando shopping. Fonte: Julia Rovere, 2007



Figura 16: O Bangu Shopping. Fonte: ALLOS, s.d.

1.2 Da Vila Operária ao Calçadão de Bangu: a ressignificação do espaço e do cotidiano

A Vila Operária de Bangu constitui um dos marcos mais significativos da história urbana, social e patrimonial do bairro de Bangu, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Construída no início do século XX, a vila foi idealizada pela Fábrica de Tecidos Bangu como parte de um projeto modernizador inspirado no modelo industrial inglês, em especial no modelo de cidade-fábrica de Manchester. Composta por um conjunto de casas padronizadas e organizadas em ruas arborizadas, a vila foi planejada para abrigar os trabalhadores da Fábrica e suas famílias, criando assim um microcosmo urbano que articulava habitação, trabalho e vida comunitária.

As quadras adjacentes a esses elementos apresentavam comprimentos variando entre 235 e 147 metros, com larguras em torno de 60 metros. Os lotes, de formato estreito, tinham entre 5 e 10 metros de frente e até 30 metros de profundidade. Como ilustrado na Figura 17, o traçado do parcelamento urbano foi fundamental para viabilizar a instalação da Vila Operária, visível na Figura 18. Esses lotes permitiam a construção de casas com quintais, as edificações térreas geminadas posicionadas na parte frontal do terreno sendo a tipologia mais comum, deixando a área dos fundos livre e atendendo tanto às exigências funcionais da moradia quanto às práticas socioespaciais da época.

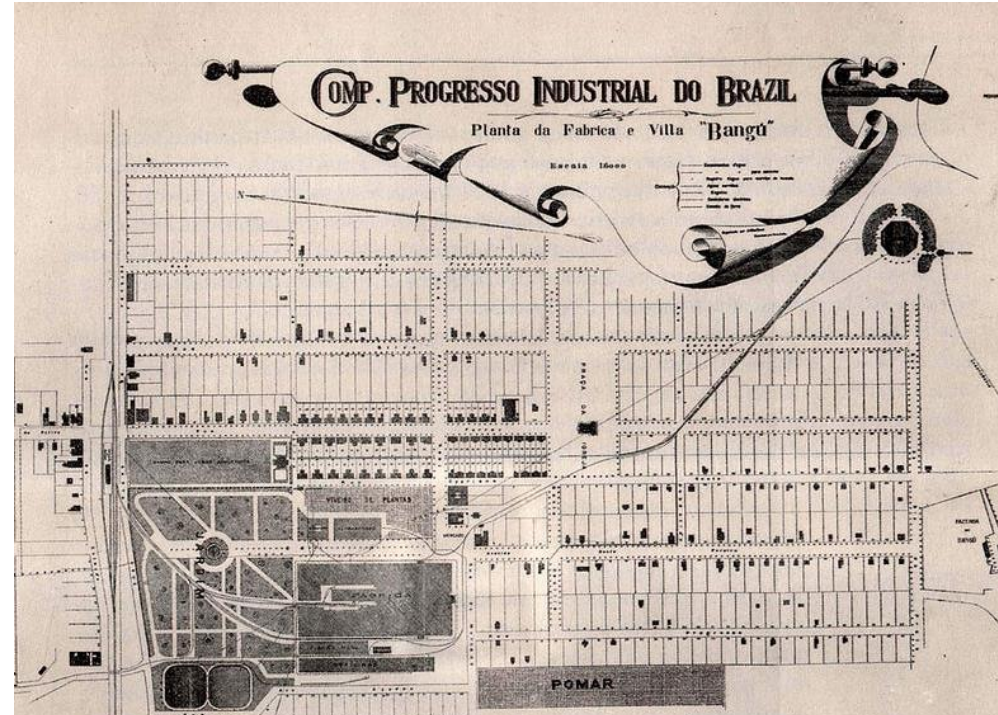


Figura 17: Planta do núcleo primário de Bangu. Fonte: Acervo CPIB, s.d.



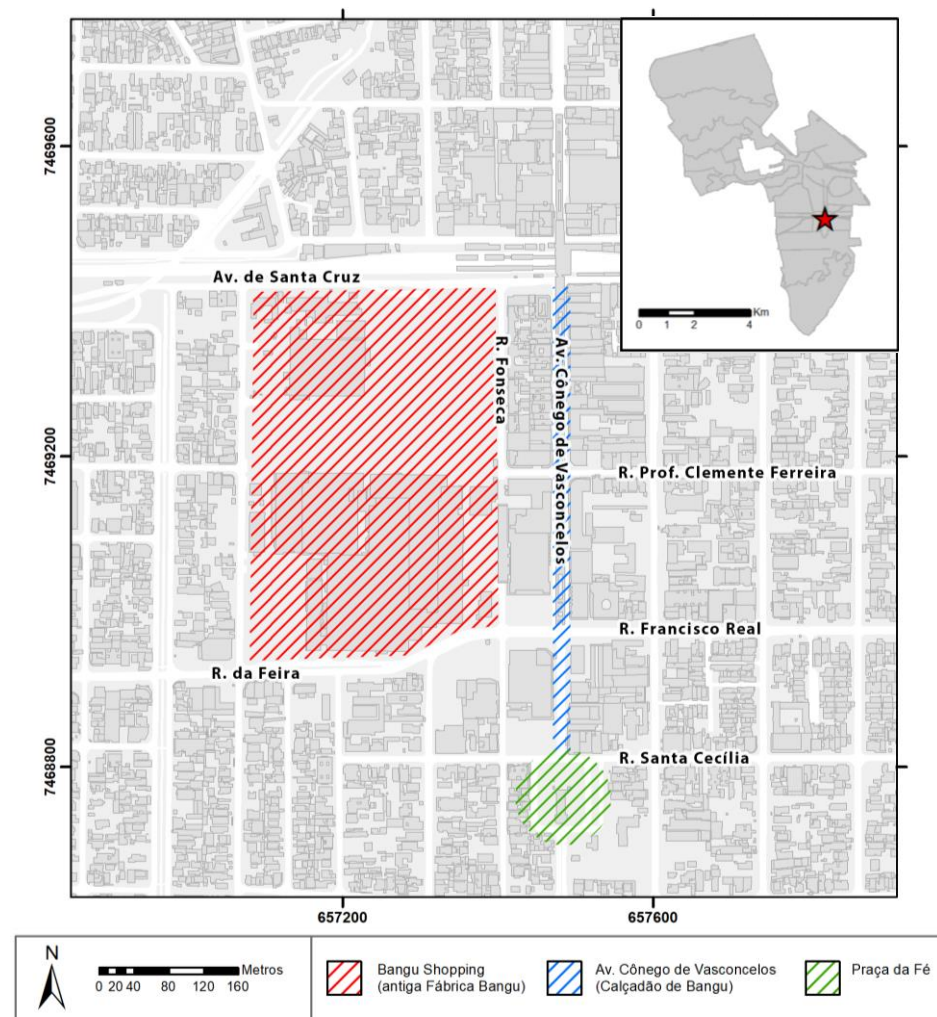
Figura 18: A vila operária da Av. Cônego de Vasconcelos. Fonte: Rio Secreto, 1958.

Mais do que um conjunto habitacional, a Vila Operária representava uma proposta de organização social que promovia laços de pertencimento e vínculos identitários entre os moradores. A estrutura arquitetônica manchesteriana funcional aliada à proximidade com a Fábrica, com escolas, igrejas e centros de lazer, criava um cotidiano marcado pela experiência do trabalho industrial e pelas relações comunitárias intensas. Morar na vila significava fazer parte de um tecido social coeso, em que a Fábrica ocupava o centro simbólico e material da vida local.

Do ponto de vista urbanístico e patrimonial, é um exemplo raro e valioso de urbanismo industrial no Brasil. No entanto, com o tempo, e especialmente a partir do processo de desindustrialização do Rio de Janeiro nas décadas finais do século XX, parte significativa desse patrimônio foi descaracterizada ou perdeu sua função original. Projetos urbanos posteriores, como o Rio Cidade, contribuíram para modificações no traçado e na reconfiguração das ambiências desses espaços, afastando os moradores do valor histórico e afetivo fundador. Ainda assim, a Vila Operária permanece viva na memória coletiva de alguns banguenses, sendo frequentemente evocada nos relatos como símbolo do tempo em que Bangu era referência em modernidade, desenvolvimento e integração social.

Inaugurado em 1991, o Calçadão de Bangu é um dos principais símbolos do processo de reconfiguração urbana da área central do bairro, envolvendo a colaboração de diversas entidades públicas e

privadas. Com o intuito de melhorar a mobilidade de pedestres e automóveis, a Companhia de Engenharia de Tráfego da Prefeitura do Rio de Janeiro (CET-Rio) liderou a iniciativa, com o objetivo de aliviar o congestionamento no centro de Bangu e promover um ambiente mais seguro e acessível para os pedestres.



Mapa 5: Mapa de localização – Bangu Shopping e Calçadão. Fonte: autoral, 2024

A proposta foi respaldada pela Associação Comercial e Empresarial da Região de Bangu (ACERB), que sugeriu a criação do calçadão na Avenida Cônego de Vasconcelos, uma ideia que encontrou voz em um plebiscito realizado em 1990, com o apoio expressivo da população do bairro. A obra, executada pela Empresa Municipal de Urbanização (RioUrbe), teve como resultado um novo ambiente urbano, com áreas de lazer, equipamentos públicos e espaços dedicados a pequenos comerciantes.

A transformação da rua, que antes era tomada pelo trânsito intenso de veículos, ofereceu uma nova vivência para os moradores e frequentadores do bairro, com bancos, mesas de cimento, playground e espaço com palco para eventos culturais. Essa renovação representa uma mudança significativa nas dinâmicas sociais e econômicas do bairro, tornando o calçadão em um local de lazer, além de simbolizar um novo centro comercial e cultural. A medida também visava ordenar o comércio de camelôs, já crescente no eixo, com a criação de uma área específica para sua prática.

A partir dessa intervenção urbana, Bangu se reinventa e se projeta como um local com espaços de sociabilidade, lazer e comércio, refletindo um movimento mais amplo de reconfiguração e consolidação da nova identidade do bairro.



Figura 19: Primeiro calçadão em obra. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1991.



Figura 20: O primeiro calçadão de Bangu. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1992.

O calçadão se estabelece, assim, como um símbolo de mudança e adaptação, uma tentativa de reposicionar o bairro dentro de uma nova lógica urbana, marcada pela convivência pacífica, pelo comércio estruturado e pela valorização do espaço público. Essa nova configuração da Avenida Cônego de Vasconcelos também ajuda a reconfigurar o imaginário coletivo do bairro, alinhando-o a uma proposta mais moderna e acessível para seus moradores. O projeto simbolizou, assim, uma nova fase na história de Bangu, refletindo uma integração entre passado e futuro, entre a memória do bairro e as expectativas de sua evolução social e urbana.

Essa intervenção urbana intensificou o caráter comercial de Bangu, consolidando o calçadão como um dos principais centros de varejo popular da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Além disso, o projeto contribuiu para a reorganização do espaço urbano, promovendo maior segurança e conforto para os pedestres e incentivando o desenvolvimento econômico da região. O espaço foi projetado para integrar ambientes de lazer e convivência para os moradores, com arborização urbana e elementos que remetiam a arquitetura originária, como os portais de tijolinhos, conferindo ao espaço um aspecto bucólico.

Em 2002, o calçadão passou por uma nova revitalização como parte do programa "Rio Cidade II" (Figura 23), durante a gestão do prefeito César Maia. Essa intervenção, projetada pelo arquiteto Paulo Casé, tinha como proposta a inserção de escadas rolantes de acesso à



Figura 21: Playground do Calçadão de Bangu. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1992.



Figura 22: Áreas de descanso arborizadas. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1992.

estação ferroviária, o calçamento com pedras portuguesa, a modernização da iluminação pública com fiação subterrânea e a instalação de coberturas metálicas com sistema de microaspersão de água, que seria capaz de reduzir a temperatura ambiente em até 9 °C, mas que raramente funcionam hoje em dia.

No entanto, muitos habitantes se mostram contrários à segunda intervenção, que atualmente apresenta diversos problemas técnicos de manutenção da infraestrutura instalada, principalmente das escadas rolantes que raramente estão em funcionamento. É perceptível também que as derrubadas de árvores para a implementação das coberturas metálicas acentuaram as altas temperaturas (Figura 24).

A Avenida Cônego de Vasconcelos, embora diferenciada de sua configuração original de Vila Operária, ainda carrega um papel central no tecido urbano da região. Mesmo com a crescente popularidade do Shopping, o calçadão continua sendo um ponto vital de convivência e intercâmbio social, funcionando como um eixo de interações, práticas cotidianas e trocas no bairro. A presença do Shopping e do Calçadão de Bangu marca uma dinâmica de influência mútua, onde as interações entre eles estabelecem uma relação complexa de cooperação e, por vezes, competitividade, refletindo as transformações do espaço urbano e as necessidades da comunidade.



Figura 23: O camelô embaixo da estrutura metálica. Fonte: autoral, 2025



Figura 24: O cotidiano no Calçadão de Bangu. Fonte: autoral, 2025

1.3 O futebol, o samba e a contravenção

*Rolou a bola em Moça Bonita, é show
A galera se agita, é gol! É gol de placa!
Sou banguense, pra sempre um caso de amor
Mascote no peito, vencedor.*

*(“Deu Castor na Cabeça”, samba enredo da Unidos de Bangu,
2022)*

O futebol brasileiro nasce em Bangu, pela iniciativa do escocês Thomas Donohoe em 1894, que trouxe consigo do Reino Unido a primeira bola de couro, uma bomba para enchê-la e alguns pares de chuteiras camuflados dentro de uma caixa de madeira junto aos equipamentos e materiais comprados para a Fábrica. Antes disso, em 1893, o esporte já era comentado com entusiasmo pelos seus recém-chegados operários estrangeiros para os locais, que se empolgavam com as histórias.

As primeiras partidas aconteceram em um campo improvisado no terreno da Fábrica e era praticado aos domingos, por ser o dia de folga dos funcionários. Logo esta prática se tornou o principal lazer do bairro, aumentando cada vez o número de pessoas interessadas e se tornando algo sério e profissional.



Figura 25: Pintura no muro do estádio Moça Bonita. Fonte: autoral, 2025

Em 17 de abril de 1904 foi fundado o *Bangu Athletic Cub*, primeiro clube fabril do país, presidida por Willian Rench e Thomas Donohoe. Décadas mais tarde, ocorre a fusão dele com o Bangu Club, descrita como uma sociedade recreativa genuinamente operária com apoio incondicional da Fábrica. Dr. Silveirinha, que para além de sua importância na CPIB também presidiu o Bangu Atlético Club, apoiou esta transformação, unindo dois clubes que formavam a expressão esportiva e social do bairro. Ele também foi consagrado “patrono do Bangu Atlético Clube em caráter irrevogável e irretratável” em 1949, o que confirma a declaração do jornalista Mauro Filho, descrita no livro *Bangu 350 anos* (2023):

O Bangu era um prolongamento da Companhia Progresso Industrial do Brasil. A fábrica se disfarçando em clube. O campo pegado no jardim da fábrica. Não se sabia onde acabava a fábrica, onde começava o clube. (Molinari, in: *Bangu 350 anos*, 2023, p.76)

Durante as décadas de 1930 e 1940, o time do Bangu foi um dos clubes mais fortes do futebol carioca, conquistando em 1933 a Taça Rio. O primeiro campo de futebol (Figura 26) encerrou suas atividades em 1943, um ano antes da Companhia vender a área na antiga Rua Ferrer (atual Cônego de Vasconcelos). Durante a partida preliminar entre o 2º time do Bangu e o Madureira, ocorre mais um

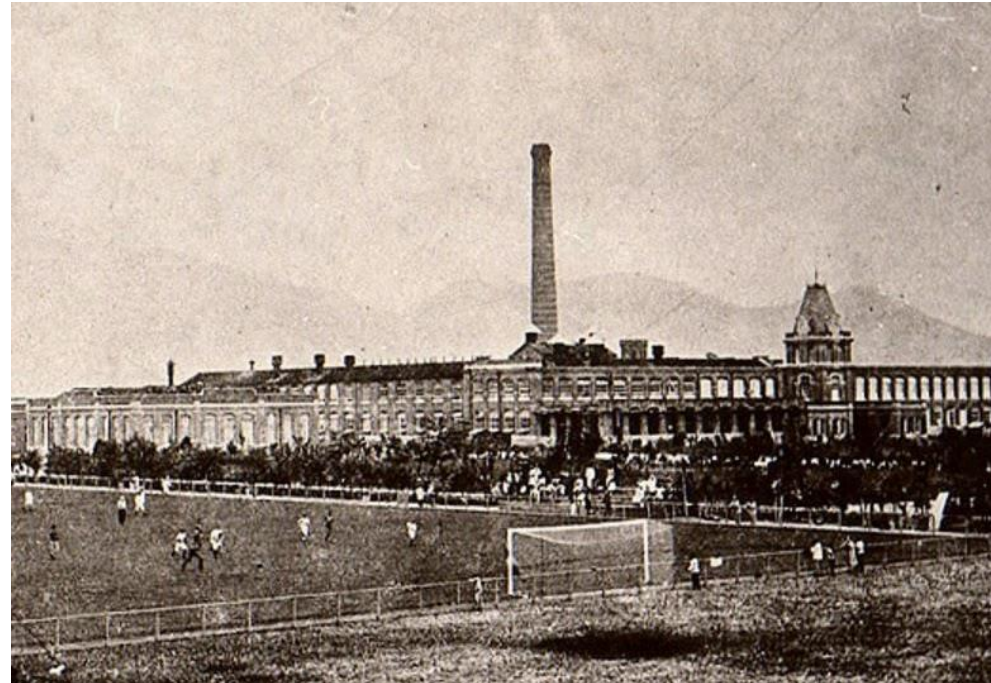


Figura 26: Primeiro campo de futebol de Bangu, dentro da Fábrica. Fonte: Bangu A.C., s.d.



Figura 27: Sede Bangu Atlético Clube. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1938

incêndio nas arquibancadas de madeira. Por não se tratar do primeiro incidente e aproveitando o sucesso do time, foi inaugurado em 1947 com apoio financeiro da Fábrica e do Dr. Silveirinha o Estádio Proletário Guilherme da Silveira Filho, também conhecido como Moça Bonita. Em 1966, conquistou o Campeonato Carioca, o maior título de sua história até hoje e considerada o ápice do clube, quando o time, dirigido por técnicos de renome e com jogadores de destaque, derrotou grandes clubes como o Flamengo e o Fluminense.

A história do futebol banguense e a Fábrica de Tecidos Bangu é inegavelmente interligada, sendo inclusive o primeiro time do Brasil a ter um patrocinador estampado nas camisas dos jogadores, que no caso foi a própria Fábrica. É importante ressaltar que essas atividades, mundialmente consideradas de elite na época, não eram consumidas apenas por pessoas desta classe social em Bangu, sendo até hoje autointitulado com orgulho um time proletário e operário.

O time do Bangu, além do pioneirismo no futebol carioca, também foi o precursor nas pautas raciais relacionadas ao esporte (Figura 28). Durante as primeiras décadas do século XX, o futebol brasileiro era predominantemente dominado por jogadores brancos e de classes mais altas, enquanto os atletas negros enfrentavam dificuldades para ter acesso às grandes equipes e competições. No



Figura 28: O time do Bangu Athletic Club com Francisco Carregal segurando a bola. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1905

entanto, o Bangu foi um dos primeiros a romper com a exclusão racial presente em muitos times da época, se destacando por sua postura mais inclusiva.

Após o título de 1966 (Figura 29), o time do Bangu começou a enfrentar dificuldades financeiras e organizacionais, o que resultou em um declínio nas suas performances. Embora tenha se mantido como um time competitivo nos anos seguintes, o clube não conseguiu repetir o sucesso dos anos anteriores. Durante a década de 1970 e até os anos 1980 o Bangu alternou entre divisões, disputando a Primeira Divisão do Campeonato Carioca e tendo boas campanhas, mas sem conquistar títulos de grande expressão.

Nos anos seguintes, surge uma figura que viria a se tornar uma lenda no bairro e um dos maiores nomes da contravenção carioca, acumulando riqueza e influência por meio de atividades ilícitas variadas, além de impulsionar o time local: Castor Gonçalves de Andrade e Silva, filho primogênito do ex-presidente do Bangu Atlético Clube, Euzébio Gonçalves de Andrade e Silva (conhecido também como “Seu Zizinho”), nascido exatos 35 anos após o apito da Fábrica de Tecidos Bangu ecoar pelas ruas pela primeira vez na história.

Um dos marcos importantes da gestão de Castor de Andrade no Bangu foi a conquista da Taça Guanabara de 1985, que é, de certa forma, uma das maiores glórias do clube nos anos pós-1966. Embora não tenha sido o campeonato estadual em si, a vitória foi



Figura 29: Torcida do Bangu na decisão de 1966. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1966

uma conquista de grande simbolismo para o Bangu. Castor, como presidente, fez com que o clube voltasse a ser expressivo, mesmo contra grandes forças do futebol carioca.

Castor de Andrade teve um papel fundamental em manter o Bangu na elite do futebol carioca durante as décadas de 1980 e 1990, sendo também conhecido por atrair jogadores de destaque para o time, o que ajudou a manter o nível competitivo da equipe. No entanto, sua gestão também foi marcada por polêmicas, principalmente relacionadas ao seu envolvimento com o jogo do bicho e às suas práticas no futebol, que levantaram questões sobre a ética e a legalidade de algumas ações. Mesmo sendo uma figura controversa, Castor de Andrade conseguiu reerguer o time em uma época de grande dificuldade, deixando assim sua marca e criando seu legado no Bangu Atlético Clube.

O clube continuou com sua base de torcedores fiéis e com boas campanhas esporádicas, que até hoje possuem destaque. Em 1997 o time conseguiu alcançar a Primeira Divisão do Campeonato Carioca, e, em 2025, sofreu o rebaixamento para a Segunda Divisão, o que ocasionou na grande pressão de seus torcedores que vislumbram ainda a retomada do gigante da Zona Oeste.

Em paralelo ao futebol, é importante registrar a consolidação da Mocidade Independente de Padre Miguel nas competições carnavalescas anuais, também devido ao apadrinhamento de Castor



Figura 30: Torcida do Bangu em marcha para o jogo. Fonte: autoral, 2025

de Andrade. Sob sua supervisão e patrocínio, a escola conseguiu grande destaque no cenário carioca, além de conquistar diversos torcedores e entusiastas por toda a capital fluminense, ultrapassando as barreiras da Grande Bangu.

Castor também foi responsável, entre outras coisas, pela construção de uma sede própria para a agremiação e pela ampliação de suas atividades no bairro de Padre Miguel. Em 1981, a Mocidade conquistou seu primeiro título no Grupo Especial do Carnaval carioca, o que representou uma grande virada para a escola e também para a história de Castor dentro do samba.

Como sempre lembra, a “estrela-guia da Zona Oeste” nasceu do time de futebol “Independentes de Padre Miguel”, o qual após suas partidas era comum os jogadores se reunirem numa roda de samba improvisada. O lugar preferido para a confraternização era no Ponto Chic – local que abriga bares e lojas de comércio em geral, além de palco para festas e manifestações culturais até hoje.

Para além da Mocidade, também vale destacar a importância da Unidos de Bangu para o seu território, considerada a escola de samba mais antiga da Zona Oeste em atividade até hoje. Em 1903 foi fundado o Grupo Carnavalesco Flor de Lira por funcionários da Fábrica Bangu, que se tornou uma das primeiras instituições voltadas para o carnaval do Rio de Janeiro e também uma das



Figura 31: Castor segurando a bandeira da Mocidade (esq.) e a do Bangu Atlético (dir.). Fonte: Medium, s.d.



Figura 32: Castor de Andrade nas paredes de Bangu. Fonte: Reprodução Globoplay, 2021

precursoras da Unidos de Bangu, que viria a ser fundada oficialmente em 1937.

Assim como a Mocidade, a escola também teve sua origem no futebol, sendo fruto da união entre jogadores e entusiastas. A sede do Botafoguinho era na casa de Aristóteles Montenegro e Souza (localizada na Rua Industrial, em Bangu), que também foi membro do Grupo Carnavalesco Flor de Lira e ele, com os outros integrantes do time, transformavam a equipe em um bloco carnavalesco durante o carnaval, desfilando pelas ruas do bairro e arredores. Foi somente em 1957 que os membros do bloco perceberam a necessidade de formalizar a associação, transformando o grupo em uma escola de samba, com a valiosa colaboração de Guilherme da Silveira Filho, que se tornou o patrono da escola e possibilitou sua filiação à Associação das Escolas de Samba.

A colaboração do Dr. Silveirinha com a cultura e o esporte local demonstra a correlação que a Fábrica teve na construção do que se entende de Bangu hoje em seus mais amplos aspectos. A Fábrica não apenas incentivava, mas também fomentava financeiramente atividades estruturadoras da identidade local, que nasce dentro do caráter fabril e principalmente operário. Os primeiros jogadores do Bangu Atlético Clube, bem como os primeiros carnavalescos foram funcionários têxteis, isso demonstra que o lazer e a cultura local foram determinados pela Fábrica, mas principalmente moldada para as especificidades e demandas banguenses e seu recorte social.



Figura 33: Mestre sala e porta-bandeira no ensaio da Unidos de Bangu. Fonte: autoral, 2025

Castor de Andrade segue sendo um dos grandes símbolos banguenses, principalmente na visão dos forasteiros do bairro. Agente influenciador do esporte e cultura local, hoje é mascote do time e da escola de samba que tanto amava e se dedicava. Apesar das polêmicas que envolviam sua vida, a presença do contraventor no imaginário e no discurso banguense consegue se manter viva e afastada dos aspectos negativos, de maneira saudosista, principalmente pelos torcedores do Bangu Atlético – como relatado nas entrevistas diretas.

Futebol, samba, contravenção e o “jeitinho carioca” de tudo celebrar estão presentes nessa composição mágica do imaginário exportado de Bangu, que muito doa de sua essência para favorecer uma interpretação do bairro, mas, ao mesmo tempo pode ofuscar a vida cotidiana e as relações afetivas estáveis que ali residem, como esta pesquisa busca demonstrar.



Figura 34: Bateria da Unidos de Bangu. Fonte: autoral, 2025

1.4 As tradições banguenses inseridas na paisagem do bairro

(...), mas o dia que vem à memória, trazendo-me boas recordações, é o 27/09, o dia de Cosme e Damião, sinônimo de apanhar doces. Muitos, mas muitos doces! Era um dos eventos mais aguardados pela garotada da Rua Fonseca em Bangu, não porque fossem religiosas ou devotas dos referidos Santos, mas, simplesmente porque era o dia de ganhar doces. Quando eu digo ganhar, representa uma quantidade hoje inimaginável, ou seja: mais do que um ser humano consegue consumir em um mês inteiro. (...). Recordo-me, que só no quarteirão em que morávamos, mais de 30 vizinhos cumpriam o ritual de dar doces, formando, em frente de cada casa, imensas filas de crianças aguardando para receber o seu açúcarado quinhão. Não sei se por tradição, ou se decorrente do cumprimento de promessa em resposta a alguma graça concedida pelos santos, mas o número de devotos era simplesmente enorme. (...). Recordo que os bares, botequins, restaurantes do bairro, todos, exibiam, sob um palanquim, a imagem dos venerados, Cosme e Damião. Era comum, também, muitos dos amigos e colegas de escola, terem os nomes dos referidos ícones religiosos, provavelmente, em razão da veneração de seus pais. Contudo, hoje, não mais tenho observado tal comoção, e me indago, qual será o motivo dos santos irmãos e mártires não serem mais tão populares quanto há 60 anos pretéritos? Será que as tradições se diluíram no tempo ou, por não mais residir no bairro tenha perdido o contato com esta antiga e saborosa realidade?

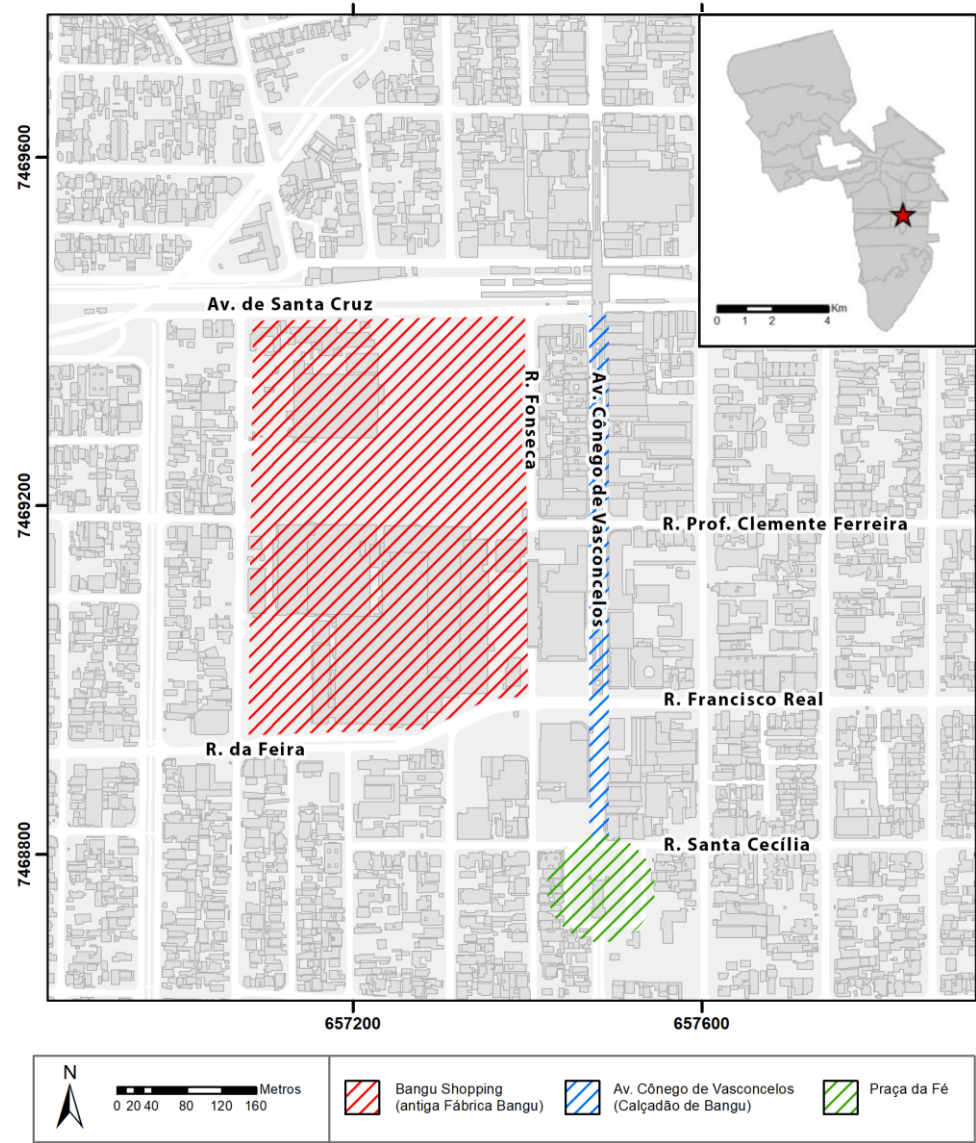
(Relato de “internauta” nas redes sociais do Facebook™ “Histórias de Bangu - A Memória de um bairro”, 28 de outubro de 2023)



Figura 35: A Praça da Fé decorada festivamente em alvirrubro. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 2002

Para discorrer sobre algumas das principais tradições banguenses inseridas na paisagem, é necessário criar um panorama geral sobre um dos principais palcos delas: a Praça da Fé. A praça abriga a matriz do bairro, a igreja de São Sebastião e Santa Cecília, desde 1910. Erguida por operários da Fábrica, sua fundação foi dada devido a demanda popular dos habitantes de Bangu, que muito reivindicaram por um espaço onde pudessem expressar sua fé (por isso, o nome da praça). Sua inauguração foi tão aguardada que durou três dias seguidos de celebração, com o apoio da Fábrica que suspendeu as suas atividades para que seus operários pudessem desfrutar.

Com muita ornamentação e envolvimento completo da população, esta comemoração foi a maior festa que o bairro havia visto até então, notícia que se espalhou e cativou rapidamente a população do restante da cidade. Com grande aglomeração, o evento proporcionava diversos divertimentos para quem quisesse se unir à folia: balanço, tiro ao alvo, fio aéreo, pau de sebo, carrossel e um leilão de prendas. Além disso, a banda de música da Fábrica se fez presente, embalando a festa. Essa celebração deu espaço a muitas outras seguintes que viriam acontecer na praça, fundando junto à Matriz o espírito festivo que representa o bairro, até hoje.



Mapa 6: Contextualizando geograficamente a Praça da Fé, autor 2025

Em uma arquitetura neogótica, a edificação destaca-se na paisagem do bairro desde sua construção, mas ainda respeitando o padrão manchesteriano dos tijolos avermelhados que eram comuns nas edificações do bairro. Ao longo dos anos, ela se consolidou como um local de encontro e expressão de fé para os moradores, com destaque para as festas de feriados religiosos que ali aconteciam e seguem acontecendo todos os anos. Essa ligação com a religiosidade é um dos aspectos que mais chama a atenção, trazendo à praça uma atmosfera de espiritualidade e união.

Acham-se muito adiantadas as obras da futura matriz que, incontestavelmente, virá a ser a mais mimosa igreja dos subúrbios. (...) O projeto e direção imediata dos trabalhos se devem ao senhor Villas Boas, chefe da Oficina de Gravação, (...) O púlpito de estilo gótico dos melhores, senão o melhor visto no Rio de Janeiro. A distribuição dos mármore está sendo disposta de um modo interessante, não comum assim como o batistério, tem um certo tom de originalidade, porém é litúrgico e belo. A singela, mas delicada decoração das abóbadas, causa agradável impressão. Quatro grandes vitrais, um na ábside e três no coro, dão mais brilho ao conjunto. O vitral, na ábside mostra uma bela imagem do Sagrado Coração de Jesus e no coro apresenta a crucificação do Senhor e os padroeiros do curato: São Sebastião e Santa Cecília.

(Texto de Victor Coelho, em abril de 1909. Trecho transcrito por Paulo Vitor Braga da Silva, In: Bangu 350 anos, 2023, p.125)

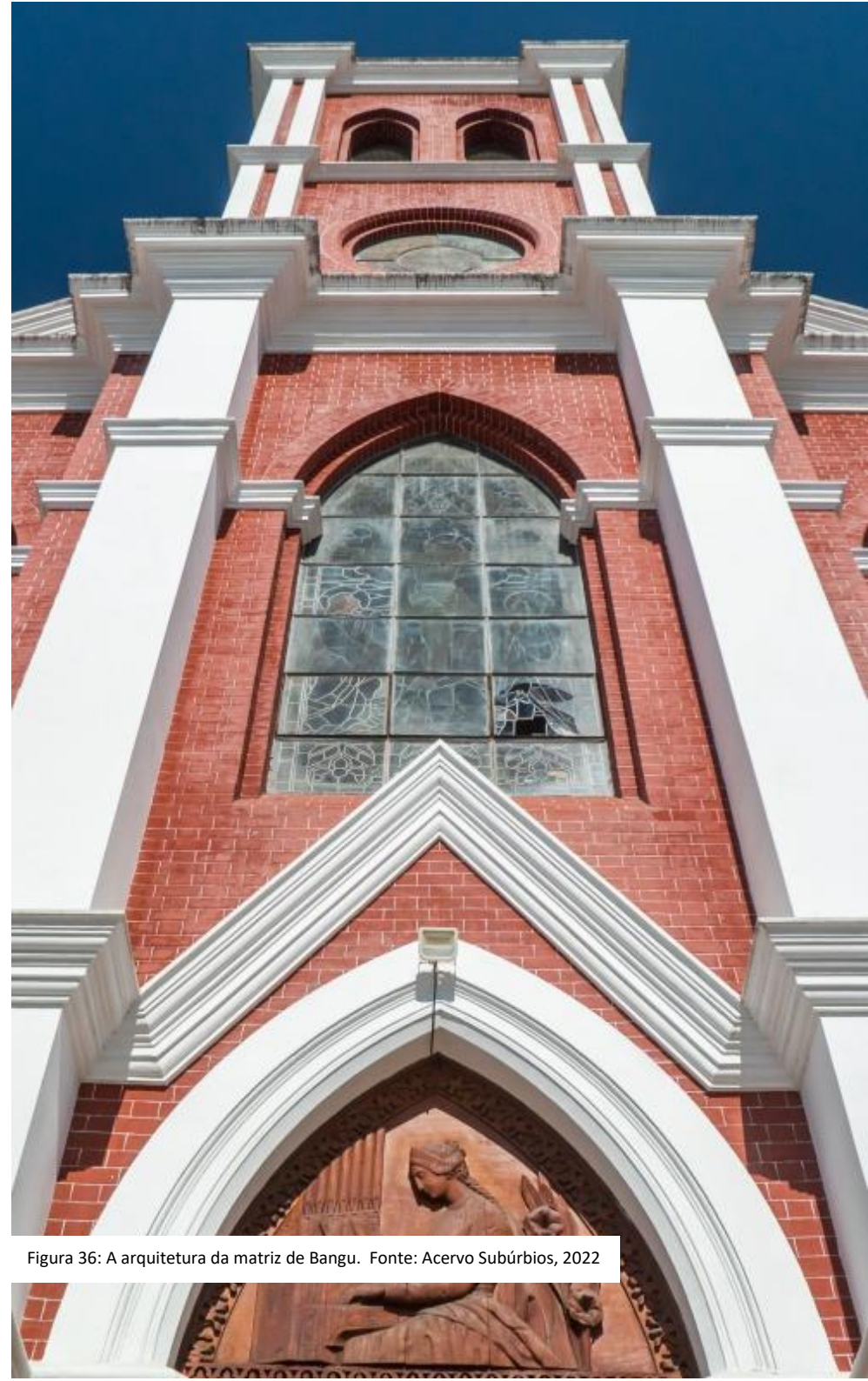


Figura 36: A arquitetura da matriz de Bangu. Fonte: Acervo Subúrbios, 2022

As festas dos padroeiros de Bangu (Figuras 37 e 38) sempre foram pontos de encontro importantes na região da Grande Bangu, que convidavam anualmente grande número de fiéis. Principalmente nos dias de São Sebastião há grande aglomeração nos arredores da praça, que seguem em procissão pelo bairro com as imagens sacra em destaque. É importante destacar que nesse evento em específico os fiéis têm o costume de usarem vermelho em suas vestimentas, por ser a cor que remete ao Santo. Em Bangu, no entanto, é muito comum verem diversos habitantes com a camisa alvirrubra do Bangu Atlético, o que reforça o sentimento de identidade local que também se comemora neste dia. A camisa vai além da representação do time, simbolizando principalmente um sentimento de afeto e pertencimento ao bairro.

Além de sua conexão religiosa, a praça também desempenhou um papel social importante, sendo um espaço para a realização de atividades culturais e de lazer. No seu entorno se localizavam os maiores pontos de encontro de Bangu, destacando-se o Bangu Atlético Clube (que para além do time de futebol, após a sua fundição com o Bangu Club começou a desempenhar forte papel cultural promovendo bailes e eventos comemorativos) e o Casino Bangu.



Figura 37: Procissão de São Sebastião. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1968



Figura 38: Procissão de São Sebastião. Fonte: Acervo Museu de Bangu, s.d.

O Casino (Figura 39) foi fundado em 24 de Janeiro de 1895, por iniciativa dos operários da Companhia Progresso Industrial do Brasil, com o nome inicial de Sociedade Musical Progresso, mudado, em assembleia de 7 de janeiro de 1906, para o que é conhecido até hoje. Rapidamente o clube se tornou um local de referência e lazer para os trabalhadores da Fábrica Bangu, chegando a receber em 1926, o então Presidente da República Washington Luiz. Em 1929, o prédio que servia de sede ao Casino Bangu foi retomado pela Fábrica, e o clube se mudou para rua onde permanece até os dias atuais. Na edificação histórica hoje abriga a sede do Bangu Atlético Clube.

Esses clubes e iniciativas populares demonstram as demandas socioculturais da região e da realização delas com incentivo financeiro da Companhia, que comandava o bairro. Essas manifestações e eventos ajudaram a fortalecer a identidade do bairro e a integração entre seus moradores, que se viam acolhidos pela Fábrica e pelo bairro, tendo em vista que em Bangu você poderia morar, trabalhar e se divertir com o respaldo e a segurança que lhe era oferecida pelo agente local.

Com o tempo, a Praça da Fé passou por diversas reformas, mas sempre manteve seu papel central na vida cotidiana da comunidade. Ao longo das décadas, ela se tornou um símbolo da história de Bangu, refletindo nas transformações sociais e culturais da região, enquanto continuava a ser um lugar onde moradores e visitantes se reuniam para celebrar a fé, a cultura e a convivência.



Figura 39: Sede do Casino Bangu, na Rua Fonseca. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1977

eBangu



Figura 40: Baile de carnaval no Bangu Atlético Clube. Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1942

om/museudebangu

Hoje, a praça ainda é um marco importante no bairro, carregando consigo as memórias e tradições que definiram o desenvolvimento de Bangu ao longo do século XX. É nela onde ainda ocorrem os principais eventos, como ensaios da Unidos de Bangu, blocos de carnaval e outros eventos culturais, além de encontros da velha-guarda banguense em todo primeiro sábado de dezembro.

Tem crescido o número de manifestações culturais na região, como o Festival Bangu 350°C (2023) e a Primavera Banguense (2024), ambos promovidos pelo Festival de Música e Cultura de Rua de Bangu, que visam o incentivo, a divulgação e a participação cultural e de lazer na região da Grande Bangu. Neles foram reunidos diversos artistas e grupos a fim de difundir a produção local, além de promover rodas de conversa sobre a importância da preservação patrimonial e memorial do território.

A Primavera Banguense foi um circuito cultural que ocupou simultaneamente quatro espaços emblemáticos da região, como o Parque Realengo Susana Napolini, Espaço Cultural Márcio Conde, Areninha Carioca Hermeto Pascoal e Praça Guilherme da Silveira. Já o Festival Bangu 350°C, ocorrido no ano em que o bairro completara 350 anos, tomou espaço na Praça da Fé.

Essas manifestações são importantes na criação de um senso de pertencimento e de um avivamento das tradições locais, que mantêm vivas uma memória histórica local e significativa, que precisa ser

preservada. O trabalho do Museu de Bangu, nesse contexto, se destaca como uma peça fundamental não apenas para o bairro, mas também para a cidade e o país, dada a escala de influência que Bangu e sua Fábrica já tiveram.

2. Memória, Paisagem e Identidade

Este capítulo visa explorar de forma detalhada os conceitos que foram fundamentais para embasar a metodologia proposta e a exploração in situ. É proposto aqui um passeio gradual pelas questões relativas à abordagem escolhida para este trabalho, a saber: a notação de uma identidade banguense por meio da paisagem local e da memória.

Primeiramente será caracterizado o que é referido como “memória” nesta pesquisa, e a sua importância para a construção das identidades locais. Em sequência, será explorado o conceito de “paisagem” e “afeto”, correlacionando os dois e explicitando a mútua influência entre os extratos físico e cognitivo. Partindo desse gancho, o entendimento de “ambiências” e “subjetividade”, rebatidos no contexto banguense investigado neste trabalho, encerra o capítulo – fundamentando toda a discussão seguinte.

Cabe destacar que o panorama elaborado servirá para entender a interligação dos conceitos abordados e das reflexões levantadas por este trabalho, que incorporará outros autores que debatem estes tópicos ao longo dos próximos capítulos, de maneira direcionada ao que será debatido.



Figura 41: A coroa da Rainha Vitória na torre do Bangu Shopping. Fonte: autoral, 2022

2.1 A importância da memória na construção de identidades

Durante muito tempo foi buscado, por meio da psicologia ambiental, respostas quanto às maneiras que os aspectos físicos de um ambiente influenciavam nos processos de construção psicológica de seus usuários. Mais recentemente, a Psicologia Ambiental e o Behaviorismo refutaram a delimitação de marcas espaciais específicas ou de contextos sociais como os formuladores dos padrões de uso de um determinado ambiente, e recorreram ao papel da experiência e da memória para trazer à tona outros conhecimentos, como o de sensorialidade incorporada.

Para Jodelet (2001) essa abordagem empirista, a partir da memória, separava o aspecto físico ambiental das subjetividades de seus usuários. Se por um lado essa análise permitiu analisar funcionalmente a morfologia, como a observação do jeito que pessoas circulam nas ruas ou as dificuldades nas maneiras de habitar, por outro, também foram simplificados os aspectos sociais e físicos desses lugares em uma ideia geral de ambiente, que foi usado como um cenário ideal para estudar como as pessoas se comportam e pensam. A autora evidencia a valorização dos fenômenos da memória como mecanismo de defesa das identidades, favorecendo um desenvolvimento durável não apenas dos lugares de memória, mas também da memória e dos costumes, a memória do modo de vida e a memória das técnicas.

Reconhecendo, portanto, que há uma ligação fenomenológica entre memória e o sentimento de identidade, Michel Pollak (1994), recorrendo à psicologia social e a psicanálise, comenta a existência de três elementos essenciais para a construção da identidade:

Há a **unidade física**, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do copo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a **continuidade dentro do tempo**, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o **sentimento de coerência**, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. (Pollak, 1994, p. 5. Grifo nosso.)

Dessa maneira, o autor defende que na medida em que a memória é também um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência herdada de um grupo, ela se torna um elemento constituinte do sentimento de identidade (Pollak 1994). Ou seja, a memória dos grupos atribui sentido aos seus espaços e às vidas na cidade. Tal interpretação permite uma representação de como as identidades e práticas obedecem às lógicas plurais e orientam relações diferenciadas com grupos e com cidadãos, com seus espaços de vida e com formas de apropriação específicas.

De maneira similar, Maurice Halbwachs (1990) conceitua que nossas lembranças são socialmente condicionadas ao meio que estamos inseridos. A forma como lembramos e o que lembramos são definidos pelos quadros sociais, o que estrutura a narrativa que o grupo faz de si mesmo, ou seja, sua identidade. Para o autor, cada grupo social seleciona certos elementos do passado para lembrar, esquecendo outros, criando assim uma narrativa comum que reforça os laços entre os membros. As lembranças evocadas pelos sujeitos — como as relações de vizinhança, os espaços de lazer e os marcos urbanos do bairro — não são apenas experiências pessoais, mas sim manifestações de uma memória socialmente construída, que ancora o sentimento de pertencimento ao território.

Para Halbwachs (1990), a continuidade da identidade coletiva depende da reconstrução da memória, sendo assim um elemento passível de mudanças. Um grupo seleciona e reinterpreta o passado para dar sentido ao presente e projetar um futuro, em uma lógica central à identidade coletiva, destacando a importância do espaço físico e dos lugares compartilhados na construção da memória. Portanto, o espaço vivido torna-se suporte simbólico da identidade do grupo que ali vive, reforçando laços, tradições e sentidos compartilhados. Em Bangu, as memórias dos moradores não são apenas relatos pessoais, elas estão fortemente ligadas à vivência em comunidade, ao bairro enquanto lugar de pertencimento.

Paralelo a isso, o conceito de identidade para Candau (2012) é profundamente ligado à memória e às relações sociais, sendo construída através da interpretação das interações entre indivíduos e grupos.

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nos modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (Candau, 2012, p.16).

Quando pensado o espaço da cidade, a memória individual e a coletiva são manifestações o sustentam de forma não linear e atrelada. A compreensão da memória na coletividade produz coesão entre os sujeitos, de diferentes grupos e classes sociais, no espaço em que vivem. No entanto, segundo Candau (2012), é importante diferenciar a memória coletiva de uma memória compartilhada de forma literal, tendo em vista que os mesmos grupos podem compartilhar dos mesmos marcos memoriais, mas não das mesmas representações do passado. Essa visão reconhece a complexidade das identidades em contextos sociais diversos e a importância de entender a identidade como algo sempre em construção, influenciado por múltiplas temporalidades e experiências. Dessa

maneira, é considerado que tanto o espaço quanto a memória são sistemas abertos que mediam as experiências dos sujeitos com o tempo e seu espaço atual (Candau, 2012).

Candau (2012) cria uma abordagem diante de uma série de análises quanto à decomposição do conceito de memória, na qual ele difunde essa definição em três níveis fundamentais: a protomemória, a memória de evocação e a metamemória. A protomemória ocorre de forma quase instintiva, sem uma avaliação antecipada. Ela representa essencialmente um discernimento prático, onde o passado não é retratado, visto que ele já está atuante no corpo. Ela se configura como a memória coletiva internalizada, mostrando-se presente por meio de manifestações como gestos, costumes e línguas. A memória de evocação é o que conhecemos como a definição popular e básica da memória em si, sendo uma forma comum e voluntária de recordar algo. Esta memória é geralmente alimentada por fontes externas como crenças religiosas, sensações, momentos. A terceira fragmentação do conceito de memória segundo Candau é a metamemória, essa que, por sua vez, tem raízes fortes na filiação ostensiva sendo, assim, nossas próprias memórias em forma de representações.

A protomemória e a memória propriamente dita (memória de evocação) não podem ser divididas em um mesmo pensamento ou ideologia, pois segundo o autor apenas a terceira memória

(metamemória) pode ser compartilhada pela maneira como ela é constituída como um conjunto de representações.

Dessa maneira, a identidade também não é considerada fixa, mas dinâmica e mutável, formada e reformada continuamente pelas práticas, narrativas e lembranças que os indivíduos e os grupos produzem no território em que vivem. Essa reflexão se relaciona ao que defende Bauman (2005): para o autor, “pertencimento” e “identidade” não são conceitos solidificados ou eternamente determinados, pelo contrário, eles se demonstram flexíveis perante as decisões, desejos e trajetórias do indivíduo.

Nesse mesmo princípio, Stuart Hall (1992) complementa identificando a sociedade moderna como uma sociedade de constantes mudanças, rupturas e fragmentações que as diferencia das sociedades tradicionais preservadas por meio da perpetuação de tradições. Para Hall, a nação seria uma “comunidade imaginada”, construída por relações de poder e do desejo de conviver em conjunto, perpetuando uma herança cultural. Histórias, memórias, identificações e identidades criam essa cultura nacional unificada, originando assim essa comunidade.

A globalização é a resposta de como é que essas identidades nacionais vão sendo descentradas, quando tudo que acontece não é a criação de um indivíduo e sim desse mundo conectado, onde a temporalidade e a espacialidade tomam novas formas. As próprias

identidades, portanto, sofrem mutações se desvinculando, desalojando de suas fronteiras, agora cruzando e ultrapassando as fronteiras, fazendo com que seja mais difícil preservar identidades culturais intactas ou impedi-las de enfraquecer-se.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a memória de Bangu, embora submetida às pressões e deslocamentos impostos pela globalização, mantém-se viva por meio de sua capacidade de constante reinvenção e atualização, reafirmando o bairro como lugar de origem, de pertencimento e de resistência às homogeneizações. Se, como defende Hall, a nação é uma “comunidade imaginada”, a vivência banguense pode ser compreendida de forma semelhante: um sentimento de pertencimento que coloca o bairro no centro das experiências de seus moradores, funcionando como uma “nação em miniatura”. Essa identidade coletiva se alimenta das memórias coletivas e da herança cultural compartilhada, que se tornam referências afetivas e simbólicas de continuidade.

Portanto, esta pesquisa reconhece não apenas a relevância da memória na construção de uma identidade, mas sua interligação direta com ela. No contexto de Bangu, entender a memória coletiva do passado do bairro é entender também as dinâmicas identitárias nascidas e transformadas por todos os elementos constituintes do território. A identidade banguense pode ser interpretada como resultado de um processo dialético, no qual memória e práticas sociais se entrelaçam para produzir narrativas de pertencimento.

Trata-se de uma identidade em constante (re)construção, que se ancora nas experiências compartilhadas e nos modos de vida locais, mas também se abre às rupturas, deslocamentos e ressignificações trazidos pelo tempo. Em última instância, é na vitalidade dessas memórias em movimento e na força das relações comunitárias que se sustenta a permanência de um sentimento coletivo de ser e de estar em Bangu.

2.2 Paisagem e Afeto

As conexões que se estabelecem entre a configuração visual de uma cidade e seus habitantes emergem tanto da expressão da particularidade do modo de vida, do contexto social e das ocupações que conferem singularidade à materialidade dos espaços, quanto da incorporação das particularidades sociais dos sujeitos, que conferem identidade à paisagem urbana e moldam seu valor.

Guattari (1992) defendeu que as construções dos espaços urbanos contemporâneos funcionam como máquinas enunciativas. Isso significa que seu impacto vai além das estruturas visíveis e funcionais, engajando e interpelando os indivíduos de diversas maneiras: histórica, funcional, afetiva, simbólica, estilística. Cada conjunto material (rua, prédio, cidade) é um foco de subjetivação. “Não seria demais enfatizar que a consistência de um edifício não é unicamente de ordem material, ela envolve dimensões maquínicas e universos incorporais” (Guattari, 1992, p.161-162).

De maneira complementar, Besse (2014) afirmou que toda paisagem urbana se constitui das realizações humanas tanto físicas, relativas às construções, quanto simbólicas, relativas às interpretações. Dessa forma, uma paisagem não é apenas o que se vê, mas um discurso resultado de um modo de estar nela e de lê-la, princípio discutido por vários autores da teoria da paisagem. Jean-Marc Besse (Op. Cit.) afirma:

A paisagem não existe, objetivamente, nem em si; então, ela é relativa ao que os homens pensam dela, ao que percebem dela e ao que dizem dela. Ela é um tipo de grade (retícula) mental, um véu mental que o ser humano coloca entre ele mesmo e o mundo, produzindo, com essa operação, a paisagem propriamente dita. (...) A paisagem fala-nos dos homens, dos seus olhares e dos seus valores, e não propriamente do mundo exterior. Na realidade, só haveria paisagens interiores, mesmo se essa interioridade se traduz e se inscreve “no exterior”, no mundo. (Besse, 2014, p. 12-13)

Yi-Fu Tuan (1979) sugere que a paisagem é uma percepção quase única e pessoal, como um produto da cultura humana e da experiência do espaço. Para ele, a “paisagem é como uma imagem, uma construção da mente e do sentimento. Imagens de paisagens são potencialmente infinitas, ainda que elas pareçam ter semelhanças familiares” (Tuan, 1979, p. 89). O autor também discorre o conceito de Lugar, caracterizando-o a partir da criação de laços de pertencimento e afeto com a paisagem, evidenciada como Topofilia (Tuan, 1980).

Tudo que compõe uma paisagem, assim, desde seus aspectos mais concretos aos mais sensoriais, se relaciona com os sentimentos atribuídos pelos usuários a ela. A identificação e o pertencimento são

intimamente ligados às relações sociais com os espaços físicos, que dialogam mutuamente e constroem o que se entende do lugar. Desta maneira, que a relação entre pessoas e lugares é dialógica, significando que não é apenas o lugar que influencia as pessoas, mas também as pessoas que atribuem significados e modificam os lugares.

Na moderna Psicanálise, a ideia de identificação está inserida no processo pelo qual a ideia de um mundo externo se funde ao mundo interno de um sujeito, o que garante a adesão e criação de vínculos. Para a Geografia, a identificação é a criação de vínculos, um “selo” de pertencimento ao local. Nesta pesquisa, seguiremos o caminho fenomenológico que implica diretamente no sentimento de bem-estar e de familiaridade do sujeito com o seu entorno. Num diálogo com Jacques Derrida (2003), Anne Dufourmantelle coloca:

Quando entramos num lugar desconhecido, a emoção sentida é quase sempre a de uma infundável inquietude. Depois começa o lento trabalho de familiarização com o desconhecido, e pouco a pouco o mal-estar se interrompe (Derrida, 2003, p. 28).

Este diálogo contínuo entre identidade e identificação implica que os lugares são moldados por práticas e narrativas humanas, ao mesmo

tempo em que moldam as experiências humanas. Quando um lugar é dotado de afetividade e valores, constroem-se sentimentos de pertencimento (Fischer, 1994), que promovem atos de apropriação simbólica ou material.

Pode-se dizer, portando, que a paisagem neste contexto é um conjunto de afetos ocasionados pelo habitar. Nesse sentido, a Teoria dos Afetos, de Ben Anderson (2005), converge com o que foi exposto, tendo em vista que, para o autor, os afetos são intensidades pré-cognitivas que circulam entre corpos e espaços, criando ambiências que influenciam comportamentos e percepções antes da formação de emoções conscientes.

A Teoria dos Afetos (Op. Cit.) nos ajuda a compreender que a apropriação do espaço público não se limita a uma simples ocupação física ou funcional do ambiente. Em vez disso, ela envolve uma "sintonização afetiva", em que as pessoas imergem no espaço e, ao mesmo tempo, são afetadas por ele. O espaço, por sua vez, afeta os corpos e, por meio dessa troca, eles modificam o espaço, gerando um ciclo contínuo de interações afetivas. Ao se sentar em um banco de praça ou ocupar um canto de rua para um evento informal, os gestos de apropriação não se restringem ao uso físico do banco ou do espaço; eles se expandem para uma experiência emocional que envolve o sentido de pertencimento, bem-estar ou até resistência.

A apropriação de um espaço público se dá, portanto, pela transformação dele em um lugar sensorial e emocional, que é experimentado e reconfigurado através dos gestos das pessoas, tendo em vista o dinamismo que um lugar pode ter por não ser considerado estático ou predefinido. Esses gestos de apropriação — como o simples ato de caminhar por uma rua, dançar em uma praça, pintar um muro ou ocupar um espaço de forma temporária — têm o poder de transformar a paisagem e ativar as forças afetivas dos espaços públicos.

Ao ocupar uma paisagem de maneira que desafia suas normas ou expectativas, os indivíduos podem reconfigurar a ambiência afetiva do lugar. Quando as pessoas se apropriam do espaço de forma ativa e emocional, elas não só modificam sua funcionalidade, mas também alteram sua dinâmica afetiva. Esse processo vai além da simples modificação física do ambiente, tocando as esferas emocionais e subjetivas dos indivíduos e das comunidades. A força desses gestos de apropriação, que podem ser tanto individuais quanto coletivos, também tem o poder de transformar o próprio espaço público.

'Ser afetado' e 'afetar' são, portanto, dois lados da mesma mudança dinâmica, pois quando você afeta algo, você está ao mesmo tempo se abrindo para ser afetado em troca. Dessa maneira, se por uma ótica a construção da paisagem pode ser considerada um conjunto de afetos inerentes ao vivenciar, por outra ela também é capaz de

afetar diretamente as dinâmicas sociais, percepções espaciais e sentimentos individuais e coletivos, bem como a relação memorial com a identidade e o pertencimento de seus usuários. Os modos que seus habitantes se apropriam dos espaços públicos, seja por lazer, esporte, trabalho ou apenas passeio, compõem um conjunto de afetos que afetam diretamente não apenas a percepção e leitura da paisagem, mas também a construção de como ela é.

2.3 Ambiências e subjetividade

A paisagem motiva experiências sensíveis a partir da apreensão do que se entende por ambiências, que traz reflexões quanto aos tipos de percepções, ações e vivências que são dadas em determinados contextos, aproximando sua definição do campo empírico. Na verdade, é desafiador definir o que são ambiências dada a complexidade de enquadrar em palavras engessadas às nuances e subjetividades inerentes ao ato de sentir o espaço. Jean-François Augoyard comenta “a ambiência é provavelmente a coisa do mundo mais fácil de sentir e mais difícil de explicar” (Augoyard, 2007, p.33).

Em uma perspectiva husserliana, pode-se dizer que ambiência e sujeito se fundem por meio da experiência do/no Lugar. É mesmo difícil compreender uma ambiência sem menção à experiência. Ou seja: a descrição de uma experiência se presta muito mais à explicação da noção de ambiência do que frases que teorizam o conceito (Duarte et al., 2023, p. 110)

Este conceito considera um conjunto de estímulos obtidos a partir da experiência humana no ambiente, do ato de habitar e vivenciar um lugar. A maneira como nos sentimos, nossos afetos, desafetos e até os sentidos humanos ditam a maneira como recebemos as

informações que um espaço nos imprime. Portanto, compreender as ambiências se faz importante dentro do contexto urbano contemporâneo uma vez que é a partir delas que absorvemos as percepções espaciais que estamos inseridos, abrindo a possibilidade de compreensão de experiências sensíveis das cidades.

Portanto, a ambiência não é considerada um objeto da percepção, mas estabelece seus termos, afetando todos os tipos de ação. Ela integra e articula planos tão distintos quanto os sinais físicos, o ambiente construído, a percepção ordinária e as práticas sociais. Para Thibaud (2004), ela pode ser caracterizada conforme seu grau de pregnância, sendo indivisível e estabelecendo lugar, mobilizando o corpo e sendo absorvida imediatamente pelos sentidos, sendo corporificada e convocando o movimento. É o que compõe o cotidiano das cidades, transmitida ao indivíduo pela percepção ativa e situada espacialmente.

Dessa maneira, a ambiência é indissociável da presença humana, do ato de sentir, sendo assim a peça fundamental para a percepção do mundo com o qual interagimos. Os atos de apropriação dos espaços e a análise cognitiva e comportamental dizem tanto sobre ele, quanto seus aspectos físicos e concretos. A relação entre o corpo e a ambiência, como descrita por Thibaud (Op. Cit.), faz com que o espaço, para o sujeito, seja sentido e vivido de maneira única, constituindo-se como um campo de tensões afetivas, onde os gestos

de apropriação e as experiências sensíveis revelam a construção da identidade local.

O sujeito perceptivo está envolto no mundo que ele percebe. A ambiência cria uma forma de tensão no corpo, despertando nossa capacidade de agir. [...] A ambiência afeta nossa conduta e nosso estado corporal. [...] não é apenas sentida. Ela também afeta o movimento. Em outras palavras, a sensibilidade e a motilidade são duas faces indissociáveis do mesmo fenômeno, sem ser possível conferir primazia de uma sobre a outra. (Thibaud, Op. Cit., p.354-356)

Se as ambiências são frutos da percepção humana do espaço, elas também estão condicionadas às mudanças e transformações da paisagem. “Uma Ambiência se compreende (e surge) de forma sensorial; ela é a metáfora das representações abarcadas por quem nela transita e dos tempos que ela compõe” (Pinheiro, 2010, p. 44). O próprio bairro de Bangu, como espaço vivido, é uma ambiência em constante transformação, gerada por suas dinâmicas sociais, culturais e afetivas. Nesse sentido, é difícil se prender a uma ambiência imutável ou fixa, mas sim entendê-las como frutos do momento presente, definidas pelos sentimentos e sensações do aqui e do agora.

Portanto, é por meio do corpo que captamos a percepção sensível do mundo com o qual interagimos, estabelecendo uma relação de reciprocidade e troca constante com a ambiência que se estabelece. Como afirma Duarte (2013), é a partir dessa relação de fricção que surge o reconhecimento do que está além de si mesmo: o outro. Falar de ambiências, portanto, é falar sobre o que é subjetivo, singular e inerente ao ser humano. Para Pinheiro (Op. Cit.):

A subjetividade é o mundo interno de todo e qualquer ser humano. Este mundo interno é composto por emoções, sentimentos e pensamentos. Através da nossa subjetividade construímos um espaço relacional, ou seja, nos relacionamos com o “Eu” ou com o “Outro”. (Pinheiro, Op. Cit., p.53)

Assim, a interpretação de que existem ambiências banguenses é um ponto de partida para entender a importância dessa classificação dentro das especificidades de contexto. Se a subjetividade vem do sentimento interior da relação do “Eu” com o “Outro”, ela pode ser considerada um produto das relações interpessoais e com o ambiente presentes em cada realidade socioespacial e cultural.

A ambiência, como a metáfora das representações sensoriais e afetivas criadas pelas experiências espaciais, é fundamental para

entender como os moradores constroem suas identidades locais. As ambiências não podem ser definidas de forma estática; elas são dinâmicas, influenciadas pelas práticas cotidianas, pelas memórias e pelas relações sociais e afetivas estabelecidas ao longo do tempo. Portanto, o estudo das dinâmicas da paisagem banguense e dos usos cotidianos do espaço revela não apenas os aspectos materiais do bairro, mas também como essas experiências são sentidas e interpretadas pelos moradores, constituindo a identidade que se revela na memória coletiva de Bangu.

Uma ambiência banguense, aos olhos do habitante, tem sensibilidades singulares referentes ao vivenciar, ao passado ambiental e ao afeto das narrativas e memórias. No entanto, não é nosso interesse conceituar ou traduzir o que são “ambiências banguenses” nesta pesquisa, mas entender que elas prenunciam uma diversidade de acontecimentos que remontam a um estado de integração do bairro com as suas atividades mais rotineiras. De maneira clara, no capítulo de análises, serão traçadas algumas dessas características.



Figura 42: As ambiências na Praça da Guilherme, em Bangu. Fonte: autoral, 2025

3. Os resíduos do passado presentes na paisagem, memória e identidade de Bangu

*Quantos tijolos, quantos mais
Vindos de navios da Inglaterra
Para erguer uma vila sobre essa terra
Quantos povos, quantos tais
Entre colonos e exilados
De longe ou perto
Para fundar um bairro*

*Quanto tempo levará
Para que a duração da memória
De cada um, não apague
Os dias mais lembrados?
Ruas com tantos nomes
Correrão para épocas adiante
Ocupando a sua visão aérea.*

(Nascimento, 2021, p.25)

Milton Santos (1978) formula o conceito de rugosidades, palavra do vocábulo geomorfológico, que se refere às características históricas e culturais do espaço que resistem à homogeneização imposta pelo processo de globalização e pelas transformações econômicas e tecnológicas. Estas rugosidades são, essencialmente, as marcas deixadas por práticas sociais passadas, infraestruturas antigas, modos de vida tradicionais e formas de organização territorial que não desaparecem completamente, mesmo diante das mudanças e da modernização. O espaço é identificado como meio material de



Figura 43: A chaminé no cotidiano do bairro. Fonte: autoral, 2022

possibilidades determinadas pelo tempo, pelo encontro entre passado, presente e perspectivas de futuro.

As rugosidades nos oferecem (...) restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados. Assim, o espaço, espaço-paisagem, é o testemunho de um momento de um modo de produção nestas suas manifestações concretas, o testemunho de um momento do mundo. O modo de produção que (...) cria formas espaciais fixas pode desaparecer - e isto é frequente - sem que tais formas fixas desapareçam. (Santos, 2004, p. 173)

Os elementos preexistentes do espaço, introduzidos em determinado período histórico com fins produtivos, exercem influência, muitas vezes significativa, sobre a forma como novos modos de produção passam a ser representados e incorporados ao território. No caso do Bangu Shopping, observa-se uma reconfiguração das antigas estruturas fabris, que foram ressignificadas para atender às lógicas do consumo atual, sem que se apagassem por completo suas origens industriais. Essas estruturas, juntamente com suas marcas no tecido urbano, operam como resíduos materiais da sobreposição de diferentes projetos de

apropriação do território. A permanência dessas formas, como destaca Choay (2001), revela a capacidade da paisagem urbana de incorporar camadas históricas, que se tornam referências simbólicas e funcionais no processo de transformação das cidades.

Tendo em vista que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, individual ou coletiva, o qual deve ser dialógico com as exigências arquitetônicas e urbanísticas contemporâneas, como demonstramos no capítulo anterior, é importante demarcar o papel dessa memória recente para a construção e manutenção de identidades banguenses.

Dentro deste cenário, marcado e impactado pelas transformações e mudanças inerentes à expansão e desenvolvimento das cidades, destaca-se o embate entre memória e esquecimento, tendo em vista que muitas vezes os símbolos históricos abrem espaço para novas construções que acompanhem a modernização territorial. De acordo com Pinheiro e Duarte (2008), “o embate entre a memória e o esquecimento se faz, na arquitetura, diante do que conservar, do que retirar ou de como unir estes dois elementos.”

Essa noção se faz importante quando analisamos os elementos estruturais ainda presentes na paisagem banguense como um resgate material do passado do bairro. O patrimônio originalmente fabril resistente no território, bem como a sua malha urbana têm o

papel (às vezes intencionais) de elucidar um tempo pretérito, ativando afetivamente a memória fundadora do bairro.

Pensando que a memória e a identidade estão vinculadas a objetos materiais e espaços físicos, é importante refletir quanto ao conceito de Espaços de Recordação. Para Aleida Assmann (2011), eles surgem por meio de uma iluminação parcial do passado, do modo como um indivíduo precisa dele para a construção de sentido e para a fundação de sua identidade. Uma recordação como essa, quando vinculada a um suporte individual ou coletivo, apresenta tendência basicamente perspectivista; a partir de um determinado presente ilumina-se um determinado recorte do passado de modo que ele descortina um determinado horizonte futuro. Para a autora, o que se seleciona para a recordação sempre está delineado por contornos de esquecimento.

Dessa maneira, os caminhos para a preservação do passado e o progresso é demarcado por linhas de lembrança e esquecimento, deixando claro que a existência de espaços que não apenas celebre, mas que conte didaticamente a história e a cultura local, influência diretamente na leitura que sua população tem.

A valorização deste passado fabril se relaciona com as suas rugosidades no atual shopping center como espaços de recordação e com as paisagens mentais de seus moradores, tomadas pelas lembranças visuais da fumaça da chaminé e sonoras do seu apito

que parece ainda ecoar pelos ares. Para além da edificação histórica da antiga Companhia, os resíduos memoriais também são percebidos nas ruas, nomeadas em homenagem à Fábrica e às personalidades importantes que passaram pelo bairro, que de maneira material e imaterial guardam as lembranças de todos os banguenses que por ali passaram e ainda passam todos os dias.

A reflexão que é proposta nesse contexto é como esses resíduos (físicos e simbólicos) do passado são capazes de influenciar a percepção ambiental do que se entende como paisagem e, assim, caracterizar (ou não) uma identidade local. Poderiam os marcos visuais que façam referências aos tempos de outrora determinar uma identidade em pessoas que não necessariamente viveram o que ela representa? Como a herança fabril e seu legado ainda conseguem se manter forte a partir dessas rugosidades?

Para que esse legado seja eficaz, é necessário que os "pedaços do Bangu antigo" ainda estejam presentes na vivência cotidiana das pessoas. Eles podem ser tangíveis, como a arquitetura de um edifício histórico ou a organização de um evento tradicional, ou intangíveis, como as histórias contadas durante um almoço em família ou nas conversas informais entre vizinhos. São essas memórias, vividas e revividas na paisagem e no imaginário, que asseguram a continuidade do vínculo afetivo com o bairro e evitam que ele se dissipe ao longo do tempo. Quando as gerações mais novas não têm a oportunidade de experimentar esses "pedaços do

passado" ou quando esses elementos históricos desaparecem da paisagem, a memória tende a se perder de fato, levando consigo o sentimento de pertencimento e a construção da identidade coletiva.

O Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos (também identificado como Museu de Bangu) surgiu como um idealismo de pessoas ligadas afetivamente ao bairro, durante um encontro casual na antiga Padaria Mercúrio no dia 8 de março de 1994. Benevenuto Rovere e os senhores Murillo Guimarães e Antônio Fernandes Filho se entusiasmaram com a ideia de resgatar e reunir os valores culturais e históricos de Bangu em um lugar de memória, convidando posteriormente outros colaboradores. Após várias reuniões e encontros, em 24 de maio do mesmo ano é fundado o atual museu do bairro, localizado na Rua Silva Cardoso nº 349 desde então.

Este, ao longo dos anos, se consolidou como importante expoente científico de pesquisa e exaltação sobre a memória do bairro, que divulga a história fundadora por meio de eventos, lançamentos de livros e parcerias com instituições privadas. Gerenciado de maneira autônoma por moradores, é símbolo de resistência e manutenção de uma memória coletiva de outrora, auxiliando em manter viva as lembranças que constituem Bangu.

Todo banguense é um lembrador. Traz consigo recordações de varandas e calçadas cheias de gente com calor como se estas fossem ágoras e

arenas até nos dias mais triviais. Dos sábados, recorda anos inteiros. Transmite uma história materialmente culturalista, acelerada como máquina a vapor. Estampa no tecido do tempo excitações únicas porque, antes, banguenses. Disso tudo, cria as memórias comuns a quem dali saiu e que, por isso, seguiu gostando de gente e de contar o passado que anda com a gente. (João Felipe Pereira Brito sobre o livro “Memórias de uma Infância no Subúrbio: Bangu, o bairro que me embalou”, grifo nosso, 2022)

É interessante evidenciar o interesse dos banguenses não apenas em preservar suas histórias, mas também em exaltar sua cultura. Na internet, diversos internautas todos os dias relembram dos tempos de ouro, compartilham memórias e expressam seus afetos pelo bairro nos grupos de facebook. Nesse ponto de encontro virtual, também são combinados eventos, além de divulgados projetos sociais que visam fomentar a movimentação popular em prol de melhorias em Bangu (como a organização Reage Bangu, que apesar de focar mais diretamente nas representações futebolísticas, têm outros projetos de integração com a sociedade). É notável a aderência popular nessas iniciativas, principalmente pelos moradores mais antigos, que dedicam parte de sua vida a tentarem retribuir o carinho e a importância que o território tem para eles.

Bangu, 352 anos de história, luta e paixão!

Hoje, Bangu não apenas celebra mais um ano de existência, mas exalta uma trajetória grandiosa, repleta de conquistas, desafios e momentos inesquecíveis. São 352 anos de um bairro que carrega o DNA do Rio de Janeiro e do Brasil, onde cada rua tem uma história para contar e cada morador é parte viva dessa construção coletiva.

Desde os tempos das fazendas de açúcar e a chegada da Fábrica Bangu, que moldou gerações de trabalhadores e transformou o bairro em um símbolo de progresso, até os dias atuais, com sua vibrante cultura, suas escolas de samba, seu futebol apaixonante e seu povo aguerrido, Bangu segue pulsando no ritmo da resistência e da tradição.

O calor que aquece suas ruas não vem apenas do sol escaldante, mas do coração dos banguenses, que com orgulho chamam essa terra de lar. Aqui, o passado se encontra com o presente, entre casarões históricos e novas construções, entre memórias que nunca se apagam e sonhos que continuam a ser escritos.

Hoje, celebramos Bangu! Celebramos sua essência operária, sua paixão pelo esporte, sua cultura efervescente e a força de sua gente. Parabéns, Bangu! Que seus 352 anos sejam um novo marco para o futuro brilhante que ainda há de vir!

Viva Bangu! Viva sua história! Viva seu povo! (Publicação de internauta no grupo de facebook “Histórias de Bangu - A Memória de um bairro”, 8 de março de 2025)

As rugosidades imateriais se fazem tão importantes quanto as materiais, porque mesmo que muitas das memórias estejam ancoradas aos monumentos e construções ainda existentes no

bairro, outras ecoam nos ares do bairro abstratamente, mas tão forte que se tornam quase palpáveis. As manifestações de resistência e as tentativas de contar as narrativas e vivências deixadas pelos antepassados alimentam o imaginário banguense e ajudam a projetar novas perspectivas a partir das ações populares atreladas às histórias outrora e aos espaços. A resiliência que o território da Grande Bangu apresenta, bem como o seu povo, fomentam a transformação constante da região, e contribuem no combate contra o esquecimento dando espaços aos novos cenários que o território pode alcançar em futuros prospectivos.

Em consonância com essa abordagem teórica, este trabalho entende que as ambiências banguenses não se resumem à materialidade do espaço, mas são construídas nas relações entre corpo, memória e território. A paisagem banguense, marcada por suas rugosidades (Santos, 1978), evidencia como as estruturas físicas herdadas do passado fabril coexistem com significações subjetivas e práticas sociais que atualizam continuamente sua ambiência.

Assim, o bairro se apresenta como um campo de experiências sensíveis, no qual os moradores, por meio de seus afetos, deslocamentos e narrativas, produzem e atualizam ambiências que revelam modos singulares de habitar Bangu. Esse entendimento reforça a importância de metodologias que privilegiem o olhar encarnado e empático sobre o território, como abordaremos a seguir.

4. Materiais e métodos

Para atingir o objetivo da pesquisa foi necessário desenvolver uma abordagem metodológica interdisciplinar. Para o sucesso da recepção de respostas acerca da memória e das identidades banguenses, foram combinadas ferramentas capazes de abranger as várias camadas de análise desse estudo, interligando aspectos físicos, visíveis e pragmáticos com aspectos sensíveis e invisíveis, presentes na subjetividade do habitar e pertencer a Bangu.

Como referenciado no capítulo anterior, a etapa de impregnação no território é necessária para apreender as ambiências locais. Desta maneira, a pesquisa de campo, de base qualitativa, baseou-se nas imersões diretas pelo bairro, de maneira que a pesquisadora também se tornou um dos atores dos cenários registrados – ato facilitado pela conexão com o lugar que já é de longa data.

Buscando suportar a experiência encarnada na paisagem, esta pesquisa se debruçou sobre o método de viés etnográfico, buscando compreender as perspectivas e os significados que os membros de um grupo atribuem às suas ações e experiências, sempre a partir de uma abordagem empática e de respeito pela complexidade cultural, utilizando técnicas de observação e conversações em um contexto de pesquisa (Eckert e Rocha, 2003).



Figura 44: Registro do registro de campo. Fonte: João Gama, 2025

A experiência encarnada, ou "experiência corporal" (Merleau-Ponty, 1945) deriva das ciências cognitivas que se referem à ideia de que nossa percepção e compreensão do mundo não são apenas processadas pela mente, mas também influenciadas e moldadas pelo nosso corpo. A maneira como sentimos o mundo através dos sentidos, como a visão, audição, tato, até os movimentos do corpo, como andar ou gesticular, influenciam a forma como entendemos o espaço e o contexto, moldando nossa experiência. Dessa maneira, a mente e o corpo não estão separados, mas são aspectos interligados e influenciados pela experiência humana corporal no espaço.

Em uma pesquisa etnográfica tradicional, o pesquisador se insere no ambiente de pesquisa convivendo com os participantes por um período significativo de tempo, tornando-se parte desse. Esse contato direto proporciona uma compreensão profunda e rica das experiências e perspectivas dos sujeitos, permitindo uma análise contextualizada e uma visão global do fenômeno que é proposto estudar, valorizando o entendimento de como os participantes veem e interpretam sua própria realidade, respeitando suas vozes e narrativas. Na pesquisa realizada em arquitetura e urbanismo, mediada por método de viés etnográfico, a imersão não é completamente realizada, mas espaçada por idas e vindas ao recorte espacial, que permitem variar o campo observado pelo tempo, pelos usos e pelo tipo de pessoas presentes.

É importante ressaltar que este trabalho não tem apenas uma visão analítica do objeto, mas também considera as interpretações afetivas, subjetivas e cognitivas da autora em questão, crescida e criada na região. Dessa forma, os métodos de pesquisa aplicados não se afastam do levantamento empírico de quem o escreve, misturando-se muitas vezes com as vivências e percepções de todo o período de impregnação e imersão territorial, seja como pesquisadora ou como habitante.

Tais abordagens possibilitam vivenciar as ambiências dos lugares pelo foco do interlocutor, buscando por significações sobre o uso cotidiano da cidade. Desenvolvido pelas coordenadoras do Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura - LASC/UFRJ, a Etnotopografia é um método que alia as ferramentas do método etnográfico (como cadernos de campo e gravações), já bem manipuladas por antropólogos e sociólogos, com ferramentas e instrumentos voltados para a interpretação de arquitetos e urbanistas (como desenhos, mapas, croquis, fotografias e vídeos).

[...] por meio da criação de ferramentas que têm base no leque interdisciplinar das ciências humanas, porém adaptadas à linguagem e às sensibilidades próprias a pesquisadores da área de arquitetura e urbanismo, a análise etnotopográfica busca analisar a configuração dos atributos do espaço a fim de estabelecer os tipos identitários

dos significados e das imagens urbanas coletivas assim como para a compreensão do espaço enquanto materialização das culturas, subjetividades e projetos de vida. (Duarte et. al., 2007, p. 4).

As principais características da análise Etnotopográfica, e que a diferenciam da análise etnográfica são, primeiramente, relacionar uma aplicação de estudos de um grupo sociocultural a um determinado lugar, com base e suporte no espaço em si e, em seguida, usar resultados gráficos e visuais passíveis de serem interpretados pelo pesquisador das áreas de arquitetura e urbanismo. Ou seja, o espaço físico é ator principal nesse processo.

É a partir desta lente de pesquisa que dados imperceptíveis pelos registros topográficos e cartográficos surgem para amparar medidas, decisões e possibilitar incursões mais aprofundadas no ambiente construído que, antes de tudo, é invenção humana. (Duarte et al., 2022, p.166).

Dessa maneira, para entender as complexas formas de habitar o território e o seu reflexo nas dinâmicas sociais e suas apropriações, este trabalho faz utilização de duas ferramentas baseadas na

Etnotopografia, que serão descritas a seguir. Cabe ressaltar que os registros gráficos obtidos nos levantamentos para a pesquisa foram compilados para que pudessem ser correlacionados na análise de resultados. Os áudios foram transcritos a fim de identificar as possíveis relações entre a paisagem banguense e a construção, transformação e manutenção de identidades a partir das narrativas dos moradores participantes. Por fim, estas informações foram utilizadas para a criação de cartografias que poderão exemplificar os resultados obtidos, facilitando a visualização e a compreensão das informações levantadas.

4.1 Observação participante ou “observando por derivas”

A cidade para o caminhante é repleta de histórias e significados. Os lugares pelos quais ele perambula, conhece ou desconhece, revelam uma paisagem interior que se manifesta no mundo exterior. O trajeto e as ações de quem transita por um espaço são delineados pelas atenções sensoriais despertadas pelos objetos, experiências, sentidos e permanências, contribuindo para uma ação de adesão espacial, por vezes ressonante, em outras dissonante, que por sua vez exigem táticas e estratégias de interação.

O protagonista dessa experiência errante se assemelha ao flâneur/flanêuse, o(a) observador(a) que perambula pela cidade e, assim, funda a sua deriva. Michel de Certeau (2009) descreve essa figura do andarilho como o praticante comum da cidade, aquele que explora os espaços pouco reconhecidos do ambiente urbano. Arquiteto de experiências, ele não segue rotas pré-determinadas. Em vez disso, seu caminhar é errático e espontâneo, criando uma cartografia pessoal e subjetiva da cidade, capaz de captar a essência do cotidiano e ordinal.

Assim, a cidade do andarilho tem uma história, nem a melhor e nem a pior do mundo, simplesmente histórias que configuram referências práticas e simbólicas em que se reconhece ou se constrange nas ruas que perambula, lugares que conhece ou

desconhece, espaços que gosta ou desgosta, contextos que lhe atraem ou passam despercebidos. Objetos, eventos não verbais ou verbais, ruídos ou matérias atiram-lhe a atenção sensorial que delineia seu trajeto, seus atos. (Eckert e Rocha, 2006, p.1).

A observação participante está presente na deriva, que é um recurso do andar sem mediação de roteiro pré-definido, como um dos meios para a captação e análise da experiência humana livre, nas ambiências experimentadas. Ela se caracteriza por uma imersão do investigador na realidade do grupo estudado, muitas vezes assumindo papéis tanto explícitos quanto disfarçados. Na definição das Ciências Sociais, o pesquisador busca integrar-se a um grupo ou organização, ou até mesmo ser objeto de estudo.

A pesquisa qualitativa visa, então, proporcionar uma compreensão mais rica das dinâmicas sociais da experiência encarnada, o que oferece uma visão mais autêntica dos eventos, comportamentos e atitudes do grupo analisado. Dessa maneira, essa participação permite ao investigador observar camadas e fenômenos que não seriam visíveis a partir de uma perspectiva externa (Vinten, 1994).

Existem diferentes níveis de envolvimento do pesquisador, que podem variar desde a observação passiva, segundo Spradley (1980), uma participação mais discreta (em que o pesquisador

observa, mas não interage muito), até uma participação mais ativa (onde o pesquisador se integra de forma mais direta na vida do grupo). O grau de envolvimento depende dos objetivos do estudo, das éticas da pesquisa e das relações de confiança estabelecidas entre o pesquisador e o grupo.

A observação participante, portanto, não só enriquece o entendimento do território, mas também facilita a identificação de aspectos são importantes para o desenvolvimento de intervenções mais sensíveis e adequadas às necessidades e aos padrões da comunidade local. Essa ampliação de perspectivas sobre a paisagem resulta em uma compreensão mais abrangente do lugar, permitindo que se revelem as sutilezas das relações sociais, culturais e históricas que o compõem.

A aplicação desta ferramenta se demonstrou eficaz para entender a complexidade das relações sociais e afetivas que compõem a paisagem de Bangu, permitindo que fossem capturadas algumas das múltiplas dimensões desses espaços, não apenas como lugares físicos, mas como ambientes carregados de memórias e sentimentos que formam o alicerce da identidade coletiva do bairro. Dessa forma, o método possibilitou uma análise aprofundada das interações entre as pessoas e seus espaços, ressaltando a importância da memória e do afeto como componentes essenciais na construção das identidades de banguenses.

Os registros, em suas diversas formas, foram fundamentais nesta ferramenta, que serviram de base para a análise dos dados. Com o auxílio de um diário de campo foram montados acervos de pesquisa, onde estão anotadas todas as percepções do pesquisador, de maneira escrita ou até mesmo gráfica.

Com base na poética do flâneur, a “etnografia de rua” desenvolvida por Rocha e Eckert busca inventariar o mundo na instabilidade do seu movimento (Rocha & Eckert, 2001, p6). Por meio dessa técnica, são utilizadas ferramentas de registro audiovisual que compõem o olhar e delineiam a sua atitude diante da coleta de dados. Dessa maneira, “[...] o pesquisador constrói o seu conhecimento da vida urbana na e pela imagem que compartilha, ou não, com os indivíduos e/ou grupos sociais por ele investigados” (Id., Ibid, p.05).

Martins, Eckert e Novaes (2005) pontuam o valor da experiência fílmica dada a sua possibilidade de observação da sociedade na “riqueza da diversidade”. O registro é um convite ao pesquisador a repensar a cultura e a sociedade por meio dos sons, cores, lembranças, imagens, palavras, trocas sociais e reciprocidades cognitivas. Trata-se, portanto, de um ensaio sobre “formas de ver” (Grimshaw, 2001) e também de ouvir (Vedana, 2008) uma ambiência, que fazem possível a tradução do ato de sentir e experimentar o espaço físico. A riqueza do movimento humano, as capturas de complexidades do cotidiano e o testemunho de percursos de pesquisa trazem não apenas a aproximação com o que

é estudado, mas também ilustram de maneira poética o objetivo do trabalho.

De maneira complementar à etnografia visual desenvolvida por Sarah Pink (2007), a utilização de materiais visuais na coleta, análise e apresentação de dados etnográficos podem revelar dimensões da experiência humana complexas de capturar por meio de métodos textuais tradicionais. Nesse contexto, foi intuito da pesquisa registrar as derivas por meio de fotografias e vídeos dos percursos realizados durante a etapa de andanças, gerando dados que poderão ser mapeados de maneira a exemplificar os resultados obtidos, facilitando a visualização e a compreensão das informações levantadas.

É interessante pensar na utilização da Observação Participante não apenas como produto, mas principalmente como processo, uma vez que auxilia na interpretação das formas de vida social e corresponde ao local de onde emerge a escrita etnográfica. É um instrumento para a captação e estudo da experiência humana na paisagem, capaz de registrar nuances que apenas palavras não são suficientes para descrever.

Dessa maneira, o caminhar e participar como exercícios de impregnação das dinâmicas socioespaciais estruturam uma abordagem qualitativa eficiente para denotar os usos e mapear as

identidades locais, auxiliando a compreensão da realidade e o levantamento das narrativas situadas em uma ambiência sensível.

Nesta pesquisa, pelo tempo disponível para o desenvolvimento de uma dissertação de mestrado, e por conveniência do tipo de registro produzido (baseado em anotações, croquis e fotografias), optou-se por utilizar o método “Mapeamento de Manifestações” conforme desenvolvido por Natália Rodrigues de Melo (2013), de modo que as sensações, manifestações e registros captados fossem espacializados em mapas por meio de símbolos e ícones de fácil detecção para uma leitura global do bairro de Bangu.

Por meio do levantamento empírico e sensível e suas configurações, aliado ao processamento cartográfico desses dados, podemos compreender os aspectos tangíveis e intangíveis das paisagens urbanas, incluindo suas características culturais, simbólicas, territoriais e memoriais. Dessa maneira, é proposta uma análise multiescalar do espaço público urbano, considerando as complexidades e singularidades que a interação entre o ambiente construído e seus participantes pode exercer.

4.2 Entrevistas e elenco de narrativas

Como segunda etapa da sondagem, e diante da necessidade de respostas das pessoas que vivem Bangu, a abordagem direta, por meio de entrevista estruturada, foi o segundo método elencado. A entrevista é uma ferramenta qualitativa capaz de analisar questões subjetivas ao ato de experimentar a cidade, onde os entrevistados demonstram suas óticas sobre determinados assuntos. O entrevistador-pesquisador, nessa abordagem, conduz o entrevistado, aqui denominado como “narrador”, convidando-o a debater sobre um tópico ou problema por meio de perguntas e respostas.

Para Spradley (1979), a entrevista etnográfica é uma conversa casual em que perguntas emergem de uma forma natural, adaptada aos entrevistados e às condições do contexto, com flexibilidade e liberdade de elaborar suas respostas. No entanto, elas não são conversas abertas, tendo em vista que necessitam de diretrizes fornecidas pelo entrevistador a partir de uma estrutura previamente pensada, por isso, semiestruturada, com roteiro pré-definido, mas não limitador.

Para o desenvolvimento da pesquisa, é intencionado o diálogo com os moradores/habitantes do bairro de Bangu, atuais e pregressos. Foram selecionadas pessoas que tivessem vivido toda ou parte de suas vidas em Bangu, de diferentes maneiras (em razões de

habitação, trabalho, visita assídua, etc) em diferentes épocas. Essa escolha foi realizada a partir de contatos realizados pela observação participante realizada na primeira etapa de sondagem, dentro do ciclo de convivência da própria pesquisadora com seus amigos, no contato com o Museu de Bangu e em redes sociais das páginas sobre o bairro, onde diversos moradores e ex-moradores compartilham diariamente afetos e lembranças relacionadas a tempos de outrora.

Não houve recorte de gênero ou etário especificamente, no entanto não foram entrevistados menores de idade. A princípio foi intencionado selecionar membros de diferentes idades dentro do mesmo contexto familiar, a fim de entender como essas dinâmicas identitárias se modificaram com as intervenções e remodelações urbanas e sociais no território, investigando como as referências memoriais poderiam ser repassadas hereditariamente. No entanto, no decorrer da pesquisa, não foi sentida a necessidade de manter o vínculo genealógico na seleção, uma vez que pelas perguntas realizadas foi possível entender o contexto familiar que os narradores estavam inseridos. Dessa maneira, optou-se por seguir entrevistando habitantes de diferentes faixas etárias e de famílias distintas, abrangendo maior número de visões e memórias afetivas.

Os locais da entrevista foram escolhidos em comum acordo entre participantes e pesquisadora, priorizando espaços seguros e fechados. A sobrecarga de tempo também foi um risco a ser

considerado, já que o envolvimento em entrevistas poderia interferir na rotina diária dos habitantes. Para minimizar esse impacto, o cronograma de participação foi flexível e ajustável às necessidades dos participantes, garantindo que eles pudessem participar sem comprometer suas atividades profissionais e pessoais.

É importante mencionar que esta pesquisa, de abordagem direta com humanos, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – CEP CFCH, dentro do sistema CONEP, sob número do parecer 7.469.632.

As entrevistas começaram com uma breve apresentação pessoal e profissional da autora e da pesquisa em si, explicando cada etapa que seria realizada e os motivos pelos quais a contribuição do narrador seria valiosa para os levantamentos. Também foi solicitada a permissão para a gravação dos áudios, garantindo a anonimização e a segurança dos dados compartilhados e informando que poderia ser parada a qualquer momento, independentemente do motivo, com a demanda de assinatura do Registro de Consentimento. Cabe ressaltar que todos os participantes foram informados quanto aos riscos que, mesmo que mínimos, poderiam estar expostos.

Para mitigar o risco de exposição de dados, foram adotadas medidas de anonimização desde o início, além de limitar o acesso às

informações coletadas apenas à equipe de pesquisa diretamente envolvida. A utilização de códigos em vez dos nomes também foi uma das práticas utilizadas para proteger a privacidade dos narradores.

Para lidar com o risco de desconforto sobre perguntas que parecessem muito pessoais, foi oferecida a possibilidade de os participantes não responderem a perguntas que pudessem causar tal sentimento. Houve a preocupação de esclarecer, desde o início, que não haveria respostas corretas ou erradas a fim de reduzir a sensação de julgamento. Também foi informado aos participantes que eles poderiam interromper sua participação a qualquer momento ou retirar seu consentimento, sem sofrer quaisquer consequências negativas.

As entrevistas tiveram grande aderência entre os convidados, que não recusaram em participar. Todas as pessoas abordadas foram positivas às condições estabelecidas pela pesquisa, cedendo por livre e espontânea vontade seu tempo, sua paciência, suas memórias e seus afetos.

Após realizadas as entrevistas, foram utilizados softwares de Inteligência Artificial para a transcrição dos áudios gravados, a fim de dinamizar esta etapa e acelerar o processo das análises. Essa escolha garantiu celeridade no processo de escrita, uma vez que o número de reproduções das entrevistas para a checagem das

informações foi inferior ao que seria se fosse optado pela transcrição completamente manual dos relatos.

As entrevistas semiestruturadas forneceram um formato flexível e aberto para explorar profundamente as experiências individuais e coletivas no território de análise. Para guiar as conversas, foram utilizadas perguntas específicas que funcionaram como disparadores, além das apresentações iniciais, como nome, idade e a relação com Bangu, que ajudaram a contextualizar cada narrador dentro do contexto do bairro. No Apêndice desta dissertação é possível encontrar todo o roteiro da entrevista realizada.

Em sequência, exploramos questionar sobre onde e como os moradores vivem seus cotidianos e o que eles entendiam como “época de ouro⁵”, o que forneceu uma visão mais ampla das dinâmicas identitárias e socioculturais que se estabelecem no bairro.

Ao todo foram entrevistadas 14 pessoas, de idades diversas entre 26 e 83 anos, deliberadamente dispostas a responder à entrevista, entre elas habitantes e ex-habitantes de Bangu, todas com o mesmo elo de união: um reconhecimento profundo de vínculo afetivo com o bairro. A partir da observação de padrões de vivência dos usuários na paisagem local, optou-se por não restringir as entrevistas aos

moradores do bairro de Bangu, englobando também suas adjacências, aqui identificadas como “Grande Bangu”.

Graças ao processo de urbanização da freguesia de Bangu, que foi ocasionada pela expansão e progresso da Fábrica e do bairro de Bangu, e que atraiu muitos novos moradores ao longo de sua ascensão, é possível entender como os moradores da Grande Bangu se sentem, também, parte do mesmo núcleo. Dessa maneira, tal fato proporciona a muitos dos moradores desse aglomerado de bairros um sentimento de afeto que ocasiona a auto intitulação como “banguense de coração”.

A seleção dos narradores foi feita partir de quatro abordagens, descritas a seguir de forma cronológica. A primeira se deu por meio da Observação Participante, que indicou potenciais participantes durante suas atividades cotidianas. A segunda foi feita a partir de contatos feitos dentro do grupo de FacebookTM, onde alguns moradores me mandaram mensagens querendo contar sobre seus vínculos com Bangu, após visualizar a publicação sobre a pesquisa. Houve, ainda, várias indicações por parte de amigos e entusiastas da pesquisa, que também entraram em contato e se animaram com a proposta.

⁵ A expressão “época de ouro” é usada para se referir a um período considerado especialmente próspero, produtivo ou marcante em determinado contexto. É como dizer que aquele foi o “melhor momento” ou o auge de algo.

Interlocutor	Idade	Origem	Residência atual
O.P.	70 anos	Bangu	Bangu
M.C.	56 anos	Bangu	Bangu
C.A.	40 anos	Bangu	Bangu
M.R. e M. (mãe e filho, entrevistados juntos)	83 e 60 anos	Espirito Santo (mãe) e Bangu (filho)	Bangu
L.C.	53 anos	Padre Miguel	Bangu
M.K.	55 anos	Senador Camará	Senador Camará
P.V.	42 anos	Bangu	Bangu
J.G.	28 anos	Bangu	Bangu
M.G.	26 anos	Bangu	Bangu
I.R	28 anos	Bangu	Tijuca
M.B.	64 anos	Bangu	Bangu
I.O.	28 anos	Jabour	Itatiaia
C.R.	70 anos	Morro do Juramento	Bangu

Tabela 1: Relação de interlocutores em ordem de conversa. Fonte: autoral, 2025

Esses relatos foram sintetizados e agrupados de maneira que pudessem ser capturados pontos de interseção entre os discursos, o que resultaram em um processo de análise taxonômica do texto. Foram separadas seis categorias que englobassem todos os tópicos abordados em todas as entrevistas, exemplificadas a seguir:

1. **Histórias do bairro: contextualização histórica e territorial a partir das narrativas não-oficiais**
2. **Histórias pessoais: o bairro que cabia inteiro nas conversas de fim de tarde**
3. **Relações de identidade (comuns): signos da resistência e resiliência das tradições locais**
4. **Transformações da paisagem e dos costumes: entre progresso, apagamentos e ressignificações afetivas**
5. **Ações comunitárias/comunais: um Bangu composto por diversos banguenses**
6. **Relações de afeto (pessoal): o orgulho de ser e viver Bangu**

Dessa maneira, foram grifados trechos que se encaixavam nesses tópicos em cada uma das entrevistas, destacando como as histórias do bairro, os relatos pessoais, o afeto, as relações de identidade, as transformações da paisagem e as ações comunitárias se interligavam dentro dos discursos, compondo o que se entende do bairro hoje em dia.



Figura 45: Análise taxonômica do texto. Fonte: Autoral, 2025

As cores foram escolhidas pensando na combinação entre os tons: o roxo mais azulado demonstra as perspectivas pessoais do narrador, que é a mistura das histórias pessoais (com mais peso) e as histórias do bairro. O roxo mais rosado, por significar os costumes e pensamentos comuns dos banguenses, também possui a mesma mistura de cores, mas com um apego maior à pigmentação vermelha por ser um sentimento generalizado. As transformações e as ações comunitárias têm tons análogos porque muitas vezes elas podem estar correlacionadas (Figuras 47 e 48).



Figura 46: Análise taxonômica do texto. Fonte: Autoral, 2025

5. Investigações de campo e discussões

Ao investigar diversas perspectivas sobre o bairro de Bangu, procurou-se uma imersão no dia a dia de seus moradores, com o objetivo de compreender como a paisagem se manifesta na formação da identidade local de quem a habita. Durante as experimentações da paisagem, surgiram possíveis diretrizes afetivas para refletir sobre o bairro, trazendo à tona memórias, vivências e experiências com o território. Esse processo não apenas capturou a relação íntima dos participantes com o espaço urbano, mas também apontou direções para um desenvolvimento mais consciente nas iniciativas de preservação patrimonial e cultural da região.

Este capítulo consta os resultados e análises da aplicação metodológica da pesquisa. Nele constam todas as camadas do processo de impregnação espacial, bem como os sucessos e os possíveis conflitos encontrados. Para realizar essa investigação, utilizamos a ação de derivas (como agente da Observação Participante), concomitantemente às entrevistas semiestruturadas. O método cartográfico, aplicado ao final das etapas anteriormente comentadas, permitiu mapear as relações afetivas e simbólicas dos moradores com os diferentes espaços do bairro, entendendo sua relação com as transformações da paisagem ao longo dos anos.



Figura 47: A história nas paredes do Estádio Moça Bonita. Fonte: Autoral, 2025

5.1 Pesquisadora-habitante: a observação participante como lente para a percepção afetiva da paisagem de Bangu

Neste momento do trabalho a descrição densa (disciplina maior do diário de campo) exige a escrita na primeira pessoa do singular. Este movimento não nega as minhas próprias emoções e conexões afetivas com o espaço, reconhecendo-as como parte fundamental do processo investigativo e evidenciando que este trabalho é uma combinação entre a análise crítica com a relação afetiva de quem as escreve.

Ao entender que é impossível dissociar a pesquisadora de sua pesquisa, é alinhada a ideia de que a análise afetiva não se limita a um exercício de recolher dados de forma despersonalizada, mas envolve um processo de imersão e reflexão crítica sobre como as vivências pessoais influenciam a percepção e interpretação de um espaço.

Afinal, ao revisitar o lugar onde cresci, não sou apenas uma observadora externa, mas alguém cujas próprias histórias, memórias e experiências estão profundamente conectadas com que observo e como (re)analiso. Ao incluir a minha própria voz no processo analítico, reforço a ideia de que a pesquisa é uma construção dialética entre o Eu e o Outro, entre o pessoal e o coletivo, entre o vivido e o estudado. Essa imersão não só amplia as perspectivas

sobre a paisagem e suas identidades, mas também aponta para a importância de reconhecer o meu papel ativo como pesquisadora na construção do conhecimento, ao não me esquivar de minha própria história e pertencimento.

Nesse contexto, as idas ao campo, realizadas em fevereiro a março de 2025, permitiram angariar a coleta de dados não apenas sobre os aspectos visíveis e tangíveis do espaço, mas também sobre as percepções, as práticas sociais, usos e apropriações dos indivíduos que nele habitam. De maneira estratégica e não limitada à passividade dos eventos, a escolha dos lugares para as visitas se deu a partir da identificação prévia da pesquisadora-habitante dos espaços potencialmente afetivos: o Calçadão de Bangu, o Bangu Shopping, o Museu de Bangu, a praça Nova Jales (Guilherme da Silveira), o estádio de Moça Bonita e a Praça da Fé.

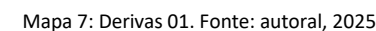
As primeiras derivas (Mapa 6) se deram no eixo do Bangu Shopping e do Calçadão de Bangu, quando a pesquisa ainda delineava essas duas áreas como foco principal. Esse foi um estudo piloto, que resultou na produção de um artigo científico para um evento internacional (Magalhães e Pinheiro, 2023). Durante as visitas tive como intenção (re)experenciarmos os dois eixos, que ao primeiro olhar dentro da pesquisa já apresentou usos e apropriações muito diferentes apesar de ambos terem o caráter majoritariamente comercial.

Percebe-se a calma no andar de quem passeia pelo Shopping Bangu. Quase não há pressa por parte dos transeuntes, que não se inibem em mexer despreocupadamente em seus aparelhos celulares pela segurança do constante monitoramento da equipe do shopping. A permanência é incentivada pela climatização dos corredores e lojas e pelo próprio mobiliário, que quase sempre está ocupado. Nas

A
Bangu - R. Cel. Tamarindo -
Bangu, Rio de Janeiro - RJ,
21840-446, Brasil

B
R. Fonseca, 50 - Bangu, Rio de
Janeiro - RJ, 21820-005, Brasil

C
Av. Cônego Vasconcelos, 104 -
Sala 101 - Bangu, Rio de
Janeiro - RJ, 21810-012, Brasil



áreas abertas, mesas, bancos e um parquinho fazem adição à arquitetura industrial ainda preservada mesmo que parcialmente após a modificação de algumas fachadas (Figura 50).

Na conexão do terreno com a Rua Professor Clemente Ferreira se localiza o muro que delimita o início e o fim do Shopping, com o portal de acesso de pedestres em tijolos alaranjados. Durante o funcionamento da antiga fábrica era por ele que os tecidos eram escoados para futuramente serem exportados. Esse ator morfológico vai além da simples demarcação espacial, apresentando importância simbólica de uma hierarquia destacada, que delimita abruptamente o espaço e as relações que são estabelecidas a partir dele apesar de se tratar de um shopping popular. A partir dele (e nele) estão presentes diversas personagens com importância identificada no estudo, e onde começa o comércio indicado como informal, referente ao calçadão, localizado majoritariamente no eixo da Avenida Cônego de Vasconcelos. Nesse ponto, é notado um aumento no fluxo de pessoas. Já do lado de fora, fica claro que se trata de um dos principais eixos de acesso de pedestre, uma vez que é o percurso mais próximo para quem chega de ônibus ou trem e sobe a Avenida Cônego de Vasconcelos sentido Rua Francisco Real.

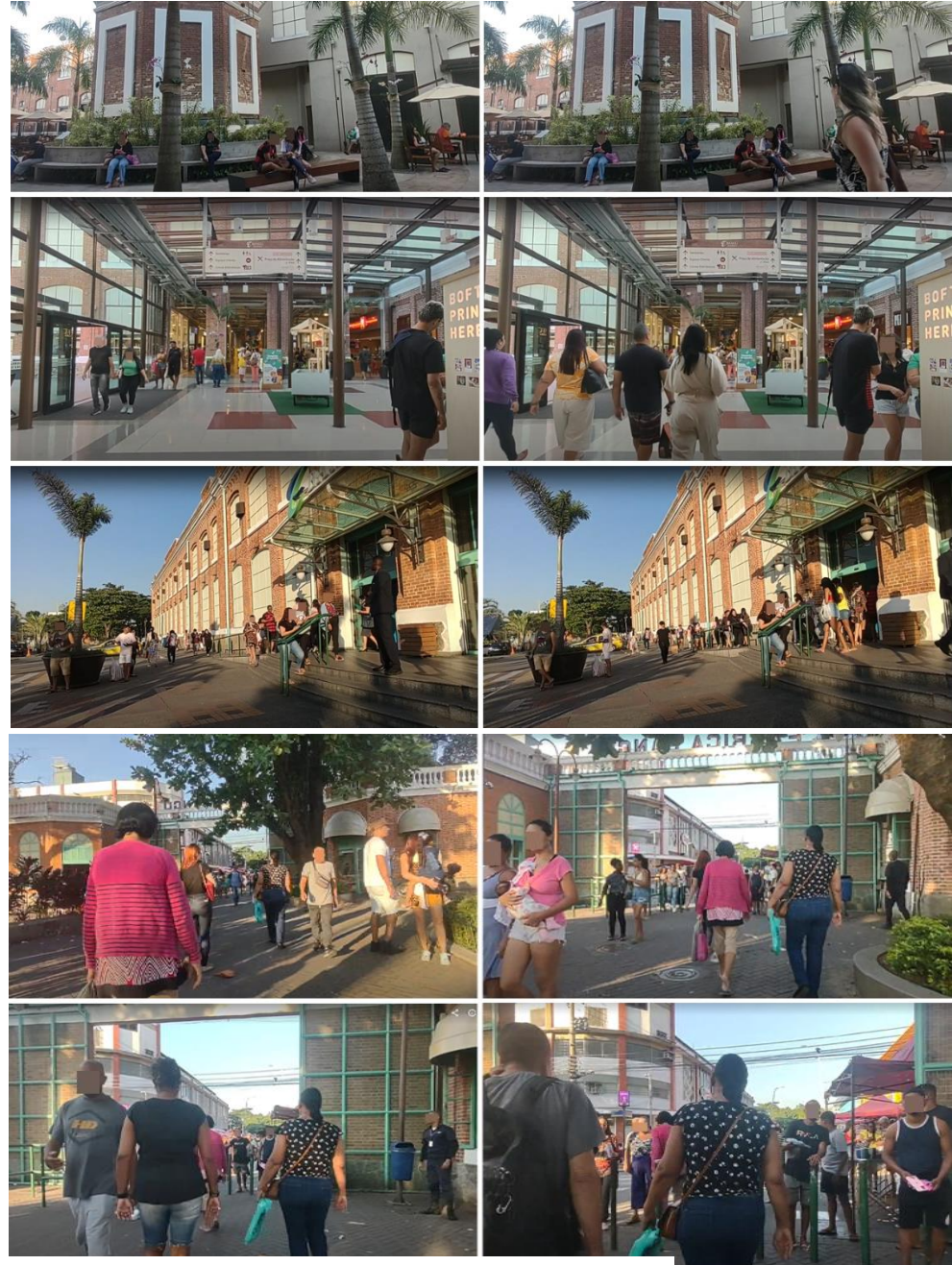


Figura 48: De dentro do shopping para o lado de fora. Fonte: Autoral, 2023



O espaço é disputado entre carros, pedestres, vendedores e barraquinhas (Figuras 49 e 50). O acesso, constantemente aberto durante o período de funcionamento do shopping, deixa clara a diferenciação dos usos e a ação das micropolíticas presentes no recorte. Debaixo do pórtico, as primeiras abordagens já começam: “Capinha ou película, amiga?”, “esse celular ‘tá’ um perigo, ‘tá’ precisando de uma capinha!”, “aqui é mais barato!”. A insistência e a educação dos vendedores conseguem cativar muitas das pessoas que estão passando, induzindo-as a estabelecer algum tipo de conversa e, conseqüentemente, a consumir muita das vezes. Se por um lado o shopping considerado popular é acessível a diversas camadas sociais, por outro fica nítida a demarcação do início de uma nova paisagem a partir dele. O espaço tem transformação abrupta, fortemente demarcada pela relação público-privado, pela presença de guardas fazendo o acompanhamento dessa “fronteira” e até pela velocidade dos passos de quem o permeia.

Nessa nova paisagem, a hierarquia é outra. Cada barraquinha possui seu representante e seus vendedores, como nas lojas dentro do Shopping. No entanto, a relação entre eles com seus “concorrentes” é aproximada, com conversas, brincadeiras e até troca de mercadorias quando por acaso não possuem um modelo de capinha ou película específico procurado pelo cliente. Não foi possível identificar ainda se há algum tipo de competição entre eles ou alguma ordem de abordagem delimitada por “turnos”, como é de costume nas lojas do shopping.



Figura 49: Vista de fora para o muro de acesso ao shopping, pela Rua Prof. Clemente Ferreira. Fonte: Autoral, 2025



Figura 50: Debaixo da estrutura metálica do Calçadão – Av. Cônego de Vasconcelos. Fonte: Autoral, 2025

As relações estabelecidas no calçadão podem ser identificadas como complementares, comparativas e até competitivas com as que são estabelecidas no shopping, uma vez que muitos dos produtos vendidos no interior da antiga fábrica se assemelham não apenas em função, mas também em modelo com os que são vendidos do lado de fora. É muito comum, inclusive, a compra de aparelhos eletrônicos no shopping e a aquisição dos acessórios para eles no calçadão, o que exemplifica a relação complementar dos dois eixos econômicos. Além disso, há múltiplos tipos de comércio e serviço ocupando o espaço público que também ocupam o espaço semiprivado, como o famoso “corte de cabelo ao vivo” (Figura 51) e a venda dos mais diversos tipos de mercadoria, do vestiário e perfumes aos itens de decoração de casa, produtos de limpeza e até hortifrúti.

Enquanto o shopping concentra as atividades culturais e de lazer como o cinema e o teatro (que anteriormente eram inseridos na malha urbana, sendo estabelecimentos promotores de eventos e de integração na paisagem), do lado de fora dos muros a permanência é pouco incentivada, se configurando mais como um local de passagem. Há poucos bancos, canteiros ou quaisquer elementos atrativos para o habitar. Percebe-se, no entanto, grande apropriação por parte dos participantes do espaço dos poucos mobiliários urbanos existentes, que se encontram em sua maioria ocupados por vendedores que os utilizam como suporte para suas barracas, ou por



Figura 51: Corte de cabelo “ao vivo”, próximo à estação de trem. Fonte: Autoral, 2025



Figura 52: Jogo de dominó. Fonte: Autoral, 2025

habitantes que fazem as mesas de jogo de dama terem as mais variadas funções (Figura 52).

É impressionante as multífaces que o espaço consegue desempenhar e a velocidade com que ele mesmo se transforma constantemente. Após me mudar de Bangu, em 2023, consegui reparar em algo novo todas as vezes que precisei retornar a este eixo. Cada vez mais adensado por barracas, araras e balcões, a permeabilidade urbana parece ser dificultada dia após dia, o que repele a vontade de permanecer. No entanto, há algo belo no dinamismo que o calçadão, como um organismo vivo, consegue estabelecer.

A principal diferença percebida nas ambiências entre esses dois eixos está na relação dos transeuntes com os dois espaços. Do lado de fora, parece que as dinâmicas são mais rápidas do que as de dentro. Desde a velocidade do caminhar de quem precisa desviar das barraquinhas e outros obstáculos para chegar ao seu destino (Figura 54), até nas diversas trocas que são estabelecidas com os vendedores e ambulantes, tudo parece ser mais rápido comparando com a tranquilidade por parte de quem passeia no shopping. Até o verbo “passear” se mostra não muito comum quando referido ao calçadão na atual configuração do espaço, que acaba afastando muitas pessoas pela sensação quase caótica que é estabelecida.

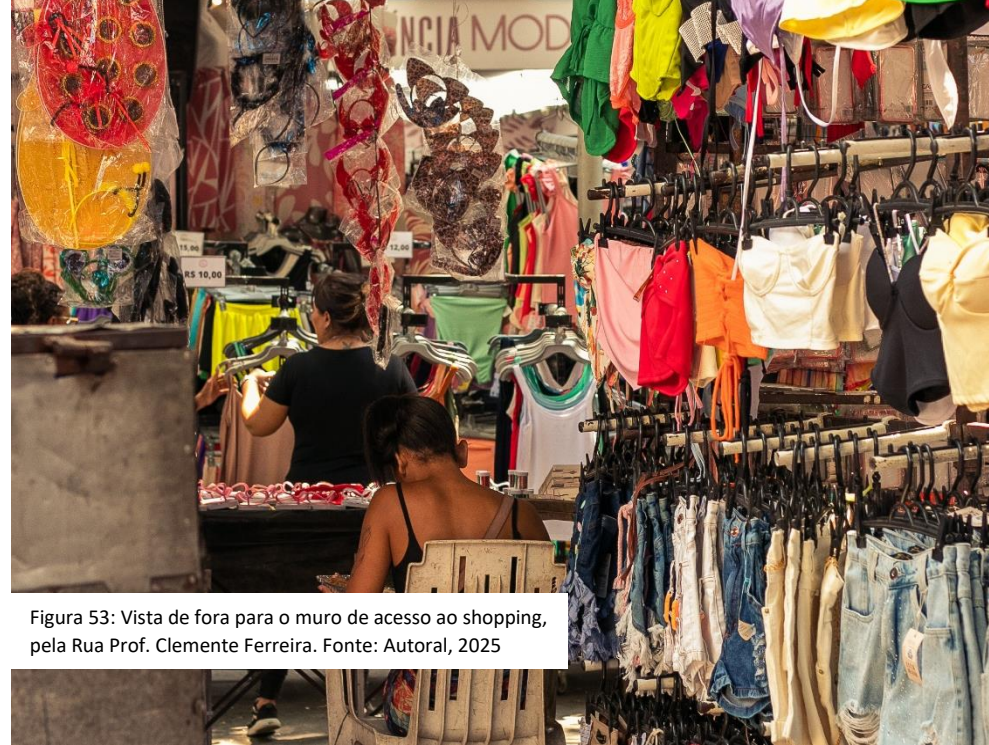


Figura 53: Vista de fora para o muro de acesso ao shopping, pela Rua Prof. Clemente Ferreira. Fonte: Autoral, 2025



Figura 54: O caminhar no Calçadão – Av. Cônego de Vasconcelos. Fonte: Autoral, 2025

Se antes eram comuns os passeios dominicais pelo calçadão, hoje essa prática se resume a visita à feira que se estabelece ali semanalmente, que ainda atrai muitos banguenses. Durante o período noturno, o calçadão apresenta grande esvaziamento além de pouca iluminação, o que gera vulnerabilidade social por parte de quem precisa passar pelo trajeto. Para além da insegurança, muitos moradores se queixam da sujeira que toma conta do espaço durante esse período.

Há algumas referências à memória do bairro nesses dois eixos. No calçadão, percebe-se a presença do busto de Domingos da Guia (Figura 55), ex-jogador ícone do Bangu e morador do bairro já falecido. No shopping, as tentativas de resgate são maiores, como a manutenção das estruturas tombadas e alguns elementos fabris ainda presentes na edificação, como a imponente chaminé e a caixa d'água com a logo da Fábrica Bangu ainda gravada em sua estrutura. No entanto, ainda não são muitas as tentativas da administração de contar didaticamente o que ocorreu dentro daquelas paredes de tijolos alaranjados, uma vez que alguns dos símbolos mantidos possuem rasa (ou até nula) descrição de sua importância. Um exemplo é a tentativa de criação de um museu de imagens, que se configura em um pequeno corredor que dá acesso aos elevadores para o centro médico e possui seis grandes quadros com duas imagens em cada um deles, sem qualquer tipo de legenda ou identificação do que se trata nelas (Figura 56).



Figura 55: Busto do jogador Domingos da Guia. Fonte: Acervo Monumentos do Rio, s.d.

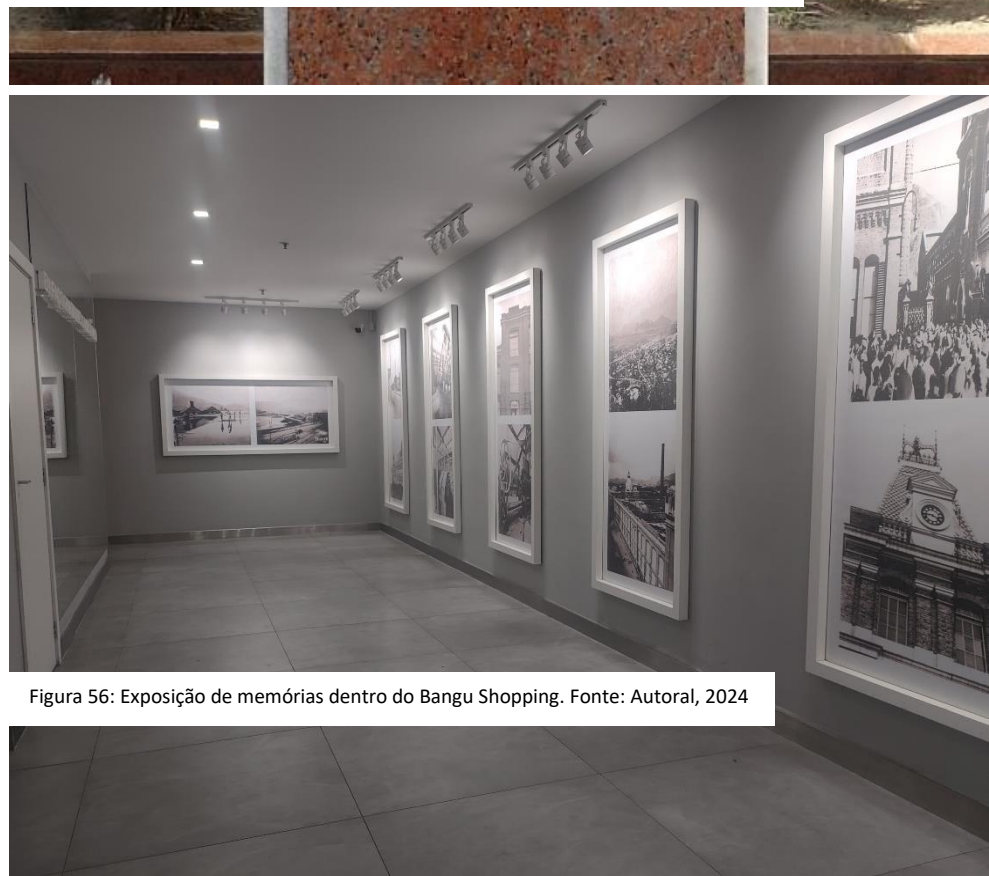


Figura 56: Exposição de memórias dentro do Bangu Shopping. Fonte: Autoral, 2024

No entanto, é importante destacar que o interesse da administração tem aumentado nos últimos anos, tentando trazer maior visibilidade à memória local em união ao Museu de Bangu. Em parceria com os colaboradores do Museu, o shopping adquiriu nas últimas décadas dois novos símbolos fixos que ajudam a ilustrar e contar a história fundadora: a estátua de Thomas Donohoe (Figura 58), inaugurada em 2014 e a da Miss Elegante Bangu (Figura 57), inaugurada em 2024. Elaborados pelo cenógrafo e colaborador do museu Clécio Regis, esses dois ícones tiveram muita aderência em sua inauguração, reunindo diversos entusiastas e curiosos, além de estamparem vários canais de notícias. Ainda foram promovidas diversas exposições temporárias ao longo dos anos, com outras nos planos.

Durante a observação participante, foi possível notar alguns elementos na morfologia do bairro que, assim como os citados anteriormente, possuem adesão às histórias que habitaram o bairro de “antigamente”. O Museu de Bangu vem como um ponto de encontro entre o passado e o presente, mantendo viva não apenas uma história, mas o afeto que foi passado e repassado entre gerações e que ajudou a fundar Bangu como é conhecido hoje. No centro de memória é possível encontrar desde fotografias e escrituras antigas, até mesmo elementos de decoração e outros elementos antepassados que ajudavam a compor o cotidiano operário. Além disso, sua administração se preocupa em criar eventos e publicar livros que cultivem uma conexão com a memória



Figura 57: A estátua Miss Elegante Bangu no Bangu Shopping. Fonte: Zé Ronaldo, 2024



Figura 58: A estátua de Thomas Donohoe no Bangu Shopping. Fonte: Rogério Melo, 2014

do bairro, o que sempre atrai os saudosistas e conquista novos olhares para o passado.

Percebe-se também na freguesia imediata a manutenção de algumas poucas casas ainda no estilo arquitetônico da antiga Vila Operária, no eixo da Rua Barão de Capanema e da Rua da Fábrica. Como citado anteriormente, até mesmo os nomes das ruas também se demonstram como rugosidades (Santos, 2004), mantendo viva a lembrança de setores, etapas fabris e personalidades que ajudaram a fundar o bairro como é conhecido hoje. O próprio Rio das Tintas (Figura 59), que acompanha a Barão de Capanema, ainda se remete ao processo que ele mesmo passava durante a etapa de tintura dos tecidos da Fábrica, que ocasionavam na mudança da cor de suas águas. Esse elemento é muito lembrado por moradores antigos, que brincavam de “corrida de palitinho” e de adivinhar quais seriam as próximas colorações da indústria.



Figura 59: A Rio das Tintas. Fonte: autoral, 2025

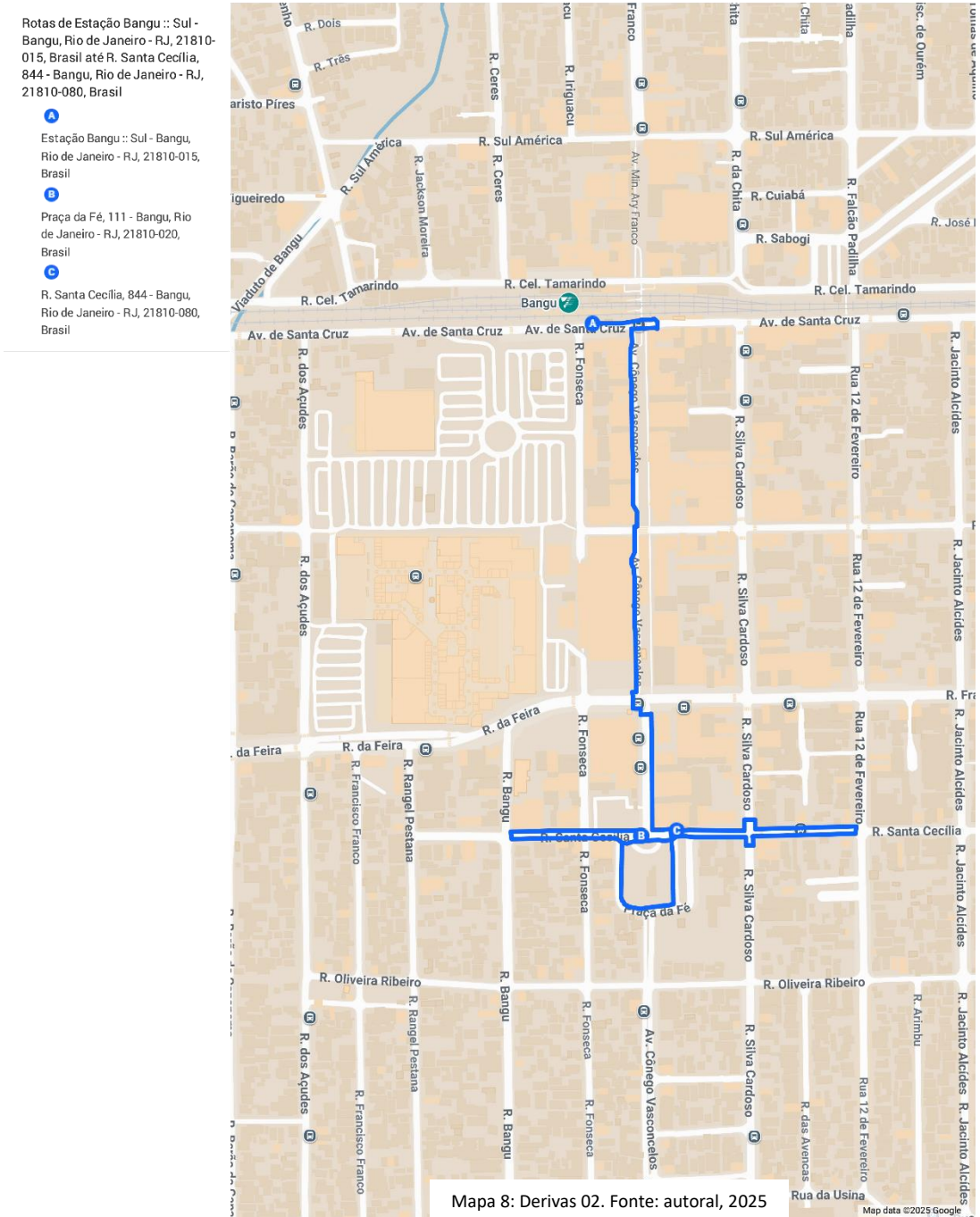
Derivas

Outro elemento do passado visitado durante as derivas 02, que ainda se faz presente na paisagem e no cotidiano do bairro, é a Igreja de São Sebastião e Santa Cecília, que mantém suas características originais até hoje, despertando em quem a visita uma visão de outra época. A Praça da Fé, em frente à matriz, mesmo um pouco descaracterizada com relação às outras épocas, ainda consegue estabelecer relações muito parecidas com as de antigamente, como encontros entre turmas, festas locais, celebrações religiosas e comemorações carnavalescas.

Além disso, o lugar segue sendo grande símbolo de lazer do bairro, abrigando diversos bares ao seu redor. No lugar onde ficava o seu famoso chafariz, hoje é abrigado o letreiro turístico que diz “Eu amo Bangu”, também por promoção do Museu de Bangu e com autoria de Clécio Regis, com as figuras de personalidades importantes para o bairro gravadas nas letras.

Muitas famílias e amigos se reúnem semanalmente nesses espaços, movimentando a economia local e criando novos laços e memórias com a paisagem. Visitando as lembranças da minha própria experiência no passado, lembro de frequentar bastante o lugar nas mais diversas ocasiões e épocas, sendo possível perceber que pouco em sua dinâmica e aparência mudou desde então. As barraquinhas de comida que cercam a igreja ainda lotam o espaço, ativando lembranças olfativas da época que o meu grupo de amigos passava por lá depois de alguma festa. Os bares, um pouco

Página | 98



Mapa 8: Derivas 02. Fonte: autoral, 2025

diferentes, ainda tem a função de unir todos os tipos de grupos e pessoas em confraternização.

Durante uma das visitas ao largo da Igreja, tive a oportunidade de presenciar o último ensaio da Unidos de Bangu antes do seu desfile no carnaval de 2025. Neste momento da pesquisa já havia começado a aplicação das entrevistas, o que me rendeu na indicação desse evento por parte de um dos narradores com quem conversei. Poucas semanas antes, na reta final das preparações para o desfile, aconteceu um incêndio no barracão da escola que se localiza em Ramos, ocasionando a perda de vários adereços e fantasias na tragédia e abalando muito toda a equipe e seus entusiastas.

Nunca havia presenciado qualquer ensaio dessa escola de samba, então cheguei com antecedência para acompanhar a transformação do espaço e perceber as primeiras aglomerações começarem. Num geral, o perfil dos participantes era muito diverso, incluindo várias gerações, mas principalmente as mais antigas. Muitas pessoas com suas famílias, confraternizando com amigos antigos e vizinhos. Encontrei dois narradores/interlocutores, que com muita empolgação me acolheram plenamente. Logo, foram me apresentando outros amigos, familiares e personalidades que eles entendiam que poderiam contribuir para a pesquisa de alguma forma. Este encontro resultou na marcação de duas outras entrevistas além de várias outras conversas breves, demonstrando grande aderência por parte



Figura 60: A estampa do time presente no ensaio. Fonte: autoral, 2025



Figura 61: Aglomeração dos foliões. Fonte: autoral, 2025

de quem era abordado para falar sobre memória e afeto com a paisagem de Bangu.

O sentimento e a percepção que eu tive foi de um afeto constante e tamanha união que eu não havia presenciado com o meu olhar de pesquisadora até então. As pessoas estavam ali por um sentimento em comum, pelo saudosismo e principalmente pela identificação com o espaço e com os demais. Todos com quem conversei demonstraram um amor profundo pelo bairro. Muitos, nem conseguiram dizer o porquê e a origem desse sentimento. Outros arriscaram deduzir que seria pelo laço com as pessoas, que também haviam crescido no local e, dessa maneira, tiveram suas vivências e memórias compartilhadas entre elas. O sentimento de comunidade é inegável: as pessoas fazem parte de um todo, e compõem uma unidade.

Ao longo da noite, muitas pessoas compartilharam espontaneamente seus relatos e afetos com o bairro. A arquitetura histórica e tudo que estava acontecendo a volta não era apenas o cenário das relações sociais que ali eram estabelecidas, mas também a razão pela qual todos estavam ali presentes. Bangu, além de palco dos seus eventos e histórias, também é o motivo pelo qual elas retornam ou permanecem. Não apenas pela estrutura física do bairro, que na verdade acaba sendo bem diferente das de outros tempos, mas por tudo o que ela pôde proporcionar no processo de construção de quem aquelas pessoas são: vizinhanças familiares,



Figura 62: Velha guarda da Unidos de Bangu. Fonte: autoral, 2025

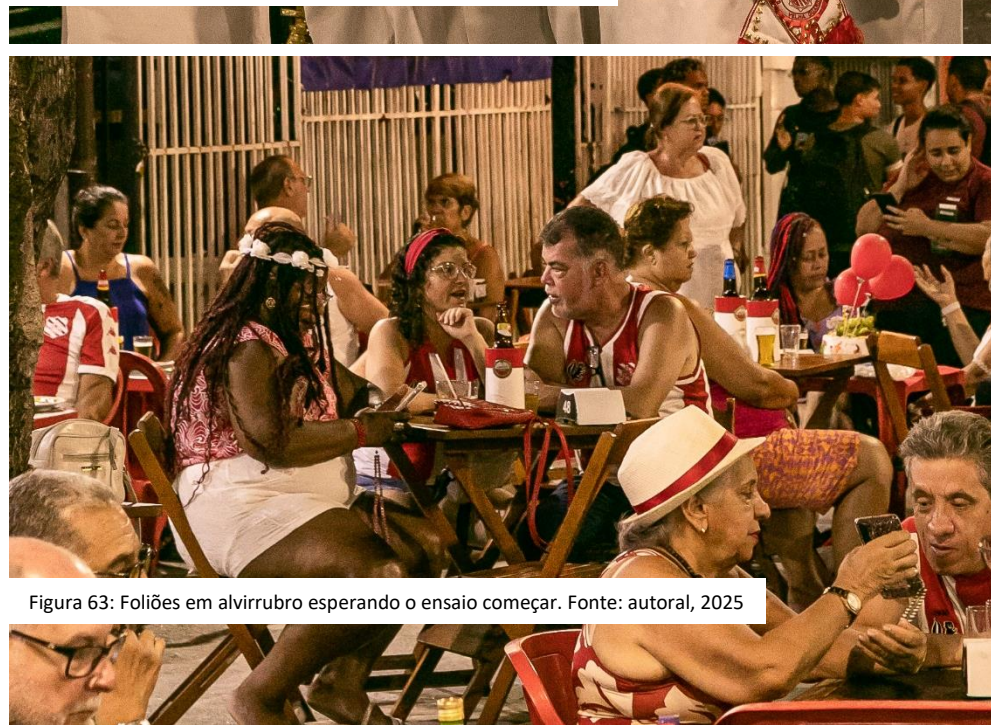


Figura 63: Foliões em alvirubro esperando o ensaio começar. Fonte: autoral, 2025

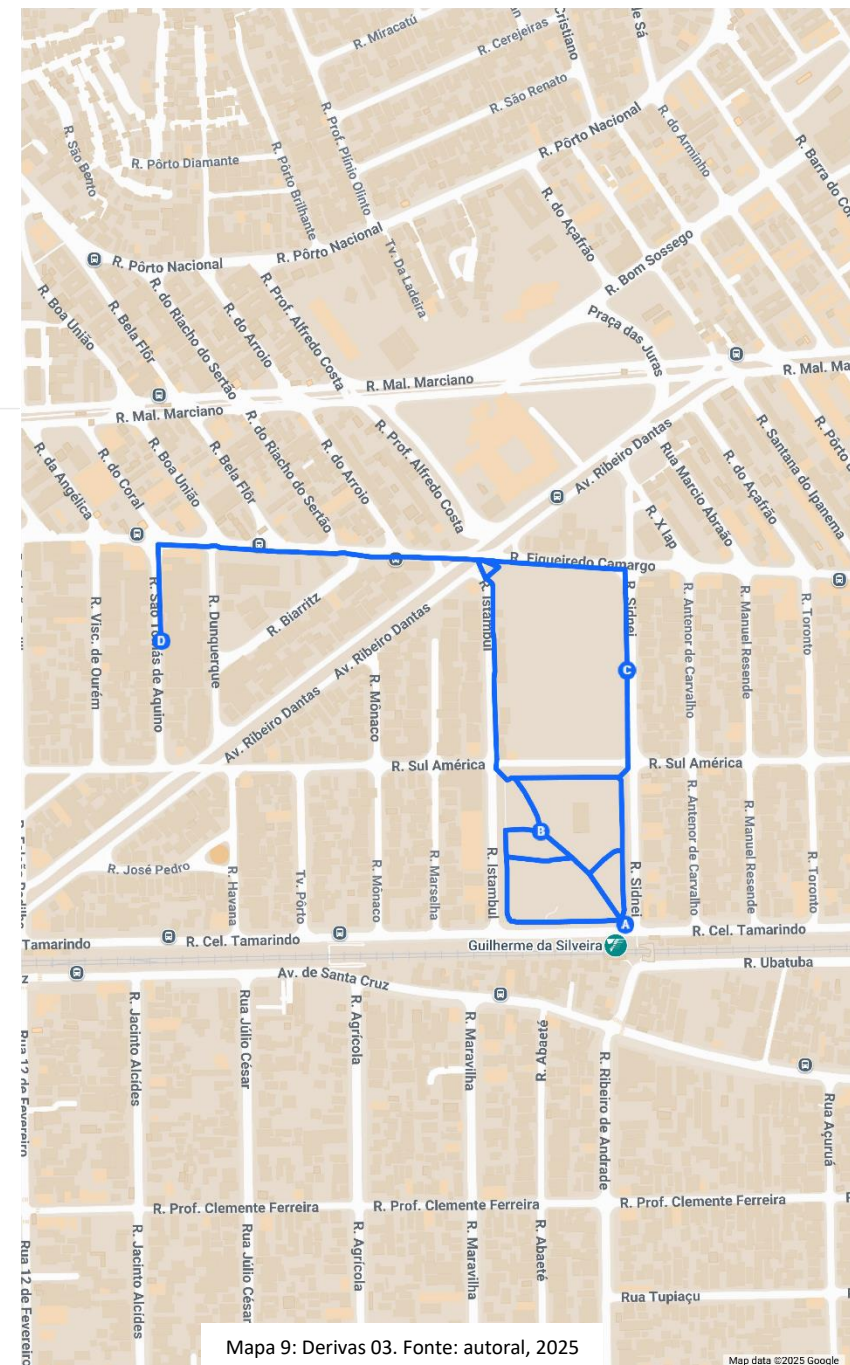
Nas conversas sobre a baixa aderência de pessoas mais novas ocupando essas confraternizações, pude analisar que a atual configuração do bairro também reflete em como as novas gerações se relacionam, tanto com a paisagem, quanto entre elas. Suas apropriações e usos estão dentro de um recorte social diferente das de seus pais, por exemplo.

Fui abordada por representantes da torcida jovem da Super Bangu, que me viram com a câmera e pediram para que eu registrasse a presença deles. Eles, conversando comigo sobre a origem da torcida, me informaram que nem todos os participantes tem a proximidade com o time como uma herança familiar. Muitos, organicamente, desenvolveram a paixão por conta própria. Essa resposta foi similar à de outros torcedores da Castores, com os quais conversei durante as visitas de campo aos jogos do Bangu, conforme falaremos a seguir.

As derivas 03 realizadas pelo Estádio de Moça Bonita e na Praça Nova Jales foram voltadas ao impacto que o futebol tem não apenas na transformação da paisagem local, mas nos padrões de comportamentos, usos e apropriações por parte dos usuários do espaço. Em meu primeiro contato me inseri na torcida como participante, o que não me inibiu em puxar minha câmera fotográfica

Deriva 3

- A**
Guilherme da Silveira - R. J.,
21721-310 - Campo Grande, Rio
de Janeiro - RJ, 23070-220,
Brasil
- B**
R. Istambul, 293 - Bangu, Rio
de Janeiro - RJ, 21810-007,
Brasil
- C**
Estádio Proletário Guilherme da
Silveira Filho - Rua Sul América
- Bangu, Rio de Janeiro - RJ
- D**
Rua São Tomás de Aquino -
Bangu, Rio de Janeiro - RJ



para fazer os registros já que assim como eu, outros fotógrafos estavam inseridos na torcida da Castores (os quais espontaneamente entraram em contato comigo para “trocar figurinha”). Foi interessante porque, como foi uma das minhas primeiras visitas ao campo, o objetivo era de começar devagar, sem me apresentar muito, apenas fazer parte e pertencer, quase camuflada na paisagem. No entanto, o ato de fazer parte logo me tornou atuante no espaço, e na primeira cerveja eu já estava interagindo com vários outros banguenses.

Do jogo em si, não me lembro muito. Lembro do coro da organizada, dos trocadilhos contra o América e o Madureira (que nem eram nossos rivais no dia), dos abraços entre torcedores, do pai erguendo sua filha para que ela enxergasse melhor, dos “banhos” acidentais de cerveja, das bandeirolas que quando sacudidas batiam em meu rosto, da fumaça do sinalizador e da cor vermelha, que regeu sinestesticamente e impregnou toda a ambiência apreendida naquele dia.

No primeiro jogo do campeonato fui acompanhada de alguns amigos que não eram de Bangu e nunca tinham presenciado algum jogo em estádio antes. Foi uma experiência interessante de vivenciar, porque não precisou de muito tempo para que eles também estivessem completamente imersos na experiência e na torcida, somando ao coro. Além disso, todas as vezes que fui ao estádio ou à praça em frente dele encontrei outros conhecidos por acaso, o que comprova



Figura 64: Torcedor banguense e sua filha. Fonte: autoral, 2025



Figura 65: Os sinalizadores da torcida. Fonte: autoral, 2025

esses dois locais (a praça e o estádio) são inegavelmente pontos de encontros fundamentais do bairro. A animação toma conta do entorno que rege uma ambiência de feriado, data comemorativa e até final de copa do mundo.

É muito bonito ver uma energia familiar dominando fortemente Bangu. Lembro em uma das visitas de avistar um patriarca, percussionista da banda que rege as cantorias da torcida organizada, ao lado de algumas crianças (provavelmente seus filhos ou sobrinhos) sentados ao lado das baterias aguardando o início do jogo. Alguns outros pais bebiam e confraternizavam assistindo ao jogo enquanto as crianças brincavam entre si de pular entre os níveis das arquibancadas. As estruturas se tornavam parte da aventura delas, que inventavam diversas histórias e fantasias para justificar as escaladas.

Do lado de fora do estádio, na praça, também se encontravam cenários parecidos com os de dentro: adultos com suas respectivas crianças confraternizando, amigos nitidamente de longa data e notoriamente saudosistas e, é claro, muita animação, mesmo com a vitória dos nossos adversários no Campeonato Carioca. O clima era de festa e não tinham inimigos. No primeiro jogo da temporada, antes mesmo do seu início, já eram vistos cenários de trocas entre a torcida do Portuguesa e do Bangu que dançavam juntos, bebiam e cantavam. Na clássica marcha até o estádio, todos caminharam juntos, como uma unidade. E essa energia continuou mesmo após a



Figura 66: O percussionista banguense e seu legado. Fonte: autoral, 2025



Figura 67: A torcida na caminhada rumo ao Estádio. Fonte: autoral, 2025

derrota, que não abalou a comemoração banguense na Toca da Castores da Guilherme e nem desanimou o ensaio da Mocidade Independente de Padre Miguel que acontecera na Praça Nova Jales em sequência.

Estima-se que parte do mérito de atrair novos torcedores também seja graças a equipe de marketing do time, que tenta de várias maneiras trazer o holofote de volta. Em uma percepção pessoal, o rebranding do time baseado no apelo pela história fundadora e no design “retrô” das novas camisas em parceria com a Kappa favorece e incentiva a manutenção não apenas de uma estética primordial, mas da cultura e dos valores banguenses tradicionais. Isso também inclui publicações informativas sobre as conquistas do Bangu ao longo dos anos e seus impactos não só no bairro, mas no futebol como um todo, não ignorando e até reforçando também como foi impactado pela CPIB.

No dia 16 de janeiro, quatro dias após a primeira visita de campo e no dia da partida contra o Vasco em São Januário, foi lançada a camisa titular de 2025 do time, com referência direta aos anos 90 em toda a sua publicidade. Isso evidencia como o apelo pela identidade cultural baseada em uma memória do bairro, que teve o futebol nascido em berço proletário e apoiado pelo sistema fabril, pode ser capaz de ditar (e constantemente o faz) modelos não apenas de consumo, mas também estilos de vida. E esse estilo de vida em questão, antes marginalizado, hoje é comercializado como um



Figura 68: Vendedores de camisas não-oficiais do time. Fonte: autoral, 2025

patrimônio irreverente e tradicional, o que destaca o marketing presente nas ferramentas publicitárias do Bangu como forma de manutenção do time em destaque, mesmo há anos estando afastado das grandes vitórias.

Penso que é a vivência contínua dessas memórias que garante que o bairro não perca sua essência e que o futebol e outras práticas sociais comentadas se mantenham como elos significativos entre passado, presente e futuro. A ambiência vibrante e acolhedora das torcidas, que mescla momentos de celebração e interação, reflete a resistência de uma identidade cultural que se mantém viva através das gerações, mesmo diante das transformações sociais e urbanas. Portanto, a observação da relação entre os movimentos culturais, a paisagem e as interações sociais revelam as dinâmicas da torcida e da comunidade, apontando para a relevância da memória, do afeto e da vivência como elementos fundamentais para a preservação da identidade de Bangu.

Durante as visitas ao Calçadão de Bangu, à Praça da Fé, ao Estádio de Moça Bonita e outros pontos de Bangu, pude identificar como os espaços são habitados pelas memórias e histórias dos moradores, traduzidas nas suas apropriações urbanas. Por meio da imersão nos ambientes descritos, interagindo com os vendedores, torcedores, moradores e frequentadores, foi possível perceber como a memória coletiva e o afeto são tecidas nas interações cotidianas, revelando a conexão entre os moradores e seus espaços. A metodologia

aplicada permitiu que fosse possível unir a observação e experiência nos espaços de forma genuína, o que possibilitou uma compreensão mais íntima e detalhada dos significados e afetos que habitam esses locais.

5.2 Diálogos afetivos: novas perspectivas sobre a paisagem banguense por meio das entrevistas

A análise das entrevistas realizadas complementa o instrumento anterior para uma compreensão mais profunda dos fenômenos investigados, permitindo explorar as nuances das experiências e significados atribuídos pelos participantes às suas relações com Bangu e seus espaços públicos.

Conduzidas de forma semiestruturada, durante o mês de abril de 2025, em momentos variados da semana e do final de semana, elas possibilitaram um diálogo rico e flexível, essencial para captar a complexidade das respostas e os contextos individuais e coletivos que influenciam as narrativas urbanas e sociais dos narradores.

Foi intencionado organizar as falas de maneira sistemática e interpretar as dimensões simbólicas e subjetivas envolvidas, de modo a oferecer uma leitura crítica e reflexiva sobre as questões levantadas ao longo das conversas. Deste modo, foi solicitado a um grupo de pessoas que compartilhassem sobre suas recordações, vivências e afetos na paisagem banguense, compondo assim suas percepções próprias do bairro. As conversas, que começavam bem descontraidamente e sem seguir o roteiro, visavam adentrar um pouco da vida de cada narrador. Perguntas disparadoras como “Com o que você trabalha?”, “Há quanto tempo mora em Bangu?”, “Como

é o seu cotidiano no bairro?” buscaram criar uma proximidade maior, introduzindo o que seria abordado em sequência.

As perguntas desejavam constatar como os interlocutores e suas histórias se situavam no contexto do bairro, entendendo qual era a representação dele para cada um. Dessa maneira, foi buscado analisar como a identidade banguense surgia a partir das narrativas sobre as relações pessoais com os espaços públicos e seus signos.

Baseada nas divisões propostas na etapa de taxonomia do texto, já explicada anteriormente, as entrevistas estarão setorizadas a partir das seis categorias estipuladas, descritas abaixo:

1. Histórias do bairro: contextualização histórica e territorial a partir das narrativas não-oficiais
2. Histórias pessoais: o bairro que cabia inteiro nas conversas de fim de tarde
3. Relações de identidade (comuns): signos da resistência e resiliência das tradições locais
4. Transformações da paisagem e dos costumes: entre progresso, apagamentos e ressignificações afetivas
5. Ações comunitárias/comunais: um Bangu composto por diversos banguenses
6. Relações de afeto (pessoal): percepções afetivas pessoais do interlocutor

Foi escolhido não elaborar sobre o tópico “histórias do bairro” nesta parte, posto o panorama já apresentado inicialmente. No entanto, a pesquisa admitiu os relatos e perspectivas pessoais dos interlocutores na etapa de contextualização territorial e histórica de Bangu.

5.2.1 Histórias pessoais: o bairro que cabia inteiro nas conversas de fim de tarde

Ao pedir para descreverem suas infâncias em Bangu, os narradores mais antigos comentaram com saudade das relações sem muros que se estabeleciam no passado. O narrador C.A. mencionou que sua infância foi marcada por uma intensa convivência comunitária, moldada pela proximidade entre vizinhos que se tratavam como parentes, com uma relação afetiva e solidária que se estendia para as brincadeiras e interações diárias nas grandes casas e quintais da região. Ele cita que a presença da Fábrica Bangu e a sua política assistencialista na produção imobiliária do bairro foi fundamental para a configuração social que se estabeleceu, criando um ambiente de vizinhança estreita e interdependente dados os estilos de vida semelhantes entre as famílias. O narrador menciona que essa dinâmica gerou uma forte conexão de afetos, com laços que se estendiam para gerações seguintes, evidenciada pelo fato de que muitas pessoas do bairro se casaram com vizinhos e mantiveram suas famílias próximas.

Para M.B., essa proximidade e sentimento de comunidade se originou por incentivo da figura de Silveirinha e de acordo com a forma como ele concebeu a Vila Operária. Para ele, a construção daquele espaço ia além da função prática de moradia, sendo também uma expressão dos valores que a família Silveira acreditava e desejava transmitir aos operários que, aos poucos, foi moldando não apenas as ruas e as casas, mas também as relações humanas que ali se estabeleceram. As famílias, ao se fixarem na vila, absorviam esse modo de viver pautado no respeito, na solidariedade e no afeto mútuo.

De igual maneira, M.B defende que a vila foi se expandindo não só fisicamente, mas em valores que posteriormente foram transmitidos pelos pais aos filhos e pelos avós aos netos, se enraizando de geração em geração. Assim, Bangu foi se tornando, aos olhos de seus próprios moradores, um bairro carinhoso, acolhedor, onde todos se sentem bem-vindos. “Só não tem o Cristo, mas recebe de braços abertos”, relatou orgulhoso M.B.

O berço que eu nasci, o local que eu nasci... foi consumindo coisas do bairro e criando identidade com aquele vermelho e branco, com o escudo do Bangu, o símbolo da fábrica, o apito da fábrica... eram coisas minhas, eram coisas da minha família. Eu acordava num sábado, era a minha mãe ouvindo o rádio para ver a escalação do Bangu, a semana corria justamente com a gente pensando no momento que a gente iria ver o jogo

do Bangu. [...] a minha infância foi toda experimentando coisas do bairro, meu pai falando da fábrica... eu estudava na Escola Getúlio Vargas, que fica ali do lado da própria fábrica, dentro do terreno mesmo, e quando eu saía da escola, muitas das vezes eu passava pela fábrica olhando para ver o carro do meu pai estacionado... então são coisas de fato que não tem como uma pessoa assim deixar de lado, faz parte realmente de quem eu sou. (Interlocutor P.V., em 10/04/2025)

Ao relembrar sua infância nos anos 1980, o narrador P.V. destaca o quanto a vida cotidiana era estruturada pelas dinâmicas do bairro. Ele menciona que as conversas domésticas giravam frequentemente em torno dos acontecimentos locais, como shows no Bangu Atlético Clube, festas na igreja ou comemorações na Fábrica: “as conversas na mesa, no café da manhã, no café da tarde, pairavam sobre atividades do bairro”. Para ele, essa imersão nas atividades comunitárias era o que ancorava o sentimento de pertencimento, oferecendo às crianças e jovens um universo de referências que se organizavam em torno da territorialidade.

A rotina escolar era seguida do retorno para casa, e, nas férias, as noites eram preenchidas pelas brincadeiras na rua. Soltar pipa era uma verdadeira paixão entre os moradores, uma prática quase tão importante quanto o futebol. As brincadeiras seguiam noite adentro, com os jovens sentados nas calçadas, batendo papo e contando

histórias. Um costume muito popular na época, segundo alguns narradores, era o “hi-fi americano”: pequenas festas realizadas na casa de algum amigo, onde cada um levava uma bebida ou comida e o grupo se reunia para confraternizar. Com nostalgia, alguns lamentam que esse tipo de encontro tenha desaparecido com o tempo.

Já que o papo é afeto, eu posso contar um pouco também de o que enraizou esse afeto em mim e algo muito sensível, que é justamente a convivência com vizinhos na rua. A cadeira na calçada, anoiteceu, o primeiro coloca a cadeira e até duas horas da manhã tem uma roda de amigos conversando, falando de diversos assuntos. Isso era algo que fazia... não só o bairro de Bangu, isso pode ser replicado em outros bairros do subúrbio... fazia enraizar mais esse sentimento. E servia também, até pensando do lado social de maneira geral, servia como válvula de escape durante um dia de trabalho, durante um dia de angústias, você sentar ali, bater papo, jogar um cartado para quem gosta de tomar uma cerveja, tomar um refrigerante, ou seja, se distrair ali. Até o início dos anos 2000, o Natal e o Ano Novo da minha casa sempre foram com mesa na rua. (Interlocutor P.V., em 10/04/2025)

Quando pedido para os interlocutores compararem com o panorama atual, percebeu-se uma certa frustração ao constatarem o quanto o cenário de Bangu se transformou. Hoje, segundo M.B., quase não

há mais pipa no céu de Bangu, enquanto os campos de futebol desapareceram quase todos. Antigamente, qualquer terreno vazio virava espaço para uma pelada improvisada. Ele observa com tristeza que atualmente as crianças raramente ocupam os espaços públicos e, à noite, costuma ser ainda mais raro vê-las brincando, tanto pela mudança nos hábitos quanto pelo aumento da sensação de insegurança.

A violência tem. Tem assalto? Tem. Não posso fechar os olhos para isso, mas é a mazela que tem em todo Rio de Janeiro. Eu diria até mais do que a cidade, mas no estado como um todo. O assalto acontece na zona sul, na baixada fluminense, em Niterói... então infelizmente nós não estamos imunes a isso. Mas Bangu é um bairro muito bom para se viver, mesmo sendo distante do centro, o que tornaria o bairro inóspito. Mesmo sendo calorento [risada]... acaba sendo até atrativo. Já virou cultural essa questão do calor também. A gente gosta do calor do Bangu, é uma coisa que eu amo. (Interlocutor L.C., em 07/04/2025)

Quando conversei com moradores mais jovens, na faixa dos 26-28 anos, eles contaram que suas infâncias ainda tiveram as ruas como cenário. O narrador M.G. lembra que a rua onde morava era cheia de vida, mas também de rivalidades, especialmente com os meninos da rua vizinha, que eram quase "adversários oficiais". Às vezes, as diferenças entre as turmas levavam até a brigas, mas tudo isso fazia

parte da dinâmica da convivência, do aprendizado coletivo, da infância compartilhada.

Essa geração também mencionou o convívio com a vizinhança ainda como algo forte. Quando olham para as fotos dos aniversários da infância, percebem que, na maioria delas, quem aparecia ao redor do bolo não eram necessariamente amigos íntimos ou colegas de escola, mas os vizinhos. Mesmo que a proximidade emocional não fosse profunda, o fato de serem vizinhos já bastava para garantir o convite e a presença. Havia um senso comunitário quase automático, uma obrigação gostosa de incluir quem morava por perto.

No entanto, eles reconhecem que nas gerações mais novas que a deles esse senso comunitário já não é tão marcante. As casas agora têm muros altos, e muitos dos moradores atuais não nasceram ali, nem cresceram com os mesmos vínculos de antigamente e isso modificou a forma como as relações com o bairro e com os vizinhos se construíram.

5.2.3 Relações de identidade: signos da resistência e resiliência das tradições locais

Para falar de identidade é importante entender todas as camadas do passado ambiental e os elos de união dos sujeitos analisados, incluindo não apenas os cenários de suas vidas como as atividades

culturais e de lazer na qual estavam e seguem estando inseridos. Desse modo, buscou-se levantar informações sobre as práticas de lazer e as formas de usos e ocupações nos espaços públicos do bairro. Dentre outros eventos culturais mencionados, teve-se como destaque o carnaval e outras manifestações que acontecem principalmente na Praça da Fé.

Para L.C. o carnaval banguense tem resistido e se reinventado, mantendo sua relevância e atração, mesmo com as mudanças ao longo dos anos. Ele menciona que o ambiente voltou a ser mais familiar nos últimos anos e as pessoas voltaram a se sentir mais seguras para trazer crianças e ocuparem os lugares. Para ele, essa capacidade de se adaptar é o que mantém a festa viva. “O carnaval é resistente, é resiliente”, resume. Segundo o narrador, isso se dá especialmente pelo fato de o bairro manter viva a tradição dos carnavais de rua, uma prática que tem desaparecido em outros locais da cidade. Para ele, essa diversidade no carnaval da região é essencial, pois mantém vivas as raízes culturais do bairro, permitindo que diferentes gerações aproveitem a festividade de formas diversas.

Os narradores de 26-28 anos com quem conversei demonstraram certo afastamento com a folia do bairro atualmente, dizendo que preferem procurar outras formas de se divertirem. Quando perguntada sobre a participação da juventude nos carnavais de rua do bairro, o narrador L.C. demonstrou esperança. Ele menciona que,

durante alguns anos, apesar dos momentos de grande e baixa aderência popular, o cenário hoje tem se mostrado favorável com as novas iniciativas populares dispostas a resgatar o carnaval tradicional de Bangu. “Essas coisas têm de ser melhor trabalhadas talvez, mas (a proximidade dos jovens com o carnaval local) ainda não vejo como um caso perdido” completou.

Falando sobre outras atividades de lazer mencionada nas entrevistas, os bailes no Casino e no Bangu Atlético foram outros destaques para os banguenses mais antigos. Além deles, as festas de igreja, como já evidenciadas na contextualização histórica e espacial do bairro, ainda segue tendo grande participação dos moradores da região, sejam eles religiosos ou não. Assim como esses, foram mencionados eventos que evocassem memórias do bairro, como o Encontro dos Veteranos que ocorre todo primeiro sábado de dezembro, ano após ano, transformando a Praça da Fé em um ponto de reencontro para aqueles que carregam no coração as lembranças vivas do bairro.

Talvez o mais bonito nesses encontros seja ver que ali antigas divisões se dissolvem, reencontrando-se os moradores de todas as partes de Bangu e região. Gente que, no passado, era da “turma do Lula” ou da “turma do Matilde”, em referência a antigas preferências locais e sociais, naquele dia são simplesmente banguenses. A Praça da Fé se torna, então, um território simbólico de pertencimento, onde as memórias do bairro ganham voz e presença.

Embora o encontro continue sendo realizado com carinho, já não é como antes dada a diminuição no número de participantes. Há também uma sensação de esvaziamento não apenas físico, mas geracional, já que de acordo com relatos os filhos e netos dos veteranos raramente comparecem.

Outros espaços públicos que apareceram nos discursos de alguns narradores foi a Praça Nova Jales e o estádio de Moça Bonita, principalmente por causa do grande vínculo com o futebol em Bangu. De fato, para os banguenses, o futebol cerca boa parte das narrativas de afeto local. Para os mais antigos, é muito animador ver a nova geração tão empolgada com o time, mesmo no momento difícil que o Bangu está enfrentando. O narrador I.O., e membro da torcida organizada Castores da Guilherme, menciona que atualmente existem outras torcidas organizadas como a Banfiel, a Charanga de Bangu, a Bangoró, a Super Bangu, os Gigantes da Oeste e a mais recente Nova Geração BAC. Ele comenta que no geral há grande união entre as torcidas, que às vezes fazem campanhas juntas.

Ele comenta sobre as iniciativas das torcidas em reunir a população, promovendo eventos, criando rituais pré e pós jogos e levantando doações à comunidade em ocasiões especiais como festas de final de ano e páscoa. “A torcida é mais do que nas arquibancadas” a Castores escreveu nas redes sociais em uma de suas publicações recentes. Nesse sentido, a torcida se propõe a apoiar não apenas o

time, mas também engajar ações sociais e culturais do território como um todo, como os eventos realizados em parceria com o Museu de Bangu. “Eles são mais labaredas para chamar essas novas gerações do que o próprio clube”, observa C.R., indicando a força das mobilizações autônomas e horizontais no fortalecimento do pertencimento entre os mais jovens.

Aí você vai embora desse plano aqui, mas você deixou a raizinha lá atrás, colaborou... aí vai somando uma coisa aqui, outra coisa ali [...] A camisa do Bangu que os adolescentes e jovens vestem hoje em dia, antigamente não vestiam. O Bangu era torcida de velhos, hoje é torcida de jovens. Hoje é o contrário, você vai em Moça Bonita e você não vê velho, você vê jovens! Entendeu a transformação cultural? O esporte é cultura. (Interlocutor C.R., em 19/04/2025)

Como já levantado nas derivas da observação participante, muitos torcedores novos não possuem o time como uma herança familiar, sendo estimulados a fazer parte devido as iniciativas e promoções atrativas das torcidas. No entanto, durante as entrevistas foi possível conversar com alguns narradores que tiveram essa experiência por influência de seus antepassados, dizendo o quanto esse sentimento foi inflado ao longo de suas juventudes.

O narrador P.V. conta com afeto os jogos do time faziam parte da rotina familiar, e ele e seus primos ficavam ansiosos esperando o

final de semana chegar para assistir ao jogo do Bangu. Ainda que, como criança, seu interesse estivesse dividido entre o futebol e o ritual social do evento (como comer pipoca, amendoim ou tomar refrigerante), a ida ao estádio representava uma experiência coletiva que reforçava os vínculos com o bairro.

Todo lugar que ele ia, até fora do país, levava uma camisa do Bangu pra tirar uma foto.[...] Quando ele faleceu [...] no discurso falaram: 'vai-se um grande Banguense, mas ele ensinou todos nós a amar o Bangu como ele'. (Interlocutor J.G., em 11/04/2025)

De maneira geral, ao questionar os narradores sobre o lazer atual em Bangu fora das datas festivas e eventos comemorativos, é notada uma certa tristeza e frustração. Hoje em dia existe dificuldade quando se busca por diversão e cultura no próprio território, ocasionada por diversos fatores como o aumento da insegurança e o fechamento de estabelecimentos de aglomeração populares, antigos promotores de reuniões e encontros. Eles reconhecem que é um movimento comum sair para outros lugares da cidade em busca de lazer, afirmando que muitos desses lugares realmente oferecem experiências melhores e mais estruturadas.

Eu vejo que tem muita saída dos jovens de Bangu, pelo menos abaixo da minha faixa etária. Eu acho que deveriam existir mais medidas para que as pessoas

conhecessem mais a fundo a história e pudessem sim se apaixonar pelo bairro e saber o tamanho que ele tem. [...] e se alimentássemos a paixão do banguense, a consciência? E se trouxéssemos o lazer para cá também? Por que não? Por que só a Zona Norte e a Zona Sul podem ser contempladas e não a Zona Oeste? (Interlocutor J.G., em 11/04/2025)

O problema, segundo M.G., seria que o lazer no bairro parece não se sustentar, principalmente para a sua faixa etária e o público no qual ele está inserido. Os espaços e iniciativas que surgem parecem ser sempre passageiros para essa demanda, como se não conseguissem se fixar ou criar uma identificação real com o público local. Ainda assim, há um desejo genuíno por parte dos narradores de mudança nesse panorama, para que eles não precisem sair do bairro que amam para usufruírem de espaços de lazer.

Embora reconheça a importância de novas iniciativas culturais, P.V. ressalta que “são iniciativas culturais que uma pessoa ou um grupo de pessoas faz”, e que, infelizmente, não possuem ainda a capacidade de gerar o mesmo engajamento e senso coletivo de pertencimento. O contraste é evidente quando ele compara essas ações com a força que, no passado, uma Fábrica com dois ou três mil trabalhadores tinha em termos de mobilização e estruturação da vida local. O impacto, de acordo com o narrador, era maior ao ponto de conseguir moldar estruturas identitárias do bairro.

5.2.3 Transformação na paisagem/costumes: entre progresso, apagamentos e ressignificações afetivas

Seguindo com a temática das mudanças no território, em certo momento das entrevistas foi pedido para que os narradores descrevessem as principais alterações na paisagem de Bangu que os impactaram, e unanimemente eles concordaram na transformação da Fábrica e em shopping como um feito progressista e de sucesso, que gerou empregos e impulsionou a economia local. De acordo com eles, neste momento o bairro vivenciou uma nova fase de crescimento e desenvolvimento que atraiu muitas pessoas dentro e fora do bairro, convidando-as a ocuparem espaços que antes só era possível em seus imaginários, dada a limitação no acesso ao interior de seu terreno por pessoas que não fossem operárias.

O narrador C.A mencionou que quando a Fábrica encerrou suas atividades, ela também deixou um grande “vazio” no coração de Bangu, o que isolou ainda mais sua edificação do restante da paisagem. Foi-se criado um distanciamento ainda maior, principalmente entre as gerações mais novas que só conseguiam enxergar os grandes muros amarelos totalmente impermeáveis. O narrador I.R. descreveu que, em sua infância, da única parte onde conseguia espiar através dele só era possível enxergar o grande matagal que tomou conta dos belos jardins da extinta fábrica.

Muitos relataram que devido ao baixo número de espaços públicos de lazer na região, a chegada do shopping foi um suspiro para os finais de semanas dos banguenses, que religiosamente se faziam presentes no espaço e aproveitavam os privilégios de poder assistir um filme recém lançado sem precisar fazer grandes viagens até outros bairros para isso. Comentaram o quão positiva foi essa transformação não apenas para o território, mas também para as suas vidas, proporcionando novos lugares para se apropriarem, novas maneiras para que pudessem se divertir e novos momentos para que pudessem recordar.

Em conversa com M.B., que foi ex-funcionário da antiga Fábrica Bangu, tive a oportunidade de questionar sobre como ele se sentiu diante do fechamento da Fábrica e de sua posterior transformação. Com serenidade, ele compartilhou que se sentiu triste, mas compreendia que aquilo precisava acontecer, já que a Fábrica já não acompanhava os avanços tecnológicos da indústria e, por não ter se modernizado, acabou se tornando inviável financeiramente. Diante desse cenário, a conversão do espaço em shopping foi, em sua visão, uma solução positiva para o bairro.

I.R., que é neto de ex-funcionários da Fábrica, relembra apesar de sua idade que a reação de sua avó ao primeiro momento foi rejeitar o shopping devido seu apego emocional à extinta fábrica. “Minha avó levou mais de um ano para entrar no shopping, porque não queria ver uma reconstrução daquilo que, pra ela, havia sido destruído”,

compartilhou. No entanto, ele afirma que todos reconheceram a mudança como algo positiva, e que para ele em específico foi extremamente extasiante poder conhecer finalmente o lugar que foi o cenário de várias histórias que seus familiares tanto contavam.

Por mais que eu tivesse esse vínculo forte com a fábrica, ela era uma caixinha fechada e misteriosa para a gente. Por mais que eu tenha visitado o estacionamento, era o local onde estavam as máquinas, que produziam o tecido, o local onde meu pai passava o dia. E mesmo antes do fechamento em 2004, era um muro amarelo que cercava toda a fábrica e aquele quarteirão provocava uma sensação no bairro de algo abandonado lá dentro. Então os locais adjacentes àquele muro eram mal circulados, eram mal iluminados, não era tão interessante passar ali e me parecia que de fato você tinha um ponto a ser resolvido dentro do bairro. Era a sensação, falando de forma pessoal, que eu tinha. (Interlocutor P.V., em 10/04/2025)

Para todos os interlocutores, o shopping trouxe uma nova dinâmica ao cotidiano de Bangu. Tornou-se um verdadeiro ponto de encontro para os moradores, um espaço onde as pessoas circulam, compartilham histórias e se reconhecem. M.B. comentou, com certo orgulho, que embora o shopping não aparente grande sofisticação, é um dos que mais vendem na cidade e explicou que isso acontece porque o shopping funciona como uma galeria. “Você entra por uma rua e sai pela outra, atravessando-o como se estivesse andando pela

rua. E, nesse percurso, vê as lojas, se depara com um preço, entra e compra.” Para ele, esse formato de circulação livre contribui diretamente para o sucesso do espaço.

O shopping deixa clara a sua intenção mercantil, tanto em suas iniciativas promocionais e comemorações quanto nas tentativas de preservar a memória de Bangu, que atrai muitos potenciais consumidores pelo apego à memória local e a vontade de se estar próxima a ela. M.K, que é um dos pesquisadores do Museu de Bangu, menciona que após a inauguração do shopping foi discutida a possibilidade de transferir o Museu de Bangu para o seu interior, mas essa proposta foi rejeitada pela direção do museu. O shopping ofereceu uma área para a instalação do museu, mas, ao discutir a administração do espaço, foi sugerida que a gestão seria feita pela direção do shopping. Isso levou a comunidade a recusar a proposta, temendo que o museu perdesse a autonomia que possui e ficasse à mercê das flutuações que as mudanças na administração do shopping poderiam ocasionar.

Apesar disso, tanto ele como P.V., que também faz parte do grupo de colaboradores do Museu de Bangu, reconhecem que independente do interesse real pela preservação (se é de fato por um apego cultural ou se é na intenção de utilizá-la para a indução ao consumo), o importante é que essa história seja contada de maneira acessível e que, dessa maneira, seja possível atingir a mais ampla gama de banguenses a fim de despertar neles o sentimento de

pertencimento ao bairro. Essas ações ajudam a reforçar a importância histórica do local, mesmo que talvez não seja o interesse principal da administração comercial.

O narrador C.R., também colaborador do Museu, comenta que seu diálogo com a iniciativa privada do shopping e com representantes políticos costuma ser frutífero, e afirma que várias de suas propostas de resgate à memória por meio de exposições e obras de cenografia foram atendidas ao longo dos anos. Para ele, a chave para a boa recepção de seus projetos está na combinação entre conteúdo sólido, clareza na comunicação e domínio técnico sobre os temas abordados. Ele possui uma trajetória marcada por um forte senso de doação e comprometimento pessoal e relata que passou a dedicar tempo e recursos próprios às ações culturais no bairro. Segundo ele, trabalhos como esses deixam "raízes" que, ao se somarem a outras ações culturais, contribuem para a consolidação de uma memória coletiva ampliada e enraizada no território, sendo esse o legado que busca em troca de sua dedicação.

M.B. refletiu que a transformação da Fábrica em shopping talvez tenha sido a única coisa positiva em Bangu que ele vivenciou nos últimos tempos, apesar de representar o fim de um ciclo industrial importante para o bairro e para os moradores. Num geral, tocar no tópico sobre as mudanças territoriais, para todos os narradores, foi entrar em um assunto que despertava muitos sentimentos, alguns favoráveis às mudanças, outros mais resistentes a elas. De toda

maneira, o sentimento comum a todos é de saudade do passado e da esperança de um futuro mais aprazível.

Eu sou bastante saudosista, você deve ter reparado ao longo dessa entrevista. Às vezes eu falo para minha esposa assim, "vamos ao cinema?" e eu tô me referindo à farmácia. Aquela Drogaria Pacheco que tem ao lado da caixa econômica federal era o cinema de rua ali. O Bradesco era o Cinema Vitória, o Casa & Vídeo que fechou ali na Francisco Real era o Cinema Ermida... eu sou muito saudosista para falar exatamente uma coisa só (que sinto falta em Bangu). (Interlocutor L.C., em 07/04/2025)

Alguns dos sentimentos conflituosos quanto algumas intervenções são evidenciados quando analisamos o caso do fechamento da Avenida Cônego de Vasconcelos e sua transformação em calçadão. Grande parte dos narradores afirmou não gostar da atual configuração deste espaço, mas relembram com saudade e demonstram apreço a sua primeira intervenção em 1991, quando o espaço era aberto e arborizado sem a cobertura em estrutura metálica.

O narrador L.C. afirma ter participado como um dos idealizadores da primeira intervenção do calçadão, realizada em 1991, e defende que ela é vista de maneira positiva principalmente por ter sido um projeto que agregou à identidade local, trazendo infraestrutura como áreas

para eventos, espaços para crianças e maiores lugares pracializados. Com esse “espírito bairrista”, como ele mesmo definiu, se envolveu na elaboração do projeto que, segundo ele, resultou em um calçadão “bonito, bucólico, pensado para valorizar o espaço urbano e a convivência”.

No entanto, com o tempo esse orgulho passou a dividir espaço com um certo remorso, e ele relata que a transformação que veio depois descaracterizou completamente a proposta inicial. “O que fizeram em cima do nosso (calçadão) foi um absurdo”, desabafa. A nova estrutura, marcada por uma cobertura que, segundo ele, mais atrapalha do que protege, descaracterizou a estética original do calçadão e contribuiu para o afastamento dos pedestres, que preferem transitar pela parte descoberta.

Os narradores fizeram críticas diretas à forma como o mercado alternativo tem tomado conta do centro do Calçadão de Bangu, especialmente próximo à estação. Para eles, o problema não está apenas na presença ou ausência dos ambulantes, mas na falta de uma articulação entre os diversos interesses envolvidos, o que acaba prejudicando a vivência urbana e o reconhecimento afetivo do território.

Para alguns narradores, a forma como a economia de Bangu foi tomada por interesses externos, com lojas e estabelecimentos sendo comprados e gerenciados por forasteiros, afasta o comércio local

das relações afetivas históricas e, por sua vez, das ações populares. Eles comentam que, no passado, esse núcleo era essencialmente comandado pelos próprios banguenses, que viam o bairro como parte de sua identidade. Hoje a maioria desses antigos laços foram desfeitos, e o comércio local perdeu sua conexão com a comunidade, dificultando a comunicação e o apoio organizacional e financeiro aos entes promotores de cultura e eventos.

São comentadas ausências de referências visuais e sociais que caracterizavam o bairro. O calçadão, que antes era um espaço de encontro, pertencimento e apego à memória patrimonial, hoje é referenciado como desordenado, descaracterizado e quase irreconhecível. No entanto, há quem aprecie e veja beleza na dinâmica desse espaço, que organicamente se reinventa nas adversidades e gerando o sustento de muitas pessoas que precisam recorrer ao comércio informal.

Apesar de ser um dos idealizadores da transformação da Avenida Cônego de Vasconcelos, tanto L.C. quanto outros narradores mencionam com pesar a destruição das casas da Vila Operária, que se localizavam ao longo da Avenida Cônego de Vasconcelos antes da instalação do calçadão. Para esses habitantes, a sua preservação conseguiria contar uma história passada, remetendo aos tempos antigos e às origens do bairro.

Ah, isso aí... talvez a minha tristeza de Bangu seja isso. A falta de preservação. Eu vi aquelas casinhas lindas... eu vi demolir isso. Para mim foi uma agressão. Eu acho que Bangu perdeu muito de memória de preservação cultural ali. Não podiam ter permitido esse tipo de transformação. Mas agora não tem mais jeito. Ainda bem que salvaram a fábrica... (Interlocutor L.C., em 07/04/2025)

O narrador M.G. não vivenciou o período da Vila Operária, mas consegue ainda notar alguns de seus resíduos na paisagem que chamam a sua atenção. Ele se entristece ao ver a substituição progressiva da arquitetura original, especialmente no entorno da antiga fábrica que ainda é residencial. Casas antigas com quintais visíveis, varandas e detalhes arquitetônicos delicados como uma plaquinha com o ano da construção ou um pequeno azulejo com pintura religiosa na entrada são elementos que, para ele, carregam uma memória viva e uma estética que vai muito além da forma, trazendo calor, afeto e acolhimento.

Ao notar que tudo isso está desaparecendo, o narrador relata sentir aflição. Não apenas pela perda do que é físico, mas pelo que isso simboliza. Essa angústia vem acompanhada de um sentimento curioso, de um saudosismo por algo que ele nem chegou a viver por completo. Um apego à ideia de uma “era de ouro”, um tempo idealizado em que o bairro parecia mais harmônico, mais bonito, mais “seu”.

No entanto, com o tempo esse sentimento foi se transformando e ele aprendeu aceitar as mudanças, mesmo que não as aprove algumas vezes, reconhecendo que o bairro está em constante mutação, especialmente em relação ao comércio e à mobilidade. Apesar disso, lamenta que essas transformações, do ponto de vista arquitetônico e estético, estejam acontecendo sem um equilíbrio entre o progresso e a preservação, restando ainda, por enquanto, os resquícios. E ele relata caminhar por entre eles, observando o que foi e tentando “registrar com o olhar antes que desapareçam por completo”.

Nós acabamos fazendo parte dessa transformação e estando aqui, a gente evolui com ela e se adapta a ela. (Interlocutor P.V., em 10/04/2025).

5.2.4 Ações comunitárias/comunais: um Bangu composto por diversos banguenses

As transformações territoriais fazem parte do inegável progresso moderno que todos os espaços comuns de grandes bairros eventualmente enfrentam. Os espaços se modificam e com eles os padrões de usos e apropriações também, alterando assim os laços afetivos estabelecidos com os lugares. Lembranças novas sobrepõem as antigas, que com o passar dos anos viram lendas até que sejam completamente esquecidas. O narrador P.V. reconhece que espaços como o Museu de Bangu, as torcidas organizadas e

outras iniciativas locais funcionam como “pontes” entre o passado e o futuro, possibilitando o acesso simbólico a uma memória coletiva. Nesse sentido, sua prática cotidiana é marcada por uma intencionalidade clara: “faço meu trabalho intencional para que meus filhos continuem com essa visão que eu sempre tive, que eu recebi”.

No entanto, ele também chama atenção para o fato de que nem todas as famílias compartilham essa mesma disposição para a transmissão de valores e memórias locais, até porque suas relações com o bairro podem ser diferentes das dele. Diante da diminuição dos dispositivos sociais, culturais e institucionais que sustentavam essa vivência territorial, o entrevistado conclui com um alerta: “a gente tem um risco sim de isso, com o tempo, entrar em declínio... essa sensação de afeto”.

[...] fica como se fosse uma lenda que a gente vai falando de pai para filho, né? Eu falo para os meus filhos, mas só que uma hora vai se perder. (Interlocutor C.A., em 02/04/2025)

O mais interessante que foi notado em todas as entrevistas é que há uma vontade comum entre os mais ligados afetivamente ao bairro de manter viva a cultura local. A percepção geral é de que, com o passar dos anos e mudanças no cenário urbano e cultural, manifestações tradicionais foram se enfraquecendo e, dessa maneira, a responsabilidade de reacender essa chama tem sido

assumida por moradores que não querem ver essa memória desaparecer. Diante deste cenário, alguns narradores entrevistados compartilham desse impulso de promover atividades culturais que resgatem e fortaleçam a identidade de Bangu. Para eles, fomentar a cultura de Bangu é também contar e preservar a própria história do bairro.

Um dos motivos que me fizeram ser bairrista nesse sentido, é justamente por se ter um bairro, tudo bem, um bairro suburbano, mas que disponibiliza a maioria dos acessos a entretenimento, cultura e trabalho dentro dele. Possibilitando aquela sensação, que está muito em voga, todo mundo menciona, a sensação de pertencimento, aquilo que está ali é algo que você pertence. Por exemplo, o Bangu chega na final de campeonato brasileiro em 1985, eu não lembro, eu tinha apenas três anos, mas quem viveu isso [falava], “nossa, eu moro a 200 metros do campo do time que está disputando a final do brasileiro”. Tem um noticiário falando sobre a qualidade dos tecidos, “nossa, eu passo na fábrica todos os dias”. Essa sensação de “o que está aparecendo lá, eu faço parte disso” acaba sendo muito relevante para esse sentimento de maneira geral. (Interlocutor P.V., em 10/04/2025)

Os narradores ressaltam que é quando você conhece e se reconhece na história de onde você vive, que é criado o senso de pertencimento, despertando a vontade de cuidar e salvaguardar os

lugares e seus elementos, fortalecendo a identidade de comunidade. No entanto, as dificuldades enfrentadas não são poucas. A falta de apoio governamental e a ameaça constante de degradação de monumentos importantes, como no caso da Fazenda Viegas ou a Casa do Silveirinha, são desafios que exigem uma luta constante da comunidade. Existem várias frentes populares que buscam reivindicar o direito aos espaços de memória do bairro, que buscam o apoio não apenas da população local, mas dos órgãos públicos de proteção patrimonial.

A educação e a cultura são transformadoras, e na cultura está inserida a memória. Então a memória, o museu e a história fazem com que crianças, adolescentes e até os adultos, os mais velhos, passem a gostar do bairro. “Pô, meu bairro é pioneiro no futebol! Pô, meu bairro é pioneiro na exportação de moda! Poxa, o Bangu foi campeão nisso, campeão naquilo.” então a autoestima do bairrismo se dá nessa situação. (Interlocutor C.R., em 19/04/2025)

Na entrevista, os narradores M.K e P.V. refletem sobre o processo de preservação da memória histórica de Bangu e a construção da identidade local, especialmente nas gerações mais jovens. Uma preocupação crescente é a herança do legado do Museu de Bangu, que busca pelo apoio da juventude para que a sua existência continue sendo possível. O Museu de Bangu tem tentado levar suas ações de resgate histórico às escolas municipais e estaduais,

incentivando as crianças a se identificarem com a história local e a se sentirem parte de onde vivem. O narrador C.R. se mostra otimista quanto a isso, observando que existem diversas lideranças jovens surgindo em Bangu, como a torcida da Castores da Guilherme e outras iniciativas. “Só tem líderes. Tudo liderança. Estudando sobre o bairro, levando a luta para dentro da Barra Brava de Moça Bonita”, afirma.

Há esse crescimento sim de um grupo forte que consome memória, pertencimento, história e afeto banguense e que muitas das vezes não foi batizado nessa fonte, não passou por isso, mas só de ouvir falar e tomar conhecimento há aquela necessidade de “quem me dera um dia poder ir no Moça Bonita lotado”, “quem me dera um dia poder ir num carnaval como era no passado”, “quem me dera um dia ver o bairro produzindo emprego para que ninguém precisasse sair do bairro”. (Interlocutor P.V., em 10/04/2025)

Alguns dos narradores mais jovens contam com saudosismo uma vontade de ter vivido um Bangu diferente, o Bangu que eles leram a respeito. Ao comparar o "Bangu de antigamente" com o atual, emerge uma dimensão afetiva e nostálgica que, embora marcada por uma relação não vivida diretamente, se inscreve como pertencimento simbólico a uma memória coletiva: trata-se de uma "tristeza por não viver um passado impossível", um passado que, apesar de não experienciado, é ressignificado como referência

identitária. A antiga imagem do bairro, agora restrita a documentos históricos, se torna uma representação de tudo aquilo que poderia ter sido e não foi. A impotência diante da irreversibilidade da perda é expressa com contundência: “eu queria que fosse diferente, e eu não tenho o que fazer em relação a isso”.

É um saudosismo com um bocado de frustração por conta da potencialidade que o bairro, não sei se tinha ou se ainda tem. Mas é um saudosismo mesmo, é um saudosismo e também é aquela coisa do “o que poderia ter sido”, eu acho. [...] Eu acho que Bangu tem uma história que difere ele dos outros bairros. Eu acho que a história é o maior capital. O banguense, as pessoas sempre são o capital. Acho que a história é o maior atrativo de Bangu. Acho que se Bangu perder a história dele, ele se torna... sei lá, se torna qualquer outro bairro. (Interlocutor M.G., em 11/04/2025)

5.2.5 Relações de afetos: o orgulho de ser e viver Bangu

Quando questionado sobre a vontade de permanecer no bairro, a grande maioria se apresentou positiva a ideia. Discursos como “Bangu é o meu lar, não me vejo longe daqui” apareceram em várias narrativas. Para os interlocutores, é como se fossem parte inseparável da história local e enxergam Bangu como sua raiz afetiva e social.

Eu amo Bangu. Acho que Bangu é um bairro que tem tudo. E de repente em outros bairros não tem o que tem em Bangu. Eu não sairia daqui para um lugar nenhum. Só para viajar e voltar. [...] eu falo, “para que eu vou mudar daqui?” Se eu passar mal na rua, sei que vai chegar alguém, vai me conhecer e tomar providência. Andando nas ruas daqui, estou em casa. Gosto muito. (Interlocutora M.R., em 04/04/2025)

O bairro se tornou um tanto violento, né? Por causa das diversas comunidades, mas hoje está até mais calmo. E aí, é aquela coisa, os filhos vão crescendo, vão ficando adultos, vão indo embora, e às vezes a gente vai ser obrigado a acompanhá-los, né? A gente não sabe. Por mim, eu não tenho vontade de sair daqui. Mas não sei, o futuro a gente não sabe, né? Mas eu não tenho nenhuma intenção, até porque eu acho que fora daqui eu vou ficar um peixe fora d'água, né? Já que gosto tanto da região, pesquiso tanto [sobre ela]... Imagina eu morar em outro lugar? (Interlocutor M.K., em 09/04/2025)

Alguns narradores consideram sair de Bangu no futuro, mas retornar sempre que possível. Eles afirmam que as vezes são criados novos ciclos, novos núcleos sociais e demandas que implicam a saída do bairro. No entanto, não negar as suas origens e resgatar sua identidade é algo que aparece em todos os discursos, reconhecendo a importância da história do lugar de onde se veio para a criação do que se é no presente. A percepção na diferença entre as relações que são estabelecidas fora de Bangu é algo destacado nas

narrativas, como se “faltasse algo” ou “não fosse exatamente tão caloroso quanto é no bairro”. Para alguns, esse movimento de sair e voltar que constrói, aos poucos, uma relação mais madura e afetiva com o bairro, um tipo de pertencimento que só se revela na ausência. É nesse equilíbrio entre passado e presente que se encontra o afeto por Bangu, reafirmando silenciosamente que, mesmo diante das mudanças, há algo ali que sempre chamará de volta.

Às vezes a gente só percebe o quanto algo é importante quando a gente perde, quando a gente vai embora. Esse sentimento suburbano de orgulho que acho que todo banguense tem de ver que ali é o lugar dele, de poder em qualquer lugar e ser bem recebido, ser reconhecido... quando eu comecei a sair daqui eu sentia muita falta, e toda vez que eu estava em São Paulo também me sentia um pouco longe, deslocado. Eu lembrava que eu tinha um lugar, que talvez aquele lugar que eu estava nunca fosse onde eu realmente queria estar. Eu sempre queria estar de volta para cá. Tudo bem que talvez tenham lugares ditos melhores, mas parece que quando eu chego aqui algo me enche com o que já era para ser e vai ser para sempre. É como se você fizesse parte de um todo, sabe? “Me sinto em casa em qualquer lugar, turista em todo” - só que em Bangu não é turista não, é morador e vivido para sempre. (Interlocutor J.G., em 11/04/2025)

Outros que já não vivem em Bangu, afirmam carregá-lo no coração mesmo que a vida tenha os levados a seguir por outros caminhos.

Nas entrevistas e nos grupos de memória do facebook foi percebida a manutenção do sentimento que segue, quase imaculadamente, no discurso e nas manifestações de quem um dia habitou o bairro. Lembranças, experiências, sentimentos e amizades que, no imaginário de quem saiu, permanecem vivas e ancoradas ao território. A saída não é uma renúncia ao que se viveu e ao que foi construído, e as manifestações de afeto deixam claro o apego e a gratidão aos tempos passados.

Por mais que a gente saia, a gente leva a nossa história. Porque é mais que localidade, é a história nossa de vida, né? (Interlocutor C.A., em 02/04/2025)

Quando a gente vai estudar fora do bairro, fora da região, a gente passa muito tempo longe de Bangu porque a nossa vida fica uma parte do tempo ali. Aí você cria outras redes de contato, amigos e tal, então você vai para outras partes do Rio, você curte aquela zona de lazer que não tem nos outros ambientes..., mas você sente aquela falta... e é como se você sempre quer voltar. Por exemplo, eu adoraria visitar Bangu [no futuro]. Morar em Bangu? Não sei, mas visitar é uma coisa que provavelmente seria constante. Eu não passo muitos finais de semana aqui, mas quando eu passo gosto de andar por aí, ir à feira, sabe? Eu vou ali ver as casinhas com aquele chão vermelho de caquinho, que é bonitinho... então eu acho que eu gosto disso. (Interlocutor M.G., em 11/04/2025)

De maneira geral, o sentimento originário parece resistir entre os habitantes, que algumas vezes não conseguem nem definir o motivo e a origem desse sentimento. Ainda no campo da abstração, foi tentado despertar neles o instinto dessa investigação, o que apresentou resultados positivos e grandes reflexões. Para alguns que arriscam decifrar, se trataria de um sentimento de gratidão ao passado e ao legado que foi construído, para outros viria de um sentimento de comunidade diferente de qualquer outro lugar que existe. É mais do que um simples orgulho geográfico, constitui-se como expressão de pertencimento e partilha de experiências comuns entre os moradores de Bangu.

Para M.G., o sentimento de pertencimento a Bangu e esse bairrismo tão presente no discurso de muitos moradores ainda é algo difícil de explicar de forma concreta. Ele reconhece a força desse vínculo afetivo, mas admite que, até então, não conseguiu encontrar uma justificativa objetiva para o que une tantas pessoas em torno da identidade banguense. “Está no campo do abstrato”, confessa. Mesmo quando se orgulha de dizer que é de Bangu, o discurso acaba voltando para a história operária de sua família, para memórias do avô, do pai, para aquilo que foi vivido e transmitido dentro de casa, mas sem saber exatamente o porquê desse orgulho tomar uma forma tão intensa dentro de si e das outras pessoas.

O sentimento que os moradores de Bangu nutrem em relação ao território e entre si demonstra uma dimensão singular de

reconhecimento mútuo, quase instintivo. Ainda que o senso comunitário nem sempre se manifeste de forma explícita ou constante, ele aparece em gestos sutis como um olhar que reconhece a origem compartilhada. É como se, mesmo no silêncio, houvesse uma compreensão tácita: “eu sei que você veio do mesmo lugar que eu”. M.G. desenvolve esse raciocínio falando que esse pertencimento se assemelha ao que se observa em grupos étnicos organizados em comunidades — como a judaica, a libanesa, entre tantas outras — nas quais mesmo os membros mais distantes são olhados com atenção e curiosidade por questões de afinidade. Há uma conexão silenciosa, uma vigilância afetuosa que busca reencontrar e reconhecer pontos em comum.

Alguns interlocutores mencionam que essa sensação de proximidade não exige intimidade prévia. Ela brota da partilha de uma vivência comum das ruas, dos trens, das rotinas e das ausências. É um vínculo construído pela familiaridade com o território e suas nuances, que, mesmo diante das diferenças individuais, aproxima seus habitantes. Em Bangu, o pertencimento não precisa ser dito em voz alta, ele pode estar num simples olhar, num gesto de acolhimento silencioso, no reconhecimento de uma história que, ainda que não seja exatamente igual, ressoa em cada esquina compartilhada.

Acho que esse bairrismo comparado a outros lugares, a outras pessoas, é um pouquinho do orgulho, como eu

mençãoi, e acho que talvez o que chame mais até atenção e peso é compartilhar das dos mesmos fenômenos que são tipicamente banguenses. Falar do calor, sempre que eu vejo pesquisa falando que a maior temperatura foi em Guaratiba, foi em Macaé, foi não sei aonde, eu pesquiso um pouquinho mais para ver se Bangu estava entre os lugares pesquisados. Se não estava, ou estava não foi considerado o lugar mais quente, eu discordo, eu levanto a bandeira de que essa medição foi imprecisa [risada]. Todo banguense conhece o calor e compartilha ali desse sofrimento, então vai um pouco disso... temos ali alguns pilares de Bangu e a gente é muito apegado a eles, a defendê-los. Então quando tem essa visão de fora do bairro, é meio que proteger a cria, né, proteger o que é nosso. (Interlocutor I.R., em 14/04/2025)

O banguense nutre orgulho único com o território e suas relações, reverberando não apenas no seu estilo de vida, mas também na maneira que se expressam e se posicionam a respeito. Os estigmas que existem a redor do bairro e suas representações afeta muitos dos seus habitantes, que prezam pela imagem do lugar que amam. Expressões como “à moda Bangu” ou simplesmente “à lá Bangu”, que migraram do contexto de excelência e são hoje utilizadas para criticar a maneira como algo é feito, associando à desleixo ou má qualidade, contribuem para o reforço de desigualdades simbólicas. Os entrevistados resistem a essa e outras ressignificações representativas do bairro, evidenciando a importância da memória e

da fala como formas de reivindicar reconhecimento e dignidade para o território. Por onde vão, levam o orgulho de levar Bangu como parte de sua identidade, defendendo-o e enaltecendo-o sempre que podem.

Acho que a gente acaba carregando muito desses estigmas que são botados em nós por outras pessoas que não estão ali no nosso meio. Enquanto a gente está ali como resistência de alguma forma, né? (Interlocutor C.A., em 02/04/2025)

Diante deste cenário, as respostas à pergunta “o que é ser banguense para você?”, realizadas ao final das entrevistas, revelam camadas profundas de identidade, afeto e pertencimento associadas ao bairro de Bangu. Em meio a uma cidade marcada por desigualdades e estigmas espaciais, ser banguense é, para muitos, um ato de afirmação simbólica, de continuidade histórica e de resistência cultural frente aos apagamentos urbanos e sociais. Os relatos demonstram que o sentimento de ser banguense ultrapassa o vínculo territorial e se manifesta como uma forma de orgulho coletivo, fortemente ancorado em experiências compartilhadas, na memória afetiva e na valorização de uma história construída por sujeitos que resistem e permanecem no lugar.

Em Bangu a gente tem um sentimento de pertencer, de amor, né? É um bairro que você tem um sentimento

de afeto porque ele criou a gente, a fábrica Bangu criou a gente. Deu emprego e sustentou a casa onde eu moro, que era no terreno da fábrica que foi doado. Deu moradia, deu sustento, então deu toda essa identidade. Nós existimos hoje em Bangu devido à fábrica, devido à revolução industrial daquela época, então o carinho é muito grande. (Interlocutor C.A., em 02/04/2025)

Ser banguense é ter uma referência, né? Uma referência maravilhosa. **Eu falo que Bangu foi feito para nós. É sob medida.** Eu amo ser banguense. Eu amo viver aqui. É muito familiar esse bairro. Muito! Todo mundo se conhece. Todo mundo é gentil, a gente sente que não é uma coisa fingida. [...] E assim, tudo que a gente faz por Bangu, a gente faz por prazer. A gente não tem obrigação, não. A gente faz porque quer, porque gosta disso. [...] viver aqui em Bangu é você sentir que você existe. Você não é apenas uma pessoa, mas você é alguém. Você é reconhecida. (Interlocutora M.R., em 04/03/2025)

Ser banguense é você ser orgulhoso de uma história. **É você também saber que você vai achar um banguense em qualquer lugar do mundo.** Do mundo mesmo. É saber que pela sua história você vai ser respeitado, você vai ser bem recebido. (Interlocutor M.G., em 11/04/2025)

Eu sou cria de Bangu... é o lugar que me formou, me moldou... **tudo que sou hoje tem um pouco de Bangu.** (Interlocutor M.B., em 16/04/2025)

Acho que é se orgulhar da sua origem. Acho que vai um pouco do pioneirismo da moda, no futebol, vai um pouco dessa preservação de uma nostalgia, de um passado de ouro ali, de grandes carnavais... de uma memória afetiva que os operários, proletários, construíram o bairro e criaram suas famílias ali, e todo mundo se conhece. Quando sai [de Bangu] você encontra um banguense, rapidamente cria uma relação, um afeto, um contato. Tenho esse orgulho de mostrar o Bangu para os outros também. Então eu definiria numa palavra como orgulho. (Interlocutor I.R., em 14/04/2025)

Ser banguense para mim é ter uma casa, é ter uma origem, **é ter orgulho de algumas coisas que não é opcional você tirar de si.** É uma forma de resumir todo berço que você teve. Então ser banguense para mim tem muito a ver com a minha origem, com o que eu sou, e representar é sempre um orgulho. Quando eu vou fazer algo sobre Bangu, eu estou fazendo algo homenageando as pessoas que me trouxeram até aqui. **Então, sem dúvida nenhuma, ser banguense é parte intrínseca minha.** Por mais que em alguns momentos a gente se aborreça, mas não tem jeito, é aquilo que está com a gente. E é difícil, se você me pedisse, por exemplo, para contar a história sem falar de afeto, sem citar o dia a dia

cotidiano com relações com coisas banguenses... acho que não seria possível eu remontar essa história. (Interlocutor P.V., em 10/04/2025)

Olha, ser banguense eu acho que é alegria. Orgulho de ser suburbano, porque o bairro no subúrbio tem um charme, tem uma identidade. Tem essa paixão pelo carnaval, pelo futebol. Os grandes times do Rio de Janeiro são da zona sul, então o Bangu tem essa coisa de futebol do subúrbio, carnaval do subúrbio. Então eu acho que o orgulho de ser suburbano, de ser da Zona Oeste, é ser banguense. **Eu não vejo muito esse orgulho em outros lugares**, o banguense demora muito para sair de Bangu e às vezes sai por questões além do que ele pode controlar. O banguense nasce, cresce e morre em Bangu. A gente fica aqui... então eu acho que o ser banguense é o orgulho de ser suburbano. (Interlocutor L.C., em 07/04/2025)

É ter orgulho de onde nasceu, amar tudo que compõe o bairro e transmitir toda a história [...] então a composição de o que é ser banguense é ser plural, amar quase tudo que temos aqui mas amar em grande escala e **ter orgulho de onde nasceu, e perpetuar a história do bairro**. (Interlocutor J.G., em 11/04/2025)

Ah, é levar a história não só do bairro, mas da minha família também. E levar isso para outras pessoas próximas, do convívio, ou de futuras e outras gerações. É levar a história do bairro e buscar sempre a melhoria

para ele também. É sobre união, enraizamento, fundamento, história... E sobre o futuro, né? **Sobre preservar esse patrimônio material e imaterial para que outras pessoas também consigam despertar esse sentimento**. (Interlocutor I.O., em 19/04/2025)

A gente acaba sendo a história e ator dessa história sem perceber, porque nesse nosso amor pelo local a gente vai fazendo história também. Então ser banguense é isso, é você ser um agente transformador do bairro, um agente de preservação da história da memória do bairro, para mim é muito importante isso. Eu quando era criança ouvi uma frase que nunca saiu da minha cabeça: “na vida vocês são plantas com raízes”. **Esse amor é passado de geração em geração porque nós somos plantas que criaram raízes, e a raiz ninguém destrói, não se acaba**. (Interlocutor M.K., em 09/04/2025)

Pergunta mais fácil de responder. Ser banguense é morar no bairro mais rico de história do Brasil. É um bairro que tem um clube, que tem ruas projetadas, que tem uma história de pioneirismo. Ser banguense é tudo de bom. Grande parte da população se conhece pelo nome, pelas famílias... as pessoas ainda andam nas ruas, sentam nas calçadas, nas praças. É um bairro na essência, cercado de história, e é por isso que sentimos muito orgulho de falar “**somos banguenses, somos Bangu! Eternamente Bangu!**”. (Interlocutor C.R., em 19/04/2025)

5.3 Matriz de Afetividades: cartografia sentimental de Bangu

No contexto da pesquisa, o termo “matriz” carrega uma polissemia que enriquece sua aplicação analítica. Linguisticamente, “matriz” pode significar tanto o molde ou forma original a partir da qual outras coisas são geradas quanto o lugar de gestação e origem da vida. Esses sentidos se complementam quando aplicados à dimensão do espaço urbano como produtor e reproduzidor de experiências, práticas e afetos.

Ao considerar o ambiente construído como matriz, Suzanne Seagert (1981) aponta para sua capacidade generativa — isto é, sua potência de engendrar novas formas de vida, novas relações sociais e novos sentidos atribuídos ao espaço. Em Bangu, esse aspecto foi claramente evidenciado nas entrevistas, quando os moradores descreveram como espaços foram ressignificados tanto por intervenções físicas quanto pela sobreposição de práticas culturais e afetivas.

Essa capacidade de gerar sentido situa o espaço como agente ativo na constituição das subjetividades territoriais, abrigo e matriciando práticas, alimentando suas possibilidades e, por vezes, transformando sua própria função original. Por exemplo, uma antiga fábrica, praça ou rua, ao ser lembrada com afeto por sua função social no passado, torna-se lugar de memória e identidade, matriz

de vínculos que ainda hoje orientam como o espaço é sentido, vivido e referenciado.

No final das entrevistas, foi solicitado que os narradores descrevessem quais eram os seus lugares favoritos de Bangu e quais eles possuíam menos apreço. Esses dados foram espacializados representando uma Matriz de Afetividades, junto às observações da pesquisadora, que buscou demonstrar graficamente os principais pontos de encontro e de laços memoriais do bairro de acordo com os relatos.

Os depoimentos dos 14 entrevistados revelam enraizamento afetivo, histórico e simbólico com o território de Bangu. A maioria constrói sua relação com o bairro a partir das memórias da infância e juventude, quando o espaço urbano era marcado pela convivência entre vizinhos, brincadeiras de rua, segurança e vitalidade nos espaços públicos. Essa memória nostálgica funciona como um elo entre o passado e o presente, alimentando o sentimento de pertencimento mesmo diante das transformações percebidas no bairro.

Outro elemento recorrente é a herança familiar. Muitos entrevistados mencionam pais e avós que trabalharam na antiga Fábrica de Tecidos Bangu ou participaram da vida cultural local. Essa memória herdada atua como base para a identidade banguense, reforçando o orgulho de ser parte de um território com história própria, rica em

símbolos como o futebol, o samba e a vida operária. Para esses moradores, ser de Bangu é carregar um legado.

A cultura popular também é um eixo forte de associação ao território. O futebol (com destaque para o Bangu Atlético Clube e o Estádio Moça Bonita), o Carnaval (especialmente a Unidos de Bangu e a Mocidade), os cinemas, clubes e praças aparecem como espaços de expressão coletiva, resistência simbólica e sociabilidade. Em contraste, a crítica às transformações urbanas — como a descaracterização do calçadão, o fechamento de espaços culturais e a insegurança crescente — aparece como um ponto de dor, reforçando a sensação de perda territorial e de abandono por parte do poder público.

Por fim, destaca-se o grupo de moradores que atua de forma engajada no bairro, seja por meio de projetos culturais, ações políticas, movimentos comunitários ou produção artística. São sujeitos que, além de sentir Bangu, agem sobre ele, buscando preservar e valorizar sua história. Essa diversidade de vínculos revela um território vivo, em disputa e permanentemente ressignificado por aqueles que o habitam, cuidam e narram.

Na cartografia das afetividades espacializadas de Bangu, o conceito de matriz permite reconhecer que o território não é apenas cenário, mas também força geradora. As memórias evocadas nas entrevistas demonstram como os espaços ativam afetos profundos, ligados à

infância, à convivência comunitária e aos rituais identitários. Essa ativação é, ela própria, um gesto matricial: o espaço constrói e é construído pelos afetos, em um processo de retroalimentação contínuo.

Assim, ao mapear os pontos do bairro que emergem como marcadores afetivos, pretende-se ir além dos usos do solo ou da simples paisagem construída, revelando assim uma matriz sensível que sustenta a identidade territorial dos moradores. É por meio dela que o espaço se torna habitado no sentido pleno: vivido, sentido, lembrado, disputado e continuamente recriado.



Matriz de Afetividades em Bangu

-  Espaços com grande adesão
-  Espaços com adesão
-  Espaços com rejeição
-  Espaços abandonados e/ou descaracterizados

1 - Fábrica de Tecidos Bangu / Bangu Shopping: Símbolo da história e desenvolvimento do bairro. Atualmente representa um dos maiores pontos de encontros do bairro.

2 - Igreja de São Sebastião Santa Cecília e Praça da Fé: representação religiosa e espaço de encontro e sociabilidade.

5 - Casino Bangu: Lugar de festas e encontros culturais

4 - Bangu Atlético Clube: Lugar de festas e encontros culturais.

5 - Museu de Bangu: resgate histórico e união entre moradores.

6 - Calçada atual de Bangu (pós-Rio Cidade): Desorganizado e descaracterizado. Alguns comentaram gostar, mesmo assim, do que ele representa.

7 - Rua da estação / entorno da estação e "o outro lado de Bangu": Abandono e insegurança.

8 - Rua Prof. Clemente Ferreira: arborização urbana e rugosidades arquitetônicas.

9 - Praça Primeiro de Maio: Abriga a Areninha Cultural Hermeto Pascoal, polo de cultura do bairro.

10 - Entorno da estação da Guilherme da Silveira: Abandono e insegurança.

11 - Estádio Moça Bonita: Centro da vida esportiva e social.

12 - Praça Guilherme da Silveira: Espaço de encontro e sociabilidade.

13 - Ponto Chic: Complexo de bares e restaurantes, vida noturna.

14 - Sede da Castores da Guilherme: exaltação da memória esportiva e ponto de encontro de torcedores.

15 - Parque Leopoldina: sub-bairro arborizado e controlado.

Conclusões

Se por um lado o discurso científico sozinho pode parecer ineficiente para adentrar a sociedade, o intuito principal é que este seja um trabalho capaz de unir forças às narrativas das ruas. É fundamental dar voz aos sentimentos e emoções que os singulares signos banguenses representam para o coletivo do bairro, destacando não apenas o que é romântico e idealizado, mas também os desafios e cicatrizes que definem quem somos. Apenas dessa forma poderá ser entendido o verdadeiro significado de habitar.

Diante do contexto apresentado, esperou-se não apenas demonstrar, sob ótica científica, quais são as ambiências banguenses e a importância delas para a construção das identidades locais, mas também agenciar um olhar sensível para o que se entende por elas, o que elas produzem, qual a potência que elas têm e como essa força resiste até os dias de hoje.

Ao compreender essas ambiências, é possível captar como os moradores se apropriam do bairro, moldando sua paisagem por meio de suas práticas cotidianas e dos sentimentos de pertencimento que ela desperta. Esse processo de apropriação ativa – que não é apenas física, mas também emocional e simbólica – tornam o lugar habitado em um campo onde a identidade coletiva e individual dos moradores se constrói e se transforma constantemente.

Por meio da aplicação metodológica baseada na Etnotopografia, voltada para a análise qualitativa da paisagem e suas relações socioculturais envolvidas, a pesquisa ofereceu uma visão mais profunda de como os sujeitos interagem com o espaço, revelando as dinâmicas afetivas e sensoriais que, muitas vezes, são invisíveis nas análises mais objetivas ou concretas do ambiente urbano.

O contato direto com os moradores e a vivência em seus cotidianos ajudaram a revelar como a memória e o afeto compõem a construção e manutenção da identidade do bairro. Por meio de conversas, observações do comportamento coletivo e da participação em eventos locais de reforço identitário, foi possível perceber como as experiências de vida e as histórias dos banguenses se entrelaçam com o espaço público, criando uma relação única entre as pessoas, a paisagem e a sua memória.

Quando analisado um lugar, a sua história imaterial é indissociável da material e, no caso de Bangu, está presente não somente nos tijolos vermelhos, esquadrias e na chaminé do edifício tombado da Fábrica, mas também na malha urbana, mutável e responsiva às diversas versões de progresso, nos usos e suas “gambiaras”, propostos tanto pela antiga Companhia Fabril quanto pelas ações dos habitantes. Nesse sentido, a memória local está conectada às experiências vividas e aos afetos que elas geram, possuindo caráter dinâmico intimamente relacionado à proximidade com o objeto de recordação e à maneira que ele é vivenciado no presente.

As rugosidades materiais e imateriais em Bangu aparecem como um legado e uma herança dos antepassados, que tanto doaram de suas vidas para construir o bairro como conhecemos hoje. A paisagem urbana, seus elementos arquitetônicos, suas ruas e praças, carregam consigo as marcas dessa história e as relações sociais que nelas se estabeleceram, ocupando física e imageticamente a cidade, evocando e reforçando também as memórias coletivas.

Dessa maneira, atividades como o simples caminhar pelo Bangu Shopping, reunir com os amigos para assistir um jogo no Estádio Moça Bonita ou pular carnaval na Praça da Fé em época de folia transformam o espaço urbano em algo mais do que uma simples configuração física, se tornando um lugar de memória e de afeto, impregnado com as experiências de quem ali vive. Assim, as experiências cotidianas ajudam a contar histórias, preservar tradições e a reforçar uma identidade local única.

Portanto, a pesquisa compreende que a memória de um lugar não é um fenômeno estático, mas sim um processo que envolve a vivência contínua de suas histórias e a sua transmissão. A preservação dessa memória depende da manutenção de edifícios e monumentos históricos, mas também da vivência constante e da perpetuação das narrativas que fazem desse lugar algo significativo para aqueles que o habitam.

A distância cronológica em relação a uma memória, seja ela coletiva ou individual, pode gerar uma desconexão afetiva com o objeto dessa recordação. Esse fenômeno é particularmente visível nas transformações urbanas e nas mudanças nas dinâmicas sociais que ocorrem ao longo do tempo, quando a experiência das gerações anteriores se torna menos palpável ou até mesmo esquecida pelas gerações mais novas.

As memórias que ainda são repassadas desempenham um papel fundamental na vitalidade dos elementos que moldaram o bairro, bem como suas tradições e seus valores. Assim, o vínculo afetivo que os mais jovens podem ter com Bangu está frequentemente atrelado às narrativas contadas por seus familiares ou pela comunidade, que transmitem um saudosismo capaz de conectar o presente ao pretérito por meio de ações socioculturais e de lazer. Essa dinâmica é capaz de provocar a proximidade afetiva, fortalecendo laços de pertencimento e o senso comunitário.

Essa proximidade afetiva, por sua vez, pode ser interpretada como um “saudosismo artificial” no sentido de que não se trata de um passado ambiental pessoal de quem o sente, e sim de quem o desperta. Dessa maneira, muitos jovens comentam sentir falta e vislumbrar épocas de um Bangu que não tiveram a oportunidade de vivenciar, demonstrando uma certa melancolia com o sentimento do que o bairro “poderia ter sido”.

Esse sentimento ecoa no pensamento do potencial que o território poderia ter alcançado caso houvesse melhores políticas públicas ao longo de suas transformações urbanas, tendo em vista que durante muitos anos Bangu esteve no holofote carioca e até nacional. A qualidade banguense que hoje é associada pejorativamente a expressões populares (como é o caso da utilização do “à lá Bangu” ou “à moda Bangu” para referenciar que algo foi feito “de qualquer forma” ou com desleixo), ontem fora sinônimo de excelência e requinte.

Lembrar dessa história é cultivar a autoestima banguense, despertando senso de pertencimento por meio do resgate ao sentimento de orgulho do pioneirismo nacional que o bairro desempenhou em diversas frentes ao longo dos anos. É, acima de tudo, alimentar um senso comunitário diante das perdas simbólicas e materiais sofridas pelo bairro, transformando a memória em ferramenta de resistência cultural e identidade coletiva. Esse resgate histórico-afetivo opera como um antídoto contra os estigmas territoriais impostos, reposicionando Bangu como um território com densidade histórica, cultural e social. Ao reconectar o presente com as camadas do passado, fortalece-se um projeto coletivo de reconhecimento e preservação. Assim, a memória compartilhada deixa de ser um refúgio nostálgico e passa a ser um instrumento de valorização identitária, de articulação política e de projeção de um futuro que honre o legado deixado pelos que construíram o bairro.

O empenho dos moradores tradicionalistas em perpetuar este legado se torna nítido, que com sentimento de gratidão dedicam parte de suas vidas a retribuir ao bairro o que lhe foi ofertado ao longo de suas trajetórias. O Museu de Bangu tem forte influência e grande papel neste processo, promovendo eventos que evocam laços memoriais de afeto com o território e divulgando cientificamente seus registros ao longo dos anos. As ações de base em escolas da região e a contínua luta para garantir que o museu sobreviva e prospere é um reflexo da dedicação inabalável de seus membros que, apesar das dificuldades, se comprometem para que o patrimônio histórico do bairro permaneça vivo e acessível às gerações futuras.

Além disso, outras organizações populares autônomas de resistência como o movimento Casa do Silveirinha e o Ecomuseu Fazenda Viegas buscam a requalificação urbana de espaços de memória da Grande Bangu em prol da história, cultura e sustentabilidade na região. Estes, aliados ao grupo do Museu de Bangu, se mostram como potências resilientes frente à negligência governamental na proteção patrimonial dos subúrbios cariocas.

A Castores da Guilherme e outras torcidas organizadas do Bangu Atlético Clube também fazem o trabalho de convidar a população a celebrar a cultura do bairro a partir do resgate ao futebol local. A força histórica desse esporte na região, adormecida pelo baixo desempenho do time durante os últimos anos, foi resgatada pelas gerações mais novas que não necessariamente tiveram ele como

uma herança familiar. Se ontem a torcida do Bangu era representada entre as pessoas de mais idade, hoje se tornou um símbolo de resistência identitária entre os mais jovens, que ajudam a perpetuar e difundir a história a partir de festejos e reuniões, promovendo também ações sociais e apoiando diversas manifestações culturais do bairro.

Dessa maneira, o futebol não se limita ao estádio ou ao campo de jogo; ele se expande às ruas, nas praças, nas calçadas e nos bares. Os gestos de apropriação do espaço pelos moradores do bairro, de reunir-se para assistir a uma partida, de discutir os jogos e celebrar vitórias ou lamentar derrotas, criam uma conexão emocional com o lugar, consolidando o esporte como patrimônio identitário local. Esse afeto vai além de algo meramente racional, sendo visceral e pré-cognitivo. Ele está presente no corpo, no movimento, na experiência imediata com o espaço. Quando um morador de Bangu se apropria de um pedaço do bairro para vivenciar o futebol, ele o faz com o corpo, com as emoções e com as memórias que o espaço lhe evoca.

A mesma coisa acontece com o carnaval do bairro, símbolo tradicional que após anos de enfraquecimento vem tentando se ressignificar por meio das iniciativas comunitárias. Ele, assim como o futebol, transborda o evento em si, sendo representado nos ensaios de rua, nas fantasias confeccionadas em casa, nas músicas que ecoam pelas ruas históricas e nas memórias partilhadas entre vizinhos. Trata-se de um fenômeno que mobiliza o corpo coletivo,

reativa lembranças afetivas e reforça o sentimento de pertencimento, tornando-se instrumento de territorialização afetiva.

Esses signos, portanto, operam como agentes de coesão social, articulando os laços entre indivíduos e entre os moradores do bairro. Não se tratam apenas de manifestações culturais isoladas, mas signos do que é Bangu.

O orgulho que literalmente se carrega no peito é levado como um estilo de vida pelos habitantes mais afetuosos. Isso se configura por não haver uma separação clara do que é o território e o que é a vida pessoal de cada um, interligando-se o tempo inteiro nas narrativas de seus habitantes. Dessa maneira, Bangu compõe a essência de cada um que leva o território consigo, e o “ser banguense” se torna um devir pessoal, uma bandeira carregada diária e independente da residência no bairro ou não.

Mesmo quem já não habita mais ainda reconhece com orgulho o lugar de onde veio, buscando involuntariamente por seus conterrâneos nos espaços que frequenta. Dividir o mesmo lugar de origem cria automaticamente um elo entre os banguenses que se esbarram fora de Bangu, mesmo que não dividam muitas afinidades à princípio. É como se fosse possível se reconhecer no outro apenas sabendo que é compartilhado o mesmo cenário de vida entre si e, consequentemente, muitas das mesmas experiências. Com isso, para o Banguense não é preciso muito rodeio para abordar alguém

com uma camisa alvirrubra na rua, dispensando qualquer formalidade prévia para uma apresentação pessoal e uma saudação afetuosa.

Portanto, a noção de “ser banguense” transcende a simples localização geográfica e até mesmo o local de nascimento, assumindo contornos com delimitações territorialmente turvas, mas profundos ligados à construção de uma identidade coletiva historicamente cruzada. A memória afetiva emerge como elemento central, sendo mobilizada tanto no reconhecimento das raízes pessoais quanto no desejo de transmitir e preservar a história local. Ser banguense, portanto, é narrado como uma experiência de continuidade e resistência — um “orgulho de origem”, do pioneirismo, que persiste mesmo diante de adversidades urbanas e transformações socioeconômicas. A associação recorrente entre Bangu e valores como alegria, união, reconhecimento mútuo e autenticidade confere à identidade local um caráter singular, que muitos interlocutores descreveram como insubstituível.

Dessa maneira, a pesquisa conclui que a identidade territorial de Bangu é fruto de um entrelaçamento complexo entre memória, afeto e práticas cotidianas, sustentado por sujeitos que resistem ao apagamento promovido por políticas públicas urbanas ineficientes e discursos hegemônicos que estigmatizam o subúrbio. Ao lançar luz sobre essas dinâmicas e revelar a força que emana das ações de base, das manifestações culturais e da oralidade preservada,

compreende-se que o verdadeiro valor do bairro e, por sua vez, de seus habitantes, reside em sua capacidade de se reinventar continuamente, sem romper com suas raízes.

Trata-se de um reconhecimento da potência de sua população, que constrói, preserva e reencena diariamente a paisagem simbólica de Bangu — uma paisagem viva, coletiva e afetiva. Valorizar essas práticas e reconhecer seus significados é também propor um novo olhar sobre a cidade e sobre a centralidade dos territórios populares na construção do imaginário urbano. Nesse sentido, o ato de habitar Bangu ultrapassa os limites do morar: torna-se um gesto político, cultural e emocional de resistência, continuidade e reinvenção.

Referências bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO: Zahar, 1987.

AB'SABER, Aziz. **Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALENCAR, Bruno Holanda Moura. **Castor de Andrade e o Jogo do Bicho**: Um ensaio sobre violência urbana na cidade do Rio de Janeiro. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

ANDERSON, Ben. Becoming and being hopeful: towards a theory of affect. **Environment and Planning D: Society and Space**, England, v. 24, n. 5, p. 733-752, 2006.

ANDRADE, Fernando Torres. Práticas fotográficas e memória: a Fábrica Bangu. *In*: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 13., 2008, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPUR, 2011.

DOUTOR Castor. Direção: Marco Antônio Araújo. Rio de Janeiro: Globo Filmes; Globoplay, 2021. 4 vídeos (ca. 240 min).

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

AUGOYARD, Jean-François. A comme Ambiance (s). **Les Cahiers de la recherche architecturale / Les Cahiers de la recherche architecturale et urbaine**, n. 20, p. 33-37, 2007.

_____. Uma Travessia das ambiências dentro... acima, longe de... através de... *In*: DUARTE, Cristiane Rose; PINHEIRO, Ethel (org.). **Arquitetura, Subjetividade e Cultura**: cenários de pesquisa no

Brasil e pelo mundo. Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ: Rio Books, 2020. p. 108-139.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BOURDIE, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

CLÉMENT, Gilles. **Jardins, paysage et génie naturel**. Paris: Collège de France, 2011.

COSGROVE, Denis. Towards a Radical Cultural Geography of Theory. *Antipode – a Radical Journey of Geography*. Worcester: p. 1-11, 1983.

COSTA, Jubdervan Viana. **Memórias de uma infância de subúrbio**: Bangu, o bairro que me embalou. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2022.

CORRÊA, Armando Magalhães. **O sertão carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Contra Capa, 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, Roberto. Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 7-21, 2011.

COUNCIL OF EUROPE. Council of Europe Landscape Convention: as amended by the 2016 Protocol. **European Treaty Series**, Florença, n. 176 2000.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

DE PAULA, Kátia Cristina Lopes. **Pela Câmera**: delineamento metodológico de uma etnotopografia dinâmica. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura/PROARQ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jaques Derrida a falar Da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DUARTE, Cristiane Rose. Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. *In*: THIBAUD, Jean-Paul (org.). **Ambiances en partages**. Bernin: À la croisee, 2013. p. 21-30.

DUARTE, Cristiane Rose; BRASILEIRO, Alice.; SANTANA, Ethel Pinheiro; PAULA, Katia Cristina; VIEIRA, Mariana Dias; UGLIONE, Paula. O Projeto como metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. *In*: DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle; BRONSTEIN, Laís (org.). **O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa: PROARQ, 2007. p. 504-519.

DUARTE, Cristiane Rose; VILLANOVA, Roselyne (orgs.). **Novos olhares sobre o lugar**: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

DUARTE, Cristiane Rose; PINHEIRO, Ethel. **ARQUITividades SubjeTETURAS**: metodologias para a análise sensível do lugar. Rio de Janeiro: Rio Books: FAU UFRJ, 2019.

DUARTE, Cristiane Rose; MIRANDA, Cybelle; PINHEIRO, Ethel; SILVA, Luiz de Jesus. **Experiência do lugar arquitetônico**: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio de Janeiro: Rio Books, 2023.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 2003.

_____. interioridade da experiência temporal como condição da produção etnográfica. *In*: _____. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Lisboa: Editorial Presença, 2007.

ELALI, Gleice. Relações entre comportamento humano e ambiência: Uma reflexão com base na Psicologia Ambiental. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL AMBIÊNCIAS COMPARTILHADAS: CULTURA, CORPO E LINGUAGEM, 1., 2009, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ, 2009. p. 1-14.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O rapto ideológico da categoria Subúrbio**: Rio de Janeiro 1858/1945. Rio de Janeiro: Editora Apicuri: Faperj, 2011.

FISCHER, Gustave Nicolas. **Psicologia social do ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GRIMSHAW, Anna. **The ethnographer's eye: ways of seeing in anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.7

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

HALL, Edward Twitchell. **A dimensão oculta**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARVEY, David. **The Condition of Postmodernity: An enquiry into the origins of cultural change**. São Paulo: Loyola, 1992.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória: Arquitetura, Monumentos, Mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JODELET, Denise. A cidade e a Memória. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. **Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa: PROARQ, 2022. p. 31-43.

JOHNSON, Robert Burke; CHRISTENSEN, Larry. **Educational Research: quantitative, qualitative, and mixed approaches**. California: Sage Publications, 2008.

JUPIARA, Aloy; OTÁVIO, Chico. **Os porões da contravenção: jogo do bicho e ditadura militar: a história da aliança que profissionalizou o crime organizado**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MAGALHÃES, Felipe. A Fuga dos Bichos ou a origem da loteria mais popular do Brasil. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 53-67, 2007.

MAGALHÃES, Lígia; PINHEIRO, Ethel. Além do muro da Fábrica: um estudo etnotopográfico das relações e usos no centro comercial de Bangu. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETER, 11., 2023, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: Espaço Cultural José Lins do Rego, 2023. p. 1-12.

MELO, Natália Rodrigues. **Pelos percursos da acessibilidade: afeto e apropriação nas ambiências de uma cidade histórica**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura/PROARQ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____. [Con]vivere[trans]formar pela ambiência: metodologias para o espaço construído. In: DUARTE, Cristiane Rose; SANTANA, Ethel Pinheiro (org.). **ARQUI-tividades subje-TETURAS: metodologias para a análise sensível do Lugar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Riobooks: FAU/UFRJ, 2019. p. 1-10.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MÓNICO, Lisete; ALFERES, Valentim Rodrigues; CASTRO, Paulo; PARREIRA, Pedro. A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 6., 2017, Salamanca. **Atas [...]**. Salamanca: CIAIQ, 2017.

NASCIMENTO, Marcos. **Os portões da fábrica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letras, 2021.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo: diálogos entre corpografia e etnografia. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 19, 2016.

NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965–1995)**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

O'DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana**: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940). Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

O'DONNELL, Julia.; ARAUJO, Marcella.; CORTADO, Thomas. Apresentação ao dossiê Tempo, Espaço e Sociabilidades na Zona Oeste Carioca. **Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 13, n.1, 2020.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho. **Bangu**: o singular e o plural na organização do espaço urbano. 1993. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

OLIVEIRA, Marcio Piñon. **Bangu**: de fábrica-fazenda e cidade-fábrica a mais uma fábrica da cidade. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

_____. Quando a fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano no Rio de Janeiro. **Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales**, Barcelona, n. 10, p. 205-228, 2006.

OLIVEIRA, Marta Rodrigues. **Análise da dinâmica do comércio e dos serviços na zona oeste carioca**: o exemplo do bairro de Bangu (RJ). 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PINHEIRO, Ethel Santana. **Cidades 'ENTRE'**: Dimensões do Sensível em Arquitetura ou a Memória do Futuro na Construção de uma Cidade. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura/PROARQ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PINHEIRO, Ethel; DUARTE, Cristiane Rose. Esquecimento e reconstrução: memória e experiência na arquitetura da cidade. **Arquitetura Revista**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 70-86, 2008.

PINK, Sarah. **Doing Visual Ethnography**. Londres: Sage Publications, 2007.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PECHMAN, Robert Moses. **A gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro**. 1985. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPAHAN: COPEDOC, 2007.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

ROVERE, Benevenuto; JUSTINO, Carolina; MOLINARI, Carlos; LIMA, Eloise; PAULA, Gerdal; KELER, Marcio; SILVA, Paulo Vitor Braga da; BERMUDAS, Renato; MELO, Rogério; CARDOSO, Vinicius. **Bangu 350 anos**: a história do bairro contada pela vida de seus personagens. [S. l.]: Meu Rio de Todos os Tempos, 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. Uma necessidade epistemológica: a distinção entre paisagem e espaço. In: _____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006. p. 66-71.

SAUER, Carl. A Morfologia da Paisagem. *In*: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.

SILVA, Paulo Vitor Braga; ROVERE, Benevenuto. **Fazenda Bangu**: a joia do sertão carioca (1673–1914). Rio de Janeiro: Museu de Bangu, 2020.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. *In*: VELHO, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. p. 11-25

SPRADLEY, James. **The Ethnographic Interview**. California: Hardcourt, 1979.

_____. **Participant Observation**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1980.

THIBAUD, Jean-Paul. Les cadres sensibles de l'espace souterrain. *In*: ACUSS, 7., 1997, Montreuil. **Actes du Colloque Villes Intérieures de Demain**. Montreal: ACUSS, 1997. p. 1-15.

_____. Les parcours commentés. *In*: GROSJEAN, Michèle; THIBAUD, Jean-Paul (org.). **L'espace urbain en méthodes**. Marseille: Éditions Parenthèses, 2001. p. 79–99.

_____. O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas. *In*: TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira; RABINOVICH, Elaine Pedreira; GUEDES, Maria do Carmo (org.). **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.

_____. O devir ambiente do mundo urbano. **Redobra**, Salvador, n. 9, p. 30-36, 2012.

TUAN, Yi-Fu. Thought the landscape: The eye and the mind's eye. *In*: MEINIG, Donald William (org.). **The interpretation of ordinary landscapes**: geographical essays. Oxford: University Press, 1979.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

UGLIONE, Paula; DUARTE, Cristiane Rose. **Arquivo mnemônico do lugar**: manual para um percurso de pesquisa em memória do lugar. Rio de Janeiro, 2012.

_____. A Memória na cidade e a invenção do lugar. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura/PROARQ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

VEDANA, Viviane. **No mercado tem tudo que a boca come**: estudo antropológico da duração de práticas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

Apêndices

Síntese das entrevistas e análise taxonômica

- Histórias do bairro
- Histórias pessoais
- afeto (pessoal): perspectivas pessoais do entrevistado
- relações de identidade (comuns): costumes e pensamentos gerais banguenses
- Transformações da paisagem e dos costumes
- Ações comunitárias/comunais

Entrevista O.P. – 28/03/2025

Idade: 70 anos

Nascido e criado em Bangu, estudou no Dalton Santos. Diz que não troca Bangu por lugar algum porque todas as suas raízes estão aqui. “Eu gosto de Bangu, eu paro no boteco, tomo uma cervejinha, bate papo com pessoal da antiga”

Sua família também cresceu em Bangu, apesar de não terem nascido aqui. Possuíam terrenos no bairro. Sua paixão pelo time do Bangu veio de berço, com influência de sua mãe, apesar de também torcer para o Fluminense, por influência de seu pai.

Localizado na Clemente Ferreira, sua casa era bem grande, onde vários familiares ainda moram em suas subdivisões. Toda sua família ainda mora no bairro.

Ele admite que Bangu mudou muito, principalmente nos costumes. Nas transformações da paisagem, ele identificou que ela acompanhou o desenvolvimento de Bangu. Identificou a importância da fábrica para isso, e completou dizendo que a transformação em Shopping foi “uma mão na roda”, e valorizou bastante o bairro.

Sobre os costumes, com relação ao passado, “tinha-se mais espaço”. Ele reconhece que poderiam ter mais praças e espaços públicos para as pessoas se apropriarem. Ele frequenta bastante o centro de Bangu, o Casino, a praça da Guilherme... Se queixou sobre a modificação do calçadão, dizendo que “Não melhorou em nada”, reclamando ainda do lixo e da aglomeração dos camelôs, que tomam conta do espaço (apesar de reconhecer a importância do trabalho deles). Disse que tinham mais campos de futebol, mas acabaram aos poucos.

No quartel, foi atleta, e suas atividades se resumiam aos esportes. Hoje em dia, suas atividades de lazer se resumem a conversar com os amigos do bairro, gosta de bailes. Mencionou a saudade do baile charme e do Hollywood discoteca no Bangu Atlético Clube. “A qualidade mudou muito (sobre as músicas).”

Das tradições que ele lembra de ter participado antigamente, assistir aos jogos do Bangu, mencionou o bom atendimento do posto médico, são cosme damião (“tinham pessoas que você sabia onde ir para pegar os docinhos(...) até hoje eu lembro, minha mãe me procurando e eu no cantinho”).

Sobre o carnaval, lembrou bastante do carnaval da Praça da Guilherme e do centro de Bangu. Reclamou do pouco investimento e a perda de algumas tradições, como a competição dos coretos. Comentou ainda que muitas pessoas vinham de longe para celebrar o carnaval em Bangu.

Das mudanças no bairro que mais o afetaram, ele mencionou o calçadão (negativo), e o crescimento principalmente do comércio (positivo). Comentou sentir falta do chafariz no Largo de Bangu, Clínica Bangu, Clínica Guanabara, Biblioteca. Comentou gostar muito do Museu de Bangu também.

Entrevista M.C. – 29/03/2025

Idade: 56 anos

Mora em Bangu desde sempre, nascida e crescida. Na infância, morou na Cônego de Vasconcelos, atrás da Igreja e hoje mora no Parque Leopoldina (desde os 10 anos de idade). Possui 2 filhos e 2 enteados, sendo que seu marido se mudou do flamengo para morar em Bangu hoje (“virou banguense forçado”) e também tem afeto pelo lugar. “Às vezes, eu falo pra ele, eu que praticamente cresci nesse bairro, mas pelo comércio e tal, eu sou a mulher do O., eu não sou a M.”

Criada na região e tendo estudado até o ensino médio localmente, M.C. relata uma vivência inicialmente limitada por condições de locomoção da época, o que dificultava o acesso a outros lugares, como a praia, que raramente frequentava. Ao ingressar na faculdade, a convivência com pessoas de diferentes regiões ampliou seus horizontes, especialmente ao interagir com colegas de áreas como a Zona Sul, Niterói, o que proporcionou novas perspectivas sobre a cidade.

Uma experiência marcante foi a visita de amigas da faculdade ao bairro, quando, ao conhecerem o Largo de Bangu, ficaram encantadas com a atmosfera interiorana do local, contrastando com a dinâmica da Zona Sul, notadamente mais urbanizada. Esse olhar externo despertou em M.C. uma apreciação mais profunda pela cultura do bairro, que passou a ser vista com mais carinho e conexão, especialmente ao considerar a história de sua própria família na região, cujos membros, como sua bisavó, estavam diretamente ligados à formação e vivência local.

M.C. também menciona sua avó, que foi funcionária de uma fábrica, mas não sabe ao certo se ela recebeu uma casa como benefício por sua função, uma vez que ela já possuía uma residência no outro lado de Bangu. Ela se recorda de sua infância nas redondezas, como a área onde hoje fica o mercado na Cônego, e conta que, nos anos 80, estudava na Escola Henrique Magalhães, perto da Praça Primeiro de Maio, e caminhava até sua casa. “Naquela época, as crianças eram mais independentes”, e ela aproveitava a oportunidade para explorar as ruas e conhecer bem o bairro. Mesmo com apenas 11 anos, ela sabia todas as ruas e pontos de referência ao longo do trajeto que fazia, como o mercado e as casas da região, o que demonstra uma memória aguçada para os detalhes do bairro, uma característica que ela só reconheceu mais tarde como um tipo de “vocalização” para a observação e o conhecimento do seu entorno.

Na infância e adolescência, M.C. descreve Bangu como um lugar vibrante e repleto de atividades ao ar livre, com uma vida comunitária marcada pela liberdade e pela convivência entre os moradores. Durante sua adolescência, ela aproveitava as tardes para brincar na rua, algo comum na época, quando a segurança do bairro permitia que crianças, como ela e seu irmão, circulassem livremente. As brincadeiras incluíam jogos como pique-bandeira, queimado e andar de bicicleta, atividades que proporcionaram uma infância cheia de experiências físicas e sociais. Ela recorda com carinho das festas locais, como os bailes de carnaval e as festividades juninas, que promoviam a interação entre os vizinhos. Ela própria costumava criar suas fantasias para os eventos, o que era um costume na região.

No entanto, a transformação do bairro ao longo dos anos foi notável. Ela relata que, com o aumento da violência e da agitação urbana, percebeu que as grandes festas foram se tornando cada vez mais raras, substituídas por eventos menores, como a festa de Dia das Crianças, organizada por um grupo de moradores, e outras iniciativas locais. A mudança no perfil do bairro também se refletiu no seu cotidiano, que se tornou mais estressante. O aumento da população, o tráfego caótico e a presença constante de motos, que desrespeitam as normas de trânsito, contribuíram para sua frustração. Ela menciona que o bairro, antes tranquilo, passou a ser marcado pela agitação, algo que a afasta das atividades que ela costumava desfrutar, como sair à noite. Atualmente, ela prefere se manter em Bangu, onde se sente mais segura e confortável, destacando que, se precisar sair, é para ir a locais específicos, como a casa de sua filha na Barra.

Em termos de lazer, M.C. ainda busca algumas opções locais, como ir ao bar para tomar uma cerveja, especialmente em clima quente, mas o ritmo frenético e a violência desencorajam grandes

deslocamentos para eventos. Ela lamenta o fim do bloco "Banguçando", que, por mais de dez anos, foi uma tradição no bairro, reunindo famílias e moradores de maneira espontânea e alegre. A exigência de regulamentações por parte da prefeitura, no entanto, acabou por acabar com o bloco, o que representa uma perda significativa para a identidade comunitária do bairro.

Desde a infância, ela participou ativamente de diversas celebrações locais, como o desfile de 7 de setembro, que era uma de suas grandes paixões, e das festas juninas, que aconteciam em várias ruas do bairro. Ela também teve uma forte conexão com a Igreja de São Sebastião, onde, junto com seus pais, participou de diferentes grupos, como o encontro de casais e as atividades de catequese, crisma e perseverança. Essas vivências marcaram sua formação, e ela ressaltava que seu primeiro relacionamento afetivo também se deu dentro do grupo da igreja, onde construiu memórias que perduraram até a faculdade.

A mudança de sua vida para a faculdade e o afastamento do bairro coincidiu com um processo de transformação pessoal e social, o que, em parte, a distanciou das práticas comunitárias. No entanto, seus pais continuaram a ser ativos nas festividades, com seu pai, em particular, participando de eventos beneficentes como o trabalho na diretoria de um orfanato, onde ele preparava refeições para grandes quantidades de pessoas. Embora M.C. tenha se distanciado das atividades locais após a faculdade, ela sempre teve o desejo de retornar a Bangu.

Em termos de lazer, ela continuou a participar de algumas festas, como o Carnaval, especialmente os eventos no Bangu Clube, onde frequentava o tradicional baile de vermelho e branco. Ela também menciona a diferença de classe social e o contraste entre o Bangu Clube e o Cassino de Bangu, o que, segundo sua mãe, refletia uma separação histórica entre os grupos sociais do bairro. Com o tempo, no entanto, ela acredita que o Carnaval de rua perdeu seu brilho devido à violência e à mudança na dinâmica do bairro. Ela ainda gosta de ir a eventos menores, como blocos e desfiles, mas com uma presença limitada.

M.C. compartilhou suas memórias familiares e a transformação do bairro de Bangu ao longo do tempo. Ela relembra que, em sua infância, o transporte era escasso, e o deslocamento a pé era comum, uma prática que a aproximava das diferentes áreas do bairro. Sua avó morava do outro lado do viaduto, na entrada da Vila Aliança, e naquela época a região era marcada por grandes sítios e casas. Ela lembra com carinho das brincadeiras com os primos e das visitas ao "sítio" do avô, um terreno cheio de animais, onde passava as férias e se divertia ao lado dos bichos. As excursões, sempre feitas a pé, também incluíam idas à feira da Rua 12 (hoje na Clemente Ferreira), onde ela acompanhava o avô em suas tarefas diárias.

Com o passar dos anos, ela se lembra das amigas formadas na adolescência, das festinhas de igreja e das tradicionais reuniões no orelhão, já que naquela época não havia telefone fixo para facilitar a comunicação. As festividades eram simples, com refrigerante e salgadinhos, e as idas e vindas aconteciam a pé, em uma rotina que contrastava com a realidade atual, onde a violência e a falta de segurança são questões predominantes. Hoje, ela expressa a tristeza pela degradação da segurança em Bangu, uma mudança que afetou significativamente a convivência social e as possibilidades de lazer. Ela compara o bairro de sua juventude, com suas ruas e praças, com o presente, onde a violência, a pichação e a transformação das áreas residenciais em locais mais fechados e isolados, com muros altos e grades, foram constantes.

Em relação às transformações físicas do bairro, M.C. observa que, embora algumas áreas tenham sido revitalizadas, como o calçadão e as praças, há um impacto negativo no visual, com a perda de elementos importantes, como o chafariz da infância. Ela também menciona as mudanças nas casas do bairro, especialmente nas áreas do loteamento da fábrica, que foi transformado em vilas fechadas. A preservação de algumas casas e da identidade das ruas próximas ao shopping foi um ponto positivo, mas ela lamenta o fato de outras áreas terem perdido suas características originais.

A violência, no entanto, continua sendo a principal preocupação de M.C., afetando as relações de sociabilidade e até o lazer, com a impossibilidade de os filhos frequentarem certos espaços ou de a própria interlocutora participar de atividades como o Carnaval, que antes eram importantes para

ela. Apesar disso, ela sente um apego profundo por Bangu, especialmente pelo Parque Leopoldina, onde formou suas raízes. Para ela, a transformação de Bangu é um reflexo das mudanças socioeconômicas e da crescente violência, que transformaram o bairro, tornando-o um lugar menos seguro e, em alguns aspectos, mais impessoal.

Quando questionada sobre os lugares de sua preferência no bairro, ela destaca a Igreja do Largo, um espaço que ainda conserva uma carga simbólica importante, apesar das alterações ao longo do tempo. Contudo, ela também critica a área ao redor da linha do trem, considerando-a uma das mais negligenciadas e descaracterizadas da região, um contraste com o comércio e os outros pontos mais arrumados de Bangu. Em suma, ela observa que, embora algumas melhorias tenham sido feitas, o bairro perdeu muitos de seus encantos originais, sendo a violência a principal responsável por essa mudança.

Entrevista C.A. – 02/04/2025

Idade: 40 anos

O interlocutor revela que nasceu e cresceu na mesma casa onde vive atualmente, um legado familiar que remonta ao período da imigração de sua avó, que veio da Itália para trabalhar na fábrica Bangu. Sua infância, marcada por uma intensa convivência comunitária, foi moldada pela proximidade entre vizinhos, que se tratavam como parentes, com uma relação afetiva e solidária que se estendia para as brincadeiras e interações diárias nas grandes casas e quintais da região. De acordo com C.A., a presença da Fábrica Bangu, que oferecia casas para seus trabalhadores, foi fundamental para a configuração social do bairro, criando um ambiente de vizinhança estreita e interdependente. O interlocutor menciona que essa dinâmica gerou uma forte coligação de afeto, com laços que se estendiam para gerações seguintes, evidenciada pelo fato de que muitas pessoas do bairro casaram-se com vizinhos e mantiveram suas famílias próximas.

Em relação à casa, o entrevistado conta que sua avó, ao chegar ao Brasil, morava em uma casa simples no terreno onde hoje reside, uma casa pequena e arborizada, caracterizada por um ambiente de interior que contrastava com a urbanização crescente. Com o passar dos anos, a casa foi sendo reformada e adaptada à medida que a família cresceu. O terreno foi dividido entre os filhos e netos, dando lugar à construção de várias casas, embora a casa original de sua avó tenha se mantido em boa parte intacta, com algumas modificações, como a elevação do muro para garantir maior segurança.

Quando o entrevistado reflete sobre as mudanças que o bairro de Bangu sofreu ao longo das últimas décadas, destaca a transição da Fábrica Bangu de um polo industrial para um centro comercial, um processo que representou uma significativa transformação para a região. A Fábrica, que era um símbolo da revolução industrial no bairro, encerrou suas atividades, deixando o que ele chama de "elefante branco", como ele se referiu. Com a inauguração do shopping no local onde a fábrica estava instalada, ele reconhece que o bairro vivenciou uma nova fase de crescimento e desenvolvimento, gerando empregos e impulsionando a economia local. No entanto, ele observa que esse crescimento também trouxe desafios, como a saturação populacional e o aumento da violência, o que alterou a dinâmica de convivência no bairro. A interação social, que antes se dava de maneira mais pessoal e comunitária, passou a ser mais distanciada, refletindo o crescimento da população e as mudanças sociais.

O entrevistado também compartilhou suas experiências de juventude, marcadas por atividades no centro de Bangu, especialmente no Largo da Igreja, que sempre foi o ponto de encontro dos moradores. Ele descreve a divisão social que existia entre os clubes da região – o Casino Bangu e o Bangu Atlético Clube – que atendiam, respectivamente, a classes sociais diferentes. Nos finais de semana, os jovens frequentavam esses clubes para aproveitar as piscinas e, à noite, se encontravam no Largo da Igreja para socializar, namorar e paquerar. O Largo era, como

reconheceu, um centro de convivência, onde as pessoas interagiam e formavam os laços sociais que ainda hoje são lembrados com carinho.

C.A. reflete sobre a evolução de Bangu, destacando tanto as mudanças físicas e estruturais quanto às transformações sociais que ocorreram no bairro. O que antes era uma pequena comunidade intimista, onde todos se conheciam e se apoiavam, tornou-se um bairro mais populoso e, em muitos aspectos, mais distante de suas origens. No entanto, o entrevistado expressa um orgulho imenso de sua origem e de sua relação com o bairro, evidenciando que, embora as transformações tenham sido significativas, Bangu continua sendo, para ele, um local de memória afetiva, de raízes profundas e de pertencimento.

O entrevistado enfatiza como a geração mais jovem tem uma memória enfraquecida em relação à história da Fábrica, que para C.A. foi um ícone da Revolução Industrial no Brasil. Embora o entrevistado, que tem 40 anos, tenha vivenciado os últimos anos de atividade da Fábrica, ele relata que as novas gerações, como seus filhos, não compartilham a mesma conexão afetiva com esse passado. Para ele, a memória afetiva da fábrica, que gerava empregos e sustentava famílias, está sendo perdida gradualmente. O exemplo que ele dá é o contraste entre a história da fábrica e a atual realidade do shopping que ocupa o espaço da antiga fábrica. Ele compartilha uma memória nostálgica de como a fábrica foi crucial para a formação de identidade de Bangu e como essa identidade está sendo diluída.

O entrevistado também detalha histórias de sua própria família, como a chegada de sua avó da Itália para trabalhar na fábrica, o uso de uma bicicleta que seu avô usava para ir até lá e as memórias de sua avó, que costurava e participava de desfiles de moda promovidos pela fábrica. Ele observa que essa vivência da fábrica foi uma verdadeira escola de trabalho e identidade para muitos moradores de Bangu, o que torna doloroso ver o distanciamento das novas gerações de tal legado.

Sobre o Carnaval de Bangu, o entrevistado rememora como ele era um grande evento comunitário, em que todos se envolviam, desde os desfiles no Bangu Atlético Clube até as festas locais, em que sua avó fazia roupas para ele e seus amigos. Ele também menciona que, com o tempo, o Carnaval de Bangu foi perdendo sua essência, com a festa se tornando mais comercializada, embora alguns blocos ainda lutem para manter as tradições vivas. No entanto, ele observa que a falta de apoio governamental à cultura local tem sido um fator de fragilidade nesse processo de preservação.

O entrevistado também fala da dificuldade de se viver e de realizar eventos culturais no bairro devido à falta de apoio institucional. Ele menciona um evento que organizava, uma corrida de fantasias chamada "Folia Run", que foi interrompido pela falta de suporte tanto financeiro quanto logístico por parte da prefeitura. A falta de infraestrutura e segurança tem sido um impeditivo para a realização de atividades que unam a comunidade de Bangu, levando o entrevistado a focar em outras áreas, como o Carnaval da Glória.

Em termos de lazer, o entrevistado nota que, embora ele tenha continuado a se envolver com as tradições culturais de Bangu, como o desfile da Unidos de Bangu, a mudança de dinâmica no bairro tornou o local menos acolhedor para jovens. Ele explica que o bairro perdeu grande parte de suas opções de cultura e lazer, e que a escassez de espaços seguros e acessíveis contribui para a migração da juventude para outras áreas, como a Glória no caso de seus filhos, que oferecem mais opções de entretenimento.

Quanto à identidade de bairro, ele aponta que Bangu, apesar de ter se transformado ao longo dos anos, ainda carrega um forte sentimento de pertencimento para aqueles que viveram a história de sua fábrica e das suas tradições. No entanto, ele lamenta que as gerações mais jovens não compartilhem dessa conexão emocional com o bairro. Ele destaca a importância de resgatar a história e a identidade de Bangu por meio de monumentos, mais investimentos culturais e um apoio maior por parte dos governos locais.

Em relação ao Carnaval e outros eventos sociais, o entrevistado lembra das festas tradicionais que aconteciam na sua juventude, como a "NoHall", que reunia os adolescentes da elite do bairro. Ele também fala sobre a tradicional paixão pelo futebol, mencionando o amor de seu pai pelo time Bangu e como essa herança foi passada para ele e seus filhos, que, apesar de torcerem para outros times, ainda mantêm o afeto pelo time local.

Por fim, a entrevista reflete um retrato vívido de como a memória afetiva de um bairro, com sua história, suas fábricas, suas tradições culturais e seus espaços de lazer, molda a identidade de seus moradores. No entanto, a perda dessa memória, especialmente por parte das novas gerações, é algo que preocupa o entrevistado, que considera importante preservar e compartilhar essa história antes que se perca completamente.

M.R. e M. (Mãe e filho, entrevistados juntos) – 04/04/2025

Idades: 86 e 60 anos, respectivamente.

A família de M.R., vinda do Espírito Santo, se estabeleceu em Bangu na década de 1970. Para ela, o bairro sempre teve um significado especial, marcado por um passado de admiração pela fábrica Bangu, que foi um importante marco na história da região. A mudança de um centro industrial para um centro de consumo com a criação do shopping Bangu, por exemplo, representou uma transformação significativa. Para ela, esse processo de transição foi algo positivo, pois trouxe não só modernidade e progresso ao bairro, mas também facilidades de acesso a serviços e produtos que antes eram mais distantes. O shopping substituiu um sonho de rodoviária que se mostrava mais adequado para os moradores, mas que, por conta de uma reunião de lideranças políticas e empresariais, acabou cedendo lugar a um centro comercial. Esse fato marcou a história do bairro e o futuro de sua economia.

M.R. lembra com carinho da época em que os tecidos produzidos na fábrica de Bangu eram consumidos por sua família, com destaque para um desfile organizado por sua irmã no Espírito Santo, que usou roupas confeccionadas com tecidos da fábrica. Quando a fábrica foi desativada, ela afirma que a presença dela ainda era sentida, mesmo que as pessoas não tivessem acesso direto às instalações. O legado da fábrica permanece vivo nas memórias de M.R., que narra com orgulho a relação da família com a produção têxtil e como esse simbolismo ajudou a moldar a identidade do bairro.

Além das transformações físicas do bairro, a interlocutor também destaca a importância do afeto e das relações humanas que estruturam a vida de quem mora em Bangu. M.R. e M. falam de como o bairro sempre teve uma forte sensação de comunidade, em que as pessoas se conheciam e se ajudavam mutuamente. As tradições de Bangu, como as festas de São Sebastião e outras celebrações religiosas, eram e ainda são marcos importantes de socialização e encontro para os moradores na opinião deles.

M., por exemplo, relembra com carinho das festas de quadrilha e das reuniões com amigos no passado, algo que hoje é mais raro devido às mudanças nas dinâmicas sociais e à maior presença das redes sociais, que reduziram a interação presencial. Para ele, Bangu sempre teve uma vida comunitária vibrante, com festas, eventos e uma sensação de pertencimento. No entanto, ele também observa como as mudanças no comportamento social e as dificuldades de segurança afetaram a vida cotidiana.

Uma das principais questões abordadas durante a conversa é a transformação urbana do bairro, especialmente relacionada à segurança. Mauro expressa uma visão crítica sobre o impacto do calçadão, que substituiu ruas de trânsito e trouxe mudanças negativas ao acesso e à mobilidade. Ele menciona que, com a presença de camelôs e a maior dificuldade de trânsito, Bangu perdeu

parte da organização que caracterizava o bairro nos tempos antigos, o que afetou negativamente a vivência dos moradores. Ele também associa a crescente violência e a presença de milicianos à deterioração da qualidade de vida em Bangu.

A questão da segurança é uma preocupação constante para os dois. M.R. relembra com tristeza os tempos em que seu filho era exposto a situações de perigo, como as trocas de tiros, e a sensação de insegurança que permeia o bairro nos dias atuais. M. complementa dizendo que, ao longo dos anos, a segurança piorou, o que tornou a vida no bairro mais difícil, especialmente para aqueles que viviam nas periferias. A violência e a falta de segurança acabaram por transformar o bairro, tornando a experiência de viver ali mais angustiante e menos acolhedora.

As mudanças nas relações sociais também são evidentes para os dois. De acordo com os interlocutores, as pessoas se envolviam mais ativamente nas festas e eventos comunitários. A religião, as festas tradicionais e os encontros nas escolas e igrejas eram pontos de lazer e integração social. Hoje, com a segurança comprometida, a rotina é mais caseira e as atividades sociais são restritas. M. volta a destacar que as redes sociais têm substituído as interações presenciais, o que de certa forma enfraqueceu os laços comunitários.

Outro ponto de transformação no bairro foi a chegada do Rotary Club de Bangu, uma organização com a qual M.R. se envolveu ativamente. Ela relata como o Rotary proporciona uma rede de apoio social e profissional, permitindo aos moradores não apenas o contato com pessoas de diferentes partes do mundo, mas também a oportunidade de viajar e conhecer outras culturas. Esse tipo de engajamento social, que foi mais forte em décadas passadas, ainda é uma forma de manter uma conexão com a comunidade local, mas com um foco mais globalizado.

Ao final da entrevista, M.R. e M. expressam um profundo carinho pelo bairro. Para Maria Rita, ser banguense é sentir-se parte de um lugar que tem tudo para oferecer: um centro consolidado, espaços amplos e uma estrutura que, embora tenha mudado ao longo do tempo, ainda guarda uma essência de pertencimento. A sensação de ser reconhecido e de viver em uma comunidade que se preocupa com seus moradores ainda é forte, mesmo com as dificuldades e transformações. Ela fala sobre o sentimento de "estar em casa" em Bangu. Para ele, o bairro representa mais do que um local de moradia: é um lugar onde ela sente que pode contar com os outros, um lugar que o acolhe e que oferece uma vida segura, em termos de afeto e apoio comunitário. Eles concordam que, apesar das mudanças e desafios enfrentados, Bangu ainda é um lugar que pode ser considerado "feito sob medida" para eles, com uma sensação única de pertencimento e memória afetiva.

Entrevista L.C. – 0704/2025

idade: 56 anos

L.C.: A gente brincava dentro dos quintais das casas dos colegas e eventualmente no meio da rua mesmo. Porque o movimento de carro era muito pequeno naquela época, e aí a gente brincava de pique bandeirinha e queimado no meio da rua, entendeu? E os pais da gente ficavam nos portões, conversando, botando as cadeiras pra fora. Era uma outra época, era um outro estilo de vida.

L.C.: O apego (pelo bairro) eu sempre tive. Eu acho que é um amor crescente, na verdade só fez crescer o tamanho desse amor. Eu sempre gostei do bairro, sempre me senti livre. Para você ter uma ideia, eu era pequeno e minha mãe me mandava ir ao mercado para comprar um item para ela, eu chamava meus coleguinhos e a gente ia no mercado mais longe para poder passear pelo bairro. A gente vinha até aqui no Largo onde tinha inaugurado o (mercado) Disco, que é onde agora é o Super Market, e a gente vinha aqui para poder ver o chafariz que tinha no Largo. Eu andava muito pelo bairro quando criança e hoje em dia se você soltar a criança num lugar você talvez não

veja mais a criança. Então eu cresci tendo essa liberdade no bairro. E esse amor só foi crescendo, e foi crescendo ao longo do tempo. Nunca me decepcionei com o bairro.

Para ele, essa era uma época de grande liberdade, diferente do que se observa atualmente, onde a segurança e a tecnologia moldam as dinâmicas de vida. Para ele, a transformação no bairro, com o aumento da violência e do movimento urbano, resultou em uma mudança nas rotinas diárias, com as pessoas se recolhendo mais cedo, motivadas pela preocupação com a segurança e a maior presença da tecnologia, como os computadores e televisores.

A relação de L.C. com o Carnaval de Bangu é profunda. Desde a sua infância, ele tem uma forte ligação com as festividades da região. Relata a história do Carnaval de Bangu, enfatizando a importância das ruas principais do bairro, como a Cônego de Vasconcelos e a Ministro Ary Franco, que abrigavam os blocos de Carnaval. O Carnaval de Bangu, segundo Luiz, sempre foi um evento vital para a região, com várias escolas de samba e blocos, como a Mocidade e a Unidos de Bangu, competindo com intensidade. Ele se recorda com carinho da figura do Silveirinha, patrono da Unidos de Bangu, que desempenhou um papel fundamental na cena carnavalesca, buscando evitar rivalidades exacerbadas entre as escolas de samba locais.

L.C. também compartilhou como começou sua participação ativa no Carnaval. Sua entrada no mundo do samba aconteceu ainda jovem, quando participou de um festival escolar de composição musical. Embora tenha perdido o festival, um dos jurados o incentivou, elogiando sua habilidade para compor sambas e sugerindo que ele se envolvesse mais diretamente com uma escola de samba. Isso o levou a buscar a Unidos de Bangu, escola que ele descreve com grande afeto. Com apenas 13 anos, Luiz começou sua trajetória no Carnaval, e, 40 anos depois, permanece ativo como compositor, o que ele considera um hobby e uma paixão para toda a vida.

Sobre o Carnaval de Bangu, L.C. observa que, ao longo dos anos, ele passou por diversas transformações. Antigamente, o evento estava marcado pela presença de grandes multidões e uma intensa movimentação popular. Contudo, nos últimos anos, ele acredita que o Carnaval tem se reaproximado de suas raízes, com o retorno das famílias e crianças, o que ele considera uma característica muito positiva. A presença de crianças fantasiadas nas ruas é algo que L.C. valoriza, pois remete à sua própria infância e reforça a ideia de que o Carnaval é uma celebração acessível a todos.

Ele também reflete sobre as mudanças nos espaços do Carnaval, com algumas áreas que antes eram o centro das festividades, perdendo sua centralidade em favor de novos locais, como a Praça da Fé. Para L.C., as transformações no formato e na localização das festividades têm trazido tanto desafios quanto melhorias, como a adaptação dos eventos para garantir maior segurança e conforto ao público. A aglomeração, que antes era um aspecto positivo, trouxe também preocupações com a segurança, especialmente após alguns episódios de pânico.

O Carnaval de Bangu, para o interlocutor, tem resistido e se reinventado, mantendo sua relevância e atração, mesmo com as mudanças ao longo dos anos. Ele descreve o Carnaval como algo indivisível, uma experiência que abrange tanto as manifestações culturais quanto as sociais, e que, apesar dos altos e baixos, continua a ser uma celebração vibrante e essencial para a comunidade de Bangu. Segundo Luiz, o carnaval em Bangu apresenta uma característica única, especialmente pelo fato de o bairro manter viva a tradição dos carnavais de rua, uma prática que tem desaparecido em outros locais da cidade. Ele observa que, enquanto em muitos bairros o carnaval de rua praticamente se extinguiu, em Bangu o evento ainda resiste.

Para ele, o bairro de Bangu tem mantido a vitalidade do carnaval de rua através de novos eventos, como o carnaval que surgiu no Rio da Prata. Este evento é descrito como uma revitalização das antigas tradições carnavalescas, com a formação de três ambientes distintos, que contemplam desde os blocos de rua mais animados até aqueles destinados às famílias. L.C. também menciona a volta de alguns blocos históricos, resgatando um evento familiar com grande aprovação da

comunidade local. Para ele, essa diversidade no carnaval da região é essencial, pois mantém vivas as raízes culturais de Bangu, permitindo que diferentes gerações aproveitem a festividade de formas diversas. L.C. destaca sua experiência no carnaval ao mencionar o bloco "Meia Dúzia de Gatos Pingados", um dos seus favoritos.

Além do carnaval, ele também lembra com saudade de outras tradições de Bangu, especialmente as festas juninas. Ele recorda com carinho a festa da Rua Júlio César, que era famosa por reunir a comunidade de forma única, com celebrações que se estendiam por diversos quarteirões. Essas festas, que começaram a desaparecer ao longo dos anos, deixaram uma marca profunda em Luiz, que expressa um desejo de que eventos desse tipo voltem a acontecer no bairro.

L.C. também se define como um "agitador cultural" e menciona que, embora atualmente sua vida esteja mais voltada à família e ao trabalho, ele pretende, após sua aposentadoria, dedicar-se ao resgate das tradições culturais de Bangu. Ele já participou da organização de eventos como o Festival da Canção e das festas juninas da Rua Séries, um projeto que durou cerca de 20 anos e teve grande sucesso na comunidade.

Ao ser questionado sobre a relação dos jovens com o carnaval, L.C. demonstra otimismo. Ele observa que, embora o carnaval de Bangu tenha enfrentado mudanças, ainda há uma presença significativa de jovens nos blocos e bailes, que têm atraído novas gerações e mantido viva a chama do carnaval no bairro. Ele acredita que, com um trabalho mais focado na promoção da cultura local, o carnaval e outras tradições podem continuar a florescer em Bangu, envolvendo cada vez mais a comunidade jovem.

O interlocutor reflete sobre a transformação do carnaval em Bangu ao longo dos anos, mencionando a transição do carnaval mais familiar para o carnaval de baile funk, que tomou conta do bairro por um tempo. Contudo, ele se mostra satisfeito com a renovação que o evento tem experimentado, observando que, embora o carnaval de Bangu tenha passado por períodos difíceis, ele está se reestruturando e voltando a ser um evento significativo para todos os moradores, incluindo as novas gerações.

O entrevistado também fez uma reflexão sobre as diferenças culturais entre as duas partes de Bangu, sugerindo que o lado oposto ao shopping, tradicionalmente mais rural, sempre teve uma visibilidade menor em comparação ao lado mais urbano, onde ele cresceu. Para ele, essa distinção pode ser associada ao histórico agrário e rural do outro lado da região, o que talvez tenha influenciado uma certa marginalização cultural dessas áreas.

A conversa também abordou as transformações nas torcidas de futebol, com o entrevistado refletindo sobre a evolução da torcida do Bangu Atlético Clube ao longo dos anos, especialmente com a chegada de torcedores mais jovens. Ele mencionou a atuação dos Castores da Guilherme, amigos pessoais seus, e a sua própria relação com o time. Embora tenha diminuído a frequência aos jogos, o interlocutor compartilhou sua experiência de crescimento ligado ao futebol e à paixão pelo Bangu, que contrastava com a tradição familiar voltada para o Flamengo.

L.C. também lembrou com saudade das festas e bailes tradicionais de Bangu, como os baile de matinê no Bangu Atlético Clube, onde as famílias frequentavam juntas durante o dia, uma atividade cultural que ele valoriza e que, segundo ele, precisa ser revitalizada. O entrevistado manifestou desejo de que eventos como esses voltem a acontecer com a mesma força e frequência, contribuindo para a preservação das tradições culturais da comunidade.

Quando perguntado quais as mudanças na paisagem que mais o afetaram, L.C. expressa sua preocupação com a perda de elementos históricos e culturais do bairro, como a demolição das "casinhas" da Vila Operária, que, segundo ele, representavam um patrimônio importante para a memória de Bangu.

L.C: Ah, isso aí... Talvez a minha tristeza de Bangu seja isso. A falta de preservação. Eu vi aquelas casinhas lindas... eu vi demolir isso. Para mim foi uma agressão. Eu acho que Bangu perdeu muito de memória de preservação cultural ali. Não podiam ter permitido esse tipo de transformação. Mas agora não tem mais jeito. Ainda bem que salvaram a fábrica...

A transformação do calçadão também é um tema recorrente na entrevista, onde o interlocutor expressa tanto a nostalgia por seu formato original quanto a crítica às mudanças posteriores. A primeira intervenção do calçadão, da qual ele participou como um dos seus idealizadores, realizada em 1991, é vista de maneira positiva, principalmente por ter sido um projeto que, segundo ele, agregou à identidade local, trazendo infraestrutura como áreas para eventos, espaços para crianças e maior arborização. No entanto, as intervenções subsequentes, como a implantação de um novo modelo arquitetônico e a instalação de chuveirinhos que não funcionam, são percebidas pelo interlocutor como desvirtuadas e prejudiciais ao ambiente urbano.

L.C. também menciona sua participação política na mobilização para a construção do calçadão, destacando seu engajamento e as ações democráticas que envolviam a comunidade, como a realização de plebiscitos para garantir que o projeto atendesse aos interesses da população local.

Além disso, ele compartilha sua experiência com os cinemas de rua de Bangu, que marcaram sua juventude. Cinemas como o Cinema Bangu, Cinema Vitória e Cinema Ermida eram importantes espaços culturais que, com o tempo, desapareceram ou foram transformados, o que representa uma grande perda para o tecido cultural do bairro. O entrevistado sente falta desses lugares, bem como da antiga atmosfera de Bangu, incluindo suas festas tradicionais, como os carnavais e festas juninas, que contribuíam para a vida comunitária local.

Por fim, o entrevistado conclui sua fala com uma visão crítica sobre o impacto das transformações urbanas em Bangu, afirmando que, apesar das mudanças, o bairro ainda mantém uma forte identidade cultural que é constantemente ameaçada por processos de urbanização que desconsideram sua rica história.

O entrevistado revela que seu lugar favorito em Bangu é o Largo da Igreja (Praça da Fé), o qual está intrinsecamente ligado à sua trajetória de vida. Ele menciona que cresceu naquela área e a sente como sua casa, demonstrando um afeto genuíno e profundo por esse local específico. O Largo representa, portanto, não apenas um ponto geográfico, mas um espaço carregado de memórias afetivas, de convivência e de identidade. Por outro lado, o entrevistado aponta o calçadão da universidade como um lugar que não lhe agrada, embora a resposta não tenha sido detalhadamente explicada.

Quando questionado sobre o que significa ser "banguense", o entrevistado faz uma análise sobre o orgulho e a identificação com o bairro, destacando que ser de Bangu é ser parte de um contexto cultural mais amplo, ligado à paixão pelo carnaval, pelo futebol e pela vida no subúrbio. Ele enfatiza que o sentimento de ser banguense vai além da geografia, é algo intrínseco, que se manifesta em suas ações cotidianas e na forma como ele se relaciona com os outros moradores. Para ele, ser banguense é sinônimo de uma identidade que é construída e vivida dentro do contexto do subúrbio, com suas particularidades, desafios e belezas.

Em relação à ideia do "subúrbio", o entrevistado reflete sobre a carga pejorativa que o termo pode carregar em algumas circunstâncias. No entanto, ele reconhece que, para ele, ser suburbano não tem conotação negativa, mas é uma identidade orgulhosa e cheia de significado.

Por fim, o entrevistado reafirma o orgulho de ser banguense, destacando que esse apego à cidade é algo natural e que foi construído ao longo de sua vida, sem nunca gerar frustração ou desejo de abandono do bairro. Esse vínculo, para ele, é uma parte fundamental de sua identidade e algo que transcende as transformações urbanas e sociais que o bairro experimentou ao longo do tempo.

Entrevista M.K. – 09/04/2025

Idade: 55 anos

M.K. é restaurador e conservador de arte, especializado em restauro de arte sacra. Ele trabalha para diversas paróquias e igrejas da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Além de sua profissão, é membro e diretor do Conselho do Museu de Bangu/Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos. Ele também está envolvido no movimento de revitalização da Fazenda Viegas, localizada em Senador Camará, e está atuando na fundação de um ecomuseu neste território.

M.K. é católico e pertence à Paróquia de São Sebastião e Santa Cecília, em Bangu, embora tenha feito parte da Paróquia de Nossa Senhora da Lapa, em Senador Camará, por mais de 30 anos. Sua família foi uma das fundadoras dessa paróquia. Além disso, ele é um estudioso da Fazenda Viegas e pesquisa sobre esse local há mais de 30 anos. Ele lidera um grupo de pesquisadores, vinculado ao Museu de Bangu, que estuda a região e a Fazenda Viegas.

A paróquia foi fundada com o esforço de pessoas que perceberam que a capela da fazenda não atendia mais à demanda de fiéis da população local. Eles, então, doaram um terreno para a construção de uma nova igreja, que foi inaugurada em 1934. No entanto, a nova igreja ficou sem um pároco fixo e, durante um período, dependia de padres da paróquia vizinha de Bangu, que foi fundada em 1908. A situação foi resolvida quando uma comissão local foi até o bispo da época, Dom Jaime de Barros Câmara, para solicitar um padre para a região. Após uma investigação, foi descoberto que a fazenda onde a igreja foi construída pertencia à Nossa Senhora da Lapa, e o valor do terreno estava depositado em letras do tesouro no Banco do Brasil. O dinheiro foi recuperado e, com ele, foi possível comprar o terreno para a construção da casa paroquial. Em 1945, a paróquia de Nossa Senhora da Lapa foi formalmente criada, e desde então, a história da paróquia continuou a ser marcada por desafios e transformações, incluindo um episódio de destruição de registros históricos na década de 1970. Felizmente, a arquidiocese possuía cópias dos registros mais importantes, permitindo a sua recuperação.

O envolvimento do entrevistado com a paróquia foi estreito, pois além de comerciante, ele também atuava como catequista, o que facilitou sua participação na comissão de pesquisa. Seu interesse pela história da paróquia se aprofundou, especialmente ao perceber a relevância histórica e cultural da região de Senador Camará, que, assim como muitos outros lugares no Brasil, recebeu imigrantes, como os portugueses, que também tiveram vínculo com a fábrica Bangu, localizada nas proximidades. O interlocutor, apaixonado pela pesquisa histórica, continua envolvido nesse projeto até os dias de hoje.

A trajetória do interlocutor e de sua família está inserida em um processo migratório mais amplo que envolveu a chegada de libaneses ao Brasil, muitos dos quais se estabeleceram no Rio de Janeiro, em bairros como Senador Camará e Bangu, e contribuíram significativamente para o desenvolvimento e a vida social dessas comunidades. Embora a família do entrevistado não tenha se envolvido diretamente com a fábrica Bangu, alguns libaneses da região estiveram ligados a ela, com alguns membros atuando no comércio e até na política.

O interlocutor narra sua história de vida no bairro onde nasceu, cresceu, se casou e permanece até o presente momento, com a perspectiva de que continuará vivendo ali até o fim de sua vida. Embora reconheça que a violência aumentou ao longo dos anos, o entrevistado menciona que, atualmente, a situação está mais calma. A saída do bairro não é uma opção que ele deseje, embora, com o crescimento de seus filhos, haja a possibilidade de ser levado a acompanhá-los, caso estes decidam mudar-se para outros lugares. Mesmo com a incerteza do futuro, ele destaca que sua intenção não é sair, especialmente porque se sente profundamente conectado à região, à qual dedica grande parte de suas pesquisas históricas. Ele também reflete sobre a fase da vida em que se encontra, com 55 anos, e a ideia de se aposentar para dedicar-se a suas paixões, embora ainda sem planos concretos para deixar o bairro.

O interlocutor também relata seu envolvimento com o Museu de Bangu, iniciado nas décadas de 1990, quando se dedicava a pesquisas sobre a história local. Na época, o Museu de Bangu estava sendo recém-inaugurado e ainda não tinha o nome que possui hoje. Em busca de informações para suas pesquisas, ele se aproximou de seus fundadores. Embora tenha se afastado de suas atividades no museu devido à rotina intensa de seu comércio, o interesse pela história local nunca se desfez, mantendo contato com os envolvidos no museu.

Na fase mais recente de sua trajetória, o interlocutor voltou a se envolver com o Museu de Bangu, especialmente após ser convidado por P.V., historiador e um dos autores do livro *Fazenda Bangu*, no qual ele também contribuiu. As pesquisas em torno da história da Fazenda Viegas e Fazenda Bangu, e os eventos históricos envolvendo essas fazendas, alimentaram sua colaboração com o museu. Durante a pandemia, o lançamento do livro foi adiado, mas após o retorno à normalidade, o entrevistado foi convidado a integrar a diretoria do Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos, responsável pelo Museu de Bangu. Ele afirma que sua vocação para o trabalho no museu foi natural, dada sua dedicação à pesquisa histórica e ao patrimônio da região.

Além de sua atuação no campo da história e na preservação cultural, o entrevistado também se envolve ativamente com a paróquia local. Após mais de 30 anos de trabalho como catequista em Senador Camará, ele e sua esposa passaram a colaborar com a paróquia de Bangu. Desde então, eles têm se dedicado a diferentes pastorais na paróquia de Bangu, criando um vínculo estreito com a comunidade religiosa local.

O interlocutor destaca a noção de pertencimento à "Grande Bangu", uma ideia que compartilha com muitos moradores de Senador Camará. Ele menciona que, embora seu endereço seja em Senador Camará, sua vida social, comercial e cultural acontece majoritariamente em Bangu. A delimitação entre esses bairros, assim como entre outras áreas adjacentes, como Padre Miguel e Realengo, é fluida, e muitos residentes se identificam com a grande região de Bangu, o que reflete a integração e a falta de fronteiras rígidas entre essas localidades.

O Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos, que administra o Museu de Bangu, funciona de forma totalmente autônoma e é mantido pela própria comunidade, sem apoio financeiro do governo. O espaço, instalado em prédio da prefeitura mediante aluguel simbólico, sobrevive graças à venda de produtos como livros e camisetas, além de doações e contribuições da diretoria, que muitas vezes investe recursos próprios. Ainda assim, a sustentabilidade financeira é frágil e o entrevistado expressa preocupação com a manutenção do museu a longo prazo. Buscando garantir o futuro do espaço, ele tem tentado captar recursos por meio de editais culturais e atrair jovens para renovar a equipe, especialmente após a perda recente de três diretores. A maioria dos envolvidos tem mais de 70 anos, o que acentua a urgência de renovação. Entre os projetos em andamento, destaca-se a digitalização do acervo — iniciativa necessária diante do risco de deterioração, roubo e ataques de pragas aos documentos históricos.

A preservação dessa história é essencial, segundo M.K., para que as futuras gerações possam compreender e valorizar o legado histórico e cultural de Bangu. Ele ressalta que o trabalho de preservação do museu não se limita apenas ao bairro, mas possui importância nacional, uma vez que os documentos e objetos preservados ali são testemunhos de momentos fundadores da história social, econômica e cultural do Brasil.

M.K. conta que a história da Fazenda Bangu e a tentativa de preservação da memória sobre ela apresentam uma série de enigmas e descobertas curiosas que, ao longo dos anos, vêm sendo reveladas por meio de registros fotográficos, relatos históricos e doações espontâneas de familiares. Em particular, o relato sobre a capa de um livro dedicado à Fazenda Bangu destaca um dos mistérios mais intrigantes: a ausência de registros fotográficos do casarão da fazenda. Embora a fábrica Bangu fosse conhecida por documentar minuciosamente suas instalações e a paisagem ao redor, o casarão foi demolido sem deixar vestígios fotográficos.

Um dos poucos registros que restaram é uma foto rara da capelinha da fazenda, na qual é possível ver um pequeno trecho do casarão. No entanto, a verdadeira aparência do casarão permanece incerta. Em busca de mais informações, os pesquisadores descobriram que uma menina que viveu por um tempo na Fazenda Bangu, registrou suas observações e memórias em diários, que foram eventualmente encontrados no Alabama, nos Estados Unidos. Esses diários possibilitaram a reconstrução de uma imagem aproximada do casarão por meio de desenhos feitos por um artista, mas, mesmo com esses esforços, a certeza sobre como realmente era a casa nunca foi alcançada.

Além disso, o trabalho de preservação das memórias de Bangu e da Fazenda Bangu tem sido fortemente baseado nos relatos da menina, que, através de seus cadernos, proporcionou uma visão sobre o cotidiano da fazenda. O acervo dela tem sido fundamental para a reconstrução histórica do local, já que poucas outras fontes estão disponíveis devido à destruição de documentos e à falta de registros fotográficos. O livro que compila essas memórias e descobertas não só preserva a história da Fazenda Bangu, mas também nos leva a refletir sobre o impacto da perda e da ocultação da memória, especialmente em uma região tão rica em história e cultura.

Esse trabalho de preservação se estende além da cidade de Bangu, abrangendo outras áreas da Zona Oeste. Um dos projetos em andamento, por exemplo, é o "Centro de Memória e Desenvolvimento Socioambiental da Fazenda Viegas", um ecomuseu em fase de implementação. Tal iniciativa visa resgatar a memória histórica da região do Senador Camará, promovendo um maior entendimento sobre a importância da fazenda Viegas e seus arredores.

M.K. comenta que a falta de apoio governamental para essas iniciativas, bem como o envolvimento de pessoas comuns no processo de preservação, evidencia o caráter autossustentável dos projetos. A luta é constante, especialmente quando interesses eleitoreiros tentam se apropriar desses projetos históricos. Contudo, ele relata que o envolvimento da comunidade tem sido crucial para garantir que a preservação e o fortalecimento do patrimônio local continuem.

Em busca por uma maior valorização da memória, o museu tem buscado levar suas ações de resgate histórico às escolas municipais e estaduais, incentivando as crianças a se identificarem com a história local e a se sentirem orgulhosas de onde vivem. M.K. comenta a participação ativa dos moradores, a colaboração com escolas e a continuidade do resgate histórico são essenciais para manter a memória viva e assegurar que as futuras gerações compreendam a importância de sua história e se sintam responsáveis por ela.

O processo de conscientização também é evidenciado nos relatos de M.K. sobre a participação do Museu de Bangu em projetos que envolvem o patrimônio sacro da Zona Oeste. Com o apoio do BNDES e da prefeitura, foi realizado um inventário das igrejas do Rio de Janeiro, com foco na Zona Oeste. Esse trabalho resultou em exposições itinerantes, catálogos e até mesmo na criação de maquetes pelas crianças das escolas da região. Para o interlocutor, essas ações visam reforçar a importância histórica do local, fazendo com que a comunidade se envolva ativamente na preservação do patrimônio e na promoção do conhecimento.

No entanto, ele relata que as dificuldades enfrentadas não são poucas. A falta de apoio governamental, a destruição de patrimônios históricos, como no caso da Fazenda Viegas, e a ameaça constante de degradação de monumentos importantes, como a Ponte do Jesuíta, são desafios que exigem uma luta constante da comunidade. O Museu de Bangu, juntamente com outros projetos da região, busca garantir que esses bens históricos sejam preservados e que a memória local não se perca com o tempo. Para ele, o envolvimento da comunidade é essencial para a manutenção dessa história, pois, como bem ressaltado, "quando a gente ama, a gente cuida". A preservação da memória local, para o interlocutor, é uma maneira de criar um centro de pertencimento e fortalecer a identidade da comunidade.

Na entrevista, o entrevistado reflete sobre o processo de preservação da memória histórica de Bangu e a construção da identidade local, especialmente nas gerações mais jovens. Ele destaca

que há uma divisão perceptível no bairro em relação ao conhecimento e valorização de sua história. De um lado, há os antigos moradores, muitos dos quais ainda têm lembranças vivas da história da região, incluindo aqueles que trabalharam ou tiveram familiares que trabalharam na famosa fábrica Bangu. Estes, ao participar de eventos como o "Bangu 350 anos", demonstraram um forte sentimento de pertencimento e orgulho pela história local.

Por outro lado, há um grupo de moradores, especialmente os mais jovens, provenientes de comunidades periféricas, como favelas, que, até então, desconheciam a riqueza histórica da sua região. Foi por meio de iniciativas como visitas às escolas locais e apresentações em eventos que o projeto conseguiu despertar o interesse dessas crianças pela história de seu bairro. Ao saberem que uma área que consideravam apenas parte de sua rotina cotidiana foi palco de eventos históricos importantes, as crianças começaram a se identificar mais com o local onde moravam, criando um vínculo emocional com a história da região.

O entrevistado também aponta a diversidade das origens dos moradores mais recentes da região, como os migrantes da década de 1970, que foram transferidos para Bangu de outras localidades, como a ponta do Caju e o morro do Bumba, após tragédias naturais. Esses grupos, sem raízes profundas na região, careciam de uma conexão histórica com o bairro. Quando, por meio de projetos educativos, as crianças dessa comunidade tomaram conhecimento das origens e da importância histórica de Bangu, muitas passaram a valorizar mais sua identidade local. Essa experiência de aproximação com a história local e com a vida fora de sua rotina cotidiana teve um impacto transformador nas crianças, que começaram a se reconhecer como parte de um legado histórico importante. M.K. enfatiza que, ao despertar o orgulho nas crianças pela história de sua localidade, é possível fomentar um sentimento de pertencimento, o que, por sua vez, gera um compromisso maior com a preservação desse patrimônio.

O interlocutor compartilha suas percepções sobre as opções de lazer na região de Bangu e como essas opções têm se transformado ao longo dos anos. Ele começa destacando que, atualmente, o principal espaço de lazer de Bangu é o shopping, que oferece teatro e cinema, além das opções de compras. No entanto, ele menciona que, fora isso, o bairro carece de outras opções de lazer. Ele também cita o Parque de Realengo como um local de lazer, e há esforços para desenvolver um parque similar na Fazenda Viegas, com o objetivo de proporcionar mais opções recreativas para a população local.

Em relação à cultura nas comunidades, o entrevistado comenta sobre um grupo de hip hop chamado "Hip Hop da Santa", que se reúne aos sábados em uma praça do conjunto habitacional local. Além disso, destaca que a roda de capoeira, realizada na praça ao lado da Igreja de Bangu, também é um espaço de lazer frequente, além de eventos que ocorrem durante o Dia da Consciência Negra. Apesar dessas atividades culturais e de lazer, ele lamenta o fato de que muitos espaços de lazer na região acabaram desaparecendo ou se deteriorando ao longo do tempo.

M.K. lembra que, no passado, Bangu foi conhecido por seus cinemas, destacando que o primeiro filme exibido na região foi projetado por Padre Miguel, um espanhol que também era pároco de Bangu. Durante as décadas de 1940 e 1950, o bairro chegou a ter até seis cinemas, mas, com o tempo, esses espaços fecharam, sendo substituídos pelo shopping de Bangu, que se tornou a principal referência para o lazer no bairro. Ele também menciona que o bairro sempre teve uma forte tradição carnavalesca, com diversos blocos e escolas de samba, mas que, infelizmente, o carnaval em algumas regiões, como Senador Camará, praticamente desapareceu devido à violência e à criminalidade.

Quando questionado sobre as mudanças mais impactantes no bairro, o interlocutor destaca tanto aspectos positivos quanto negativos. Entre as melhorias, ele cita a criação do shopping, o calçadão de Bangu e as melhorias no sistema de saúde, como as clínicas da família e as UPAs. No entanto, ele também critica a crescente favelização da região, caracterizada pela chegada desordenada de

comunidades de outras partes da cidade, sem a devida infraestrutura e planejamento, o que afetou negativamente o bairro.

M.K. também compartilha que seu lugar favorito em Bangu é o Museu de Bangu, devido ao seu vínculo com a história local. Além disso, ele expressa seu apreço pela paróquia e pelo shopping, destacando que, embora o shopping represente uma modernização do bairro, ele também é um ponto importante para a vida cotidiana dos banguenses. Por fim, ele menciona a Fazenda Viegas como um "oásis" em meio ao calor intenso de Bangu, ressaltando que, além de ser uma área preservada de Mata Atlântica, oferece um clima refrescante que proporciona alívio nos dias quentes.

Na entrevista, M.K. discute a relação entre o shopping de Bangu e o Museu de Bangu. Ele explica que, inicialmente, o shopping não demonstrava interesse em resgatar a história de Bangu de maneira significativa. Durante sua inauguração, as fotos expostas no shopping eram de Campo Grande, e não da história de Bangu, evidenciando uma falta de conexão com a identidade local. No entanto, com o tempo, devido à pressão da comunidade e ao engajamento dos moradores, a direção do shopping passou a se abrir mais para a história do bairro.

Ele menciona que, após a inauguração do shopping, foi discutida a possibilidade de transferir o Museu de Bangu para o espaço do shopping, mas essa proposta foi rejeitada pela comunidade. O shopping ofereceu uma área para a instalação do museu, mas, ao discutir a administração do espaço, ficou claro que a gestão seria controlada pela direção do shopping, o que levou a comunidade a se recusar a proposta, temendo que o museu se tornasse mais uma peça de marketing do que um espaço de preservação cultural. O entrevistado também menciona que, ao longo dos anos, houve algumas iniciativas, como a criação de uma estátua de Thomas Donohoe, um ícone histórico do bairro, e a instalação de uma loja temática do Bangu dentro do shopping.

Ele critica a forma como o comércio de Bangu foi tomado por interesses externos, com lojas e estabelecimentos sendo comprados por forasteiros. Ele lamenta que, no passado, o comércio local era essencialmente comandado pelos próprios banguenses, que viam a cidade como parte de sua identidade. Hoje, no entanto, esses antigos laços foram desfeitos, e o comércio local perdeu sua conexão com a comunidade.

M.K. explica que, ao longo dos anos, houve uma evolução na receptividade à memória histórica de Bangu, especialmente por parte do comércio local como um todo. Ele observa que, com o tempo, o marketing do shopping tem se tornado mais consciente da importância da história do bairro e de seu potencial para atrair clientes. Embora a abordagem inicial do shopping tenha sido mais mercadológica, com o foco no consumo e no marketing, atualmente existe uma tentativa de alinhar a memória histórica com o apelo comercial, o que se reflete, por exemplo, na venda de camisetas do time Bangu e na realização de eventos como o lançamento do livro sobre os 350 anos do bairro.

Em relação à preservação de outros elementos históricos, o entrevistado menciona a luta pela restauração de monumentos, como o monumento aos pracinhas, localizado no Largo de Bangu, que foi negligenciado e vandalizado ao longo dos anos. Ele também faz uma comparação com o processo de restauração da Capela de Nossa Senhora de Fátima, que está sendo realizada com o apoio da comunidade paroquial, mas sem o suporte financeiro de empresas locais, o que mostra a falta de envolvimento das empresas de Bangu nas iniciativas culturais e históricas da região.

Em seguida, o entrevistado reflete sobre o forte sentimento de pertencimento que os banguenses têm com o bairro, atribuindo isso à sua origem proletária. Ele destaca que Bangu foi fundado por operários, que criaram instituições como o Bangu Atlético Clube e a irmandade dos Mártires São Sebastião e Santa Cecília, o que contribuiu para um forte senso de comunidade e identidade. A ligação do bairro com a fábrica Bangu e com figuras históricas como o padre Cônego de Vasconcelos e o professor Jacinto Alcides, que fundou a primeira escola local, também é uma parte fundamental dessa memória coletiva. O entrevistado ressalta que a maioria das ruas de Bangu tem

nomes de diretores da fábrica, e a identidade do bairro é construída em torno dessas figuras e acontecimentos históricos.

M.K. também acredita que esses símbolos físicos, como os nomes das ruas e os marcos históricos, desempenham um papel fundamental na construção e manutenção da memória histórica entre as gerações mais jovens. Ele defende que, ao ensinar os jovens sobre as origens dos nomes e as profissões relacionadas à fábrica, esses jovens criam uma conexão afetiva e histórica com o bairro, o que fortalece ainda mais seu pertencimento.

Quando questionado sobre o que significa ser banguense, o entrevistado explica que ser banguense é ser parte dessa história e construir o bairro junto com a comunidade. Ele conta uma experiência pessoal que ilustra esse sentimento de identidade: quando criança, ouviu de um padre a frase "você são planta com raiz", a qual ficou gravada em sua memória. Essa metáfora da raiz representa a ideia de que, independentemente de onde se esteja, a conexão com Bangu nunca será apagada, pois a identidade do banguense é profundamente enraizada no bairro. Por fim, o entrevistado compartilha um exemplo de como o orgulho de ser banguense é transmitido de geração em geração, citando sua filha, que, em uma aula de história, demonstrou mais conhecimento sobre a história de Bangu do que o próprio professor. Para o entrevistado, isso é um reflexo de como o amor pelo bairro é vivido e transmitido, e como a memória histórica de Bangu continua a ser valorizada e preservada pelas novas gerações.

Entrevista P.V. – 10/04/2025 42 anos

"Eu nasci em Bangu e o berço que eu nasci foi consumindo coisas do bairro e criando identidade: o escudo do Bangu, o símbolo da fábrica, o apito da fábrica eram coisas minhas, eram coisas da minha família." Filho de um operário da fábrica de tecidos e de uma funcionária da igreja local, ele relata que suas primeiras referências culturais foram construídas com base na vida em torno da fábrica, da Igreja do Largo e do Bangu Atlético Clube. *"Minha infância foi toda experimentando coisas do bairro."*

O vínculo afetivo com o bairro se consolidou ainda mais ao longo do tempo. Seu engajamento se expressa por meio da escrita de livros sobre a história local, da atuação no Museu de Bangu e da organização de eventos comemorativos, como a caminhada cultural dos 350 anos. *"Eu escrevi debaixo de lágrimas aquelas palavras ali,"* disse, sobre os seus agradecimentos registrados no livro. O propósito declarado dos livros do museu é despertar nos leitores uma sensação de pertencimento. *"A emoção baseada na sensação de pertencimento é o que norteia meus trabalhos."*

Ele comenta sobre estar terminando sua segunda graduação, em história, sem interesse em exercer profissionalmente. Para ele, essa motivação veio do amor que ele sente pelo bairro e o seu desejo de se aprofundar na história dele.

P.V.: E só um ponto, que como eu sei que por mais que eu esteja concluindo uma graduação de História, pela minha profissão já está sedimentada, dificilmente eu vou exercer minha profissão como função profissional. Então é uma graduação que eu faço justamente baseada na relação de afeto com o bairro. Eu não tenho objeção nenhuma, não tenho pretensão nenhuma de estender minha atuação de historiador para outras áreas. E não sei se eu vou ter condição quanto a tempo de dar continuidade a ela quanto ao bairro. Porém eu fiz questão, porque eu tive muita dificuldade nas pesquisas, quando eu pesquisava fontes históricas sobre o nosso passado de encontrar as fontes.

P.V.: (...) e aí não tem como eu falar do meu interesse como historiador sem colocar realmente um apanhado geral até do P.V. como banguense. Ser banguense, justamente porque o berço que eu

nasci, o local que eu nasci foi consumindo coisas do bairro e criando identidade que aquele vermelho e branco, o escudo do Bangu, o símbolo da fábrica, o apito da fábrica... eram coisas minhas, eram coisas da minha família. Eu acordava num sábado, era minha mãe ouvindo o rádio para ver a escalação do Bangu, a semana corria justamente pensando no momento que a gente iria ver o jogo do Bangu. E aí como toda criança dos anos 80, interessado na pipoca que ia comer no jogo, no amendoim, no refrigerante, mas ia para o jogo do Bangu. Eu sou de uma família católica, então a igreja que a gente frequentava é a igreja católica do Largo de Bangu, então se tem um ciclo ali de amizade que se fala do bairro tem um pertencimento muito grande. No meu caso especialmente, eu sou filho de um funcionário da fábrica de tecidos, que trabalhou a vida inteira na fábrica, meu pai era funcionário da gravura, e muitas das vezes ele chegava em casa com coisas da fábrica, com pedaço de tecido, com um maniquim, com um desenho, meu pai tinha uma parede quase com todos os manequins desenhados com os tecidos que estavam sendo impressos por estilistas... então tinha essa relação também de trabalho, mas um trabalho em prol de uma empresa do bairro... então havia essa relação inteira.

P.V.: (...)e a história como os dois se conheceram e constituíram família também é muito curiosa, acho que eu conto isso na própria abertura, que os dois se conheceram num trem no indo ver o jogo do Bangu e marcaram o primeiro encontro na frente da igreja de Bangu, e depois construíram a família de fato com esse envolvimento todo no Bangu. Então o que eu mencionei é que a minha infância foi toda experimentando coisas do bairro. Meu pai falando da fábrica, eu estudava na Escola Getúlio Vargas, que fica ali do lado da própria fábrica, dentro do terreno mesmo, do lado da fábrica, e quando eu saía da escola, muitas das vezes eu passava pela fábrica olhando para ver o carro do meu pai estacionado... então são coisas de fato que não tem como uma pessoa assim deixar de lado, faz parte realmente da infância uma vivência. Um dos motivos que me fizeram ser bairrista nesse sentido, e que me possibilitaram ser, é justamente por se ter um bairro, tudo bem, um bairro suburbano, um bairro de subúrbio, mas que disponibiliza a maioria dos acessos a entretenimento, cultura e trabalho dentro dele, e ainda possibilitando aquela sensação, que está muito em voga, todo mundo menciona, a sensação de pertencimento, que aquilo que está ali é algo que você pertence. Por exemplo, o Bangu vira a ganhar, chega na final de campeonato brasileiro em 1985, eu não lembro, eu tinha apenas três anos, mas quem viveu isso, “nossa, eu moro a 200 metros do campo do time que está disputando a final do brasileiro”. Tem um noticiário falando sobre a qualidade dos tecidos, “nossa, eu passo na fábrica todos os dias”... essa sensação assim de “o que está aparecendo lá, eu faço parte disso”, acaba sendo muito relevante para essa sensação de maneira geral.

Lígia: E aí pegando esse gancho que você deu aí agora, você acredita que essa sensação de pertencimento, ele esteja capaz de ser repassado para as próximas gerações... você tendo filhos, você pensa em passar esse sentimento que você tem com relação ao bairro para eles? Ou você já faz isso de alguma forma?

P.V.: Sim, eu faço isso para eles, tento passar até nas atividades que eu desenvolvo, passar essa sensação para eles, eles fazem parte disso porque dentro do que há disponível hoje, eles também já usufruem. Então é o próprio campo do Bangu que eu já os levei para jogos, é a própria igreja, é o shopping que hoje talvez seja o maior expoente quanto a memória, porém eu devo dizer que é um cenário diferente no qual eu vivi. Eu vivi um cenário que você não tinha acesso a entretenimento fora do físico e da rotina que você tinha. Como eu mencionei, Bangu, as cores do bairro, as conversas na mesa, no café da manhã, no café da tarde, pairavam sobre atividades do bairro. “Você viu que vai ter um show no Bangu Atlético Clube?”, “você viu que vai ter uma festa na igreja?”, “você viu que a fábrica vai receber fulano de tal, vai ter uma comemoração?”. A vida era isso e assim, eu sou dos anos 80, eu não sou lá dos anos 30, 40, você pegar alguém mais antigo vai dizer que isso era mais forte ainda. Então há um arrefecimento nas disponibilidades e até nas potencialidades que vão fazer essa sensação nas novas gerações permanecer. Isso se deve muito a, eu tenho uma crítica como torcedor e como bairrista, da má gestão dos pontos em si. O shopping é um modelo de transformação diferente que preservou a memória, mas a gente tem um Bangu Atlético Clube que infelizmente está longe de estar nos melhores momentos. Antes a gente pegava os melhores artistas, os melhores artistas estavam no palco do Bangu Atlético Clube. Hoje continua

funcionando, tem seus eventos, mas não se compara aos eventos que são passados nos outros palcos da Barra, da Zona Sul, do Centro da Cidade. A gente tem o Bangu Atlético Clube também que vive batendo cabeça para se manter e ter a mínima competitividade para fazer as pessoas se manterem próximas a eles. Mas vejo com muito bons olhos novas gerações nascendo, torcidas organizadas com gente muito boa, uma galera nova, bacana, que vai lá torcer de coração, faz evento, faz evento social. Quando a gente faz alguma atividade no Bangu, é o caso da Castores, no Museu de Bangu, eles estão lá apoiando. Isso é bacana, mas infelizmente, vou dar um exemplo da torcida Castores, eles são mais labaredas para chamar essas novas gerações do que o próprio clube. Porque a gente pensa hoje, como é que uma criança que nasce, vendo o cenário que a gente vê hoje, sem muita atração de pertencimento, de orgulho em si, como é que a gente vê uma criança se interessando por isso? Ela se interessa através de algumas coisas. E aí o Museu de Bangu é uma ponte para isso, a própria torcida Castores e outras atividades que são desenvolvidas no bairro são pontes. Mas a resposta final para isso é que sim, eu faço meu trabalho, mas eu faço meu trabalho intencional para que meus filhos continuem com essa visão que eu sempre tive que eu recebi. Mas nem todas as famílias têm essa intenção direta. E aí os dispositivos para fazer isso acontecer, eu acho que foi reduzido e a gente tem um risco sim de isso com o tempo entrar em declínio, essa sensação de afeto.

Lígia: Você comentou um pouco sobre essa transformação nas instituições, mas e aí pensando nas transformações do bairro em si? Pensando nos equipamentos urbanos, enfim, em toda mudança que teve ao longo dos anos.

P.V.: Afetaram como pessoa ou com o meu vínculo com o bairro, com o indivíduo? É difícil mencionar assim porque nós acabamos fazendo parte dessa transformação. E estando aqui, a gente evolui com ela e se adapta a ela. Então que me afetaram em si, eu acho que esse ponto principal é da mesma forma que eu falo do enfraquecimento das instituições. E aí como realmente como gestão, como força, como hoje a gente fala também muito como formador de opinião para o bairro como ponto central. A gente tem que mencionar de fato o que a gente acabou de falar que são os institutos, as pessoas, os grupos de fato que tentam reverter esse cenário. Que estão ali pesando a balança para não fazer a coisa cair, que é justamente o trabalho do próprio Museu de Bangu, que é uma instituição sem fins lucrativos. Eu fui diretor de lá e posso dizer que aquilo ali é trabalho e suor e amor e afeto por inteiro. Aquela instituição tem gasto, não tem lucro nenhum. Todo o livro que a gente faz é para gerar minimamente um sustento para ali e outros trabalhos também, como o próprio Tiago, tem os Castores e outros grupos que fazem essa mobilização.

P.V.: Mas talvez o que mais tenha me afetado, agora avaliando bem porque é uma pergunta como aquilo, como eu cresci com essa mudança é difícil encontrar. Mas a mudança da forma de vida cotidiana dos anos 80 para hoje é algo que me afeta e vem me afetando durante o tempo. E aí, já que o papo é afeto, eu posso contar um pouco também de o que enraizou esse afeto é algo muito sensível, que é justamente a convivência com vizinhos na rua. A cadeira na calçada, anoiteceu o primeiro, coloca a cadeira e até duas horas da manhã tem uma roda de amigos conversando, falando de diversos assuntos. Isso era algo que fazia, não só o bairro de Bangu, isso pode ser replicado em outros bairros do subúrbio, fazia enraizar mais esse sentimento. E servia também, até pensando do lado social de maneira geral, servia como válvula de escape durante um dia de trabalho, durante um dia de angústias, você sentar ali, bater papo, jogar um carterado para quem gosta de tomar uma cerveja, tomar um refrigerante, ou seja, se distrair ali. Até os anos de 2002, o Natal e o Ano Novo da minha casa sempre foi com mesa na rua. Nós fazíamos Natal e Ano Novo juntos, assim. Porém, questão de violência, a tecnologia, as novas gerações que já estão inclinadas a outro tipo de divertimento se bater um papo por duas, três horas já pode não ser tão interessante, acabou enfraquecendo isso. Então, se há uma resposta para sua pergunta, o que mais me impactou foi o distanciamento das pessoas por conta de vários fatores, mas também essa, vamos chamar, redução do afeto no contato cotidiano, então isso foi algo que de fato impactou muito a vida do próprio bairro.

Quando questionado sobre as transformações no bairro, menciona com destaque o impacto positivo da criação do Bangu Shopping, que substituiu o espaço murado e ocioso da antiga fábrica. “A

transformação que houve de uma fábrica fechada por um shopping center... se torna novamente um local de convivência.” O shopping é citado como local atual de lazer, junto ao Museu de Bangu, à igreja e ao teatro. Ainda assim, o entrevistado lamenta o enfraquecimento das antigas instituições locais — como a fábrica e o clube — que, segundo ele, desempenhavam papel fundamental na consolidação da identidade banguense.

Lígia: Mas pensando nessas transformações como algo positivo também, quais mudanças na paisagem você acredita que vieram para agregar valor a um sentimento ou então a produção local mesmo de Bangu?

P.V.: Olha, o ponto principal que a gente pode falar é justamente a transformação da inauguração do Bambu Shopping em 2007. Por mais que eu tinha esse vínculo forte com a fábrica, a fábrica era uma caixinha fechada e misteriosa para a gente. Por mais que eu tenha visitado o estacionamento, era o local onde estavam as máquinas, que produziam tecido, era o local onde meu pai passava o dia, o que está acontecendo lá, o que não está. E mesmo depois que houve o declínio, mesmo antes do fechamento em 2004, a fábrica fechou as portas em 2004, era um muro, era a grade na frente, mas era um muro amarelo que cercava toda a fábrica e que aquele quarteirão provocava uma sensação no bairro de algo abandonado lá dentro. Então os locais adjacentes daquele muro, eles eram mal circulados, eles eram mal iluminados, não era tão interessante passar ali e me parecia que de fato você tinha um ponto a ser resolvido dentro do bairro. Era a sensação aí, falando de forma pessoal, é a sensação que eu tinha. Com a inauguração do Shopping, eu acho que falando das instituições que perderam força, uma das instituições que a gente deposita muitas fichas e eu particularmente, eu até já falei isso diretamente para o time do Shopping quando a gente teve a oportunidade de trabalhar junto, é uma expectativa muito grande que a gente coloca em cima do Shopping, porque a transformação que houve de uma fábrica fechada por um Shopping Center, no qual se torna novamente um local de convivência, um local onde os eventos acontecem, a gente falou do Bangu Atlético Clube que hoje foi enfraquecido e não tem os melhores eventos, mas a gente tem que falar do teatro do Bangu Shopping, que hoje os melhores artistas ocupam aquele palco. Se você perguntar a qualquer pessoa, talvez você já foi naquele local, certamente algo agradou, seja o infantil, a comédia, a música, então é talvez o principal palco de entretenimento hoje. Claro, é um palco que ele é um palco nobre, no sentido não da nobreza cultural, mas da nobreza financeira, ou seja, talvez não seja um palco ainda que esteja 100% aberto para produções locais, já tem acontecido, eu já acompanhei algumas ações que já aconteceram, mas me parece ser um local muito bem administrado, que espero que seja bem rentável para que consiga crescer cada vez mais. E o próprio Shopping como transformação em si, por ser um local onde as coisas acabam acontecendo no bairro, as memórias afetivas que você criava, por exemplo, nos natais e nos finais de ano passado, fazendo uma compra, convivendo, passando aquele dia, hoje se eu for olhar para o meu passado, a maioria deles acontece aonde? No Shopping. Amanhã eu vou fazer aniversário e provavelmente eu vou almoçar com a minha família no Shopping. Então acaba sendo um palco de criação de memória afetiva, muda um pouco a paisagem como você mesmo mencionou.

P.V.: E cabe dizer que é um fenômeno que eu não sei interpretar, mas pode ser interessante para a sua pesquisa, essa linha cruzada no indicador do gráfico, da mesma forma que eu acho que é um problema das novas gerações criarem e fomentarem essa sensação de pertencimento por conta do enfraquecimento e da visão muito histórica e passada do que aconteceu e não do que eles estão vivendo hoje. Eu conto o que aconteceu, mas será que eles vivem completamente aquilo que me fez ser tão afetivo? É curioso, porque há uma linha do gráfico, eu ainda não sei dizer qual é a cor dela, que há esse crescimento sim de um grupo forte que consome memória, pertencimento, história e afeto banguense e que muitas das vezes não foi batizado nessa fonte, não passou por isso, mas só de ouvir falar e tomar conhecimento há aquela necessidade de “quem me dera um dia poder ir no Moça Bonita lotado”, “quem me dera um dia poder ir num carnaval como era no passado”, “quem me dera um dia ver o bairro produzindo emprego para que ninguém precisasse sair do bairro.” Há essa sensação e eu posso caracterizar por dois pontos. Primeiro, eu sou fã deles mesmo, de como a torcida Castores faz o trabalho deles, cada vez mais chama pessoas da melhor linhagem possível, então lá eu sei que tem pesquisadores, tem historiadores, tem uma menina que é muito bacana que

ainda era graduanda quando comprou o (livro) “Fazenda Bangu”, quando foi lá hoje eu acho que ela já é doutora em História e por aí segue. Além da questão do próprio, eu perdi um pouco o fio da meada, eu estava falando dos Castores, estava falando da linha de interesse, aí eu menciono os dois pontos que eu mencionei sobre como foi a aceitabilidade dos livros que a gente lançou, do “Fazenda Bangu” e do “Bangu 350 anos”, que antes do lançamento, eu não tinha pretensão alguma com esses livros, era para vender o que der e para sustentar o Museu de Bangu, para dar para passar mais um tempo, para fazer um fundo para eles. E o livro teve uma adesão muito grande, a gente lançou uma pré-venda de 100 exemplares a um preço considerável e foi esgotado, e tinha mais procura, tinha mais procura. O (livro) “Bangu 350 anos”, nós fomos convidados pelo Shopping, depois de algumas dificuldades que a gente teve no trato com eles, nós fomos convidados por um Shopping, e nós fizemos um evento que, sendo bem sincero, o próprio Shopping não acreditava que ia ter muita gente. Eles achavam que, olha, uma mesinha, duas cadeiras, eu falei “olha, vocês não têm noção do que vai acontecer aqui”. Acho que foram mais de 400 livros vendidos em uma tarde, e tendo que colocar a gente para fora do Shopping, para entrar, e ainda foi prejudicado que a gente colocou dentro, o evento foi colocado dentro de um feriado, de um feriadão, era um período, era um feriado emendado, e o evento foi ali dentro. Mas em conjunto com o “Bangu 350 anos”, nós fizemos uma caminhada ali, esse era o ponto que eu queria explorar um pouco mais aqui na nossa conversa, até para a gente ver porque também esse núcleo de crescimento está acontecendo. Foi um evento que aconteceu no sábado, num sábado de muito calor, muito quente, e que a estimativa que a gente tinha era no máximo 50, 60 pessoas, porque era o padrão que eu pesquisando com outros guias de turismo, eu perguntei o pessoal de Campo Grande, inclusive convidei, contratamos eles para fazerem o passeio aqui com a gente. A média de uma caminhada cultural era isso, 40, 50 pessoas. Nós tivemos 200 pessoas num sábado de muito calor. E aí, por mais que eu souber, eu sou grande, eu falo, se eu aguentar fazer a caminhada, todo mundo vai aguentar. Foi uma caminhada muito extensa, nós saímos do Shopping, fomos até a área da Fazenda Bangu, a ladeira dela, descemos, fomos acabar a caminhada, começou oito, fomos acabar quase meio dia no Museu do Bangu. Ninguém arredou pé. Então aquilo, de fato, me trouxe uma visão de, cara, da onde vem essas pessoas e como elas estão sendo motivadas a usar seu sábado de manhã, num sábado de sol, para estar aqui ouvindo pessoas que eles nem conhecem e ainda sair no final dizendo que talvez tenha sido a melhor manhã da vida deles. E todo mundo repete, quer de novo, quer de novo. Então é um fato que eu posso contribuir como bem curioso desse crescimento que pode acontecer também na relação afetiva do banguense com seu bairro.

Lígia: Você comentou sobre as tradições que você participou, que você foi cresceu num lugar, que uma família muito tradicional e que tinha afeto com relação ao futebol, enfim, mas quais dessas tradições do bairro você tem mais lembrança afetiva, de mais gostar assim de fazer parte?

P.V.: Só um ponto: a minha família, na historiografia tem uma questão que são “os nobres da terra”, então a gente tem algumas categorizações para dizer que aquelas famílias são tradicionais e tal, se eu utilizasse um critério desse, a minha família era enraizada no bairro, mas ela não era uma família tradicional com um nome que veio, com posses e com uma rede de relacionamento, não, minha família não era isso. Minha família de fato eram pessoas enraizadas, o meu pai e seus irmãos com muita dificuldade, eles eram trabalhadores da fábrica, mas não era assim uma das famílias que chamam de tradicionais, por exemplo, não sei, um dos imigrantes que gerações trabalharam na fábrica, acho que não se enquadrava tanto nesse ponto. Eu tenho uma família de herança muito grande de afeto de fato por referência a Bangu, mas como os eventos que eu tenho mais memória de fato são os domingos no jogo do Bangu, não tenho dúvida, ir ao jogo com minha mãe é algo que eu vou de fato guardar. Por incrível que pareça, as copas do mundo com toda aquela questão de enfeitar a rua e mobilizar a gente, chegava essa época era muito forte, eu que gosto de futebol, eu sou fã de seleção brasileira, colecionar figurinha, essas coisas mais afetivas assim, e chegar em copa do mundo, passar a noite pintando a rua, para criança era aquele momento que assim, “hoje vale tudo né, está fechada a rua, a gente pode fazer o que a gente quiser e vamos pintar a rua”. Pode desenhar na rua, olha que coisa interessante! No resto do ano a gente não pode. Então a copa do mundo era algo muito forte. A própria missa dominical e as festividades da própria igreja, que eu sempre participei, agora eu estou frequentando mais a igreja de Realengo por conta dos meus filhos, que são coroinhas lá em Realengo, também tem uma relação afetiva bastante grande,

talvez não como o Bangu, mas também é um repositório de muita história. As festas de final de ano, mais até do que carnaval, eu sempre fui muito vinculado com o Natal e o Ano Novo, então tenho uma memória muito grande de, por exemplo, ir ao centro de Bangu e andar pelo bairro nos dias como esse, eu tenho essa mentalidade, até hoje eu tenho, é uma coisa minha, de no dia 24 falar “poxa, eu vou em tal local”, eu quero ver como tal local está no dia de Natal, e curtir esse dia inteiro, mas também olhando a própria paisagem. E como não pode deixar de ser, um dia que para o subúrbio talvez seja o ápice cultural, que é o dia de São Cosme e Damião, que era aquela febre, a gente passava a semana inteira pensando naquele dia, criançada, para fazer realmente uma farra de pegar doce, então as memórias vem justamente daí. Podem ter mais, se eu for continuar aqui, eu vou me emocionar e nós vamos falar muito mais coisas, mas os principais eu acho que são essas. Eu gosto de assistir o bairro nesses dias, é algo meu, é algo da minha família, de ver que tem uma cor diferente em determinados dias do ano, assim como o sábado de carnaval, também tem seu detalhe e tudo mais. É como se o bairro se transformasse, né?

Um dos trechos mais emocionados da entrevista refere-se ao impacto da pandemia. “Era o avesso de tudo aquilo que eu falei... o domingo no campo do Bangu, as pessoas na rua pintando a rua, a tarde de Natal. Isso é o oposto completo.” Ele lamenta não ter fotografado a cidade vazia e considera o período um marco de ruptura afetiva e social.

P.V.: (...) eu lembro que por algumas vezes eu saí, eu trabalho, eu tenho o benefício de trabalhar em home office e naquele período eu não precisei ter que sair, então isso foi uma sorte, uma graça que eu tive de não precisar sair. Então quando eu saía era para o mercado, para fazer alguma coisa. E aí um ponto importante é a minha percepção, e eu lamento muito não ter fotografado e criado o registro do bairro nesse período, de assim, de ver as ruas vazias o quanto me doía aquilo, claro, pela preocupação do vírus, de todo o dilema que a gente passou, daquela época... Mas além disso, de olhar num sábado à tarde a Praça da Fé vazia, sem nada, limpinha. A gente sempre reclamou que queria as coisas limpas, né? Limpinha, não tinha uma sujeira no chão. Então assim, essa relação é a relação da preocupação da ausência do afeto, sabe? E aquela crise de “será que as coisas vão voltar?”, “Será que eu vou sair de casa e vou ao mercado e vou ver pessoas ou vou vir no mercado num corredor sozinho?”. Tiveram dias que eu ia no corredor, no mercado e só estava eu. E o tema que você elenca tem tudo a ver com isso, sabe? É de aridez, de secura mesmo, você chegar numa praça e estar vazia, só ter o cachorrinho deitado lá. Você passar, não ter ninguém. É uma reflexão para a natureza humana de você não ter. Mesmo as dificuldades que se tem do excesso de pessoas, mas eu lembro de ir para o mercado e estar fazendo as compras, mas olhando para o lado, mais do que a preocupação com a doença, o cenário de não ter relações e você ver que as pessoas tentam se afastar o máximo possível, que era necessário, era assim o avesso de tudo isso que eu falei, do domingo no campo do Bangu, das pessoas na rua pintando a rua, da tarde natal. Isso é o oposto completo de tudo aquilo. Então é um fato que acho que é importante eu deixar registrado que isso me impactou muito.

Ao falar sobre o que mais gosta em Bangu, cita múltiplos lugares: a Ladeira da Fazenda, o Museu de Bangu, a Praça da Igreja e o próprio shopping. Sobre o lugar de que menos gosta, menciona o calçadão — “Hoje o calçadão... é difícil de você transitar, reduz a questão de segurança” — e, em termos simbólicos, os presídios da região, devido ao estigma que carregam e ao impacto que provocam na imagem do bairro.

Lígia: E a gente falou muito sobre o que você vivenciou no bairro, mas hoje em dia, onde são os seus lugares de lazer em Bangu?

P.V.: Meu local de lazer é o shopping, o shopping é o meu maior local de lazer. É porque por mais que seja algo em prol do bairro, o hobby tem que ser prazeroso, né? O próprio museu de Bangu, porque eu entendo que assim, o trabalho voluntário, ele precisa ter uma dose ou de afeto, ou mesmo de prazer. Você tem prazer de estar ali com aquelas pessoas, de conviver, de convivência, isso graças a Deus ocorre. Em alguns momentos a gente precisa ter momentos mais tensos, na definição de um livro, na definição de um próprio, mas isso faz parte, mas de maneira geral o que

tem que sobressair de fato é a relação afetiva entre as pessoas. Você mencionou, a gente mencionou dois nomes de pessoas que, poxa, eu adoro, né? E só ir falar nele já dá vontade de sentar e começar a bater papo, que são (ocultado pela anonimização), dois grandes amigos aí de empreitada. Mas o shopping, sem dúvida, o museu de Bangu, a própria igreja de Bangu também, e o teatro. Acho que são os quatro pontos que eu utilizo para, culturalmente, digamos assim, como ponto de diversão dentro do bairro. O shopping ele é multidisciplinar, né? Então acaba sendo um ponto, o benefício dele é muito grande. Há pessoas no bairro, eu conheço algumas delas, que não são a favor e são contra da fábrica ter se transformado em shopping. Justamente porque teve um dano realmente, mas é um dano que eu não tenho competência para falar se é um dano legal, ou se foi um dano ilegal, ou se foi um dano de fato, mas que foi dentro da legalidade, que foi o desaparecimento, o desaparecimento às nossas vistas. Do proprietário pode ter sido uma movimentação de local, de todo o maquinário, de todos os móveis, de todos os elementos que poderiam constituir essa história, e que o shopping poderia aproveitar isso para criar um próprio museu da fábrica Bangu, que as gerações pudessem ver, “olha que bacana aqui que era produzido e tal”. Isso é uma carência que nós ficamos, nós ficamos ausentes. A fábrica, até onde eu sei, eu não tenho pesquisa profundada sobre isso, foi entregue oca, digamos assim, só paredes para que o grupo do shopping entrasse. Então o shopping recebeu paredes para eles construírem sua estrutura, seu telhado, montar sua estratégia e fazer, preservar na fachada, porque é tombada aquela questão toda, mas fazer as coisas acontecerem. Mas eu sou 100% pro shopping. Às vezes eu, aí as críticas eu faço às vezes direto para eles, que eles tinham que aproveitar mais a questão do próprio, da própria relação com o bairro, em reuniões com o próprio shopping, eu fiz análises com isso, com ele, falei “olha, veja as últimas postagens que vocês fizeram: Tiveram X curtidas. Agora vê aquele dia que você mencionou algo do shopping, para você ver o que aconteceu, olha a repercussão que isso teve. Poxa, o próprio Museu de Bangu, que não tem 7 mil seguidores no Instagram, se a gente postar o apito da fábrica, a gente supera vocês no número de visualizações. Por que vocês não usam isso? É gratuito é de vocês”. Então eu sempre fiz esse atelo para que, até comercialmente, eu não vejo problema nenhum das pessoas utilizarem estratégias vinculadas ao bairro com fim comercial. A vida é assim, não tem jeito. Mas equilibra os dois pontos, traz mais evento cultural, traz, poxa, você falou do projeto da música, por que não? No sábado à noite colocar um evento ali perto da chaminé para acontecer, olha o número de pessoas que vão ser atraídas por isso e vão consumir dentro de um shopping. E o que a gente percebe é que, e é uma preocupação do banguense, é que em muitos dias que a gente espera que um shopping esteja cheio, com muita gente comprando, a gente percebe corredores um pouco mais vazios. A gente não quer isso de jeito nenhum, a gente quer que esse shopping, poxa, prospere, que dê certo e que só cresça. Eu sou pró shopping completamente, acho que o maior benefício do shopping de Bangu que aconteceu nos últimos tempos foi a inauguração do shopping, porque se a gente não tivesse isso, o aumento ainda mais na pandemia, o aumento da população de rua, a dificuldade da vida do brasileiro, o aumento inclusive das comunidades em volta do bairro, a gente teria problemas maiores do que a gente tem hoje, não tenha dúvida disso. Com certeza, com certeza. O shopping, ele vem como um ponto de lazer, trazendo de volta coisas que não tinham muito tempo, como o cinema de rua, enfim, o teatro, pontos assim. (...) Essas ações de exposições permanentes no shopping, é uma balança justamente para a manutenção desse afeto nas novas gerações, porque a maioria, se você pergunta, se eu chamo meu filho, agora eu acho que ele foi dormir, mas se eu chamo meu filho e pergunta olha, qual é o ponto principal que você guardia no shopping, no bairro, ele vai dizer que é o shopping. E se o shopping, que é um local que atrai as novas gerações, tiver disponível esse tipo de contato cultural, esse tipo de contato histórico, esse tipo de contato de pertencimento, é a equação perfeita. É a equação perfeita. (...) Então assim, da mesma forma que é esse equilíbrio, eu acho que a gente ainda tem muito a trabalhar o palco shopping para a cultura local e o shopping se beneficiar. Eu entendo que é um negócio, eu entendo que não adianta a gente pensar em benefício local sem que haja um retorno para o comércio, e esse retorno para o comércio acaba beneficiando a própria população.

Finaliza dizendo que ser banguense é parte intrínseca da sua identidade. “Representar Bangu é sempre um orgulho. Quando eu vou fazer algo sobre Bangu, eu estou homenageando as pessoas

que me trouxeram até aqui.” Mesmo ciente das dificuldades enfrentadas pelo bairro, ele mantém um compromisso afetivo com sua memória, história e potencial coletivo.

Entrevista J.G. – 11/04/2025

28 anos

J.G.: (...)Mas eu acho que Bangu é mais pulsante devido a toda a história da fábrica, as famílias que começaram aqui e perpetuaram uma grande parte, né? E fez com que Bangu tivesse esse espírito mais de todo mundo, quase todo mundo que nasce aqui ter esse sentimento de pertencimento a um lugar que faz parte da sua vida, independente de um momento que você more fora, você sempre lembra com muito carinho de Bangu e das pessoas que moram aqui, que nasceram aqui, porque eu vou tentar explicar de alguma forma. É como se fosse um sentimento muito forte, de como se tivesse enraizado ali toda aquela cultura futebol, samba e outros fatores, o fator operário que é o que vem desde a fábrica. E acredito que quem realmente gosta do bairro de Bangu cria um sentimento que vai além até do amor em relação a onde vive e onde nasceu. (...) Eu acho que tem muito a ver, pelo menos no meu, falando por mim, tem muito a ver com essa origem operária do bairro, de toda a luta de classes que a gente vem construindo ao longo dos anos.

Lígia: E como o Bangu começou a ser importante para você?

J.G.: Bom, a gente tem aquela, às vezes a gente só percebe o quanto algo é importante quando a gente perde, quando a gente vai embora. Então eu acho que quando eu comecei esse movimento de sair e perceber o quanto os meus pais que nem aqui nasceram, vieram para cá e se apaixonaram pelo bairro e ficaram. Eles estão aqui há 30 anos, eu tenho 28. Então acho que mostra o quanto quem vem de fora se apaixona também pela, digamos, tranquilidade que tem, pelo menos boa parte de Bangu. E esse sentimento suburbano de orgulho que acho que todo Banguense tem, de ver que ali é o lugar dele, de poder em qualquer lugar e ser bem recebido, ser reconhecido. Então acredito também nessa parte que quando eu comecei a sair daqui eu sentia muita falta e toda vez que eu estava, estava em São Paulo também, estava um pouco me sentindo um pouco longe, deslocado. Eu lembrava que eu tinha um lugar que talvez aquele lugar que eu estava nunca fosse onde eu realmente queria estar. Eu sempre queria estar de volta para cá. Tudo bem que talvez tenham lugares ditos melhores, mas parece que quando eu chego aqui algo me enche com o que já era para ser e vai ser para sempre. É como se você fizesse parte de um todo, né? Exatamente. Ah, me sinto em casa em qualquer lugar, turista em todo. Só em Bangu não é turista não, é morador e vivido para sempre.

J.G.: (... o meu avô era um dos sócios do Bangu Atlético. Quando existia associação ainda no time do Bangu, né? E ele tinha muito orgulho de em todo lugar que ele ia, que fosse até fora do país levar uma camisa do Bangu para tirar uma foto onde ele estivesse. Inclusive o aniversário dele de 60 anos foi sobre o Bangu e sobre os bares com a camisa do Bangu que ele podia ir. Então foi uma coisa bem legal. E quando ele faleceu ano passado, ele no discurso dele, no discurso da gente que que fizemos quando foi enterrado de vez, todo mundo estava lá e falou se vai um grande banguense, mas ele ensinou todos nós a amar o Bangu como ele. Então tanto na esfera do bairro quanto da fábrica quanto do bairro ele foi uma das pessoas que quando podia levava Bangu ao mundo.

J.G.: (...)o meu avô que era o lojista do calçadão, ele sempre foi um ótimo contador de história. Ele me contava coisas assim que eu ficava maravilhado dos tempos em que ele trabalhava, e coisas que aconteciam, e como o Bangu foi importante na vida dele porque, apesar da família estar aqui há muitos anos, ele também morou em São Paulo. Ele sempre dizia que era muito sem graça estar lá porque estava longe do lugar que ele amava. Tanto que ele sempre dizia que ele encontrou o amor da vida dele graças ao bairro Bangu, que foi aqui que ele conheceu a minha avó. (...) Sempre aos domingos quando ele não fazia nenhuma atividade fora da casa dele. Ele pegava jornais

antigos, documentários, tudo o que ele podia sobre o clube Bangu ou sobre a fábrica e me ensinou o quanto a fábrica de tecelagem foi importante, não só para o movimento Bangu, para o Bangu se considerar como um bairro de prosperidade em relação à fábrica, mas como o Bangu foi importante para o Brasil. E aí baseado muito nesses conhecimentos que a gente obteve por ele.

J.G.: (...)Então os fatores históricos estavam sempre muito presentes na infância, na adolescência, na minha vida adulta em relação a contar a história perpetuando ela para que a gente não esquecesse o quão quão quão valioso era estar no bairro, enriquecer a história do bairro, levar a história do bairro para fora de Bangu ou do mundo ou do país ou do estado e por aí vai.

Aos poucos, o interesse de J.G. pelo bairro se tornou uma prática de registro: começou a fotografar, documentar e escrever sobre espaços, pessoas e memórias. Esse gesto de preservação, para ele, é também uma homenagem a todos que vieram antes: “É sobre realizar o desejo de quem já foi, já passou por aqui... registrar aquilo para que mais pessoas saibam.”

J.G.: (...)eu acho que se a gente não contemplar a história do lugar que a gente nasceu, do lugar que a gente pertence, a gente talvez não pertença a lugar nenhum e aí bate um senso de vazio. Então eu prefiro mostrar e eternizar o pertencimento do lugar onde eu vivo, de outros lugares também. Mas como especificamente estamos falando de Bangu, eu acho que é importante criar o máximo de conteúdo possível e criar um conteúdo de qualidade para que tenha essa perpetuação das imagens e que as pessoas tenham vontade também de conhecer um estádio tão antigo, um shopping que pode não ser o melhor de todos, mas tem uma história em cada parede, em cada pedaço de chão, em cada pilastro. Tem uma história centenária de pessoas que lutaram muito para que hoje a gente tivesse o que a gente tem, mesmo que não seja o super melhor razão, mas que está aí porque lutaram para que a gente tivesse um pouco disso. Então é mais sobre talvez até realizar o desejo de quem já já foi, já passou por aqui e poder ter a visão sentimental sobre aquilo que talvez quem não é daqui não tenha capacidade de interagir porque não conhece a história. Então é mais sobre ter embasamento e registrar aquilo para que mais pessoas saibam.

J.G. reconhece as transformações do bairro, tanto positivas quanto negativas. Ele avalia que o shopping trouxe melhorias como segurança e circulação de pessoas, mas também prejudicou o comércio local da sua família

Lígia: você veio de uma família de comerciantes próximos geograficamente ao shopping. Isso impactou a dinâmica na sua família de alguma forma?

J.G.: Então a relação do comércio de próximo ao shopping mais ou menos quando ele estava para fechar a fábrica de fato entre 2003 e 2005 foi quando junto com a fábrica os meus parentes mais próximos ou fecharam por opção de aposentadoria ou fecharam por questões financeiras que levaram à falência das empresas.

Lígia: E dentro do contexto da sua família, você acredita que eles tenham achado que o shopping impactou positivamente ou negativamente com relação ao comércio?

J.G.: Uma das lojas (de sua família) era de venda de roupa de cama, essas coisas mais de casa. Então quando você tem a abertura do shopping e as mega lojas vêm para se implementar no bairro tem impacto direto no comerciante local. Então, assim, diretamente o shopping ele traz o benefício de ser um grande espaço público para que você tenha maiores serviços. Mas com a falta de preparação de estrutura do lado de fora você acaba prejudicando quem já estava ali e faz com que aquele tipo de comércio e outro que não tem dentro do shopping abre no mesmo lugar. Então de certo modo o impacto da abertura do shopping é direto e imediato. Em relação ao comércio.

Entre os lugares mais queridos, destaca o Estádio Moça Bonita, o Largo da Igreja, o calçadão e o próprio shopping, mesmo com críticas. Sobre lugares menos atraentes, cita o Parque Leopoldina,

do qual se afastou por questões ideológicas e por não ver mais função que o atraísse emocionalmente.

A juventude atual, na visão de J.G., tende a se afastar da memória e da identidade local. “Tem muita saída dos jovens de Bangu. Acredito que deveriam existir mais medidas para que as pessoas conhecessem mais a fundo a história.” Para ele, fortalecer a consciência histórica e oferecer lazer acessível e local seria um caminho para resgatar esse pertencimento. Cita as torcidas organizadas do clube como exemplos de manutenção da identidade: “Oferecem sentimento de pertencimento até para quem não é de Bangu.”

Lígia: Você acredita que a juventude em Bangu tenha menos apego, a memória, a identidade Banguense que as pessoas de outras épocas têm?

J.G.: Acredito que sim, porque pelo menos o que eu vejo a gente tem muita saída dos jovens de Bangu, pelo menos abaixo da minha faixa etária. Então eu acho que deveriam existir mais medidas para que as pessoas conhecessem mais a fundo a história e pudessem sim se apaixonar pelo bairro e saber o tamanho que ele tem. E acho que acredito que a partir do momento em que a gente consegue passar para a geração que está antes da gente é o quão importante talvez isso gerasse uma iniciativa pública que gerasse maior diversidade de lugares para a prática de esporte lazer e isso trouxesse maiores benefícios porque tem muita gente muita gente do pessoal mais novo que vai para fora por querer coisas que não temos aqui. Mas e se alimentássemos tanto a paixão do Banguense, a consciência e trouxéssemos o lazer para cá também. Por que não? Porque só a Zona Norte e a Zona Sul podem ser contempladas e não a Zona Est. Então vai muito desse sentimento. Acredito que os movimentos torcedores organizados do clube ajudem a oferecer o sentimento de pertencimento do Banguense e até quem não é de Bangu que vem também participar de tudo que a gente lutou tanto para construir e ainda falta bastante coisa. Então acredito que quanto mais gente interessada a maior atenção do poder público até de algum tipo de iniciativa privada a gente consiga trazer para que exista um melhor bem-estar social econômico no bairro.

Lígia: E você acredita que essas histórias tenham despertado em você um saudosismo de alguma coisa que você não necessariamente viveu? Sei lá algo que você sente falta hoje em dia que eles contam e você queria muito ter experienciado?

J.G.: Eu peguei bem no final que quando eu comecei a ter um pouquinho de consciência já era 2001 2002 então já estava naquele finalzinho da fábrica já estava fechando tudo. Mas assim eu gostaria de ter vivido um pouco mais dessa época tão digamos dourada que eles viveram e tudo isso que eles puderam contemplar. E uma coisa que eu preciso comentar é sobre trabalhar no Bangu a família quase toda era de comerciantes. Então eles têm essa sempre essa imagem positiva para contar e apesar dos pesares atuais de como é o estado do Rio é eu consigo acreditar e imaginar tudo que eles contaram para mim e reforçar na minha cabeça o quão importante é o bairro para mim e o quanto eu sou grato por ter tido a oportunidade de ouvir e ainda viver aqui.

Sobre o que significa ser banguense, J.G. é direto: “É ter orgulho de onde nasceu, amar tudo que compõe o bairro e transmitir toda a história – seja por fatos, fotos ou canções.” Ser banguense, para ele, é viver um afeto profundo com o território, é cuidar da sua imagem e resistir às transformações que ignoram suas origens. Seu compromisso é com a memória viva de Bangu e com a preservação de um legado que, como ele diz, “tem valor em cada pilastra.”

Entrevista M.G. – 11/04/2025

26 anos

M.G.: Há 26 anos eu tenho nutrido uma relação, hora de amor, hora de ódio, hora de orgulho em relação a Bangu. É um pouco... Nossa, não sabia que era tão sensível esse aspecto do local, né? Mas é engraçado, porque a memória da minha percepção coletiva de Bangu é muito ligada, não só com o clube, mas principalmente com a fábrica, pelo menos na minha percepção é muito importante. A minha família era uma família de operários da fábrica, meus avós eram, o meu pai chegou a ser encarregado de um setor inteiro da fábrica, então os amigos de trabalho eram operários da fábrica também. Então para mim é um pouco daquela lógica do bairro que gira em torno daquele complexo industrial, a minha percepção de Bangu também era um pouco assim desde a infância.

M.G.: Meu pai vive contando as histórias, ele ainda conta uma coisa muito rústica do bairro, dos terrenos dos loteamentos sendo divididos por operários. Existe um senso de gratidão pelos antigos proprietários da fábrica entre os antigos moradores, que é muito interessante... do tipo "olha, esses lotes aqui foram doados"... alguns conseguiram comprar, mas por conta do trabalho da fábrica, e assim... é andar pelo bairro escutando histórias. Tem as ruas principais com lotes maiores, onde morava a galera da diretoria da fábrica... então é um pouco disso de, sei lá, andar e escutar histórias, por exemplo, meu avô era músico, tocava na Unidos de Bangu e fabricava instrumentos, então tinha esse lado também. Não só com a parte do trabalho, mas com a parte do lazer dos clubes também, então eu cresci escutando essas histórias.

Lígia: E você acredita que essas histórias despertaram em você um saudosismo de uma coisa que talvez você não tenha nem tido a oportunidade de viver, mas que você gostaria de ter vivido?

M.G.: Cara, uma parte sim, mas por conta da fábrica mesmo, eu sou apaixonado pela história da fábrica, desde a época da fazenda. A questão do nascimento do (Bangu Atlético) clube, as grandes visitas da fábrica, a influência da fábrica no comércio do Rio... então eu sou apaixonado por essa história, eu gostava de visitar a fábrica e era muito legal, porque a fábrica era muito bonita por dentro, ainda na sua fase final, tinha umas árvores lindas, um gramado muito bonito. É um saudosismo com um bocado de frustração por conta da potencialidade que o bairro, não sei se tinha ou se ainda tem. Mas é um saudosismo mesmo, é um saudosismo e também era aquela coisa do que poderia ter sido, eu acho.

M.G.: Quando a gente vai estudar fora, fora do bairro, fora da região, a gente passa muito tempo longe de Bangu, porque a nossa vida fica uma parte do tempo ali. Eu estudei na UERJ, então no meu caso eu saía muito pela Tijuca, aí tu cria outras redes de contato, amigos e tal, então você vai para outras partes do Rio, você curte aquela zona de lazer que não tem nos outros ambientes... mas você sente aquela falta... e é como se você sempre quer voltar. Por exemplo, eu adoraria visitar Bangu (no futuro). Morar em Bangu? não sei, mas visitar é uma coisa que provavelmente seria constante. Eu não passo muito fim de semana aqui, mas quando eu passo, na casa dos meus pais, eu gosto de andar por aí, ir à feira, sabe, eu vou ali ver as casinhas com aquele chão vermelho de caquinho, sabe, que é bonitinho, então eu acho que eu gosto disso.

M.G.: Tem um pouco de Bangu em cada lugar, né cara, isso é surreal.

Lígia: Gostei disso! Quer elaborar?

M.G.: Cara, primeiro que você encontra o banguense em qualquer canto do Brasil e do mundo, basta você estar com a camisa do Bangu. É um bagulho... eu não sei, não sei se é um senso de comunidade... Quando o banguense vence na vida também dá um orgulho, sabe, então você sente um "putz, mudou bem cara, mudou bem, hein?". Mas também é, eu sei lá, acho que em qualquer conversa, em qualquer ambiente eu consigo falar de Bangu, consigo meter Bangu em qualquer conversa e eu consigo associar qualquer assunto a Bangu, sabe? Então o Bangu está sempre presente nesse sentido, sabe, eu acho que por aí.

Lígia: Você acredita que esse bairrismo todo ele tenha uma justificativa mais concreta e não tão abstrata? Ou para você é algo mais no campo da abstração? O que que une a gente?

M.G.: Essa pergunta é boa. Cara, eu não faço a menor ideia, eu não faço a menor ideia. Pra mim tá no campo abstrato, até então eu não consegui entrar em contato com nenhuma justificativa concreta, sabe? Não sei, não sei, não sei, acho que... Engraçado, porque a gente sempre resgata algo, né? Por exemplo, quando a gente fica batendo no peito pra falar que é de Bangu, a gente sempre apela pra um... Por exemplo, eu falo do meu avô, falo do meu pai, conto a minha história inteira, mas não sei, não sei porquê.(...) Minha vivência, a minha geração não é tão marcada por esse senso comunitário muito forte. É a casa com muros, até porque muitos moradores que hoje residem em Bangu não são aqueles da gema. Então, isso vai mudando a maneira como a gente vai lidando com o espaço e com os outros moradores.

Uma das mudanças que mais impactaram seu cotidiano em Bangu foi a transformação das praças, especialmente aquelas que marcaram sua infância e juventude. Ele lembra com carinho da Praça 1º de Maio, onde costumava ir com o pai para subir em árvores. Era um espaço de afeto, de liberdade e de descoberta. Com o tempo, a praça perdeu parte de sua área para dar lugar ao Hospital da Mulher — uma utilidade pública importante, e que trouxe um novo propósito para um local que já estava um tanto abandonado. Ainda assim, o sentimento de perda permanece. Afinal, a praça, mesmo desfuncionalizada, era parte de sua memória afetiva profunda.

Além dela, outras praças também ocupam lugar especial em suas lembranças, como a Praça da Rangel e a Praça do Casino. Ele conta que gostava muito de circular por essas áreas, de simplesmente estar nelas, sentir o bairro ali pulsando em pequenos detalhes. Essas praças não eram apenas espaços físicos para ele; eram cenários do cotidiano, de encontros, de sossego.

Ele acredita que o apego à memória e à identidade banguense entre os jovens é algo dividido — meio a meio. Há aqueles que, como ele, se sentem profundamente ligados ao bairro, que carregam um sentimento de pertencimento e orgulho. Mas também há muitos que não compartilham dessa conexão. Para ele, isso tem muito a ver com o que é passado dentro de casa. A herança emocional, os relatos, o envolvimento com a história do bairro geralmente vêm de figuras familiares mais velhas. Ele mesmo é o filho caçula, e seu pai já é um senhor — alguém que viveu uma Bangu diferente, mais comunitária, mais marcada por encontros e pertencimentos. Isso moldou muito da sua relação com o bairro. Em contrapartida, colegas com pais mais jovens, mais próximos da sua geração, parecem não ter o mesmo vínculo. Isso o faz pensar que talvez essa relação com o território vai se diluindo com o tempo, especialmente quando a história não é contada — ou sentida — dentro de casa.

M.G.: Mas é engraçado porque isso (o enfraquecimento da memória afetiva entre gerações) também envolve, por exemplo, a preservação de espaço, só a preservação do cara que preservou a casinha dele lá bonitinha, que é o que me toca muito, que eu gosto de ver as casinhas. Mas é muito a preservação do espaço como um espaço contando a história. Por exemplo: bibliotecas. Não vou falar que os banguenses são leitores, vorazes, eu não vou dizer isso da minha população porque eu visitava aquela biblioteca para estudar e ela sempre vazia. Mas assim, você tinha espaços que contavam histórias, o que você tem um pouco no shopping hoje, você tinha isso ao longo do bairro. Então, tinha um espaço muito, não sei como está hoje porque não frequento mais ali naquele largo, que ali virou tenebroso. Mas ali tinha, eu lembro que tinha umas exposições de carnaval que contavam as histórias. Então, meu pai me levava lá, meu pai mostrava, meu pai me apontava, então o espaço ele conversava com o morador, contando a sua própria história, o morador tinha acesso a isso hoje em dia. O que eu vou falar com a história de Bangu é relevante para um cara que nem da trela?

Lígia: Quando você sente que você começou a se aproximar com a história do bairro, assim, de, sei lá, de se identificar banguense, de querer, enfim, teve alguma coisa que virou na sua cabeça ou você acha que foi uma construção ao longo dos anos mesmo?

M.G.: Cara, foi quando eu me afastei do bairro que surgiu. Talvez isso seja uma necessidade de retorno. Porque, assim, enquanto eu morava aqui, quando eu só vivia aqui, eu odiava, pô. A gente

tinha lazer, quero sair à noite, rua escura, tá perigoso, que eu não sei o quê, mas quando você sai (de Bangu) e você fala assim “putz, vou ali pra casa da minha mãe comer um feijão” ou você vai visitar um amigo de infância, você vai na casa de um colega, você resgata um pouco disso, sabe? Por exemplo, eu... Pô, a galera da minha idade brincou na rua, né? Então, isso é uma memória muito afetiva que eu tenho, assim, de brincar na rua e de dinâmica de brincar na rua, do tipo... A minha rua do lado era... era totalmente adversária aos garotos que, tipo, tipo de cair na porrada, entendeu? Então, tinha essa variedade também fazendo parte, sabe?

Lígia: Tem algo que você se orgulha que tenha em Bangu e que não tenha nos outros lugares?

M.G.: Além de um prédio tombado lindíssimo?

Lígia: É, pode ser material ou imaterial.

M.G.: Acho que essa questão... Esse senso comunitário eu não vejo nos outros bairros. Por exemplo, se eu vou pegar um colega meu que é dessa geração mais nova, que não tem nenhum resquício de memória do bairro, ele, na minha percepção, é um cara muito parecido com, sei lá, um amigo meu de Vila Isabel. O cara não tá nem aí pro bairro, sabe? E tem essa questão da malandragem também, de Bangu. Essa questão do jogo do bicho, sabe? A gente adora essa história, cara. A gente não sabe por quê. Não é uma coisa de se orgulhar, né? Mas a gente se orgulha. É uma questão interessante, né? A gente vende o Bangu também como um berço de contravenção. Essa dualidade, entendeu? Essa dualidade. Eu adoro ser reconhecido como Banguense. (...) Acho que a única coisa que eu posso me orgulhar hoje em Bangu é a história. Não sei se hoje eu consigo ver alguma coisa que me orgulhe, sabe? Infelizmente. Eu acho que Bangu tem uma história que difere ele dos outros bairros. Eu acho que a história é o maior capital. O Banguense, as pessoas sempre são o capital. Acho que a história é o maior atrativo de Bangu. Acho que se Bangu perder a história dele, ele se torna... Sei lá, se torna qualquer outro bairro.

Para M.G., o que mais faz falta em Bangu hoje são os espaços comunitários — não necessariamente porque ele tenha uma relação intensa com todos os vizinhos, mas pela importância de haver lugares de encontro, onde as pessoas possam se cruzar, conviver e se reconhecer como parte de um mesmo território. Ele sente que há muitos espaços vazios, sem uso, e se questiona se a própria população ainda tem o desejo de se reunir, de criar esses ambientes coletivos sem depender de iniciativas externas.

Essa ausência de espaços comunitários contrasta com o quanto ele gosta de estar em Bangu. Caminhar pelas ruas, mesmo para uma tarefa simples como ir até uma loja, já é motivo de alegria. Ele faz questão de ir a pé, de “bater canela”, como diz com leveza, só para aproveitar o bairro e redescobri-lo.

M.G. relata que, nos últimos anos, sua rotina ficou muito limitada — ia apenas de casa para a estação de trem — e que isso o afastou um pouco do cotidiano do bairro. Hoje, quando caminha pelas ruas, percebe mudanças, algumas transformações significativas que ocorreram no tempo em que ele estava mais ausente. E, nessa redescoberta, o desejo por mais espaços coletivos, por lugares que permitam esse reencontro com o bairro e com as pessoas, se torna ainda mais presente.

Ele percebe, de forma geral, uma perda significativa dos espaços de encontro em Bangu. Não apenas das grandes praças ou áreas mais evidentes, mas também ao caminhar por ruas menos movimentadas, nota a ausência de vida, de convívio, de movimentação cotidiana que antes preenchia esses espaços.

Um exemplo marcante, para ele, é a região entre o Rio da Prata e a Rua da Feira, que hoje parece completamente adormecida. Antes, era comum ver bares, botecos e outros pontos de encontro

espalhados por ali — lugares simples, mas que faziam parte da rotina e da construção da sociabilidade local. Ele lembra com carinho de frequentar esses lugares na infância, e sente falta dessa atmosfera viva e espontânea. Hoje, observa esse vazio com certo pesar, como uma saudade de uma Bangu que se transformou e foi perdendo, aos poucos, a vitalidade dos seus encontros cotidianos.

Ele faz uma crítica direta à forma como o mercado informal tem sido desabilitado em Bangu, especialmente na região central, próximo à estação — um espaço que ele considera o verdadeiro berço do bairro. Para ele, o problema não está apenas na presença ou ausência dos ambulantes, mas na falta de uma articulação entre os diversos interesses envolvidos, o que acaba prejudicando a vivência urbana e o reconhecimento afetivo do território. “Não reconheço Bangu, fica escondido com a quantidade de coisas. Isso vai minando as relações de afeto, eu acho. Não sei porquê.”

Ele sente que, ao perder essas referências visuais e sociais — como as vias largas, as pedras vermelhas das calçadas, os antigos postes de luz —, Bangu vem se descaracterizando. O calçadão, por exemplo, que antes era um espaço de passagem, encontro e pertencimento, hoje lhe parece desordenado, descaracterizado, quase irreconhecível. E quando o lugar não conversa mais com quem o habita, quando não se reconhece mais nos espaços, os laços afetivos enfraquecem — e é isso que mais o incomoda.

M.G.: Acho que o espaço foi falhando e ficou cada vez menos convidativo também, sabe? Porque eu sou de outro tempo. Sou do tempo de pessoas na rua. Sete horas da noite, calor, coloca ali a cadeirinha, sabe? Fica ali... Trocando ideia, vou ali na barraquinha de Açai... Não tem mais. Então todas as minhas memórias, na verdade, estão desaparecendo. Gera um pouco de rejeição também.

Lígia: O que é ser Banguense pra você?

M.G.: Ser Banguense é ser orgulhoso de uma história. Você também saber que você vai achar um Banguense em qualquer lugar do mundo. Do mundo mesmo. Saber que pela sua história você vai ser respeitado, você vai ser bem recebido. Viver num estado de, não sei se a gente vive mais na potencialidade, talvez um pouco de frustração pela história do que esse bairro se tornou. Por isso talvez a gente resgate tanta história que a gente não esteja satisfeito com o presente. Se o presente estivesse bom a gente não teria... Acho que é um pouco disso. Eu não sou mais aquele cara “poxa, acho que Bangu agora vai estourar, a gente vai ter uma reviravolta, sabe?” Eu acho que é muito cético em relação a isso que pelo lado da coragem o bairro está decadente. Veja, todo mundo que sobe um pouco na vida sai do bairro. Não só por uma questão de segurança, por questão de lazer. O bairro não oferece mais o que ele oferecia antes. E não só para as pessoas jovens, as pessoas mesmo que tinham motivos, razões para ficar, não ficam mais. E a própria população que começa a morar aqui não é mais aquela população que tem a memória. E aí o bairro vai perdendo a sua identidade.

Entrevista I.R. – 14/04/2025

28 anos.

I.R., 28 anos, viveu em Bangu desde o nascimento até os 24 anos, e construiu uma forte ligação com o bairro por meio de suas memórias familiares e da herança operária deixada pelos avós que trabalharam na Fábrica de Tecidos Bangu. “Meu avô tinha um cargo relevante... minha avó começou a trabalhar com 14 anos... e todos os irmãos dela também trabalharam na fábrica”, relembra. O entrevistado cresceu em uma das chamadas “casas da fábrica”, construídas pelo Dr. Silveirinha, o que, para ele, ajudou a forjar uma identidade fortemente enraizada no território.

A fábrica aparece como um símbolo afetivo poderoso. Ele menciona o impacto emocional de sua

avó, que demorou mais de um ano para entrar no shopping que substituiu o espaço industrial. “Ela levou assim, acho que mais de um ano pra entrar lá de novo, porque não queria ver uma reconstrução de algo que pra ela havia sido destruído.” Ao mesmo tempo, I.R. reconhece a importância de preservar o que resta da fábrica como elemento de memória visível. “Muito foi preservado, pelo menos de fachada e teto... é uma coisa que eu acho bacana ainda reconhecer pelo menos um pouco do passado ali.”

Além da fábrica, I.R. relata sua vivência intensa com os espaços e tradições do bairro: frequentava a igreja matriz, brincava na Praça da Guilherme, assistia festivais e desfiles de carnaval de rua. A infância foi marcada por uma sociabilidade própria do bairro. “A rua ficava cheia, todo mundo vendo os fogos ali por muito tempo.” E mesmo já morando na Tijuca, mantém vínculos afetivos com Bangu e se reconhece como parte da identidade local. “Hoje eu não penso em voltar definitivamente... mas o carinho pelas pessoas, pela minha história, pelos lugares, tudo que eu vivi lá” permanece forte.

Ele menciona o declínio da paisagem urbana com tristeza. “Muitas ruas viraram estacionamentos ou comércios que não trazem vida... quando visito Bangu, tenho a impressão de que o bairro vai ficando cada vez mais empobrecido de cenário.” A crítica se estende ao comércio informal que tomou o calçadão, substituindo a vivacidade de outrora por um ambiente desordenado e menos atrativo. “O calçadão, que vivia cheio, hoje tem muito mais lojas do que pessoas comprando.”

Entre os lugares que marcaram sua trajetória, destaca a casa da avó, o terreno da fábrica, o Shopping Bangu, o Estádio Moça Bonita, a Praça da Guilherme e o Colégio Curumim, onde estudou por anos. Já os lugares menos significativos para ele estão “do outro lado da linha do trem”, como áreas próximas ao centro de distribuição dos Correios e à subida do Rio da Prata, com os quais não criou laços.

Sobre o que sente falta, responde: “Um bairro mais vivo, com mais pessoas nas ruas, vivendo o bairro de modo mais feliz.” Hoje, o shopping se tornou seu ponto de referência, mas ele lamenta que os espaços de lazer e cultura mais diversos tenham sido esquecidos ou limitados. Deseja que no futuro o bairro recupere seu dinamismo e atratividade, com mais infraestrutura cultural, opções de lazer e atividades públicas.

Define o ser banguense como “orgulhar-se da sua origem... preservar a nostalgia de um passado de ouro... ter carinho pelas pessoas que construíram o bairro.” E conclui: “A gente é muito apegado a esses pilares. Quando tem uma visão de fora do bairro, é meio que proteger a cria, proteger o que é nosso.” I.R. encerra sua fala reafirmando que pretende passar essas memórias adiante, como legado de uma identidade forjada na coletividade e na história viva de Bangu.

Entrevista M.B. – 16/04/2025

64 anos.

M.B. apresenta um vínculo construído ao longo de décadas de convivência, trabalho, lazer e ação comunitária em Bangu. “Eu amo esse bairro, eu tenho paixão por esse bairro, eu não consigo me ver longe daqui”, afirma logo no início da conversa, revelando uma identidade forjada pela permanência e pelo pertencimento. Mesmo quando se ausentou por curtos períodos, sempre retornava: “Segunda-feira eu voltava para o Bangu, final de semana eu ia me divertir, mas segunda-feira eu estava aqui em Bangu. Não abro mão de Bangu, eu sou fanático por Bangu.”

Seu envolvimento comunitário é marcado por diversas iniciativas: foi treinador de futebol, funcionário da fábrica Bangu, fundador de equipe de futsal, articulador de festas religiosas e frequentador assíduo dos eventos de rua. Caminhar pelo bairro é um reencontro constante com rostos conhecidos: “Se eu sair da estação até minha casa eu cumprimento umas 200 pessoas.”

M.B. destaca a praça de Bangu como símbolo máximo do encontro comunitário: “Ali todo mundo se conhece”, diz, referindo-se às interações sociais de longa data que ainda marcam o cotidiano local. Para ele, a praça representa tanto a juventude quanto a maturidade, funcionando como “ponto de encontro quando jovem e como ancião agora.” Ele rememora com emoção os bailes, as peladas da igreja, a época das barracas e quermesses religiosas que reuniam famílias inteiras.

A memória das casas operárias da vila inglesa é especialmente significativa para M.B., que lamenta sua destruição: “Foi acabando com a história de Bangu... Aqui podia ser um bairro turístico.” Propõe a criação de um museu a céu aberto no calçadão e painéis com imagens e informações sobre o passado do bairro. Ressalta também a importância de restaurar a antiga casa do Silveirinha e transformá-la em espaço cultural: “Ali podia ser um ponto de encontro para idosos, ter aula de música, de artesanato...”

M.B.: (...) a principal de todas (mudanças que o impactou) foi acabar com as casas da fábrica Bangu. As ruas no meio da Cônego, essa eu não peguei, tá? Eu peguei algum pedacinho só, mas isso eu não peguei. Elas tinham um canteiro no meio, tinha aqueles postes antigos, ingleses, né? Isso acabou. Isso aí me entristece muito. Eles não tiveram nem o cuidado de guardar alguns tijolos, eles tinham a marca da Inglaterra... não eram todos, não, alguns. Não tiveram nem o cuidado de guardar.

A descaracterização do comércio local é um tema sensível em sua fala. Segundo ele, comércios familiares foram substituídos por redes e ambulantes “forasteiros”, gerando uma sensação de perda de controle sobre o próprio bairro. “Hoje ninguém é de Bangu, são raros.”

Ainda assim, reconhece que algumas transformações trouxeram ganhos, como o shopping: “O shopping foi uma boa. Acho que foi a única coisa que mudou em Bangu que foi bastante legal.” Apesar disso, faz um contraponto com a redução dos espaços de lazer: “Os clubes acabaram... Você não tem mais um baile, uma festa, um teatro nos clubes.” Sobre as tradições locais, menciona a saudade da Feira da Providência, que ocorria no Largo da Igreja e mobilizava toda a comunidade.

Para ele, a Fábrica Bangu é o pilar de sua memória e identidade. Começou a trabalhar ali ainda jovem, e suas histórias misturam lembranças próprias com relatos dos antigos operários. “A história da fábrica Bangu não é só a história do bairro, é a história também da própria indústria têxtil do país.” Critica o uso pejorativo da expressão “Alá Bangu” e defende a reconstrução do orgulho histórico do bairro.

M.B. mostra-se cético quanto à possibilidade de grandes mudanças, mas acredita que “o que era bom antigamente tem que voltar.” Defende o resgate dos eventos comunitários, a valorização dos artistas locais e a ocupação dos espaços públicos com cultura. “Tem que trazer de volta os bailes, os carnavais, os eventos de clube, que integravam a população.”

Ao final da entrevista, responde com firmeza à pergunta sobre o que significa ser banguense. Sua fala reúne afeto, crítica, saudade e resistência, compondo um retrato vívido de alguém que não apenas vive em Bangu, mas o carrega como parte indissociável de si mesmo:

M.B.: Ser banguense, para mim, é tudo. É ser alegre, festivo, é uma redundância até — ser banguense é ser livre. É poder andar pelas ruas do bairro sentindo a liberdade no ar, é acordar de manhã, olhar o pico da Pedra Branca, esse céu maravilhoso, esse morro imponente. É subir na estação e ver o prédio da antiga fábrica Bangu, é caminhar livremente pelo bairro com a sensação de pertencimento. Ser Bangu é isso: é uma essência de liberdade, é se sentir bem, é respirar esse ar que, mesmo não sendo mais tão puro, ainda carrega uma qualidade que muitos lugares já perderam — graças ao nosso maciço da Pedra Branca.

M.B.: Ser bangu é ter opinião, é expressar o que se pensa sem medo, sem se calar. A população de Bangu tem opinião forte, gosta de falar, de se divertir, de viver intensamente. Ninguém aqui mede

tanto as palavras — fala-se o que se sente, com respeito, claro, mas com muita verdade. Existe essa liberdade de ser, de falar, de agir, sem ultrapassar os limites do respeito ao outro.

M.B.: No fim das contas, a palavra certa é essa: liberdade. Ser Bangu é ser livre. Quem vive aqui sente isso na pele. E talvez eu nem saiba se é exatamente isso que você queria ouvir, mas é o que eu sinto — ser banguense é carregar essa liberdade na alma.

Entrevista I.O. – 19/04/2025

27 anos

Cresceu no Jabour e em Bangu e mantém uma relação intensa com os bairros, mesmo atualmente morando em Itatiaia durante a semana por conta do trabalho. A saudade das atividades culturais locais, especialmente as rodas de chorinho nas praças e os jogos do Bangu, é constante. Ele lembra, por exemplo, das segundas-feiras no Jabour, quando aconteciam eventos musicais que reuniam a vizinhança.

Sua relação com o bairro é marcada pela experiência com o futebol e, especialmente, pelo vínculo com o Bangu Atlético Clube. Desde criança, I.O. frequenta o Estádio Moça Bonita com o pai e o irmão, e esse hábito consolidou laços familiares e afetivos. O clube está no centro das memórias compartilhadas e das tradições familiares. O orgulho de pertencer à torcida Castores da Guilherme e de representar Bangu é evidente.

Além do futebol, I.O. demonstra grande interesse pela história do bairro, especialmente por meio das narrativas familiares. A avó, o pai e os tios costumam contar histórias da antiga fábrica de tecidos, das ruas nomeadas em homenagem a figuras históricas, das festas, bailes e excursões organizadas para jogos. Essas lembranças criaram um elo emocional com um passado que ele não viveu, mas sente como seu. “Dá orgulho de onde fui criado”, afirma, reconhecendo que o carinho vem da vivência.

A memória afetiva do bairro também passa pelas escolas de samba, como a Unidos de Bangu e a Unidos de Padre Miguel, pelas festas populares e pelo samba de enredo. I.O. gosta de frequentar a quadra da Vintinha e aprecia ouvir sambas antigos e atuais, destacando que essa tradição resiste entre os mais jovens.

Entre os lugares mais queridos estão o Estádio Moça Bonita, a Praça da Guilherme, o Shopping Bangu e a sede da torcida. Já entre os espaços menos próximos estão a Vila Aliança e partes de Padre Miguel, regiões que ele raramente frequentou. O Calçadão de Bangu, embora reconhecido por sua singularidade, aparece com certa ambivalência — é ao mesmo tempo querido e alvo de críticas por estar sobrecarregado de comércio informal, descaracterizando visualmente o espaço.

I.O. relata transformações significativas no bairro: a abertura do shopping no terreno da antiga fábrica, a decadência e posterior recuperação da piscina do clube, o aumento da violência armada na infância e a presença recorrente de operações policiais. O trânsito e o excesso de ambulantes no calçadão também são apontados como mudanças que afetaram seu cotidiano e percepção de Bangu.

Apesar disso, ele mantém o desejo de continuar vivendo na região, próximo da família e dos espaços afetivos. Enxerga na torcida organizada uma importante ferramenta de resistência, pertencimento e transformação social. Ele acredita que é preciso contar outras versões da história de Bangu, valorizando suas singularidades, como a força comunitária, o pioneirismo do clube e a cultura popular. Finaliza dizendo que ser banguense é “levar a história com orgulho e apoiar o bairro e o clube em tudo que for possível”.

Entrevista C.R. – 19/04/2025

70 anos

C.R.: “Cheguei em Bangu em 1972. Era criança, devia ter uns 9 ou 10 anos. Vim morar no Conjunto Dom Jaime Câmara, o maior conjunto habitacional da América Latina. Quando atravessei a linha do trem e vi a Vila Operária, a igreja, o Largo de Bangu... eu falei ‘pô, tô em Londres’. Era bonito, agradável, murado, o clima era bom.”

Ele conta que a paixão pelo bairro nasceu naquele momento e que, ao longo dos anos, foi se aprofundando na história local, especialmente no pioneirismo da fábrica de tecidos e do futebol. “Sempre acreditei na transformação pela cultura. Por isso, fundei o Museu de Bangu em 1996, com recursos próprios. Foi uma forma de resgatar a memória e fortalecer o sentimento de identidade.”

O museu, segundo ele, é um importante instrumento de educação e autoestima. “A cultura é transformadora, e a memória é tudo. Quando você mostra pros jovens que o bairro deles foi pioneiro em tantas coisas, isso muda a forma como eles se veem. Passam a ter orgulho do lugar onde moram.”

C.R. liderou iniciativas como a criação de monumentos, exposições e eventos que resgatam personagens e momentos marcantes do bairro. Um dos que mais se orgulha é o monumento ao futebol, em frente ao Bangu Shopping, onde foram instaladas placas com textos explicativos. “É o mais bonito monumento ao futebol do Brasil.”

Ele relata que a relação com o shopping, construído sobre a antiga fábrica, evoluiu com o tempo. “Hoje eles colaboram. Me dão espaço para exposições, para colocar o bar do Bangu, para contar a história do bairro. Estão ajudando bastante.” Além disso, C.R. destaca a transformação da torcida local: “Antigamente o Bangu era time de velho. Hoje é time de jovem. As novas gerações estão assumindo esse legado.”

Ele também falou sobre o bairro em termos geográficos e simbólicos: “Bangu tem o ponto mais alto do Rio, a Pedra Branca. É cercado por maciços. E há quem fale que aqui é um portal místico. A história do bairro é rica demais.”

Sobre as transformações do bairro, lamenta profundamente a destruição da Vila Operária: “Foi a maior derrota cultural de Bangu.” Por outro lado, comemora a criação recente do Parque de Realengo, que considera um ganho para a região. “Foi uma transformação positiva. Mas em Bangu falta espaço físico para um parque daquele porte.”

C.R. afirma que tudo que faz é movido por amor ao bairro. “Não quero cargo político. Já me ofereceram. Mas prefiro continuar ajudando sem ter rabo preso.” Fala ainda de seu envolvimento com comunidades vizinhas, com projetos sociais e culturais em Realengo, Padre Miguel e Vila Aliança. “Minha vida é deixar legado.”

Ele destaca alguns de seus lugares preferidos: “Gosto do Bangu Shopping, da arquitetura da antiga fábrica, da cerâmica ocre. Gosto do calçadão, do caos organizado, do mercado árabe. Gosto de caminhar na Pedra Branca, do Parque Leopoldina, de olhar o bairro de cima da minha casa.” “Não tem lugar que eu não goste. O que me entristece é a violência, especialmente quando é extrema.”

Ao final, reflete sobre o significado de ser banguense: “É ter orgulho da história, da memória. É um bairro cercado de história. Isso nos dá muito orgulho. Eu não me vejo longe daqui, não. Meu barco se chama Bangu 40 graus. Meu sonho é que minhas cinzas sejam jogadas do alto da Pedra do Ponto, espalhadas sobre o bairro que eu amo.”

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Matriz de Afetividades em Bangu: memórias e narrativas identitárias sobre a paisagem do bairro

Pesquisador: LIGIA CASTANHEIRA MAGALHAES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 85865224.7.0000.5582

Instituição Proponente: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.469.632

Apresentação do Projeto:

Segundo informado no projeto, a pesquisa tem como meta investigar as relações culturais de apropriação de espaços livres no subúrbio do Rio de Janeiro, trazendo como recorte o bairro de Bangu, na Zona Oeste do RJ, devido a sua importância histórica e patrimonial como subúrbio fabril, consolidado pela antiga Companhia Progresso Industrial do Brasil - a Fábrica de Tecidos Bangu.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário da pesquisa, conforme o projeto, é analisar as dinâmicas na paisagem banguense ao longo dos anos e seus impactos nos usos e apropriações de seus habitantes a partir das narrativas de memória e afeto que compõem as identidades do lugar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto e o RCLE mencionam o risco de desconforto, a ser mitigado por medidas como cautelas no tratamento das pessoas entrevistadas e a garantia de um espaço seguro para a realização das entrevistas. Descrevem benefícios científicos e sociais / comunitários ao visibilizar as identidades afetivas do bairro.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A metodologia da pesquisa envolve a realização de entrevistas etnográficas com pessoas que tenham vivido em Bangu de diferentes maneiras e em distintos períodos.

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

Continuação do Parecer: 7.469.632

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O RCLE segue o modelo do CEP-CFCH. Está redigido de forma clara e acessível e informa sobre o objeto, métodos e procedimentos da pesquisa. Indica o critério de inclusão das pessoas participantes e a forma de participação. Garante o caráter voluntário da participação e o direito ao anonimato, indicando que os relatos e vivências pessoais só serão utilizados na pesquisa mediante consentimento das pessoas participantes. Informa sobre os riscos associados à participação, bem como as medidas para minorá-los. Indica onde os resultados da pesquisa ficarão disponíveis. Apresenta os dados de contato da pesquisadora e do CEP-CFCH, além da breve descrição do colegiado.

Recomendações:

Embora tenha indicado onde o trabalho estará disponível, cabe reforçar no RCLE a garantia às pessoas participantes de acesso aos resultados da pesquisa, conforme art. 17, VI, Res. 510.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2475931.pdf	17/12/2024 20:15:10		Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_ligiamagalhaesassinado.pdf	17/12/2024 20:13:36	LIGIA CASTANHEIRA MAGALHAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	PLATAFORMA_BRASIL_TCLE_LIGIA_MAGALHAES.pdf	17/12/2024 13:58:50	LIGIA CASTANHEIRA MAGALHAES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PLATAFORMA_BRASIL_PROJETO_DETALHADO_LIGIA_MAGALHAES.pdf	17/12/2024 13:56:41	LIGIA CASTANHEIRA MAGALHAES	Aceito
Outros	PLATAFORMA_BRASIL_ROTIREIRO_ENTREVISTA_LIGIA_MAGALHAES.pdf	16/12/2024 16:38:53	LIGIA CASTANHEIRA MAGALHAES	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 7.469.632

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 27 de Março de 2025

Assinado por:
FERNANDA MARIA DA COSTA VIEIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com



ROTEIRO DE ENTREVISTA

1) Dados gerais para análise do perfil:

Onde mora (cidade, bairro)?

Idade?

Profissão?

Tem filhos? Se sim, a idade dos filhos?

Com o que trabalha/ quantos trabalhos?

Grau de escolaridade/ Ainda estuda/ Quer estudar mais?

2) Relação com Bangu:

- Qual a sua relação com o bairro? Morador, ex-morador, trabalhador, ex-trabalhador, visitante com frequência...? Pode falar um pouco mais sobre ela?

- Se você mora/morou em Bangu, como é/era a sua casa? Em qual rua?

- Se você trabalha/trabalhou em Bangu, como é/era? Com o que trabalha/trabalhava? Isso tem influência na sua relação com o espaço público?

- Como é/era um dia comum em Bangu para você? Quais eram/são as suas atividades cotidianas?

- Quais são/eram as suas principais atividades de lazer? Onde elas se situam/situavam?

3) Lembranças no bairro

- De quais as tradições do bairro você lembra de ter participado? Assistir aos jogos do Bangu, ir aos ensaios da Mocidade, frequentar o Cassino Bangu, pular carnaval nos bailes e blocos tradicionais, pegar/dar doce no dia de São Cosme e São Damião, etc. Quais você ainda participa?

- Você tem histórias sobre o bairro épocas anteriores à sua? Relatos familiares, lembranças e memórias que foram compartilhadas com você? São muito diferentes das suas?

- Quais as mudanças do bairro que mais te afetaram? Tem algo que você sinta falta do passado em Bangu?

